



ENCANTAMENTOS  
E  
DEMÔNIOS

LIVRO DOIS

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY  
KIM RICHARDSON

# ENCANTOS E DEMÔNIOS

Arquivos Sombrios, Livro Dois

KIM RICHARDSON



Esta é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas ou locais reais são usadas de forma fictícia. Os demais nomes, personagens, lugares e acontecimentos são um produto da imaginação da autora, e qualquer semelhança com eventos factuais, locais ou indivíduos reais, vivos ou mortos, é mera coincidência.

Encantos e Demônios, Arquivos Sombrios, Livro Dois  
Copyright © 2022 por Kim Richardson  
Traduzido por Ana Paula Moreira Maia  
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução,  
em todo ou parte, sob qualquer forma.

# CONTENTS

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[MAGIA E CHAMAS](#)

[Caçada Sombria](#)

[Mais Livros De Kim Richardson](#)

[Sobre A Autora](#)

**U**m grito cortou o ar da noite.

Parei, sentindo os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Era uma voz feminina, jovem e humana com um tom de medo e terror tão absoluto que fez meu estômago revirar.

Eu estava na minha patrulha de rotina pela cidade, mantendo sob controle qualquer aparição de demônios rebeldes, e pronta para derrotar qualquer desgraçado fedorento que atravessasse o Véu e entrasse em nosso mundo querendo fazer humanos desavisados de refeição. Fui contratada pela Corte das Bruxas Sombrias, e era meu trabalho vigiar qualquer vilão sobrenatural mal-intencionado. O salário não era bom, mas era suficiente para sobreviver.

Tinha sido uma noite tranquila até agora.

Eu não tinha o luxo de ter tempo para parar por um momento e planejar meu próximo movimento. Se eu não me movesse rapidamente, pessoas eram assassinadas. Eu tinha sido muito lenta com Julia — a garota cujos pais me contrataram para encontrá-la — e, agora, ela estava morta. Morta por nada menos do que um demônio Superior.

Merda. Eu não era nenhuma grande velocista e nem tinha o físico de uma atleta experiente, mas corri em direção ao grito, movendo minhas pernas o mais rápido possível enquanto um feitiço se formava em minha mente. Meu ódio por demônios lutava contra meu medo, alimentando-me com adrenalina e uma explosão extra de velocidade.

Eu os desprezava. Odiava-os do fundo da minha alma. E ia fritar suas bundas.

O grito veio da direção da *East 14th Street*, na esquina da *1st Avenue*. Corri em direção ao beco escuro espremido entre o *Moe's Vegetarian Lounge* e o *The Pizza Shop*, longe da luz — sempre longe dela. Para um demônio, a luz era como colocar os dedos nas chamas de uma fogueira. Ela os fazia queimar imediatamente.

Por que eu sempre acabava em algum beco escuro e sujo com o demônio do momento? Porque minha vida era animada assim. Eba.

Eu corria pela *East 14th Street* quando outro grito cortou o ar. Carros zumbiam em movimento, pneus cantavam e motoristas gritavam comigo enquanto eu passava entre seus veículos, as batidas do meu coração fazendo mais barulho nos meus ouvidos do que os motores acelerados.

— Cuidado! — gritou uma voz.

— Idiota!

— Tá maluca?! — gritou um motorista de um SUV cinza quando seu motor falhou, as rodas girando na calçada.

Sorrindo, mostrei o dedo do meio para ele e continuei correndo.

Humanos. Uma raça tão irritável.

Respirando com dificuldade, saltei para a calçada, ziguezagueei por alguns humanos em seus trinta e poucos anos e avancei para o beco. Se eles tinham ouvido o grito, não tinham dado nenhuma indicação. Papéis e sacolas plásticas chacoalhavam e voavam pelas ruas com uma brisa repentina ao passo que as folhas das árvores farfalhavam ao vento.

Cheguei à entrada do beco, passei por uma abertura na cerca de arame e corri entre várias caixas de papelão vazias e latas de lixo de metal. O ar cheirava a cerveja, urina e podridão: o aroma de uma noite na cidade. Excelente.

Pisquei quando a escuridão me atingiu e reduzi a velocidade para uma caminhada. O beco estava envolto na escuridão como se uma cortina gigante tivesse bloqueado toda a luz da rua e dos prédios vizinhos.

Só havia uma explicação para isso: magia. Magia demoníaca.

Minha respiração ficou mais rápida quando senti algo errado, antinatural. Uma sensação incômoda me percorreu, um frio formigando ao longo da minha nuca e pela minha espinha. Fiquei ali por um minuto, franzindo a testa enquanto pensava se deveria pegar meu giz. Porém, se eu não conseguisse ver, também não conseguiria desenhar um círculo de invocação, o que significava que conjurar um demônio da *Ars Goetia* estava fora de cogitação.

*Droga.* Piscando, esforcei-me para ver através da escuridão, mas era como estar em um armário com as luzes apagadas. Eu podia distinguir formas, mas parava por aí.

*Merda.*

Com minha pulsação disparada, olhei ao redor, tentando identificar a fonte da magia e a humana que estava gritando. Dei um passo à frente com as mãos abertas ao lado do corpo e um feitiço na ponta da língua.

O ar estava quente e abafado, o vento havia parado de repente. Agora, apenas a escuridão e o silêncio puro, frágil e cristalino me cercavam. Então, ouvi um som de luta acompanhado por alguns grunhidos assustados antes que os gritos recomeçassem. Desta vez, mais próximos.

Imediatamente, comecei a me mover novamente. Agi sem pensar, contudo, não pude evitar. Meus instintos me puxaram na direção daquela pobre humana. Eu tinha que alcançá-la. Tinha que salvá-la.

Corri para o beco o mais rápido que pude através da escuridão e em direção à fonte do som, mas ainda não conseguia ver nada. Apenas a escuridão se estendia à minha frente. Era como se eu pudesse continuar andando por horas e não enxergar uma única coisa. Possivelmente estava presa neste abismo mágico.

Foda-se. Eu não tinha escolha.

— Olá? — chamei e parei para escutar. — Oi, você está me ouvindo? Onde você está?

Uma figura apareceu na escuridão, baixa e roliça, como a silhueta de um pequeno homem ou talvez até de uma pequena mulher. A pessoa permaneceu curvada diante de mim, a cerca de seis metros de distância, mas não consegui distinguir o rosto ou dizer se era um humano ou um demônio.

A silhueta ficou ali, sem dizer ou fazer nada. *Que ótimo.*

Acessei o poder dos meus anéis de sigilo e o segurei com minha energia interior.

— Olá? — arrisquei.

Sim, era burrice, mas eu precisava ouvi-lo falar antes de começar a disparar minha magia. Um humano morto pegaria muito mal para o meu lado. Um humano frito, queimado até ficar bem crocante e estorricado seria ainda pior.

A silhueta continuou imóvel.

Soltei um suspiro.

— Olha, eu não tenho a noite toda. Se você puder apenas...

Uma força invisível me atingiu. Eu não a vi chegando, e, certamente, também não a *senti* chegando. Ainda assim, atingiu-me com a força de um jogador de futebol americano. Apesar de estar com meu feitiço preparado, nem tive tempo de desviar do golpe. Senti como se um gigante tivesse me acertado de frente com um de seus enormes punhos, jogando-me para trás. Voei alguns metros e bati as costas na calçada, então, senti um corte na cabeça. O ar foi expulso dos meus pulmões enquanto meu corpo foi raspando pelo chão do beco por mais três metros.

Ai! Que diabos foi isso?

Tentei respirar, mas meus pulmões ainda não pareciam capazes de funcionar. Pisquei na escuridão ao mesmo tempo que estrelas brancas giravam em minha visão. Um resquício de pânico passou por mim quando a ideia de enfrentar outro demônio Superior se formou em minha mente. Droga. Depois de tudo o que acontecera com Vargal, eu achava que estaria mais preparada.

Finalmente, consegui tomar um gole de ar, ofegante à medida que meus pulmões se recuperavam.

— Filho da puta — ofeguei no momento em que fiquei em pé.

O mundo pareceu se inclinar. Fiz o meu melhor para não cair de cara no chão, porque pareceria totalmente *amador*. E *eu* era uma profissional.

Tá, aquele demônio tinha fortes habilidades mágicas. Eu poderia até chegar ao ponto de dizer que ele era mais poderoso do que eu. Sim, a noite só ficava melhor. Porém, eu não ia deixar nenhum demônio desgraçado me matar. Não enquanto ainda respirasse e tivesse uma humana para salvar. Com a mandíbula cerrada, acessei meus anéis de sigilo novamente, extraíndo poder deles. A energia correu por mim, enchendo minhas veias com a incrível sensação de força e magia.

Meus olhos se estreitaram e meus dedos se abriram enquanto eu gesticulava.

— Vamos lá, seu desgraçado! — gritei, tentando enxergar na escuridão, embora meus olhos não conseguissem se fixar em algo sólido. — Onde você está? Com medo de uma bruxinha?

Aguardei, sentindo a adrenalina correndo em minhas veias enquanto eu esperava ouvir um único passo na calçada para que pudesse explodi-lo.

Um vento se ergueu ao meu redor e então a escuridão se dissipou. A luz da lua e dos postes de iluminação próximos se derramou no beco estreito,

banhando-o em tons de prata e azul. As formas entraram em foco até que pude ver claramente.

Duas coisas me atingiram ao mesmo tempo. A primeira: o demônio não estava mais ali. E a segunda: um corpo jazia no chão a menos de três metros de mim.

Merda. Corri até o corpo. Ela estava deitada de lado. Vi que era do sexo feminino pelo seu tamanho e pela largura de seus ombros sob a jaqueta preta fina que ela estava vestindo. Meus lábios se separaram enquanto passava os olhos sobre o corpo. Porque, sim, era um corpo. Ninguém conseguiria estar vivo com aquela aparência.

A pele sobre seu rosto, mãos e pescoço estava seca, como se todo o sangue e líquido de seu corpo tivessem sido drenados. Seus dentes eram muito grandes. Apenas a sugestão de um nariz fora deixada em seu rosto. Havia dois buracos onde as narinas costumavam estar em meio a pele esticada sobre o crânio. Não havia como determinar sua idade. Era como se eu estivesse olhando para o rosto seco de uma múmia de mil anos.

Que diabos? Os únicos demônios que eu conhecia que podiam sugar a vida de um humano até transformá-lo em uma múmia seca eram *súcubos* e sua contraparte masculina, os *íncubos*. E, ainda assim, pelo que eu sabia, levariam dias ou até meses para ingerir a força vital de um humano e todos os seus líquidos para que ele acabasse se parecendo com uma ameixa seca. Além disso, *íncubos* e *súcubos* não tinham a habilidade de conjurar um manto de escuridão. Suas habilidades mágicas se limitavam a glamours e truques mentais regulares. Coisas fáceis. Eles não tinham nada tão complexo e poderoso em seu repertório. Isso não fazia sentido.

A náusea me atingiu. Merda. Isso era ruim.

— Que droga — eu disse. — Não preciso disso agora.

Ajoelhei-me ao lado dela, agarrei seu ombro e a virei gentilmente.

Pedaços de carne estavam faltando na lateral de seu pescoço, na jugular.

Senti o sangue deixar meu rosto.

Inferno. Não foi um demônio que fez isso. Foi um vampiro.

Vampiros eram civilizados, educados e dominavam a arte de se passar por humanos tão bem que até eu poderia confundi-los com estes de vez em quando. Além disso, eles normalmente não saíam por aí matando pessoas — não nos últimos milhares de anos, pelo menos. Tínhamos leis para esse tipo de coisa. Humanos estavam fora do cardápio dos vampiros. Se o sangue deles fosse oferecido voluntariamente, era socialmente aceitável.

Contudo, se um fosse pego matando um indivíduo, ele receberia uma estaca no coração.

Ao longo dos anos, eu ouvira histórias de vampiros que tinham perdido o controle em matanças. Era inevitável. Todas as sociedades e raças, humanas e mestiças, possuíam sua própria cota de malucos. Agora, parecia que eu tinha um vampiro descontrolado em minhas mãos. E ele ou ela estava matando inocentes na minha cidade.

Meu estômago se revirou enquanto olhava a humana morta. Algo não estava certo. Um vampiro normal levaria dias para drenar todo o sangue de sua vítima. A não ser, é claro, que ele fosse velho. Antigo. Poderoso. E se isso fosse verdade, eu tinha um problema maior em minhas mãos do que uma simples criatura descontrolada. Eu tinha um vampiro ancestral com magia poderosa.

— Ah meu Deus! — gritou uma voz feminina atrás de mim, fazendo-me estremecer.

Com o coração batendo forte, eu me virei e olhei para os rostos de quatro humanos. Esta noite estava ficando cada vez melhor.

— O que você fez? — exclamou a mesma voz, pertencente a uma mulher de pele escura na casa dos trinta.

Ela veio até mim em seu vestido vermelho justo. No momento em que seus olhos pousaram sobre o corpo, eles se arregalaram e sua boca se abriu em um silencioso “o”. Eu já tinha visto essa expressão em tantos humanos e em tantas ocasiões... Uma expressão de descrença, horror e o habitual “isso não pode ser real”. Sim, eu já tinha visto todas elas.

Um homem de pele bronzeada e óculos se aproximou dela, puxando-a para fora do caminho para ter uma visão melhor. Ele olhou por um momento. Então, piscou. Um som escapou de sua garganta quando o sujeito se virou, enviando jatos de vômito por toda a calçada.

Encantador.

Levantei-me lentamente, minha mente girando com uma variedade de feitiços e de encantamentos. Contentei-me com um de memória. Acertar quatro humanos com um feitiço de memória não era impossível, mas seria preciso um dom de persuasão para mantê-los parados enquanto eu fazia isso.

Os outros dois humanos, uma mulher de vestido preto e um homem de terno escuro, mantiveram distância — obviamente os mais inteligentes.

— Ela é uma terrorista — disse o homem de terno. Seu rosto se contorcia de raiva.

Tá, eu retiro o que disse. Não tão inteligente.

— Isso é algum tipo de arma biológica — continuou o homem, apontando uma mão trêmula para mim. — Como antraz ou algo do tipo. Não é natural. Deve ter sido feito em laboratório. — Ele cobriu a boca e deu um passo para trás, puxando sua acompanhante.

Certo, eu *realmente* parecia culpada e essa situação *realmente* parecia ruim, especialmente levando em conta que eu estava ajoelhada ao lado do corpo. Sem uma explicação mágica, a perícia humana só conseguiria chegar à conclusão de que o corpo havia sido completamente drenado e de que seria necessário algum tipo de laboratório ou equipamento médico para fazer isso. Uma pessoa sozinha em um beco não seria capaz de bombear todos os líquidos para fora de um corpo.

— Não é antraz — eu disse, minha voz calma enquanto avaliava a distância entre mim e o humano mais próximo, que ainda estava vomitando. Acerte-o quando ele já está caído, não era isso que diziam? — O antraz não drena seus fluidos corporais. Ele ataca seus pulmões.

— E como você sabe disso? — acusou o mesmo homem. — Parece que sabe demais sobre o assunto.

Excelente. Minha estratégia claramente não estava dando certo.

— Pesquise no Google se não acredita em mim. — Suspirei. — Mas eu não fiz isso com ela. Eu a encontrei assim.

Era completamente verdade. Ainda assim, as acusações que permeavam em seus rostos e refletiam em seus olhos diziam o contrário.

— Você a matou, sua maldita psicopata — disse o mesmo homem de terno, ainda mantendo-se a uma distância segura de mim e de minha suposta vítima.

— Não — neguei enquanto dava um passo em direção ao homem que havia parado de vomitar. Seu rosto estava pálido e parecia que ele poderia voltar a vomitar a qualquer momento. Droga. Os humanos eram tão dramáticos e tão rápidos em julgar os outros. — Vocês têm que acreditar em mim. Ouvi um grito e vim investigar. Eu só queria ajudá-la.

Era óbvio que eu estava apenas desperdiçando saliva. Eu já era culpada aos olhos deles.

O rosto do homem de terno estava retorcido. Ele mudava de pé para pé, parecendo que estava pensando em fugir ou em me bater com um objeto

duro. Talvez me bater e depois fugir.

— Então por que não está ligando para o 911? — Seu rosto enrijeceu com a acusação. — Cadê seu celular?

*Touché.* Hora de trabalhar no feitiço da memória.

A mulher de vestido vermelho arfou.

— Olha, ela está usando luvas — ela exclamou, apontando para minhas mãos, e eu fiquei paralisada. — Ela tem luvas! Luvas! — gritou. — É antraz! Ela vai usar em nós!

*Ah. Que inferno.*

— Não vai se safar. Você a matou! — gritou a mulher de vestido vermelho assim que a amiga pegou o celular, apontou para mim e começou a tirar fotos.

Abaixei minha cabeça no momento que seu acompanhante pegou seu celular e discou três números.

Sim. Essa era a minha deixa para ir embora.

Eu me virei e corri.

Eles não me seguiram. Dane-se o feitiço de memória. Era tarde demais para isso. E eu não ia ficar e esperar a polícia. Isso não seria bom — para os policiais.

A última coisa que eu precisava era a atenção da polícia da cidade de Nova York no meu caso, especialmente quando tinha um vampiro descontrolado, antigo e habilidoso com magia solto na cidade.

Sim, tudo tinha acabado dando errado essa noite.

Infelizmente, algo dentro de mim dizia que era apenas o começo.

**E**u estava nua diante do espelho do banheiro. Meus olhos passeavam pelos meus braços, onde a maioria das minhas cicatrizes estavam. A pele estava manchada em vários tons de bege, vermelho e rosa. Minhas palmas estavam ainda piores, grossas com o tecido cicatrizado.

Deixei escapar um suspiro, enfiei os dedos no Bálsamo de Cura *Gypsy* Nº 5 Pele Macia e peguei uma grande quantidade.

— Por favor, funcione.

Esfreguei a pomada de cor verde nos braços e depois nas mãos. Meu nariz se enrugou com o cheiro de cogumelos, terra e vinagre. Se tivesse cheiro de rosas, eu teria minhas dúvidas. Quanto pior o cheiro, melhor a pomada. Era como você sabia que ia dar certo. Ou ao menos era o que eu esperava.

Primeiro, minha pele pinicou e formigou onde apliquei a pomada. Depois, esfriou como se eu estivesse aplicando Vick VapoRub. A-há. *Está* funcionando.

Eu me olhei no espelho novamente. Nada. Bem, nada ainda. A embalagem dizia para esperar resultados em dois a três dias. Eu tinha que esperar um tempo. Minha tia Evanora, a bruxa das Trevas mais sábia e poderosa de todo o continente norte-americano, tinha me dito que a pomada não funcionaria. Ela falara que minhas cicatrizes eram muito profundas, muito grossas e que o dano causado ao tecido era irreversível. Nada faria com que minha pele voltasse a ser lisa novamente.

Contudo, mesmo as pessoas mais sábias do mundo podiam estar erradas às vezes. Eu tinha que continuar tendo esperanças. Não estava pronta para

desistir. E queria me livrar de mais do que apenas as marcas feias de queimaduras. As memórias que vinham com elas também precisavam ir embora — especificamente, as do meu querido e velho pai.

As cicatrizes eram um lembrete constante do que havia acontecido comigo quando eu tinha oito anos. Meu pai me jogara no fogo como se eu fosse um pedaço de madeira. Eu odiava o desgraçado. Sempre que olhava para meus braços e mãos, seu rosto surgia em minha mente. Ele estava morto para mim, portanto, queria impedi-lo de rastejar de volta para os meus pensamentos.

Fiquei de frente para o espelho por um longo tempo, perguntando-me se Logan conseguiria ver além das cicatrizes. Não sabia por que estava perdendo meu tempo pensando nele ou no beijo que tínhamos dado uma semana atrás. Não era como se eu fosse vê-lo novamente. Afinal, ele era um nascido-anjo, um mortal abençoado com essência angelical em suas veias, enquanto eu era uma bruxa das Trevas com essência demoníaca fluindo dentro de mim. Nascidos-anjos e bruxas das Trevas eram como óleo e água. Simplesmente não nos misturávamos. Não importa o quanto você mexesse, nós sempre nos separaríamos. Algumas coisas simplesmente não tinham sido feitas para estar juntas.

Sendo uma bruxa das Trevas, eu não deveria nem me incomodar com as cicatrizes. A maioria de nós tinha várias. Como regra geral em nossas práticas, era comum que membros, dentes e partes da sua alma fossem perdidos quando se utilizava magia demoníaca. Era assim que as coisas funcionavam por aqui. Meu ex-namorado havia perdido seus dois dedos mindinhos quando tentara enganar um demônio intermediário para que lhe desse seus poderes. Sempre achei que ele era um idiota. Se eu fosse a criatura, teria arrancado sua cabeça.

Ainda assim, eu simplesmente não conseguia tirar o beijo de Logan da minha mente. Tinha sido um beijo bom demais, do tipo que fizera meus joelhos bambearem como uma idiota. Sim. Fora tão bom *assim*.

Por que ele não se afastara? Por que continuara me beijando? Talvez o nascido-anjo só quisesse saber como era beijar uma bruxa das Trevas. Não seria a primeira vez. Um duende havia roubado um beijo de mim quando eu tinha treze anos. É claro que, após o triste episódio, eu havia me certificado de que ele não tivesse mais boca para beijar ninguém.

Depois de passar um tempo exagerado no banheiro, vesti uma calça jeans limpa, uma camiseta preta de manga comprida e minhas luvas pretas

de couro sem dedos. Deixei meu cabelo molhado solto nas costas enquanto abria a porta e me dirigia para a escada.

Ao pensar em frango *tandoori* e cremoso com manteiga, salivei ao descer as escadas.

— A comida indiana já chegou? — perguntei quando cheguei à cozinha. — Estou morrendo de fome.

Meu avô estava ao lado da ilha, vestido com um roupão azul-marinho. Gordon tinha um metro e oitenta de altura, uma cabeça cheia de cabelos brancos, grossos e compridos o suficiente para cobrir suas orelhas e suas sobrancelhas brancas e espessas. O homem tinha noventa e dois anos, mas não parecia ter passado dos setenta.

— Aqui. Prove isso — disse meu avô ao mesmo tempo em que me entregava um copo com um líquido azul-claro. Seus olhos brilhavam de alegria. — É o meu mais novo lote. Acabei de ferver no meu caldeirão nesta tarde — acrescentou, sorrindo com orgulho. A pele clara ao redor de seus olhos e boca se enrugou em linhas finas.

— Então, era esse o cheiro. — Estendi a mão e peguei o copo. — O que estou bebendo? A Vassoura Brilhante do Gordon? Ou é outra coisa? — Aproximei o líquido do meu nariz e fiz uma careta com os olhos já lacrimejando. — Tem cheiro de álcool.

— É porque é álcool — uma voz falou. Um bater de asas soou à minha direita e um grande corvo pousou no balcão de granito ao meu lado. Suas penas brilhavam sob as luzes da cozinha como se fossem seda preta. — Tem certeza de que quer beber isso? Poderia ser mais útil para lavar os banheiros.

O mais velho olhou para o corvo com os lábios pressionados em uma linha apertada.

— E o que você sabe sobre habilidades refinadas de fabricação de gin, demônio? Desse ofício e das horas intermináveis de preparação meticulosa? — Ele pressionou as mãos nos quadris. — Ah, é mesmo. Absolutamente nada. — Vovô olhou para mim. Seus olhos azuis estavam cheios de expectativa. — Continue, Samantha. Prove e deixe seu paladar dançar com as delícias do licor dos grãos e das ervas naturais.

— Tá mais para ervas *mágicas* — resmungou Poe enquanto arrepiava as penas.

Tive que concordar com o meu familiar. Eu sabia que o gin não era feito da mesma forma que o vinho. O processo era um pouco mais rápido. Ainda

assim, não tinha como meu avô ter preparado um novo lote em poucas horas sem ajuda de magia. Se eu tomasse um gole, estaria me submetendo a qualquer encantamento que ele tivesse usado para acelerar o processo. E conhecendo meu avô, essa coisa tinha mais magia do que líquido propriamente dito.

Estreitei meus olhos.

— Achava que gin era uma bebida transparente. Por que esse é azul?

Os olhos do homem se arregalaram.

— Mirtilo. Você gosta de mirtilos, não gosta?

Pensei sobre o assunto. Eu gostava sim de mirtilos. Gostava deles no cereal ou em uma torta com sorvete. Nunca em uma bebida alcoólica magicamente produzida.

Eu agitei o conteúdo no copo, estudando o líquido.

— E você já experimentou?

Poe riu baixinho e eu mordi minha língua para não rir também.

— Pelo caldeirão! Não é veneno! — exclamou meu avô enquanto pegava a garrafa no balcão ao seu lado, servia-se de um copo e jogava todo o conteúdo para dentro de uma só vez.

Ele estalou os lábios.

— Tá aí. — O mais velho ofegou, seu rosto ficando um pouco mais escuro. — Viu? Não é veneno. — Ele tossiu. — Não tem nada demais. — Seu olhar se fixou no meu, seus olhos lacrimejando. — Melhor beber de uma vez só — aconselhou.

— Certo. — Coloquei o copo no balcão. — Acho que vou esperar a comida.

Poe bufou (porque os pássaros conseguem realmente bufar) e eu olhei para ele. Um grande anel de diamantes estava enrolado em sua perna como uma faixa de metal, cintilando na luz. Inclinei-me para mais perto. Não sabia muito sobre anéis de diamante, mas sabia que quanto maior a pedra, maior o preço. E esta era do tamanho de uma ervilha grande.

— Poe. Onde você conseguiu esse anel?

O caldeirão que me ajudasse. Se o corvo tivesse começado a roubar das joalherias locais, eu não tinha ideia do que ia fazer.

Meu familiar desviou o olhar e cruzou as pernas, escondendo o anel com o pé esquerdo, como se isso fosse me impedir de ver a enorme pedra.

— Poe? — exigi, colocando minhas mãos no balcão ao lado de seu pé direito. — Se você anda pegando anéis nas joalherias locais... acho que vou

ter que arrancar todas as suas penas.

Pássaro cara-de-pau. Eu já tinha problemas suficientes sem ter que lidar com um mandado de prisão. Familiares não estavam isentos de responsabilidade em roubos ou outras violações da lei. Além disso, as bruxas eram responsáveis por eles. Se o seu familiar infringisse a Lei do *Coven*, ele ou ela seria rotulado como um Não-Familiar, sendo, em seguida, devolvido ao Submundo ou destruído, dependendo do grau do crime e das circunstâncias. Eu não queria vê-lo ser submetido a nenhuma dessas opções. Eu amava Poe, embora não tivesse dúvidas de que ele acabaria me enlouquecendo algum dia.

— Dê-me o anel, Poe, ou vou dar uma surra na sua bunda de pássaro.

A ave resmungou.

— E pensar que você beijou Logan com essa boca suja.

Um calor percorreu o meu rosto. Meus olhos foram para o meu avô. Ele estava jogando o gin na boca como se fosse enxaguante bucal e não parecia ter ouvido o corvo.

Já chega.

— Me dê o anel — falei, estendendo a mão direita em direção ao objeto.

Em um borrão de penas pretas, Poe atacou e seu bico cortou a carne macia do meu dedo.

— Ai! — gritei, puxando minha mão para trás. Uma ferida vermelha e feia apareceu onde o pássaro me bicou. Sangue escorria pelo pequeno corte. Ele havia perfurado a pele. — Estou sangrando — sussurrei. — Você me fez sangrar! Está louco?

O corvo olhou para mim. Seus olhos brilhavam com raiva.

— Você sabe que não deve surpreender um demônio *Malphas*. Você me deu um susto. Eu agi por instinto. Não é minha culpa se sua mão ficou presa no meu bico.

— Assim como também não vai ser minha culpa se você acidentalmente cair no meu caldeirão fervente. — Eu contraí minha mandíbula. — Você sabe muito bem que eu só ia pegar o anel.

O pássaro deu de ombros.

— Não sou Colin, o menino vidente. Não leio mentes.

Uma risada escapou do meu avô, e eu lancei um olhar de raiva para ele.

— Não me olhe assim, garota — disse o mais velho, enquanto enchia o copo com seu gin de caldeirão. — Você escolheu um corvo para ser seu

familiar mesmo tendo gatos à disposição. Todo mundo sabe que eles são muito selvagens e imprevisíveis para serem familiares compatíveis. Até um rato teria sido uma escolha melhor.

— Eu queria que um familiar me escolhesse. Não o contrário.

A decisão me parecera certa na hora, mas agora eu não tinha mais tanta certeza.

Fui até a cesta de vime ao lado da geladeira e peguei uma caneta. Desenhei o sigilo antidor em meu dedo, logo abaixo do corte.

— *Sine dolore* — murmurei assim que terminei de desenhá-lo.

Um formigamento se espalhou pela minha mão até a ponta dos dedos. Depois de alguns segundos, o latejar no meu dedo diminuiu. Não era um corte grande, mas Poe havia perfurado a pele. Meu próprio familiar me fizera sangrar.

Eu ia matar aquele pássaro.

Soltei o ar com dificuldade, esforçando-me para evitar que minha raiva tomasse conta de mim.

— Poe — eu disse, tentando manter a raiva longe da minha voz. Esperei que o corvo voltasse seus olhos negros para mim. — Você quer ser marcado como um Não-Familiar? É isso que quer? Porque se não parar de roubar, é exatamente o que vai acontecer, e não poderei fazer nada a respeito.

— Você está ficando toda nervosa à toa — retrucou o corvo enquanto caminhava pelo centro da ilha até a fruteira de madeira. Ele pulou e apertou as garras ao redor da borda da tigela enquanto olhava para dentro.

Eu pressionei minhas mãos em meus quadris.

— Não é à toa se você estiver roubando anéis de diamante.

A ave soltou um suspiro de aborrecimento, então, pegou um pêssago da fruteira, pulou de volta no balcão e começou a cortá-lo com suas garras.

— Às vezes, você realmente me decepciona — falei, pensando que talvez meu avô estivesse certo. Eu deveria ter escolhido o velho gato amarelo de um olho só como meu familiar em vez de um corvo teimoso.

O grande pássaro preto olhou para mim. O suco escorria pelo seu bico enquanto ele engolia um grande pedaço da fruta.

— Você contou ao seu avô sobre o beijo?

*Aquele merdinha. Eu vou matar esse maldito pássaro.*

Gordon colocou o copo no balcão e ergueu as sobrelanceiras para mim.

— Beijo? — ele perguntou, enxugando a boca com as costas da mão. — Que beijo? Você foi beijada, Samantha?

*Quantos anos eu tenho? Doze?*

Olhei para Poe com raiva.

— Há um belo caldeirão fervendo lá em cima com seu nome nele, Poe.

Quer dar um mergulho?

O corvo riu, intensificando minha raiva. Meus lábios se separaram.

— Eu juro...

Algo cinza e branco atravessou a janela aberta da cozinha. Meu coração bateu contra o meu peito, um feitiço se formando em meus lábios, enquanto a coisa derrapava até parar na ilha.

Espera aí, não era uma coisa. Era um pombo.

Poe soltou uma gargalhada.

— Eu não acredito nisso. Um maldito pombo-mensageiro. Aleluia. Salva pelo gongo.

— Beija minha bunda, corvo — respondeu o pombo enquanto estufava o peito com orgulho. Ele era um lindo pássaro com penas cinzentas e brancas e um pouco de roxo no peito largo. Era grande para um pombo, embora só tivesse metade do tamanho de Poe.

O corvo caminhou lentamente até o recém-chegado em uma demonstração de tamanho e força.

— Até parece que vou sujar meu bico com um pombo escravo.

— Escravo? — riu o pássaro enquanto levantava as sobrelhas com indignação. — Para mim, parece que você é que é o escravo aqui, servo de bruxa. *Eu* tenho um emprego. Um emprego de verdade, que envolve receber um salário, ter três semanas de folga por ano, benefícios e um plano de aposentadoria. Tenho minha independência, que é muito mais do que você tem. — Ele olhou para Poe. — Você não passa de um animal de estimação; de um familiar; de uma criatura que faz o que sua mestre manda. Então, diga-me, corvo — zombou o pombo —, quem realmente é o escravo dessa história?

Poe soltou um som estranho.

— O que você quer, pato? — Suas palavras saíram um pouco mais altas do que o normal, e a culpa queimou em meu peito. Eu não queria pensar em Poe como meu serviçal, mas os familiares estavam ligados a nós bruxas e esperava-se que seguissem nossas instruções.

O pombo se endireitou.

— Uma mensagem da Corte das Bruxas Sombrias.

Meu avô deu a volta no balcão.

— Para quem é a mensagem, Tank?

— Para Samantha Beaumont — respondeu o pombo, virando-se para olhar para mim. O pássaro estendeu a perna, revelando um pedaço de pergaminho enrolado nela.

Eu enrijei, olhando para o pergaminho. Este não era o meu primeiro pombo-mensageiro. Os pombos eram comuns no *Mystic Quarter*. Eles eram a versão bruxa de e-mails, só que com um pouco mais de sujeira.

A mensagem tinha a ver com o ataque do vampiro na noite passada. Eu tinha certeza. Só podia ser. Depois que a polícia humana conduziu sua investigação primária, a cena do crime e a maneira específica em que a vítima fora morta haviam alertado a comunidade paranormal. Era por isso que tinham enviado o pombo.

E eu era a idiota que tinha se esquecido de informar a corte. Que ótimo.

Estendi a mão e peguei a mensagem na perna de Tank. Olhei para cima ao ouvir um som de asas, e meu peito se apertou ao ver Poe voando para fora pela janela da cozinha. Droga. Ele sequer esperara para ouvir o que a mensagem dizia. A culpa me atingiu novamente.

Respirei fundo, estiquei o pergaminho e comecei a ler.

*Prezada Sra. Samantha Beaumont,*

*Solicitamos sua presença na Corte das Bruxas Sombrias hoje à meia-noite. Envie sua resposta pelo pombo mensageiro. Alimente a gárgula com uma gota de seu sangue.*

*Atenciosamente,*

*Magda Ratson, Corte das Bruxas Sombrias, Seg.  
Mystic Quarter, NY.*

— Um novo trabalho? — perguntou meu avô enquanto esvaziava seu copo em um único gole.

Balancei a cabeça, minhas entranhas se retorcendo.

— Eles querem me ver — eu disse, observando Tank examinar a tigela de frutas com o bico aberto. Ele estava babando?

Droga. Se fosse um trabalho, a nota teria sido mais específica. Não. Isso era diferente.

— Por que querem vê-la? — perguntou meu avô, frisando a testa com preocupação. — Uma bruxa não é convocada pela Corte das Bruxas Sombrias para trocar receitas de caldeirão, Samantha. Por que tenho a sensação de que está escondendo algo de mim?

— Não é nada. Pode deixar que eu me preocupo com isso, tá?

Mentirosa. Mentirosa. Mentirosa.

Minha culpa redobrou pelo fato de não ter contado a ele que havia usado meu dom para derrotar Vargal; o mesmo dom que havia prometido nunca usar por medo de ser descoberta. Eu não tinha tido coragem de contar a verdade ao homem que me salvara e me mantivera segura por toda a minha vida. Eu era uma babaca.

Com os demônios Superiores eu poderia lidar. Podia até mesmo enfrentar um antigo vampiro habilidoso com magia. Sem problemas. Mas uma reunião com a Corte das Bruxas Sombrias? Bem, essa questão era um pouco mais complicada. Além disso, eu nunca tinha sido convocada antes. Nunca. E o que eles queriam dizer com “alimente a gárgula com uma gota de seu sangue”? Que gárgula?

Um desconforto se instalou em meu peito como um trovão repentino. Meu avô estava certo. Esta não era uma convocação comum. Por que queriam me ver? Eles sabiam do meu segredo?

Eu tinha a sensação de que minha vida estava prestes a mudar, e não era de um jeito bom.

**M**eu coração soava como uma bateria, tocando ritmicamente em meu peito enquanto eu caminhava pela *Wicked Way*. Meus joelhos estavam um pouco mais vacilantes do que o normal e minhas botas ficavam enroscando nas fendas das calçadas irregulares. Era quase como se minhas próprias pernas estivessem tentando me fazer tropeçar; como se alguma força misteriosa estivesse tentando me impedir de ir à Corte das Bruxas Sombrias.

Talvez essa força estivesse certa. Talvez eu devesse ter ficado em casa.

Mas eu não podia recusar a convocação. Nenhuma bruxa em sã consciência recusaria, a menos que quisessem acabar na prisão da nossa espécie — *Grimway Citadel* — um castelo de concreto horrível, sem janelas e com paredes encantadas que cintilavam com todas as barreiras de proteção mágica imagináveis. Eu tinha ouvido rumores de bruxas explodindo em pedaços de sangue e tripas enquanto tentavam escapar. Só um tolo pensaria em tentar fugir de *Citadel*. Você tinha que estar fora de si para tentar algo assim.

Levantei a alça da minha bolsa, ajustei o peso no ombro e continuei.

O vento soprava pelos prédios e pelas poucas árvores espalhadas pela rua, trazendo o cheiro de enxofre e podridão — o sinal revelador de mestiços e de magia demoníaca. A luz dos postes da rua se espalhava pelo espaço e o luar azul e branco se acumulava ao meu redor enquanto eu caminhava pelo *Mystic Quarter*, o distrito paranormal de *Manhattan* onde bruxas, vampiros, lobisomens, fadas, trolls e todos os tipos de mestiços conviviam.

O local era tão excêntrico e incomum quanto as criaturas que habitavam a confusão de prédios que compunham o *Mystic Quarter*. Vampiros se sentavam em terraços externos, bebendo um líquido marrom, enquanto lobisomens ficavam ao lado de um *food truck* da *Meat on the Go*, arrancando com os dentes toda a carne de ossos do tamanho do meu braço. Um grupo de bruxas descansava em um pequeno jardim, bebendo de caldeirões em miniatura. Sim, era estranho. Mas a maior parte do lugar era como qualquer outro bairro de Nova York: apenas várias pessoas sentadas comendo, bebendo e se divertindo.

Todos menos eu.

Eu me arrastei pela *Odin Boulevard*, forçando minhas pernas a andar mais rápido. Não queria encontrar ninguém que eu conhecesse. Minhas botas faziam barulho a cada passo dado e a Corte das Bruxas Sombrias ocupava grande parte dos meus pensamentos, exceto por dois: Poe e Logan.

Logan porque, bem, ele era gostoso, e seu beijo despertara minha curiosidade, e Poe porque eu estava preocupada com ele. O corvo tinha desaparecido mais uma vez. Eu realmente não entendia por que ele tinha ficado tão nervoso depois de ver Tank. Não é como se ele quisesse trabalhar como mensageiro para a Corte das Bruxas Sombrias. Ou será que queria? Meu familiar estava sofrendo, e eu não tinha ideia de como ajudá-lo. Ele não queria compartilhar comigo o que o incomodava, e isso doía um pouco. Poe era meu sistema de apoio. Sem meu amigo, eu me sentia sozinha ao caminhar pelas ruas escuras do distrito. Com ele empoleirado em meu ombro, sempre tinha uma sensação de segurança, de que, se fosse necessário, o corvo me protegeria.

Subi a *Twilight Avenue* e desacelerei ao avistar a loja da minha tia. Pensei em dar uma passada lá para saber a opinião dela sobre esta reunião com a Corte das Bruxas Sombrias, mas então desisti da ideia porque eu sabia que mencionar o assunto iria aborrecê-la; ou pior, faria com que ela exigisse ir junto, o que não era uma boa ideia, já que a maioria dos membros da corte não gostava dela. Minha tia diria que isto se dava porque ela era mais poderosa do que eles, e eu diria que os integrantes não gostavam dela justamente porque ela *achava* que era mais forte do que todos.

Soltei a respiração que estava prendendo assim que ouvi o familiar bater de asas.

Poe voou até mim e pousou no meu braço. Dei-lhe um sorriso tenso, descobrindo que não conseguia ficar com raiva dele por ter saído daquele jeito depois da mensagem de Tank. Uma tristeza maçante estava crescendo em mim, era como se eu o estivesse perdendo.

— Gordon disse que eu a encontraria aqui — disse o pássaro enquanto se movia até meu ombro e deslocava seu peso de um pé para o outro até ficar confortável. — O que foi? O gato comeu sua língua?

Eu sempre odiei essa expressão. Afastei meus olhos e continuei andando.

— Não vai gritar comigo ou algo assim? — pressionou o corvo.

Eu podia ouvir a tensão em sua voz, era como se ele estivesse se preparando para a batalha verbal que estávamos prestes a ter. Em qualquer outra noite, eu teria iniciado uma.

— Não.

— Droga, então você deve estar nervosa mesmo. — O pássaro ficou quieto por um momento, então, senti o roçar de suas penas em minha bochecha. — Não fique assim, Sam. Provavelmente é apenas um pedido de trabalho normal. Acho que tem algo a ver com aquele vampiro assassino sobre quem você me contou ontem à noite.

Minha respiração ficou mais rápida.

— Então, por que não disseram isso no bilhete? Se fosse um trabalho, eles teriam deixado a mensagem inteira com Tank. Já fiz centenas de trabalhos para eles e nem uma única vez eles pediram para me ver. Tem algo errado, sabe? — Meus nervos borbulharam novamente, fazendo meu estômago se revirar.

— Bem, para começo de conversa, — disse o familiar — você falou que o vampiro usou magia. Isso deve deixar as bruxas nervosas e tropeçando em suas vassouras. Você sabe que elas não gostam de compartilhar magia.

— Não. É outra coisa. Eu posso sentir.

Poe se acomodou mais perto do meu pescoço.

— Tipo o quê?

Meu coração deu uma cambalhota dentro do meu peito.

— E se tiver algo a ver com o meu dom? Segredos sempre acabam sendo revelados. Talvez tenham descoberto.

Poe soltou um resmungo.

— Eu duvido. Não, acho que se trata de um trabalho. Pensa só — disse ele, equilibrando seu peso no meu ombro. — Todos os trabalhos que você já

recebeu da Corte das Bruxas sempre foram enviados por uma galinha voadora. Certo?

— Certo.

— O que me diz — continuou o pássaro — que é sobre um encargo, ou algo na mesma linha. Quem sabe, talvez vão até lhe oferecer uma daquelas cadeiras empertigadas na corte.

Eu ri.

— Certo. Como se isso *fosse* acontecer algum dia. As bruxas Beaumont nunca tiveram um assento na corte e nunca terão. Não somos... gente da lei — acrescentei, sabendo que nós odiávamos seguir regras e regulamentos. Preferíamos quebrá-los.

— Nunca se sabe — Poe comentou.

— Eu sei — concordei. O sorriso que senti no meu rosto era uma distração bem-vinda da montanha de estresse que estava sentindo alguns minutos atrás. Eu me sentia um pouco melhor com o meu familiar ao meu lado.

Depois de uma caminhada de três minutos, chegamos a um prédio de dois andares com uma grande porta de metal que parecia pertencer à Era Medieval, e que, sem dúvida, estava totalmente fora de lugar aqui em Nova York. Acima da porta, via-se uma placa desbotada e desgastada pelo tempo que dizia: *OAK PARK THEATER*.

Vitrines de vidro flanqueavam a passagem em ambos os lados, refletindo o luar como espelhos prateados. Não havia nada nas vitrines, apenas cortinas pretas. A fachada de pedra estava escura e erodida por anos de exposição ao ar poluído e à chuva ácida. Dava uma impressão de teatro velho, embora o lugar claramente tivesse sido um local gracioso e luxuoso em algum momento no passado.

Fiquei parada por um tempo, minhas pernas aparentemente cimentadas no caminho e não querendo se mexer.

— Podemos fugir — disse o corvo depois de um momento.

— Você sabe que não posso. — Balancei minha cabeça. — Sabe tão bem quanto eu o que vai acontecer se eu não comparecer.

Tipo ser fervida viva no caldeirão deles. Eu tinha ouvido rumores a respeito.

— Mas obedecer à corte também pode ter consequências letais — veio o sussurro de Poe, roçando na minha bochecha.

— Não tenho escolha — respondi, dando mais um passo à frente.

Minha pele pinicava com os traços de magia negra. Estava em toda parte; saindo das paredes, da porta e do telhado. Todo o edifício era fortemente selado e protegido. O cheiro de enxofre reapareceu, mas, depois, sumiu.

A aldrava da porta era uma cabeça de gárgula de ferro fundido com orelhas grandes, chifres, nariz achatado, olhos ferozes e uma boca grande o suficiente para caber uma mão e cheia de caninos que pareciam pertencer a um Dogue Alemão. Um anel de ferro pendia de sua mandíbula aberta. O rosto estava esculpido em uma expressão de dor. Sua boca parecia congelada em um grito silencioso. As proporções da gárgula estavam completamente erradas: a boca era muito larga, a testa muito alta e os olhos distorcidos.

Era a coisa mais feia que eu já tinha visto na vida.

Não havia nada notavelmente bruxo ou remotamente interessante. Era apenas... distorcido, grotesco e macabro.

— Isso parece mais com algo que você veria no Submundo — comentei. — Como algo que os demônios esculpiram.

— Até os demônios entendem melhor de arte. Isso é só... errado. — O pássaro bufou. — Então, o que fazemos agora? Batemos?

Olhei para a boca da coisa e para seus dentes gigantescos.

— Alimente a gárgula com uma gota de seu sangue — eu disse, lembrando das instruções do bilhete.

Droga. Isso era bizarro.

— Como é que é? — disse Poe.

Minha mente se agitou.

— Estava escrito no bilhete. — Segurei a respiração, nervosa, e sufoquei um arrepio. — O prédio é fortemente protegido com magia. Não podemos simplesmente entrar.

Enfiei a mão na minha bolsa e tirei um pequeno canivete suíço, o mesmo que eu usava para cortar ervas do meu jardim.

— Não dá para arrombar uma fechadura com isso — disse o pássaro.

— Não é para a fechadura. É para mim — comentei e fiz um pequeno corte no meu dedo esquerdo.

Uma gota de sangue escorreu do ferimento como uma pérola vermelha brilhante. Antes que pingasse no chão, movi minha mão em direção à aldrava e apertei meu dedo para que o sangue caísse dentro da boca da gárgula e respingasse em sua língua.

Bruxas sombrias. Só elas inventariam algo tão perturbador.

— E agora? — gemeu o pássaro. — Não estou vendo nada.

Dei um passo para trás e esperei.

— Apenas espere — falei. Meu nervosismo me fazia tremer.

A energia zumbiu no ar, fazendo meu cabelo subir e flutuar ao redor dos meus ombros enquanto a magia negra deslizava sobre mim, sussurrando poder e dominação. Droga. Essas proteções eram poderosas. Meu pulso acelerou.

— Estou sentindo alguma coisa.

Poe mudou seu peso para o outro pé.

— Tipo o quê? Indigestão?

— Pare, mortal! Pare, intruso, nos portões da corte secreta das bruxas das Trevas! — ressoou a aldrava com uma voz antiga como o ranger de pedras.

Sua boca se movia de maneira perturbadoramente humana. Eu assisti, paralisada, enquanto o rosto se mexia de forma espasmódica e errática ao passo que partes do ferro se juntavam para formar expressões. De repente, sorri. Um humano teria desmaiado ao ver uma aldrava de gárgula falante. Achei incrível. Eu adorava ser uma bruxa.

— Ótimo, ela fala — resmungou Poe.

— Claro que falo, seu *genus corvus* insolente — latiu a aldrava, sua voz um pouco mais alta e aguda, enviando ondas de arrepios pela minha pele.

Este era um nível totalmente novo de “estranho”.

— Você pode calar a boca e abrir a porta? — comentou Poe. — Vamos acabar nos atrasando.

Os olhos da gárgula se moveram para o familiar e seu rosto se contorceu em uma careta de desprezo.

— Apenas uma bruxa das Trevas pode entrar. Os não-mágicos não são permitidos.

— Ele é um ser mágico — interrompi, sentindo uma pequena sensação de pânico se contorcer em minhas entranhas. Eu não queria entrar sem Poe. Se algo acontecesse comigo, precisava que ele fosse contar ao meu avô. — Ele é meu familiar. Partilhamos a nossa magia. Estamos magicamente conectados. Poe vai aonde eu vou.

A aldrava fez uma careta. Se tivesse braços, teria os cruzado sobre o peito.

— Receio que isso não seja possível — ela respondeu em um tom pragmático. — Como eu disse, o não-mágico não pode entrar — acrescentou ao mesmo tempo em que o vento uivou na rua, fazendo as palavras soarem muito como um grande e gordo não. — Eu não fiz as regras, mas todos devemos cumpri-las.

— Até parece.

Uma sensação terrível de pavor se apoderou de mim e meu estômago se apertou. Fiz uma careta. Essa aldrava estava começando a me irritar.

— Está tudo bem, Sam — disse Poe. — Espero por você aqui...

— Não. — A tensão tomou conta de mim. Minha voz se elevou enquanto eu tentava respirar calmamente. — Ele vem comigo — falei para a aldrava. — Ou você terá que explicar para a Corte das Bruxas Sombrias por qual motivo não tive permissão para entrar depois que eles pediram especificamente por mim. Acho que não vão ficar felizes com você. É isso o que quer?

Eu não sabia exatamente como um bruxo poderia machucar uma maldita aldrava de ferro, mas valia a pena tentar. Talvez eles a derretessem.

Seu rosto se contorceu em uma tentativa de franzir a testa, mas ficou parecendo só uma careta.

— Eu sou uma aldrava. Não há coisas que eu *quero*. Sou um ser mágico criado com o simples propósito de guardar esta porta e deixar passar *apenas* seres mágicos. Seu sangue é a chave. — Seus olhos se voltaram para Poe. — Sinto muito, mas familiares não estão na lista de seres mágicos. Ele simplesmente não pode passar.

A raiva lentamente queimou nas minhas entranhas.

— Tá, então eu vou embora.

Virei-me para sair e dei três passos...

— Espere! — veio a voz aterrorizada da gárgula.

Voltei-me para a porta, tentando não sorrir.

— Sim?

A expressão da gárgula mudou de preocupação para desprezo. Por fim, transformou-se em algo que parecia determinação. Eu poderia jurar que o metal estava um tom mais escuro.

— Está bem — resmungou a aldrava com uma voz que lembrava a de Poe quando não recebia uma fruta extra. — Seu familiar pode entrar. Mas só desta vez.

— Obrigada.

— Babaca — sussurrou Poe.

Um formigamento rolou pela minha pele e o ar pesou com uma energia pulsante. Ouvi um clique alto repentino, como o som de uma trava deslizando e se encaixando. O formigamento aumentou. Em seguida, a porta se abriu, revelando tetos altos e abobadados e pisos de pedra polida com tiras de tapete vermelho que passavam por um grande vestíbulo.

— Bem-vindos — disse a aldrava — à Corte das Bruxas Sombrias.

Minha respiração tremeu.

— Aqui vamos nós — falei, entrando.

O tapete vermelho espesso abafou o som das minhas botas quando entrei no saguão como se estivesse andando sobre grama. A porta se fechou atrás de mim, e eu estremeci ao sentir o formigamento repentino das barreiras de proteção se fechando ao redor do prédio, bloqueando-o de qualquer acesso sobrenatural.

O saguão era grande e decorado com elegantes painéis de madeira. Uma grande escada em caracol, com um estonteante tapete vermelho, levava ao segundo andar e servia como peça central da sala. Porém, eu não ia para o segundo piso. O palco ficava no térreo. Era para lá que eu ia. Passei pela grande escadaria e fui em direção a outro conjunto de portas duplas com uma placa acima que dizia: MEZANINO.

— Você sabe para onde está indo? — veio a voz de Poe perto do meu ouvido.

— É um teatro. Há apenas um lugar onde as bruxas se reuniriam.

— O palco?

— O palco — concordei enquanto caminhava em direção às grandes portas duplas. Quando pensei sobre o assunto, percebi que a escolha de um teatro para ser a sede das bruxas das Trevas era perfeita. Todas eram rainhas do drama e precisavam de um palco para se apresentar.

Eu estava ao mesmo tempo lisonjeada e alarmada por ter sido convocada pela Corte das Bruxas Sombrias. A simples noção disso tudo era surpreendente. Só havia um contratempo: eu estava cinco minutos atrasada. O fiasco com a aldrava demorara mais do que eu esperava.

*Ótima primeira impressão, Sam.*

Esforcei-me para não tremer e tentei manter uma expressão neutra em meu rosto, absorvendo tudo. Afinal, eu era uma bruxa Beaumont. Podia lidar com um grupo de bruxas velhas e enrugadas.

Preparando-me, abri as portas duplas e entrei.

O barulho abafado me atingiu primeiro, depois, veio o cheiro de mofo de carpete velho. O ar pesava com a magia negra, em uma clara demonstração de força e poder. Os membros da corte queriam que os visitantes soubessem que eles podiam matar alguém com um simples estalar de dedos.

Tudo bem, então.

A magia se estendia ao redor da sala, circulando-me e ressoando em diferentes tipos de bruxaria. Cada uma parecia totalmente diferente da outra. O teatro era como qualquer outro teatro antigo e de tamanho moderado de Nova York, iluminado por centenas de arandelas de velas ao longo das paredes e um grande candelabro pendurado no teto com três anéis de candeias. Eu podia imaginá-lo pendurado no *hall* de entrada de um grande castelo medieval.

Pelos padrões humanos, a sala comportaria centenas de pessoas confortavelmente em seus assentos. No entanto, eles agora estavam completamente vazios, exceto por algumas bruxas e bruxos das Trevas espreitando ao longo dos corredores ou de pé perto das paredes. Não reconheci nenhum deles, o que aumentou ainda mais o meu desconforto.

Notei que havia uma ligeira inclinação entre as fileiras de assentos à medida que descia em direção ao palco. Uma mesa meia-lua repousava no meio do lugar, com seis cadeiras de frente para o público. Em cada uma delas, via-se um bruxo ou bruxa das Trevas, todos vestidos com mantos pretos.

Havia três homens e três mulheres. Será que era igualmente equilibrado de propósito? Quem saberia.

A bruxa na extrema esquerda poderia facilmente se passar pela irmã mais velha da minha tia — frágil, curvada e extremamente magra. Seu centésimo aniversário chegara e se fora há muito tempo. Ela não tinha cabelo e o manto preto acentuava ainda mais esse fato. Apesar da velha estar sentada curvada em sua cadeira, seus olhos escuros me apunhalavam com uma inteligência afiada.

A mulher ao lado dela era igualmente velha, embora tivesse a cabeça cheia de cabelos pretos que se arrepiavam para a frente. A última bruxa não

parecia ter mais do que cinquenta anos. Rechonchuda, com a pele cor de café e cabelos cacheados pretos e curtos, ela me observava com o meio-sorriso de quem sabia mais do que deveria. Sinistra.

Os bruxos... bem, o da extrema direita parecia mais idoso do que as duas velhas bruxas juntas. O homem ao lado dele era simples e esquecível. Ele parecia ter meia-idade e estava um pouco acima do peso. Seus cabelos castanhos eram curtos e mechas grisalhas podiam ser vistas nas têmporas. Oscar Lessard. Ele era o único bruxo das Trevas que eu conhecia na corte. O sujeito tinha aparecido na minha casa cinco anos atrás para me oferecer um emprego de tempo integral: vigiar o Véu em nome da Corte das Bruxas Sombrias. Uma espécie de segurança privada para as bruxas.

Manchas vermelhas marcavam seu rosto pálido como se ele tivesse discutido com alguém. Ou isso, ou Lessard tivera dificuldade em subir as escadas que levavam até o palco.

O último bruxo, com cabelos pretos brilhantes, parecia apenas alguns anos mais velho que eu. Seus olhos escuros e amendoados me fitavam com acusação.

De repente, todas as bandeirinhas de alerta dispararam dentro de mim.

Minhas pernas pareciam ter se transformado em cimento, mas não parei de me mover e mantive meu rosto impassível. O aperto de Poe no meu ombro aumentou quando ele sentiu minha inquietação.

Correndo os olhos ao redor da sala, fiz anotações mentais das saídas — aquela por onde eu tinha acabado de entrar e mais duas saídas de emergência que ladeavam o palco.

— Conhece algum deles além de Oscar? — indagou Poe enquanto eu me aproximava cada vez mais do palco.

— Não.

Oscar e eu não éramos amigos, embora teria sido legal se ele tivesse me adiantado alguma coisa sobre esse encontro. Pelo menos eu poderia ter vindo preparada. Tentei fazer contato visual, mas seus olhos não se encontraram com os meus.

Quando cheguei perto do palco, o jovem bruxo pulou da cadeira e apontou para mim, fazendo-me parar.

— Vocês veem? Ela trouxe seu demônio a tiracolo — ele gritou e a raiva em seu tom acendeu a minha própria raiva. — Ela não tem respeito pela corte. Eu disse que ela era a escolha errada.

Um murmúrio de consenso reverberou pela mesa.

Droga. Pelo visto, as coisas tinham começado bem.

O bruxo idoso que tinha apenas quatro fios de cabelo branco em sua cabeça pigarreou.

— Samantha, não lhe disseram para deixar seu familiar fora do teatro? — perguntou em um tom de voz baixo, mas gentil e com um sotaque que eu não consegui identificar.

Sua barba branca era longa o suficiente para enfiar no cinto, caso ele usasse um. Uma cicatriz grossa começava em sua testa e cortava todo o caminho até o queixo no lado direito de seu rosto, como se garras de um urso tivessem rasgado sua pele. Embora seus olhos fossem pequenos, a bondade brilhava neles.

Sabendo que ele devia estar se referindo à gárgula, abri a boca e respondi:

— Sim.

Mal tinha proferido a palavra antes que vários membros da corte, bem como as bruxas e bruxos nos corredores, se levantassem com gritos indignados. O teatro irrompeu em uma cacofonia de gritos, ameaças e grunhidos de desaprovação dos membros.

Como eu disse, eles adoravam uma performance.

Franzi a testa enquanto assistia ao *show*. Senti-me como uma criança diante de um grupo de pais desaprovadores. Que se fodam. Eu não vim aqui para ser repreendida. Eles estavam começando a me irritar. Ainda assim, vê-los incomodados como se eu tivesse acabado de abrir os portões do Submundo de propósito também me fez sentir um pouco menos nervosa.

Ninguém estava prestando atenção às minhas luvas. Quando a percepção me atingiu, eu soube que a reunião não tinha nada a ver com o meu dom. Era outra coisa, talvez igualmente importante aos olhos deles. Interessante...

Ainda de pé, o bruxo mais jovem fez um ruído alto de julgamento e colocou as mãos nos quadris.

— Ela desobedeceu à mais simples das instruções, *deixar* seu demônio miserável na porta — acusou com um toque dramático e exagerado em seu discurso. — E vocês acham que ela vai ficar de boca fechada? Não vai. Ela é como a velha Evanora Crow. Não é confiável.

*Ah, você vai se dar mal, amigo*, eu disse a ele com meus olhos. Ninguém fala mal da minha tia sem levar uma surra de vassoura.

Eu já odiava esse cara. Ele tinha os olhos selvagens e ambiciosos de quem queria escalar até o topo da Corte das Bruxas das Trevas. E rápido. Sua postura dizia que não tinha medo de eliminar tudo e todos que estivessem em seu caminho. Eu odiava os tipos ambiciosos demais, que não se importavam em passar por cima dos fracos para seguirem em frente.

*Já chega. Vou transformar esse sujeito em um boneco de vodu.*

Poe se mexeu no meu ombro, sentindo meu desconforto.

— Talvez eu devesse ter ficado do lado de fora.

— É tarde demais para isso agora — sussurrei.

A bruxa careca parecia querer cozinhar meu pássaro em seu caldeirão mais tarde.

— Sente-se, Tran — ordenou o bruxo mais velho. — Você está me dando dor de cabeça. — Uma onda de força ecoou de suas palavras, dando a sensação de uma rajada de vento.

Tran me lançou um olhar maldoso no momento em que se jogou em sua cadeira, parecendo um pirralho mimado que acabara de ser colocado de castigo.

Olhos pequenos e pálidos me encontraram quando o velho bruxo levantou um braço ossudo e apontou para a fileira de assentos atrás de mim.

— Sente-se, Samantha Beaumont.

Eu lancei meu olhar sobre a corte. Tensão pairava sobre eles, estava claro pela maneira como se moviam em seus assentos. Era quase como se estivessem com medo. Mas com medo de quê? Isso também não era um julgamento. Era outra coisa.

Virei-me e me sentei no assento mais próximo, de frente para o palco.

— Quem é o velho? — sussurrei para Poe, resistindo à vontade de enxugar as mãos suadas no jeans.

— É Darius Gruenwald — o corvo respondeu com uma voz baixa para que só eu pudesse ouvir. — Superintendente da Corte das Bruxas Sombrias.

A-há. Então este era o infame bruxo Darius.

— Tudo mudou para ele há três anos quando convocou o demônio Beleth — continuou o corvo. — O demônio se voltou contra o sujeito, e ele mal conseguiu sair vivo. Beleth lhe deixou aquela cicatriz no rosto como uma lembrancinha e um alerta claro de que o bruxo não deveria invocá-lo novamente. O velho tolo nunca mais foi o mesmo.

Bem, eu não podia questionar a parte do “velho tolo”. Outro bruxo brincando com demônios, pensando que poderia controlar uma entidade tão

poderosa. Ele provavelmente não tinha ideia de quem era Beleth. Eu tinha.

Beleth era um poderoso e terrível rei do Submundo, que tinha oitenta e cinco legiões de demônios sob seu comando. Demônios como ele não gostavam de ser forçados a entrar em um círculo de invocação. Darius tinha sorte de estar vivo.

Ele se mexeu em seu assento e uma expressão de dor cintilou em seu rosto por um segundo, como se apenas aquele pequeno movimento lhe causasse muito sofrimento. Parece que o demônio tinha deixado algumas cicatrizes por dentro também.

— Obrigado por vir nos encontrar em tão pouco tempo, Samantha — disse Darius, enquanto cruzava as mãos sobre a mesa. Seus dedos nodosos pareciam ter sido quebrados vezes demais para que pudessem cicatrizar adequadamente.

Eu não tinha certeza do que responder.

— Sem problema.

Não é como se eu tivesse escolha. E eles sabiam. Eu sabia. Meus olhos pousaram sobre Tran. Ele estava me encarando com raiva. Eu o encarei de volta.

— Por que estou aqui? — Nem tentei esconder a irritação em minha voz. Eu odiava não saber o que estava acontecendo. Se isso não tinha nada a ver com o meu dom, por que eu estava aqui?

Darius assentiu com a cabeça.

— James, por favor.

Um bruxo saiu das sombras ao lado do palco, fazendo-me estremecer. Eu não tinha notado ele ali. O homem usava uma túnica cinza-escuro semelhante às dos membros da corte, contudo, permanecera nas sombras enquanto os outros estavam em exibição. Ele desapareceu por uma parede de pesadas cortinas vermelhas à direita do palco e, quando voltou, empurrava uma maca.

— O que é? — sussurrei, inclinando-me para frente.

— Bolo? — Poe perguntou com animação. — Estou morrendo de fome.

A maca estava coberta com um lençol preto. Embaixo dele, havia uma proeminência com as proporções certas de um corpo.

— Isso não é um bolo — comentou meu familiar.

— Isso definitivamente não é um bolo.

— Um bolo teria sido bom.

— Com certeza — concordei.

James levou a maca até o nível mais baixo e a estacionou na frente do palco. Então, deu um passo para trás, deixando-a ainda coberta com o lençol preto.

Darius pigarreou novamente, e eu levei meus olhos da maca para seu rosto.

— Um incidente lamentável foi trazido à nossa atenção — ele entoou. — De natureza um tanto... *delicada*. É por isso que a chamamos aqui esta noite, Samantha. A corte precisa da sua assistência.

Eu me levantei. Devido ao movimento brusco, Poe teve que se equilibrar no meu ombro. O movimento de suas asas fez cócegas no meu pescoço. Aproximei-me da maca. O tamborilar das minhas botas no tapete parecia refletir o ritmo do meu coração. Eu contraí a mandíbula, já sabendo o que ia encontrar debaixo do lençol.

De pé, onde eu presumi que fosse a cabeça, agarrei um punhado do lençol e o puxei.

Merda.

Uma onda de náusea me atingiu enquanto olhava para um rosto ressecado, parecido com o de uma múmia, e mãos mirradas, delicadas e pequenas. Pequenos pedaços de carne estavam faltando no pescoço próximo à veia jugular.

Por trás da pele seca e macilenta, estava o rosto de outra mulher.

Pisquei, observando a desconhecida, que era menor e parecia mais definhada do que a que eu tinha visto no beco. Assim como a outra, sua vida fora sugada. Contudo, eu estava certa de que não se tratava do mesmo corpo com o qual eu me deparara antes.

— O que é isso? — Poe sussurrou em meu ouvido. — Algo está muito errado. Não está?

Eu acalmei meu rosto para não mostrar qualquer emoção.

— Esta não é a mesma vítima — sussurrei de volta, meus lábios mal se movendo.

O vampiro antigo tinha matado outra humana.

Quando as pessoas dizem que “precisam de sua assistência” geralmente significa que você terá problemas. É uma forma de eles *não* sujarem as mãos e de você ficar afundada até o pescoço na lama do que eles querem que você faça. E eu, bem, eu não tinha escolha. Estava ferrada.

Tá, então a situação não era maravilhosa, mas também não era desastrosa. Se eles soubessem que eu tinha encontrado esse vampiro e não o havia denunciado, eu estaria na merda. Fazia parte do meu trabalho relatar atividades suspeitas de mestiços, ainda mais quando se tratava de assassinatos. No entanto, homicídios cometidos por vampiros não eram problema nosso. Os vampiros eram responsáveis por cuidar dos seus. Ou melhor dizendo, isso era responsabilidade do Conselho Cinzento. Portanto, eu sabia que seria melhor ficar quieta sobre o outro assassinato.

*Relaxa, Sam. Eles ainda não sabem.*

Darius se inclinou sobre a mesa, seu rosto se enrugando de raiva. Seus pequenos olhos brilhavam com desprezo e fúria.

— Foi um vampiro que fez isso. Com isto todos concordamos. A prova é inegável.

E *eu* o vi.

— Apesar de ser difícil identificá-la nesse estado de... *desintegração* — continuou Darius —, a família conseguiu reconhecê-la por suas roupas. O nome dela era Audrey.

*A família?* Nervosa, mudei meu peso de um pé para o outro.

— Vocês a conheciam?

Era estranho que a Corte das Bruxas Sombrias conhecesse um humano aleatório pelo nome. Talvez ela fosse uma amiga da comunidade bruxa. Não seria a primeira vez que uma aliança entre humanos e bruxas era formada. Normalmente, o humano queria se tornar um bruxo. Eu não os culpava. Bruxas eram incríveis.

Meus olhos se voltaram para a vítima, e eu pensei sobre a morte horrível que ela provavelmente tinha sofrido nas mãos daquele vampiro. Com esse tipo de magia e força tão poderosas, a pobre humana não tivera como escapar. Engoli a bile subindo no fundo da minha garganta.

E, ainda assim, o vampiro me deixou viver...

— Ela parece uma ameixa seca — observou Poe com uma pitada de preocupação em sua voz. — Deve ter sido doloroso.

— Muito. — Olhei para cima e encontrei os olhos de Darius. — Certo, então todos podemos concordar que um vampiro fez isso — falei e me afastei da maca com minhas mãos nos quadris. — Ainda não entendo por que vocês me chamaram aqui e por que a Corte das Bruxas Sombrias está envolvida. Se houver um vampiro descontrolado matando humanos, deveriam entrar em contato com a corte deles. Eles que lidem com isso.

— Porque — disse o superintendente da Corte das Bruxas. As rugas ao redor dos seus olhos se aprofundaram de raiva — um vampiro está matando os nossos.

Estava quente no teatro, mas, naquele momento, senti um calafrio percorrer minha espinha; um que foi ampliado pela súbita quietude da sala.

O vampiro estava matando bruxas? Ah, inferno, não.

Mais uma vez, o ambiente caiu em um caos de gritos, lamentos e discussões no meio do qual Tran, o mais barulhento de todos, estava. Os bruxos se agitaram, deixando a maior parte da cacofonia de vozes reverberar pelo espaço.

Darius recostou-se na cadeira, deixando a comoção se estender um pouco mais.

— Ordem! — ele gritou, por fim, com uma voz retumbante enquanto batia a mão com força na mesa.

Silêncio.

Impressionante. Eu queria saber controlar uma sala assim.

Franzindo o cenho, pisquei lentamente para Darius.

— Ela é uma bruxa? — Minha cabeça se virou em direção à mulher morta, à bruxa morta. Naquele estado, era impossível diferenciar a bruxa de

uma humana. Não havia mais substância nela. Sem sangue. Sem essência. Nenhuma magia. Eu não conseguia sentir as energias mágicas com as quais todas as bruxas nasciam. Não mais.

— Ela *era* uma bruxa — interveio Tran, com os olhos oblíquos. — E está morta agora.

— *Tá brincando* — eu disse, imaginando se a outra vítima também era uma bruxa.

Os lábios de Darius se moveram, mas nenhum som saiu a princípio.

— Esta é a quinta vítima — ele informou depois de um momento. — Encontramos o corpo de Emma em um beco ontem à noite.

*Sinto muito, Emma.*

Encontrei os olhos do velho bruxo.

— E você tem certeza de que todas as vítimas eram bruxas?

— Receio que sim — ele respondeu, obrigando-me a sufocar um calafrio. — E eram todas bruxas das Trevas.

Meu estômago se revirou em uma bagunça de emoções... raiva, dúvida, medo e arrependimento. Eu estava com raiva de mim mesma, pensando que se tivesse sido um pouco mais rápida, poderia ter salvado a vida de Emma. Tive medo de um vampiro antigo e poderoso o suficiente para matar bruxas. Agora, eu me arrependia de não ter dito nada.

Será que Audrey ainda estaria viva se eu tivesse contatado a corte sobre Emma?

Minhas emoções se misturaram, revirando meu estômago. Um arrepio passou por mim. Se um vampiro ancestral tinha feito das bruxas seu alvo, tinha que haver uma razão. Por que um vampiro iria atrás de uma bruxa, que poderia revidar com encantamentos e feitiços poderosos, se humanos, mais fáceis e mais fracos, estavam ali à disposição? Não fazia sentido. Por que a criatura estava fazendo nossa raça de alvo?

Meus olhos saltaram para Darius.

— O que o Conselho Cinzento pensa sobre isso?

— Eles não sabem — respondeu o velho bruxo com o rosto enrugado em uma carranca profunda. — Queremos manter isso entre nós, bruxos. Agradeceríamos sua... discrição neste assunto.

— Sim, certo — murmurou Poe.

Darius moveu seu olhar ao longo dos membros de sua corte antes de se voltar para mim.

— Não queremos pânico em massa. Se a notícia de que um vampiro está matando bruxas se espalhasse, bem...

— Seria um inferno — ofereci, sabendo do pânico que isso causaria na comunidade bruxa.

Sem falar na tensão e na animosidade que tal informação criaria entre os vampiros e as bruxas se a Corte das Bruxas Sombrias decidisse acusá-los. Seria feio. E, então, haveria uma guerra. Merda, isso era muito ruim.

— Isso mesmo — disse o velho bruxo enquanto se mexia na cadeira. Seu rosto estava parcialmente coberto de sombras, acrescentando uma nova camada de grotesco à sua cicatriz. — E é por isso que não podíamos arriscar enviar um pombo mensageiro com as informações detalhadas para você.

— Certo.

— As relações entre as bruxas e os vampiros estão em boas condições há mais de cem anos — continuou Darius. — Antes que possamos fazer qualquer acusação ou até mesmo levar isso à atenção da Corte Cinzenta, precisamos ter certeza. Precisamos ter convicção *absoluta*. Sem nenhum espaço para dúvidas. Então, veja, Samantha. Precisamos manter os assassinatos em segredo. Quanto menos pessoas souberem o que está acontecendo, melhor.

Suspirei.

— Sim, entendo.

Eu já estava envolvida, gostando ou não. Contudo, algo não estava certo. Se o vampiro estava mirando nas bruxas, por que não havia me matado?

Olhei para o palco e meus olhos passearam pelos membros da corte.

— O que querem que eu faça, exatamente?

— Que você o rastreie e o mate — ordenou a bruxa calva, surpreendendo-me. Sua voz era áspera e fria como uma tempestade de inverno.

Dei à velha um sorriso de quem compreendia.

— Está bem.

Então, isso era uma caçada.

— Peça um aumento de salário — disse o pássaro, e eu tive que concordar com ele.

Darius pigarreou.

— Existem regras para esse tipo de coisa, Magda — retrucou ele, em um tom de advertência. — Não podemos sair por aí matando vampiros — acrescentou.

O nome me soou familiar, ele estava no bilhete que Tank tinha trazido. A bruxa sem cabelo era a secretária da Corte das Bruxas Sombrias. Magda Ratson.

Magda mostrou os três dentes.

— Por acaso está vendo o vampiro seguir alguma regra? Ele está matando bruxas. — Ela apontou para o cadáver seco de Audrey. — Já são cinco mortes. Quanto tempo quer que esperemos até que mais de nós sejam mortas? E eu não sou a única aqui que quer ver a cabeça dele em uma bandeja.

Com isso, todos os outros bruxos murmuraram seu consenso, todos menos Tran e Darius. Interessante.

Assim que os membros se aquietaram, o rosto cheio de cicatrizes de Darius se virou para mim.

— Samantha, a corte gostaria que você encontrasse esse vampiro...

— Faça ele desaparecer, Samantha — ladrou Magda com olhos ferozes e determinados. Eu estava começando a gostar dela.

Nada como empurrar corpos de vampiros para debaixo do tapete.

— Sem problemas.

A postura de Darius mudou para uma de nervosismo.

— A corte apreciaria seu silêncio sobre este assunto. — Ele olhou para Poe, e um vislumbre de medo deslizou atrás de seus olhos antes que o homem o dominasse. — Gostaria da sua palavra de que seu familiar não vai espalhar histórias. Todos sabemos que os corvos gostam de contos.

— Não enche, velho idiota — murmurou o pássaro.

— Eu prometo — falei em voz alta, na esperança de abafar o comentário da ave. — Ele consegue ficar de boca fechada.

— Não, não consigo — Poe retrucou.

— Cala a boca, Poe — adverti.

— Então é isso? — exclamou Tran. — Vocês vão simplesmente dar o trabalho a ela? — gritou, agitando as bruxas em um murmúrio.

Chega, eu já tinha suportado o suficiente das merdas dele.

— Não seja tão infantil. — Olhei para Tran com raiva. — Se você tem algum problema comigo, seja homem e diga qual é — rosnei, fazendo Poe rir.

O sorriso que Tran me deu era selvagem.

— Problema? — Seu sorriso se alargou. — Sim. Na verdade, eu tenho *sim* um problema. Não confio em você. Você é uma excluída. Não tem amigos na comunidade. Ninguém gosta de você.

Pressionei minhas mãos nos quadris.

— Eu gosto de mim.

— Eu também — respondeu meu familiar.

A mandíbula de Tran se contraiu.

— Bruxas como você não são confiáveis — acrescentou ele e seus olhos escuros brilharam com beligerância.

— Você quer dizer as atraentes? — Dei um passo desafiador em direção ao palco.

Que cara-de-pau! Eu não conseguia ver seus dedos. Se ele estava iniciando uma maldição sombria, eu iria enfeitiçá-lo.

— Tran, já chega — ordenou Darius com uma pitada de frustração em sua voz. Suas mãos nodosas estavam fechadas em punhos. — Já discutimos isso. O assunto está encerrado.

O jovem bruxo olhou para o mais velho.

— Não está.

Como ele tinha conseguido um assento na Corte das Bruxas Sombrias? Fiquei com as pernas afastadas e acessei a energia dos meus anéis. Apenas por precaução.

— Diga logo, então, bruxinho. O que o deixou todo nervoso? — Dei um sorriso brilhante para Tran. — É por que você gosta de mim? Não é sua culpa. Eu sou irresistível.

Com isso, Tran soltou uma risada longa e maldosa. Depois outra.

Droga. Nunca pensei que eu fosse *tão* feia.

Uma luz selvagem iluminou os olhos dele e seu queixo se ergueu.

— Você não sabe nada.

— Bem, então — falei com um suspiro —, eu tenho tempo. Diga-me o que não sei.

Com um som de madeira deslizando, o jovem bruxo pulou de sua cadeira e sua expressão tornou-se quase provocadora.

— Você só foi contratada por pena.

Fiquei paralisada.

— Como é que é?

Ele soltou uma gargalhada áspera.

— Você mal tem habilidades. Eu nem a chamaria de bruxa. É mais como uma humana fazendo papel de bruxa.

— Tenho muitas habilidades. — *Seu desgraçado.* — Quer vê-las?

— Por favor — exclamou Tran com o rosto um pouco mais escuro. — Sua mãe está morta e seu pai a abandonou. Você só conseguiu o emprego porque os membros daqui sentem pena de você.

Meus lábios se separaram e um rubor subiu do meu pescoço para o meu rosto. Doeu. Todos os lugares doíam. Eu sentia como se Tran tivesse me atingido com uma maldição sombria. Será que era verdade? Fora essa a única razão pela qual a Corte das Bruxas Sombrias havia me contratado? Por sentirem pena de mim?

Encontrei os olhos de Oscar e, por um momento, vi pena neles antes que o homem assumisse o controle de suas emoções. Um segundo depois, ela desapareceu. Mas eu a tinha visto. Era tudo verdade.

Fiquei parada, sentindo-me uma idiota, a maior idiota do mundo, o motivo de uma piada universal. Eu, Samantha Beaumont, a grande tola. Meu emprego tinha sido só uma oferta piedosa. Todos aqueles anos trabalhando para a Corte das Bruxas Sombrias haviam perdido o sentido. Eles só sentiam pena de mim, nada mais. Raiva e frustração me preencheram. Fechei meus dedos em punhos para evitar que eles tremessem.

— Não acredite nele, Sam — disse Poe. A raiva em sua voz fez a minha aumentar dez vezes. — Ele é um mentiroso.

Cerrei os dentes, incapaz de responder. Não porque eu temesse irromper em uma torrente de lágrimas, mas por causa da raiva que fervia dentro de mim. Eu poderia fazer algo idiota. Muito idiota.

Tran me observou com uma expressão azeda.

— Sem ofensa — o sujeito concluiu.

Mostrei meus dentes.

— Não estou ofendida. — A raiva aumentou em mim. Respirei fundo e olhei para Darius. — Isso é tudo?

O bruxo idoso me observou por um momento com seus olhos apertados e sua expressão cansada.

— Sim, é. — Seus lábios se moveram em antecipação ao que estava prestes a dizer. — Enviaremos um pombo para monitorar seu progresso. A Corte das Bruxas Sombrias agradece seu serviço...

Eu me virei, sentindo Poe se agarrar em meu ombro para se equilibrar, e caminhei de volta pelo corredor. As últimas palavras de Darius não passaram de um sussurro confuso atrás de mim. Enquanto caminhava, escutei alguns suspiros de indignação das bruxas sobre o pulsar alto do sangue em meus ouvidos. Eu não me importava com o quão rude estava sendo. Não me importava com nenhum deles. Eu só queria dar o fora daqui.

Meus olhos ardiavam, mas eu nunca deixaria uma lágrima cair. Não na presença desta corte de bruxas.

Poe ficou em silêncio no meu ombro. Ele sabia que não devia tentar falar comigo quando eu estava assim. Pássaro inteligente.

Meu corpo estava rígido de emoções enquanto eu fumegava. Sentia-me mais do que humilhada. Eu não era um fracasso ou uma bruxa incompetente, de jeito nenhum. Tá, eu precisava de um pequeno empurrão mágico com meus sigilos, mas e daí? Não é como se outras bruxas não prestassem seu poder ou direcionassem sua energia para objetos mágicos também. O que me diferenciava era que eu não tomava a magia de demônios. Em vez disso, eu os usava com qualquer habilidade que dominassem.

Além disso, eu tinha outro dom; o que mantive em segredo por toda a minha vida. Descobri-o acidentalmente, quando tinha oito anos. Eu havia tocado meu pai, acessado seu poder mágico interior e o pegado para mim. Então, ele tentara me matar.

Se a corte descobrisse meu segredo, que eu tinha a habilidade de roubar magia e usá-la como minha com um simples toque, eles me matariam.

Eu tinha duas escolhas: deixá-los pensar que eu era fraca ou morrer.

E eu odiava as duas.

Minha mente parecia um turbilhão de sensações. Nem percebi o caminho que fiz até a porta da frente. Com a mão trêmula, eu a abri e corri para a rua.

Só naquele momento as lágrimas caíram.

Quando saí do teatro e parei no *pub* de bruxas mais próximo para tomar duas taças de vinho e clarear a cabeça, já eram quase cinco da manhã. Eu estava surpreendentemente desperta, cheia de adrenalina e emoções. Pensar em comer uma grande pizza de calabresa, em ficar enrolada no sofá com um cobertor macio e em assistir a um lançamento da Netflix fez minhas pernas acelerarem enquanto eu caminhava pelas ruas de *Mystic Quarter* e me dirigia para *Witches Row*, meu bairro.

A noite estava quente e úmida, cheirando à chuva. Eu quase podia sentir a umidade nas nuvens e a carga elétrica dos relâmpagos esperando e decidindo qual ponto atingir. O céu estava completamente encoberto, motivo pelo qual tive que confiar nos postes esporádicos do bairro para me ajudar a enxergar. Pneus zumbiam no asfalto e as luzes dos carros se moviam na rua à minha frente.

Minha mandíbula doía. Eu a abri quando percebi que estava rangendo os dentes. Maldita Corte das Bruxas Sombrias. Quero que todos vão para o Submundo. Minha pressão subiu, deixando-me tonta. Eles que se fodam. Já estive em situações piores do que essa. Inferno, eu tinha passado por muitas coisas ruins. E minha experiência me ensinara que não importa o quão desagradável as coisas fossem, elas sempre poderiam piorar.

As emoções que emergiram com a reunião da Corte das Bruxas Sombrias ameaçavam vir à superfície, mas eu as empurrei de volta para o fundo. Não ia ter um colapso só porque algumas bruxas me achavam fraca e frágil. Haveria tempo para pensar em tudo isso amanhã — especificamente,

em quantos feitiços e maldições das trevas eu poderia usar em Tran. Eu já tinha alguns dos meus favoritos em mente. Tinha descoberto a Castração Casual e o Impotente para Sempre três meses antes, na coleção de grimórios sombrios da minha tia. Sim, minha tia tinha uma incrível coleção de feitiços sombrios. Eu amava.

Agora, porém, eu tinha um encontro com qualquer delícia que estivesse na Netflix. Falando em delícias... Os lábios de Logan surgiram na minha mente e meu pulso se acelerou. Não pude evitar. O nascido-anjo fazia isso comigo.

Meu estômago se revirou — remexeu de verdade, como se borboletas e mariposas estivessem brigando lá dentro — com o pensamento de seus lábios macios e quentes nos meus. Tinha sido apenas um beijo sem sentimentos reais por trás, exceto meu próprio prazer egoísta e meus hormônios incontroláveis. E, ainda assim, eu tinha visto desejo em seus olhos; um desejo que combinava com o meu. Ele queria algo de mim naquele momento. Contudo, o beijo não passou de um momento, de uma felicidade instantânea, e durou apenas alguns segundos. Ainda assim, foram alguns segundos ótimos. Imaginei como ele seria nu...

— Você está bem? — veio a voz de Poe de repente, tirando-me dos meus pensamentos sobre o belo corpo imaginário de Logan.

Parei e olhei para os dois lados da rua.

— Estou bem.

O vento estava quente e soprando contra minhas costas enquanto o bombear do meu sangue soava em meus ouvidos. Levantando a cabeça, atravessei a estrada e pisei na calçada rachada.

— Não, não está. — O corvo se mexeu no meu ombro, batendo as asas para se equilibrar. — Senti sua frequência cardíaca aumentar. Seu coração fica assim quando seus sentimentos saem do controle.

*E quando estou pensando na bunda gostosa de Logan.*

— Você não pode deixar esse grupo de bruxos a derrubarem, Sam — disse o pássaro, esfregando a cabeça na minha orelha. — Deixe-os pensar o que quiserem. Contanto que você seja paga por isso, quem se importa. Certo?

— Eu me importo — falei, escutando minhas botas tamborilarem na calçada. — Talvez eu seja orgulhosa demais. Entretanto, eu não gosto que ninguém, especialmente bruxas, pensem que sou fraca. Você o ouviu. Eles

só me deram o emprego porque acham que sou uma idiota inútil. Não posso viver com isso. Eu tenho meu ego, sabe?

— Eu sei — concordou o pássaro. Senti seu hálito quente em meu pescoço. — Então, o que vai fazer? Pedir demissão?

— Sim — respondi, surpreendendo-me com a rapidez com que tomei essa decisão e como parecia a coisa certa. — É exatamente isso que vou fazer. Eles podem ir para o inferno.

Eu sabia que era a coisa certa. Depois do que fizeram, a corte provavelmente esperava por isso. Eu não podia trabalhar para pessoas que não me respeitavam. Como alguém poderia?

— E o vampiro? — insistiu Poe, com uma pitada de preocupação em seu tom. — Você disse que ia investigar.

Um aviso fraco se agitou no fundo dos meus pensamentos.

— Eu sei que disse. Eu estava lá.

O pássaro riu.

— Você mentiu para sua própria corte? Estou impressionado.

— Não fique. Eu não menti — comentei, olhando de soslaio para o corvo. — Ainda vou encontrar o vampiro. Ele... porque tenho uma sensação de que é *ele*... está matando bruxas. Não posso simplesmente deixar isso passar. Mesmo que eu despreze todos os bruxos daquela corte.

— Até Oscar?

Minha respiração me escapou em um suspiro.

— Sim. Até Oscar — afirmei, torcendo meu anel de sigilo no meu dedo indicador esquerdo com meus olhos focados na calçada. — O bruxo começou isso. Foi ele que me enganou, fazendo-me acreditar que a corte precisava de mim. O sujeito ficava falando sobre como eu estava ajudando a manter nossa comunidade mais segura e blá blá blá.

— Mas você estava de certa forma — informou o corvo. — Mesmo que não vejam.

— Não importa mais. — Balancei a cabeça, sentindo minha tensão crescendo. — Estou fazendo este último trabalho para mim. Não pela corte. Depois disso... acabou.

O pássaro ficou em silêncio.

— O que vamos fazer para ganhar dinheiro? Você sabe que não consigo viver sem minhas sementes de girassol.

Meu estômago se apertou de preocupação, mas eu a empurrei para longe. As contas de serviços públicos eram uma quantia enorme de

dinheiro. Metade do meu salário, na verdade.

— Vou pensar em alguma coisa. Talvez eu abra uma loja como minha tia.

Poe soltou um som de desaprovação.

— Isso nunca vai funcionar — disse o pássaro.

Soltei um suspiro frustrado.

— Por que não?

— Você já olhou ao redor ultimamente? Há pelo menos uma *dúzia* de lojas de bruxas só em *Mystic Quarter*. São lojas demais.

— Eu serei a número treze da sorte.

*Péssima piada, Samantha.*

— Detesto cortar seu barato, mas custa dinheiro abrir um negócio. Você tem economias? Não. Não tem. Então, quem vai lhe emprestar dinheiro? Um banco humano quando você nem tem carteira de trabalho? Não vai acontecer.

Certo. Eu não tinha pensado nisso.

— Vou dar um jeito. Sempre dou um jeito. — O que era verdade. Eu sempre me livrava de situações complicadas. — Talvez eu possa trabalhar para os nascidos-anjos. Ouvi dizer que, às vezes, contratam bruxas. E pagam bem. Eles estão sobrecarregados.

— Claro — grasnou o pássaro. — Você ia adorar, não ia? Estar tão perto de Logan. Admite. Você tem o maior tesão por ele.

— Não é esse o motivo. — Maldita ave. — E eu não tenho o maior tesão por ele. Mal o conheço.

— Aham — disse Poe com um sorriso na voz. — Vai dizendo isso até convencer a si mesma, bruxa. Eu vi o jeito que vocês dois se beijaram. Você queria pular em cima dele. Admite.

— Não me provoca, passarinho — avisei. Minhas botas batiam na calçada enquanto diminuía o ritmo. — Não estou de bom humor. Posso fazer alguma *loucura* — acrescentei com os olhos arregalados.

Poe riu.

— Você vai contar ao seu avô?

— Não sei.

Eu estava bastante envergonhada. Nem queria ver a expressão em seu rosto quando contasse que a Corte das Bruxas Sombrias tinha contratado a neta dele apenas porque estavam com pena dela.

— Acho que deveria contar — o corvo disse levemente. — Acho que ele merece saber, caso comece a faltar comida.

Certo. Eu era a principal responsável pelo sustento da família.

— Vai ficar tudo bem, Poe. Pare de se preocupar.

Cerrei os punhos enquanto caminhava, sentindo uma determinação feroz me enchendo como uma injeção de adrenalina. Eu ia conseguir. Sabia que sim. Encontraria o maldito vampiro, o venceria, e então, faria planos para cuidar da minha família.

Eu estava no controle da minha vida. Eu era forte. Nada poderia me parar.

Naquele momento, algo nas sombras saltou sobre mim.

**T**udo aconteceu de uma vez só. Um som sibilante ressoou, um baque foi ouvido, o cheiro de podridão me atingiu, em seguida, fui arremessada contra a calçada. Um instante depois, o som das asas de Poe me informou que ele tinha conseguido voar antes que eu atingisse o chão.

Não mais do que três segundos se passaram antes que eu rolasse no asfalto frio e me colocasse de pé para enfrentar meu atacante. Um feitiço se formava em meus lábios enquanto eu acessava o poder dos meus anéis de sigilo. Senti um sussurro suave e um reverberar de energia quando o poder dos anéis respondeu.

Eu estava pronta.

Uma escuridão se espalhou ao meu redor, ficando mais espessa ao passo que se transformava em uma névoa densa e negra. Ela se moveu como uma rajada de vento até que eu mal pude ver alguns metros ao meu redor. Além da névoa, havia uma imprecisão obscura que bloqueava toda a luminosidade. Nem mesmo a luz amarela suave dos postes ou dos prédios vizinhos conseguia atravessá-la. A névoa negra começou a se aproximar. Eu precisei fazer um esforço enorme para não entrar em pânico e fugir enquanto o ar ficava mais frio.

*Ele voltou.*

— Vamos, seu vampiro desgraçado! — rosnei, preparando meu feitiço.  
— Apareça!

Eu não ia deixar esse sanguessuga me secar até eu parecer uma múmia de mil anos. Ia chutar a bunda dele.

O ruído macio de sapatos na calçada foi meu único aviso.

Então, da escuridão, saíram três homens.

Não, não eram homens. Pelo cheiro de podridão que emanava deles, estavam mais para demônios humanoides. Eles estavam todos vestidos com os mesmos ternos cinza de aparência cara, como se tivessem acabado de sair de um escritório de advocacia de alto nível.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Certo, *não* são vampiros.

Merda. De onde o trio tinha vindo?

Com o coração pulando, lutei para ignorar meu pânico repentino e me concentrei nos demônios. Toda bruxa esperta sabia que para *derrotar* seus inimigos, era preciso conhecê-los. Essa era a primeira regra no Clube das Bruxas. Tá, não era. Eu que inventei.

Absorvi todos os detalhes. Eles tinham ombros largos, a mesma altura — talvez um metro e oitenta — e a mesma constituição física. Seus corpos pareciam esguios e ágeis sob seus ternos caros. Os mesmos cabelos brancos e curtos cobriam suas cabeças. Seus rostos eram magros e estranhamente idênticos, como se fossem clones. À primeira vista, pareciam humanos, mas a pele azul-acinzentada e a tênue névoa negra que emanava deles eram, sem dúvida, demoníacas. Olhos negros como a noite me encararam com tanto ódio e promessa de dor que os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Ah. Merda. Eu sabia o que os recém-chegados eram: demônios maiores.

Embora eu nunca tivesse enfrentado um antes, sabia que apenas uma raça demoníaca desfilava por aí como clones, como se fossem sócias, porque, bem, de alguma forma doentia e demoníaca, eles achavam isso legal.

Demônios maiores eram uma raça humanoide do Submundo. Eles eram tenentes demoníacos, líderes de tropas e de alto escalão no exército demoníaco. Eles também eram poderosos e tinham autoridade sobre demônios inferiores como *ghouls* e diabretes.

Eu também sabia que a raça tinha força sobrenatural, velocidade e resistência aprimorada. Adicionando isso ao fato de que eles eram altamente inteligentes, parecia uma combinação extremamente perigosa. Merda dupla.

Meu estômago se apertou. Eu devia ter ficado em casa.

— Se eu soubesse que era uma festa à fantasia — falei, feliz por minha voz estar equilibrada. — Teria trazido minha vassoura e meu chapéu

pontudo.

Demônios maiores geralmente estavam atrás de almas de anjos. Eles meio que sentiam sede de essência de anjo da mesma forma que vampiros tinham sede de sangue. Então, por que aqueles três estavam olhando para mim com o mesmo tipo de fome em seus olhos? Eu não sou nenhum anjo.

Um dos demônios maiores se libertou de seus irmãos e deu um passo à frente.

— É *sim* uma festa — disse. Sua voz soava perturbadoramente humana. Um sorriso maligno brilhou em seu rosto. — Uma festa para sua alma de bruxa. A celebração da sua morte.

Imaginei que ele diria isso. Olhei para o céu, vendo apenas sombras negras e névoa. Então, gritei:

— Poe! Você está bem?

Droga. Onde estava aquele pássaro?

— Bem aqui — respondeu Poe, fazendo-me pular. Sua voz estava a poucos metros atrás de mim, embora eu não pudesse vê-lo. — Sam, não gosto nem um pouco disso — disse o corvo em meio à escuridão.

— Somos dois — respondi, apertando os olhos pela névoa escura enquanto tentava encontrar sua forma.

— Ah, Sam? Não estou muito bem — acrescentou, com a voz baixa e cansada, como se estivesse prestes a desmaiar.

Eu congelei, alarmada.

— O que você quer dizer com isso?

Tentei procurar o corvo enquanto mantinha meu foco nos demônios maiores, caso eles fizessem algo estúpido, como me atacar.

— Tem algo na névoa negra — ouvi o pássaro dizer. — Está me deixando... tonto.

Senti meu rosto empalidecer.

— Poe? Poe! Responde.

Tudo o que eu conseguia escutar era o sangue pulsando em meus ouvidos. *Ai meu Deus, Poe!*

Eu olhei para os demônios.

— O que vocês fizeram com ele, seus desgraçados?!

Juntos, os demônios maiores riram, soando como um bando de hienas. A minha raiva disparou.

— Sam, — o corvo falou em um sussurro — acho que vou tirar uma soneca.

— Poe! — Dei um passo para trás em direção à sua voz. — Poe, onde você está?

Eu corri para trás, esforçando-me para ver através da névoa e tentando não pisar no meu familiar. A última coisa que eu precisava era matar meu corvo esmagado.

Ele ia morrer? Um medo cortante me atingiu profundamente.

A risada baixa e zombeteira do demônio maior cresceu em profundidade, mas, depois, desapareceu com um som amargo.

— Não se preocupe — ele ronronou. — Ou ele vai acordar daqui uma hora exatamente como estava, ou vai morrer.

*Mantenha o controle, Sam.*

— Você fez isso de propósito. Por quê? Que diabos você quer?

O medo deslizou através de mim, mas eu o afastei. O ódio quase emanava dos meus poros enquanto eu fitava os demônios. Se eles tivessem matado Poe, eu ia retribuir o favor.

— Vocês, demônios maiores, estão muito longe de casa — falei para a entidade mais próxima.

Ele sorriu. Seus dentes acinzentados combinavam com sua pele.

— Estamos aqui para recolher sua alma, bruxinha.

— Você já disse isso.

Alcançando meus anéis com minha consciência, acessei sua magia, preparando o poder que eu usaria se eles se movessem mais um centímetro. Meus ombros enrijeceram. Eram três contra um. Com chances assim e com um tipo diferente de oponente, eu não teria pensado duas vezes. Entretanto, com três demônios maiores, as coisas ficavam muito mais complicadas. Eu sabia que se lançasse um feitiço no primeiro, antes de pensar em conjurar outro, já estaria morta.

Eu estava tão ferrada. Por que essas situações sempre aconteciam comigo?

— Aliás, Vorkol mandou dizer oi — disse o demônio maior mais próximo, com uma risadinha na voz. Ele estava tão perto agora que só teria que dar um pulo para estar em cima de mim.

*Vorkol?*

— Nunca ouvi falar do sujeito. Ele é um fracassado como você?

Com isso, os outros dois riram, e um calafrio percorreu minha espinha. Porra, eles eram sinistros.

O demônio maior me mostrou seus dentes.

— Faz muito tempo que não saboreio a alma de uma bruxa. — Ele ergueu o queixo e cheirou o ar, como se estivesse tentando sentir meu aroma. — Não tão doce como a de um nascido-anjo — comentou, com os olhos negros fixos em mim, — mas vamos abrir uma exceção esta noite.

— Estamos aqui a negócios — disse a entidade à direita dele.

— Nada pessoal — acrescentou o demônio maior à esquerda. Seu corpo rígido estava preparado em uma postura de antecipação.

Então, os desgraçados queriam minha alma, é? Sem chance.

— Deliciosa demais para deixar passar — entoou a entidade mais próxima. Com um movimento de seu pulso, uma adaga escura escorregou para sua mão. Névoa negra emanava da haste. A lâmina parecia afiada como um bisturi.

Estremeci ao ver mais duas lâminas aparecendo nas mãos dos outros dois demônios maiores. Lâminas da morte. Um tipo de arma que se acreditava ser forjada nos Desertos Sombrios do Submundo. Contudo, não foi isso que fez a bile subir até a minha garganta. Foi o fato de que seu poder demoníaco derivava das almas que as lâminas destruíam. Era isso o que a névoa negra era: os restos das almas das vítimas anteriores. As armas também eram venenosas para os anjos.

Só que, mais uma vez, eu não era um anjo. Infelizmente, o trio não parecia se importar com isso.

Se eles pensavam que eu ficaria aqui parada esperando que me matassem, eram ainda mais burros do que bizarros.

O demônio maior do meio trouxe sua lâmina para perto do seu rosto. Sua língua cinza passou ao longo dela de uma forma sugestiva, lambendo-a lentamente ao passo que mantinha seus olhos negros em mim o tempo todo. Repugnante.

Um calafrio percorreu minhas costas.

— Eca. Diz aí, por que foi que você fez isso? Acha que essa sua demonstraçãozinha vai me excitar? Seu demônio doente e bizarro.

— Talvez — entoou. — Talvez vamos nos divertir um pouco com você antes de matá-la.

Ele me deu outro sorriso malicioso que me deixou no limite e fez minha cabeça gritar “corra!”.

— Faz tempo que não sinto o gosto da carne de uma mulher — a entidade zombou. — Os prazeres dos humanos também podem ser os prazeres dos demônios.

Senti vontade de vomitar.

— Vocês nunca vão tocar em mim — rosnei, sentindo meu sangue pulsar de raiva.

O demônio maior apenas sorriu, mostrando uma faixa de dentes.

— Vamos sim, bruxinha. — Ele correu os olhos lentamente pelo meu corpo, dos seios até a virilha.

— Nunca — eu disse com um tom decisivo na minha voz.

— Veremos — respondeu o mesmo demônio maior.

A tensão me puxou para cima. Ao ouvir o prazer em sua voz, senti um rosnado escapar de mim.

Prefiro morrer do que ser estuprada por uma gangue de demônios maiores. Nada jamais me tocaria sem minha permissão.

Naquele momento, algo dentro de mim estalou.

O calor lento da fúria criou raízes.

— Estou tendo um dia muito ruim — comecei, sentindo todas as emoções da reunião da corte retornando. — Então, se não quiserem que eu chute seus traseiros horrorosos de estupradores, é melhor se afastarem de mim, porque essa noite estou sentindo que vou perder o *controle*.

O demônio do meio riu e seus olhos assumiram um brilho satisfeito.

— Vamos brincar, bruxinha.

Então, eles começaram a brincadeira.

**E**u já mencionei que demônios maiores têm velocidade sobrenatural? Em um borrão de movimento, o trio atacou, suas lâminas da morte ressoando no ar como uma canção de morte, de destruição e de sangue.

Felizmente, eu estava pronta para eles.

— *Feurantis!* — gritei.

Energia correu para minha mão, e eu lancei uma bola de fogo no demônio maior mais próximo. A bola explodiu em seu peito em uma explosão de chamas, que, por um instante, tornou a névoa negra tão luminosa como se eu estivesse sob o sol da tarde.

Eu não esperei para ver se meu feitiço funcionaria nele. O desgraçado tinha dois irmãos e eles estavam vindo para cima de mim.

Levantei minha mão direita, vendo meu anel de sigilo brilhar com energia.

— *Dis caeli!* — gritei, acenando com os braços enquanto a magia fluía através de mim.

Uma explosão de energia cinética poderosa atingiu os dois demônios maiores, jogando-os para trás através da névoa enegrecida. Seus corpos caíram no chão com um baque satisfatório.

— *Rá!* — gritei, sentindo uma explosão de orgulho pela minha própria habilidade. E Tran disse que eu nem era uma bruxa de verdade. — Pega essa. Quer um pouco mais, hein? Seu filho da...

Com um estalo, o fogo no primeiro demônio maior se apagou. Seus ombros balançaram para cima e para baixo enquanto a criatura ria. Ele

olhou para mim. Seus olhos de ébano brilhavam com diversão.

Droga. Não havia um arranhão nele. Nem mesmo uma marca de queimadura em seu terno. Ou eles tinham alfaiates muito loucos no Submundo, ou o demônio era imune à minha magia.

Dei um sorriso nervoso.

— Não pode me culpar por tentar — falei, dando um passo para trás.

Ele bateu sua mão livre nos braços de sua jaqueta, como se estivesse se livrando da poeira.

— Não. Assim como você também não pode culpar um demônio por matar uma mortal. Está na nossa natureza.

O som de sapatos arranhando o asfalto me alcançou. Seus irmãos apareceram através da parede de névoa negra. Droga.

O demônio maior mostrou os dentes em um sorriso maligno antes de se abaixar em uma posição de ataque.

Dei outro passo para trás. Eu não era burra. Vasculhando minha mente, procurei por um feitiço ou maldição sombria que realmente funcionasse em um demônio maior. As opções eram poucas. Foquei minha energia em meus anéis, concentrando-me, e senti um puxão suave dentro de mim.

Um punho veio do nada e me acertou na lateral da cabeça. O soco me jogou com força para a esquerda. Se eu não tivesse plantado minhas pernas no último minuto, teria caído no chão. E, então, estaria acabada.

Minha concentração desapareceu. Eu tropecei e me virei, piscando para me livrar das manchas pretas e brancas na minha visão. Deus. Isso. Doeu.

— Bruxinha amadora — rosnou o demônio. — Terá que fazer melhor do que isso se quiser nos derrotar com seus truques de bruxa. Pense em um truque maior.

— Tudo bem, então. — Pisquei, sentindo minha cabeça latejar de dor, e gritei — *Sphaeras!*

Um escudo em forma de esfera de energia dourada se ergueu da calçada e se fechou bem acima da minha cabeça.

— Pronto — uivei. — *Maior.*

Tudo bem, não era uma esfera de fogo ou alguma magia negra demoníaca, mas eu precisava pensar. Precisava de tempo para descobrir como sair dessa bagunça. E viva.

Meu escudo não duraria para sempre, contudo, eu tinha que me proteger para me *salvar*.

*Pensa, Sam. Pensa!*

Se não pudesse derrotá-los sozinha, teria que encontrar alguém ou algo que pudesse. E eu tinha o demônio certo em mente; um capaz de chutar o traseiro de alguns demônios maiores.

Tirando o giz do bolso, joguei-me no chão duro e comecei a desenhar um círculo de invocação.

Em caso de dúvida, sempre invoque um dos setenta e dois demônios listados na *Ars Goetia*, um que você possa controlar. Ou um que tenha uma boca gigante, cheia de dentes afiados.

Através da energia dourada e brilhante, vi os dois outros demônios se juntarem ao irmão assim que terminei meu círculo. Os três ficaram de frente para minha esfera dourada, em uma posição confiante e astuta. Eu não gostei disso.

Sorri e acenei meus dedos para eles.

— Ah, eu tenho uma surpresa ótima para vocês.

Ri e comecei a desenhar o sigilo em forma de triângulo de invocação. Esses idiotas não tinham ideia de com quem estavam mexendo. Em seguida, escrevi o nome Falkor no centro. Falkor era um enorme demônio dragão de três cabeças. Era perfeito: três mandíbulas gigantes para caber a cabeça de cada demônio maior.

De jeito nenhum o trio conseguiria enfrentar um dragão de uma tonelada. E Falkor era uma gracinha. Ele era roxo com uma pelagem vermelha que se estendia das pontas de sua cabeça até o rabo. Ainda assim, não deixava de ser bravo, especialmente quando alguém pisava em sua cauda. Amo dragões.

Com o coração batendo forte, eu me levantei novamente enquanto canalizava a magia do círculo de invocação e do triângulo.

— Eu o conjuro, Falkor, demônio do Submundo...

Houve um estalo repentino e meu escudo de proteção caiu.

Ops.

Minha coragem despencou no momento em que observei o resto da minha energia dourada brilhar e desaparecer ao redor das bordas das três lâminas da morte apontadas para mim.

Fiquei paralisada, então, fiz uma careta.

— Seus desgraçados, vocês estouraram minha bolha.

Os demônios maiores sorriram, mostrando seus dentes cinzentos como os de cadáveres. Eles fizeram pequenos gestos estranhos com suas lâminas da morte, e fios negros misturados com luz dourada saltaram, em caminhos

espiralados, até seus braços. Era quase como se suas armas tivessem consumido minha esfera como consumiam almas.

Eu sabia que tinha segundos para reagir antes que eles me matassem, portanto, não parei de extrair a energia dos meus anéis, puxando-a para mim.

— Vou quebrar todos os ossos do seu corpo e depois vou arrancar sua carne de bruxa uma vez atrás da outra — disse o demônio superior do meio. Seu olhar saltou para o meu, o deleite iluminava seus olhos negros. — Nós vamos nos divertir, bruxa maldita.

Eu fervei.

— Me chame assim de novo, e receberá exatamente o que está pedindo. — Minha frustração deu um tom de raiva à minha voz.

Os demônios maiores se moveram.

Eu também.

Em um movimento suave, puxei a energia dos meus anéis e atirei.

— *Vento!* — gritei, e uma rajada poderosa de ar atingiu o trio, jogando-os para trás e me dando os preciosos segundos que eu precisava para me virar e correr.

Eu sabia que meus feitiços não iriam machucá-los, mas o que mais poderia fazer? Eu precisava de tempo! Infelizmente, eu não era conhecida por minhas grandes explosões de velocidade, nem por meu talento para ver no escuro, motivo pelo qual não fui muito longe antes de sentir dor.

A agonia explodiu de repente dentro de mim, e eu gritei. Parecia que meus pulmões estavam pegando fogo. Minha concentração se despedaçou e os fragmentos de feitiço que tirei dos meus anéis desapareceram. Meus joelhos cederam e eu bati na calçada ao lado do que parecia ser uma lata de lixo de metal.

A dor se concentrou na parte inferior das minhas costas. Instintivamente, estendi a mão, meus dedos encontrando umidade sob minha camiseta. Eles tinham me esfaqueado com uma de suas lâminas da morte. O corte era o suficiente para causar extrema miséria física por conta do veneno, mas não o bastante para me matar. Com os dentes cerrados, levantei a cabeça, vendo os demônios maiores em pé acima de mim. A névoa negra se movia ao redor deles como capas pretas.

Excelente. Isso era tudo que eu precisava, *super* demônios maiores.

Agarrei as laterais da lixeira e me levantei, tentando não vomitar por conta do fedor de lixo que assaltava meu nariz.

— Sabe... — comentei, lutando para ficar de pé e interpretando o fato de eles não me atacarem como um sinal de que eu poderia me levantar. — Três contra um — ofeguei, tentando esconder o fato de que sentia como se minha coluna estivesse derretendo — não é exatamente justo.

— Somos demônios maiores — retrucou um dos clones de pele cinza. — Não ligamos para *justiça*. Fazemos o que queremos.

— Comigo não vai rolar — falei quando outra onda de dor me atingiu. — Vocês todos vão morrer. — Bloqueando o máximo de dor que pude, puxei a energia dos meus anéis.

Em uníssono, o trio riu. O som era tão desagradável como se estivessem arranhando as unhas em um quadro-negro. Eu odiava isso.

— Que bonitinho que acha que pode nos vencer — disse um deles, aproximando-se e fazendo com que o fedor de enxofre enchesse meu nariz e se misturasse com o fedor de lixo velho. Ele esculpiu o ar com sua lâmina da morte antes de falar — Você deveria ficar feliz de saber que não vai morrer sozinha.

Os demônios maiores ficaram turvos e vieram para cima de mim com pressa, mas eu já estava esperando. Como sabia que minha magia não funcionaria com eles, fiz a única outra coisa que pude. Enfiei a mão na lixeira, peguei punhados de lixo, tentando não vomitar com a substância fria e mole entre meus dedos, e atirei neles.

Funcionou como um encanto.

Os três congelaram com desgosto estampado em seus rostos enquanto gritavam algo incoerente e bestial. Eles tentaram se livrar dos pedaços de carne podre e frutas misturadas com uma gosma marrom e verde. Seus gritos se perderam na tentativa de se limparem. O trio começou a arrancar suas roupas e seus rostos em um frenesi.

Foi a coisa mais estranha que eu já vi. Os grandes e poderosos demônios maiores tinham uma fraqueza. E essa fraqueza era a limpeza. Vai entender.

Quanto a mim? Bem, tomei a oportunidade como minha deixa para dar o fora de lá.

Eu me virei e corri pela neblina preta em direção ao que esperava que fosse a rua. Só precisava chegar a um lugar seguro por enquanto. Voltaria para buscar Poe depois. Eu não teria serventia para ele se estivesse morta.

Minhas pernas, pesadas com a dor na lombar, queimavam a cada passo. Eu sabia que era o veneno. Se o corte fosse profundo, minhas pernas não

teriam se movido. Continuei até que pude ver uma brecha na neblina, um ponto onde a escuridão não era tão espessa, como se alguém tivesse acendido uma pequena luz. Siga sempre a luz. A sensação de liberdade empurrou minhas pernas com mais força. Eu ia conseguir.

Um punho veio do nada, atingindo a lateral da minha cabeça.

Eu fui jogada de lado. Meu quadril explodiu de dor quando bati no asfalto duro.

Bem, minha fuga não durou muito.

Com a cabeça latejando, senti uma presença acima de mim. Girando, rosnei e chutei o mais forte que pude, acertando o demônio mais alto nas canelas e o derrubando no chão. Assim que ele desmoronou, outro apareceu na minha linha de visão. Antes que eu pudesse me mover, a criatura me agarrou pela garganta e me levantou.

Minhas botas roçaram o chão no momento em que encarei seus olhos negros.

— Nada mal para uma bruxa — disse o demônio maior. Seu rosto estava manchado com o que parecia ser uma sopa de ervilha. Se eu pudesse sorrir, teria feito exatamente isso. — Esse foi um golpe de arte marcial ou algo assim?

Lutei para respirar.

— Sim, se chama “idiota”.

Ele apertou mais forte.

— Você não deveria ter nos sujado com seus dejetos humanos. Vai pagar por isso.

— E você não deveria ter tentado me matar — eu ofeguei.

Os outros dois demônios maiores apareceram ao seu lado, parecendo igualmente irritados e cobertos de chorume.

Eu acessei meus anéis, desejando que a magia viesse, mas ela não respondeu. Ou meu poder tinha sido gasto, ou o veneno da lâmina da morte estava me impedindo de alcançá-lo.

O demônio maior com a mão em volta do meu pescoço sorriu maliciosamente, vendo o medo em meus olhos.

Era isso? Era assim que eu ia morrer? Morta por alguns bandidos demoníacos em um beco escuro? Era clichê demais. Não havia nada de honroso em morrer dessa maneira. Especialmente para uma bruxa Beaumont. O que tia Evanora diria?

Se eu pudesse alcançar Poe...

— É assim que os adultos fazem, bruxinha — disse a entidade com satisfação enquanto me puxava para mais perto.

Apertei os lábios e cuspi em seu rosto.

O demônio perdeu o sorriso, e um rosnado o substituiu.

— Você está pedindo — ele grunhiu, usando a mão livre para limpar o rosto do meu cuspe branco e espumoso.

Eu o acertei em cheio. Ponto para mim.

— Poe? — ofeguei, rezando para que meu familiar ainda estivesse vivo em algum lugar naquela horrível névoa negra. — Poe! Preciso de ajuda!

Os demônios maiores riram, zombando e assobiando. Algo molhado e borbulhante saía deles. Quando se tratava de risadas bizarras, eles eram os campeões, sem dúvida.

O medo me percorreu como uma corrente de gelo, instalando-se dentro de mim. Eu ia morrer. E qual era a imagem que estava se passando diante dos meus olhos? Os lábios de Logan. Droga.

Uma lâmina com uma névoa negra e sombria em espiral apareceu no meu campo de visão.

— Vou arrancar esses seus lindos olhos — disse o demônio maior. — Depois, vou comê-los um por um enquanto você assiste até não poder mais ver. Todos os seus sentidos serão consumidos pela dor.

Terror deslizou para dentro de mim, e os olhos negros dele escureceram.

— Hora de dizer adeus, bruxinha — a entidade comentou em tom de advertência.

Sua lâmina roçou a pele do meu pescoço. Minha carne formigou quando o metal frio deslizou pelo meu queixo, traçando uma linha ao longo do meu pescoço. Senti o seu aperto se intensificar em antecipação à minha morte.

Eu lutei contra sua força e meu pânico. Então, um novo medo me atingiu. Eu não queria morrer. Não assim. Lágrimas brotaram em meus olhos.

*Que o caldeirão me salve...*

A lâmina espetou a pele do meu pescoço... E, então, recuou.

Com meus pulmões queimando pela falta de ar, pisquei através das minhas lágrimas. O demônio maior virou a cabeça em direção a algo que estava atrás dele.

Um brilho alaranjado atravessou a névoa negra. Mesmo com a minha visão limitada, pude sentir seus raios em minha pele, aquecendo meu rosto com sua presença.

A manhã se aproximava.

O trio sibilou para o sol — seu inimigo odioso, aquele capaz de destruí-los.

A pressão ao redor do meu pescoço foi liberada e eu caí como um saco de areia. Meus pés não fizeram nada para amortecer minha queda. Eu bati no chão com força, chocando o lado esquerdo do meu quadril contra o concreto.

Os demônios maiores gritaram e se agitaram como ratos assustados enquanto pulavam, procurando por sombras e tentando evitar a luz do sol. Seus olhos negros estavam arregalados em pânico. Era uma visão gloriosa.

Eu sabia que eles virariam torradas de demônio se ficassem mais um segundo ali. Não havia nada mais mortal para um demônio do que a luz solar. Era equivalente ao mito sobre os vampiros e o sol. A verdade, contudo, era que os vampiros *podiam* ficar ao sol por causa do sangue mortal em suas veias, enquanto os demônios maiores queimariam em cinzas, assim como um daqueles efeitos visuais caros de Hollywood.

Gritando em protesto, as criaturas se dispersaram diante da luminosidade. Eles correram pela rua e fugiram para os últimos traços remanescentes da névoa negra, de volta para o buraco de onde saíram.

Eu sorri.

— Boa viagem, desgraçados — ofeguei, esfregando o pescoço.

Com um último brilho, a névoa negra antinatural subiu e evaporou como orvalho no sol da manhã. Alguns segundos depois, restava apenas eu na rua.

E Poe.

*Poe!*

Levantei-me e cambaleei para o beco, sem realmente assimilar nada do que via, já que, momentos antes, tudo estivera coberto por névoa negra.

Um pequeno pacote preto do tamanho de um gato doméstico estava na calçada ao lado de uma das paredes de tijolos do prédio.

Corri e caí de joelhos. Um gemido me escapou devido ao corte na parte inferior das minhas costas. A pele dos meus dedos queimou no momento em que os raspei no asfalto, deslizando-os suavemente sob o corpo de Poe. Cuidadosamente, peguei o corvo com as mãos, esfregando o polegar nas penas de sua barriga.

— Poe? — Minha garganta se apertou, e eu engoli em seco, tentando não chorar.

*Por favor, não o meu Poe. Poe não.*

Seus olhos se abriram.

— O que eu perdi? — perguntou o corvo.

Ele se pôs de pé, sacudiu as penas e subiu no meu braço direito.

Suspirei de alívio.

— Graças ao caldeirão. — Corri meus olhos sobre o pássaro. — Não estou vendo nenhuma marca visível. O que eles fizeram com voc...

O tilintar de botas raspando atrás de mim chamou minha atenção.

O ar estava amargo, apesar da manhã clara e ensolarada. Ergui os olhos, vendo dois humanos caminhando rapidamente em minha direção. Eles usavam uniformes azuis, sapatos pretos e quepes. Policiais.

Reprimi a náusea. Parecia que o melhor lado de Nova York vinha ao meu encontro. Droga.

**N**ão há nada melhor do que terminar uma noite em que quase morri nas mãos de demônios maiores usando minhas habilidades de atuação e bancando a humana inocente para a polícia.

— Ah, merda — suspirei.

— Ah, a polícia — disse o pássaro.

Droga. Meu estômago se apertou um pouco, mas eu o ignorei. Quem sabe? Talvez eles não estivessem aqui por mim. Eu estava cansada, com dor, e só queria ir para casa. Com esforço, fiquei em pé e comecei a andar na direção oposta, esperando que os homens simplesmente me ignorassem. Afinal, eu não tinha feito nada. Isto é, nada que afetasse a população humana.

— Você aí. Parada! — disse um dos policiais.

Continuei andando com Poe se equilibrando em meu braço como um falcão de caça. Cada passo enviava uma onda de dor lancinante pela parte inferior das minhas costas.

— Eu disse *parada!*

Está bem então. Ele disse *parada*. Acho que isso significava que eu tinha que obedecer.

Meu humor azedou, fazendo com que sentisse que ia perder o controle. Maldita seja a polícia humana. Eu realmente não precisava tê-los se intrometendo nos meus assuntos. Tinha problemas suficientes acontecendo no meu próprio mundo paranormal, muito obrigada.

Resoluta, virei-me lentamente e levantei as mãos. Poe pulou no meu ombro, suas penas fazendo cócegas na lateral do meu rosto.

— Andar em um beco é crime hoje em dia? — perguntei, sorrindo da forma mais doce que consegui. O gesto provavelmente pareceu tão falso quanto era. Porém, era tudo que eu tinha.

O policial de barba olhou para o celular e, depois, de volta para mim. Seu rosto de quarenta e poucos anos estava franzido. Ele tinha uma mandíbula forte e seus olhos escuros brilhavam. Mesmo com o quepe, pude ver que seu cabelo estava cortado rente ao couro cabeludo, em um comprimento militar.

Apertei minha mandíbula, lutando contra os sinais de alarme que disparavam dentro de mim. Eu não estava gostando daquela situação. Ainda com as mãos para cima como uma idiota, meu olhar foi para o outro oficial. Ele parecia ter vinte e poucos anos, com um toque latino e um rosto simples e esquecível. Sua boca estava ligeiramente aberta. O homem tinha uma daquelas expressões interrogativas estampada em seu rosto, como se estivesse esperando que o outro cara lhe desse ordens, já que não tinha ideia do que fazer. Excelente. Um policial novato. Estava ficando cada vez melhor.

Vendo que eles não estavam apontando suas armas para mim, tomei isso como um sinal de que não iriam atirar e abaixei minhas mãos.

Engoli em seco. Até agora tudo bem.

— Por que não enfeitiça as bundas deles? — murmurou o pássaro. — Alguns feitiços de memória e já era.

— Não dá — sussurrei, sem tirar meus olhos do policial mais velho. O que ele estava procurando? — Os demônios me esfaquearam com uma de suas lâminas. Agora não consigo extrair nenhuma magia dos meus anéis.

Forcei uma expressão vazia em meu rosto, tentando evitar que minha preocupação aparecesse. Dois policiais no *Mystic Quarter*? Nada bom. Ainda mais perturbador era o interesse deles por mim.

O corvo se mexeu no meu ombro, e o policial mais jovem se encolheu. Sua mandíbula estava contraída enquanto tentava evitar que seu rosto mostrasse qualquer emoção. Amador. Mordi a língua com força para não rir. Era óbvio. O sujeito tinha pavor de Poe. Estava escrito na cara dele. Eu já tinha visto aquele olhar antes; o que dizia que se você olhasse para um corvo, seria amaldiçoado com algo irreversível, ou pior, se o corvo tocasse em você, bem, você cairia morto. Imediatamente.

Humanos. Vai entender. Eles eram como gatinhos assustados.

Os olhos do policial novato estavam grudados na ave.

— Você tem licença para esse animal? — perguntou o jovem policial.

— Quem ele está chamando de animal? — grasnou Poe, suas garras arranhando minha camisa e minha carne.

Estendendo a mão, acariciei o peito do corvo, tentando acalmá-lo antes que ele fizesse algo idiota, como arrancar os olhos do cara.

— Desde quando preciso de licença para ter um corvo? — perguntei. — Você precisa de licença para ter um peixinho dourado? — acrescentei, rindo.

Eles não riram.

— Senhora, de acordo com a lei federal, é ilegal manter gralhas como animais de estimação — disse o oficial novato com um tom de importância. Sua expressão passou de dissimulada para desagradável.

— Corvo — corriji.

Droga. Eu não fazia ideia, mas as leis humanas não se aplicavam a nós, bruxas e mestiços. A verdade é que Poe nem era um corvo *de verdade*. Ele era um demônio, então não contava.

— Ele não é um animal de estimação — corriji, ouvindo um *obrigado* baixinho vindo de Poe. — Ele é meu amigo. Ele vem e vai quando quer. Não está em uma gaiola, como você pode ver. Então, não há problema.

O jovem policial riu.

— Que tipo de aberração você é?

*O tipo que faria você mijar sangue por uma semana.*

Fiz uma careta, não me importando nem um pouco que ele pudesse ler o ódio em meu rosto e a aversão em meus olhos. Eu queria que ele visse como eu me sentia.

— Qual é o problema aqui? — perguntei, em vez de responder.

O rosto do jovem ficou sem expressão quando ele evitou meu olhar e fitou o seu parceiro, como se esperasse que o policial mais experiente assumisse. Sua postura dizia que ele era foda demais para se importar com o que eu pensava, no entanto, eu conseguia praticamente sentir o cheiro da incerteza que o homem se esforçava para esconder.

— Ele tem cheiro de novato — riu meu familiar, tirando as palavras da minha boca. Poe tinha que parar com isso. O pássaro se aproximou do meu ouvido e sussurrou — O que eles estão fazendo do nosso lado da cidade, afinal?

— Isso — murmurei baixinho, percebendo a carranca no rosto do novato ao me ver conversar com meu pássaro — é algo que eu adoraria

saber.

A Corte das Bruxas Sombrias ficava nos limites do *Mystic Quarter*, o que tornava mais fácil para policiais ou humanos vagarem em nossa comunidade sem se dar conta. Ainda assim, algo os tinha atraído. Olhei de volta para o novato, não notando nada que me ajudasse a entender por que eles estavam aqui.

O policial mais velho estava mexendo em seu telefone novamente.

— Você ainda não me contou o que eu fiz — falei, irritada. — Não podem sair por aí abordando pessoas decentes por nada. Estou apenas caminhando aqui.

Um sorriso malicioso e satisfeito apareceu no rosto do novato. Seus olhos se estreitaram enquanto pensava em sua resposta.

— Você me parece bastante suspeita. Parece que esteve em uma briga ou algo assim. Importa-se em me dizer o que aconteceu?

Com as mãos nos quadris, olhei para o jovem policial.

— Não aconteceu nada — retruquei, não apreciando a forma como seu sorriso se alargou. Babaca. — Estou a caminho de casa. Isso é tudo.

De sobrelhas erguidas, o novato perguntou categoricamente:

— Qual é o seu nome?

Pressionei meus lábios. Esta não era a primeira vez que eu era parada por policiais humanos e nem seria a última. Entretanto, eu sempre conseguia fugir antes de ter que dar meu nome a eles, geralmente com a ajuda de um pouco de magia. O problema era que, se soubessem minha identidade, descobririam quem eu era e onde morava. E isso seria ruim. Se investigadores humanos comesçassem a bisbilhotar em *Mystic Quarter*, nos nossos assuntos paranormais dos quais eles não faziam parte, seria um problema *muito* grande... para eles.

— Seu nome — repetiu o jovem policial, estreitando os olhos escuros. Os primeiros indícios de barba por fazer podiam ser vistos em seu queixo.

Foi minha vez de levantar as sobrelhas.

— O quê? Acha que só porque pediu com taaanta gentileza, vou dizer meu nome fácil assim?

Que idiota. Eu não devia nada a ele.

O policial barbudo ainda estava mexendo em seu telefone. O que estava acontecendo?

Olhei para os dois.

— Eu adoraria ficar e conversar, mas tenho um compromisso. — Com a minha cama. — Então, se vocês não vão me acusar de nada, porque eu obviamente não fiz nada, vou embora agora.

— Você não vai a lugar nenhum — respondeu o novato, movendo sua mão para a arma em seu quadril.

Eu franzi o rosto. Por que ele tinha que fazer isso?

— Então me diga do que se trata.

— Não.

— Que tal me dar uma dica?

— Não.

Fiz uma careta.

— “Não” é a única coisa que você sabe dizer? — acrescentei, observando o rosto dele ficar um tom mais escuro. As pontas de suas orelhas se avermelharam.

Policiais eram tão fáceis de provocar e assustar. Sob diferentes circunstâncias, eles seriam meus humanos favoritos, especialmente quando o assunto era me divertir às suas custas. Contudo, não nesta noite.

— Sam — avisou Poe —, se você os irritar, não vai dar certo. Basta se fazer de sonsa. A dissimulação sempre funciona.

Soltei o ar com força pelo nariz. Se ao menos minha magia estivesse funcionando, eu estaria a caminho de casa nesse exato momento, com dois policiais alheios saindo alegremente de *Mystic Quarter*.

Minha raiva se aprofundou quando me dei conta de que os demônios maiores tinham me esfaqueado de propósito. Eles sabiam que me cortar com suas lâminas da morte tornaria minha magia obsoleta. Eu odiava aqueles desgraçados. Além disso, sabia que voltariam. O trio fora enviado por esse tal de Vorkol com a intenção de me matar. Todavia, eu não ia deixar isso acontecer. Iria descobrir quem era Vorkol, e já sabia exatamente para qual demônio perguntar.

— É ela — disse o policial barbudo ao se aproximar.

Meu coração deu um pulso antes de acelerar, estimulado pelo meu pânico repentino.

Ele encarou o seu celular, em seguida, seu olhar se fixou em mim.

— Sim. É ela mesma.

— O que tem eu? — Estreitei os olhos, não gostando do tom triunfante em sua voz ou do reconhecimento que cruzou seu rosto. Era quase como se... quase como se ele me reconhecesse.

— O que está acontecendo, Sam? — a voz de Poe soou alta, chamando a atenção dos policiais.

Não me preocupei com isso. Para eles, a voz de Poe não passava de um grasnido comum de um corvo e não palavras de verdade. Era um saco ser humano.

— Não sei.

Esforcei-me para controlar minha respiração ao passo que minha mente vasculhava meus pensamentos à procura de um plano de fuga. Infelizmente, não tive sucesso.

As garras do corvo agarraram meu ombro com força, fazendo-me estremecer.

— Você precisa se movimentar. Corre, Sam!

A urgência em sua voz fez minha tensão aumentar.

— Não posso — falei, embora minha postura tivesse mudado inconscientemente. — Se eu correr, eles vão atirar em mim.

E eu duvidava seriamente que conseguiria dar mais de dois passos antes de ser derrubada pelo novato. Inferno, ele parecia o tipo que adoraria derrubar uma mulher.

— Coloque as algemas — disse o policial barbudo ao mais jovem.

Ah. Inferno. Não.

— Como é que é? — gritei. — Vocês não podem fazer isso. Não até que me digam que merda está acontecendo aqui!

O policial novato começou a avançar, mas depois parou. Ele olhou para seu parceiro.

— E o corvo?

Os olhos do barbudo se moveram para Poe.

— Mate-o se ele o bicar.

Um rosnado de ódio me escapou.

— Eu vou matar você primeiro se tocar em uma pena do meu pássaro.

Quando vi as rugas se aprofundarem no rosto do policial barbudo, percebi que essa tinha sido a coisa errada a se dizer. Bom. Tarde demais para retirar minha ameaça. Não que eu quisesse.

— Ouviu isso, Sérgio? — O mais velho enfiou o telefone no bolso. — Ela acabou de ameaçar a vida de um policial.

— E você acabou de ameaçar matar meu corvo, seu idiota.

Um som de desgosto escapou de mim. Por um segundo, eu realmente desejei que meus anéis mágicos funcionassem, mesmo que fosse apenas

para enfeitiçar os policiais. O feitiço da Castração Casual veio imediatamente à minha mente.

— Mãos atrás das costas. Agora — rosnou o novato, embora seus olhos permanecessem no meu familiar. — Estamos a acusando de agressão a um policial.

Desgraçados.

— Poe — sussurrei. — Você é meu telefonema. Encontre ajuda.

— Entendido.

O pássaro saltou do meu ombro e voou para o céu da manhã. Suas asas bateram com força e uma breve sensação de conforto me atingiu só por saber que meu familiar estava seguro.

Com os lábios franzidos, olhei para o agente.

— Conheço meus direitos, policial — rosnei, embora não fosse inteiramente verdade. — Eu... eu tenho direito a um advogado.

Não tinha?

— Você tem — respondeu o jovem policial com os músculos do maxilar se retesando ao dar um passo à frente. Algemas de metal estavam penduradas em sua mão direita, cintilando ao sol da manhã.

Minha pressão atingiu um novo pico. Dei um passo para trás. Não podia deixar que me prendessem. Eu era uma bruxa, droga. Não uma criminosa. Tinha que fazer alguma coisa. E o que quer que fosse, tinha que ser rápida.

— Se resistir — disse ele, vendo minha intenção enquanto exibia as algemas e as girava no dedo —, só vai deixar as coisas ainda piores para você.

*Não tanto quanto vão piorar para você.* Contraí minha mandíbula.

— O que pode ser pior do que ser presa por policiais humanos sendo que eu não fiz nada?

Opa. Isso meio que escapou.

A confusão marcou o rosto dele com a menção do termo *humanos*.

— Você é muito *estranha*.

— Vou encarar isso como um elogio vindo de você.

Fiquei ali com as pernas cimentadas na calçada. Sem minha magia, eu estava sem opções.

Ele tomou meu silêncio como um sinal de que eu não iria correr. O sujeito se moveu atrás de mim e puxou meus braços com força atrás das minhas costas. O desgraçado estava sendo violento de propósito.

Merda. Merda. Merda.

Senti o metal frio em volta dos meus pulsos e ouvi o som das algemas se fechando ao redor deles. Ainda assim, continuei parada.

Calor correu do meu pescoço para o meu rosto. Sentindo-me como a bruxa mais idiota do *Mystic Quarter* inteiro, lancei meu olhar pelas ruas, esperando que nenhum mestiço estivesse testemunhando minha humilhação. Não vi ninguém, mas isso não significava que não havia alguém assistindo.

Remexi as mãos nas algemas, observando enquanto o policial mais velho voltava para sua viatura com o passo de um homem confiante e satisfeito. Parecia que ele havia salvado a cidade do mal ao prender uma assassina em série da lista dos dez mais procurados do FBI.

— Vocês estão cometendo um erro — afirmei, sentindo minha tensão aumentar e se misturar com meu medo do desconhecido e minha raiva desses policiais idiotas. — Eu não fiz nada!

— Você fez sim — veio a voz do novato. Senti o ar mudar atrás de mim e percebi que ele se aproximava. Então, o cara disse no meu ouvido — Você está presa pelo assassinato de Emma Woods.

Meu rosto caiu. Meu coração parou, caiu aos meus pés e se esparramou no asfalto.

— Você tem o direito de permanecer calada — disse o policial e me empurrou com força, fazendo-me tropeçar. — Tudo que disser pode e será usado contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado antes de falar com a polícia e a tê-lo presente durante qualquer interrogatório. Se não puder pagar um advogado, o Estado nomeará um para você...

O resto de suas palavras se perdeu sob o pulsar do sangue em meus ouvidos. Eu estava sendo presa pelo assassinato que estava tentando resolver.

E não havia nada que eu pudesse fazer.

**A** *prisão humana é uma merda.*

Sentei-me em um banco de metal duro, com minhas costas contra a parede de tijolos em uma cela de seis por oito. Surpreendentemente, estava sozinha. A única outra pessoa na cadeia era um homem, na cela em frente à minha, deitado no chão. Ele não tinha se movido nas últimas doze horas, então imaginei que estivesse dormindo, ou talvez morto. Suas roupas estavam rasgadas, surradas e manchadas, como se ele as tivesse tirado da lixeira. Seu rosto estava tão imundo e coberto por tanta barba e cabelo que era impossível dizer sua idade.

As celas eram compostas de quatro blocos diferentes em um corredor, na extremidade oposta a uma sala por onde era possível chegar através de uma porta de aço. A única janela do maldito lugar estava naquela porta de aço. Era pela janelinha que eu via nosso carcereiro.

Ele estava sentado atrás de uma mesa. Seus olhos estavam pesados de tédio e, talvez, até um pouco de irritação. O homem era careca, grande e rechonchudo, um sinal de que já tinha passado muitos anos sentado naquela escrivaninha.

A única saída era pela porta gradeada da minha cela e, depois, pela de aço. Com minha magia, conseguiria arrancá-la de suas dobradiças, mas sem meu poder, eu não tinha nada.

Para meu horror, adormeci por algumas horas daquele jeito mesmo, sentada, a posição perfeita para me dar uma dor no pescoço. O guarda me permitiu ir ao banheiro e beber um pouco de água, mas nada de comida.

Meu estômago roncando era o suficiente para acordar os mortos do necrotério que ficava na descida da rua.

Consegui avaliar minha ferida usando o espelho do banheiro. Assim que puxei minha camisa, quase vomitei. O ferimento era diferente de tudo que eu já tinha visto. Um corte roxo escuro, de cinco centímetros e com veias pretas e aracnídeas ao redor refletiu no espelho. Um cheiro de carne podre fez meus joelhos vacilarem. Foi aí que a náusea me atingiu.

Droga. Eu estava apodrecendo. E não é como se pudesse pedir ajuda à polícia humana. Esta era uma ferida demoníaca, então nada que os médicos humanos fizessem poderia me ajudar. Eu precisava de magia.

Se meus anéis estivessem funcionando, teria convocado o *Marchosias* da *Ars Goetia*, um demônio lobo com asas de grifo, para me levar para casa. Há muitas coisas que eu poderia ter feito se tivesse nem que fosse uma centelha de magia em mim.

Um pingo de medo surgiu em meu âmagô. Eu sabia que se não cuidasse do ferimento logo, estaria com problemas. Um problema chamado “morte”. Naquele momento, sequer conseguia realizar um sigilo de cura. Nada funcionava. Portanto, fiz a única coisa que conseguia. Lavei o corte com sabão e água quente. Assim que eu saísse desta prisão, meu avô ou minha tia poderiam curá-lo para mim.

Eles não podiam me deixar aqui para sempre... podiam?

Quando a febre começou, eu soube que estava com problemas piores.

Apesar do suor escorrer pelos lados das minhas têmporas, meu rosto ainda ardia intensamente. Eu estava com calor e frio ao mesmo tempo, tremendo como se tivesse saído nua no meio de março em temperaturas abaixo de zero. Meus dentes tremeram com um calafrio e o pânico me encheu. A dor era quase irreal à medida que a febre aumentava, atingindo-me com uma onda de náusea.

A vertigem chegou em seguida, e eu me agarrei na beirada do banco, tentando não cair. Se os demônios maiores tivessem me esfaqueado duas vezes com suas lâminas da morte, eu já teria morrido por causa do seu veneno; que era mortal para os anjos, para os nascidos-anjos e, aparentemente, também não era a melhor coisa do mundo para os mestiços. Era o sangue mortal. Tinha que ser.

*Cadê você, Poe?*

Doze horas era uma quantidade insana de tempo para ter que esperar por um resgate do meu familiar. Sim, ele era selvagem e, às vezes, esquecia

o que estava fazendo quando algo brilhante chamava sua atenção, mas Poe estava lá quando a polícia humana me prendeu. Ele sabia que eu estava em apuros. Então, por que ainda não estava aqui? Será que tinha acontecido alguma coisa com o corvo? Será que a névoa negra dos demônios maiores o matara afinal de contas?

Contraí a mandíbula e engoli a bile que subiu pela minha garganta. Minha mente divagava, medo e pavor fazendo meus pensamentos se embaralharem. Eu não podia me deixar cair em desespero. Isso seria virar as costas para quem eu era: uma bruxa das Trevas. Nós não entramos em desespero. Nós resolvemos as coisas. Eu precisava de foco. Precisava me concentrar e pensar em um plano. Se pudesse trazer aquele carcereiro aqui, poderia usar os peitos que a Deusa me deu para seduzi-lo. Possivelmente, até convencê-lo a me deixar sair com um pouco mais de persuasão.

Tá, isso seria difícil de conseguir agora, visto que eu parecia ter contraído o vírus Ebola.

Senti olhos em mim e olhei para a janela. O carcereiro me observava com curiosidade. Um sorriso satisfeito enrugou seu rosto quando me viu olhando. O desgraçado estava vendo que eu estava doente e, ainda assim, escolheu ficar sentado sem fazer nada.

Realmente era permitido que me mantivessem trancada por tanto tempo sem nem mesmo um telefonema? Eu duvidava. Esses caras eram do mal.

Levantei minha mão trêmula e lhe mostrei o dedo do meio. A expressão no rosto dele me fez sentir um pouco melhor, mas meu pequeno sentimento de euforia foi rapidamente afogado por outra onda de febre. Sim, eu ia morrer nessa merda de lugar.

O caldeirão que se dane.

Eu não podia fazer nada além de me afundar na minha dor. Era assim que os humanos se sentiam? Impotentes? Normais? Chatos? Ainda bem que eu era bruxa.

O sono invadiu as bordas da minha mente, e eu o deixei entrar.

Fechei os olhos e tentei acalmar minha respiração para suprimir melhor a febre. Pensei nos lábios de Logan — lábios tão cheios, gloriosos e beijáveis. Uma bunda tão bonita e gostosa. Meus próprios lábios se curvaram em um sorriso enquanto imaginava o nascido-anjo completamente nu, o que foi surpreendentemente fácil, considerando que todas as suas roupas ficavam moldadas confortavelmente em torno de seu corpo firme e atlético.

Que foi? Eu estava solteira. Era perfeitamente aceitável fantasiar com nascidos-anjos atraentes, embora eu fosse uma bruxa das Trevas.

Sim. Ele estava ainda mais glorioso sem as roupas. Sem pelos, com uma barriga tanquinho e bíceps grossos e sólidos que poderiam facilmente me pegar e me pressionar contra uma dessas paredes...

Minha febre aumentou.

Será que Logan era um amante inseguro? Ou será que era selvagem e tentadoramente perigoso com uma sede insaciável de desejo? Um calor percorreu meu corpo, mas, então, a sensação desapareceu quase tão logo quanto surgiu. Talvez eu nunca mais o visse.

Suspirei pesadamente.

— Eu odeio este lugar.

— Então vamos tirar você daqui — veio uma voz masculina familiar.

Meus olhos se abriram e eu esqueci de respirar.

Logan estava na minha cela.

Ele usava suas calças pretas de costume e uma jaqueta preta de couro sobre uma camiseta preta. Seu cabelo parecia escuro na penumbra do quarto. Seus olhos castanhos procuraram meu rosto, e eu me vi incapaz de desviar o olhar. Aqueles olhos eram lindos. Ele tinha esse efeito em mim. O nascido-anjo estava tão ridiculamente bonito quanto eu me lembrava. Talvez um pouquinho mais.

Normalmente, eu não era o tipo de mulher que era facilmente persuadida por um rosto bonito e um traseiro firme, mas *era* um sonho, então por que não?

Soltei uma risada febril.

— Você não está aqui de verdade. Estou sonhando.

E é um sonho muito bom...

— Ela está perdendo o controle — veio outra voz. Um pássaro preto voou para dentro da cela e pousou no ombro de Logan. — Olha só para ela. Está delirando com febre. Precisamos tirá-la daqui antes que o veneno se espalhe para seu cérebro.

Outra risada me escapou.

— Poe? Saia do meu sonho.

O corvo provavelmente só estava aparecendo na minha fantasia porque eu estava muito preocupada com ele.

— Parece que já se espalhou — disse Logan com uma voz profunda de preocupação.

A ave saltou do ombro dele e pousou ao meu lado, no banco.

— Acorda, Sam. Isso não é engraçado.

— Saia do meu sonho, Poe — falei novamente, irritada por não conseguir nem controlar meus próprios devaneios.

Estendi a mão para afastá-lo, mas errei.

— Não é um sonho, sua tonta. Acorda! — O corvo apertou o bico em volta do meu dedo indicador e bicou com força.

— Ai! — gritei e peguei minha mão, sentindo minha pulsação no dedo. — Seu merdinha. Você me bicou! É a segunda vez que faz isso!

Espera um segundo. Isso era dor de verdade. Se a dor era de verdade, então...

A percepção me deixou sóbria imediatamente.

Inferno. Logan estava realmente aqui e era real, e eu quase tinha dito algo muito, muito idiota.

Acho que a Deusa ainda me ama.

Usando a parede como apoio, eu me equilibrei e fiquei em pé, tentando recuperar um pouco do autorrespeito que me restava.

— Como entrou aqui? — perguntei, passando meus olhos dos ombros de Logan para a porta aberta da minha cela e, finalmente, para o portão de aço, que também estava aberto. A escrivania estava vazia. — O que aconteceu com o guarda?

— Ele foi tirar uma soneca — respondeu o nascido-anjo, apressando-se. — Não temos muito tempo antes do homem acordar e ficar puto. Tenho um carro estacionado lá fora. Acha que consegue andar? — Ele estendeu a mão para mim, mas eu a afastei.

— Claro que consigo andar. — Apoiei-me na parede e minhas pernas vacilaram um momento antes de eu me endireitar. — Só não por muito tempo.

Agora que meus delírios tinham ido embora, a dor e a náusea haviam voltado. Lembrete para mim mesma: nunca mais ser esfaqueada por uma lâmina da morte.

— Teríamos vindo mais cedo — disse Logan com as feições contraídas de preocupação —, mas tivemos que esperar a troca de turno. Menos testemunhas. Menos bagunça.

Assenti enquanto me esforçava para não cair. Fazia sentido, contudo, tinha algo que estava me incomodando. Olhei para o corvo. Era estranho

que ele tivesse ido pedir ajuda a Logan ao invés de procurar o meu avô ou mesmo minha tia.

Pior, eu estava com hálito matinal ou hálito noturno, dependendo de como queira chamar. Eu não escovava os dentes há mais de doze horas. Era o que eu chamava de boca de lama: quando conseguia sentir uma fina camada de sujeira em meus dentes e gengivas.

Simplesmente fantástico.

E Logan, bem, ele parecia bem. Bem demais. Sua barba por fazer e o cansaço pesado sobre ele o faziam parecer muito sensual. Além disso, o nascido-anjo estava muito perto. Era extremamente tentador. Ele era apenas um pouco mais alto do que eu. De repente, fiquei cem vezes mais nervosa.

*Controle-se, Sam. É apenas um homem.*

Desviei o olhar antes de começar a babar, porque isso prejudicaria seriamente minha reputação.

— Logan, por que está aqui? — minha voz saiu em um grunhido enquanto eu tentava me livrar dos meus pensamentos idiotas.

— Poe me contou o que aconteceu com os demônios maiores. — Logan deu de ombros. — Não é óbvio? Vim para resgatá-la. E... parece que você precisava ser resgatada. — Um sorriso malicioso rastejou em seu rosto enquanto avaliava meu estado.

Se eu não estivesse com o rosto tão vermelho por causa da febre, teria sentido um rubor gigantesco agora mesmo. Minha mão livre queria arrumar qualquer fio de cabelo fora de lugar, mas me contive antes de parecer uma idiota. Se fizesse isso, o nascido-anjo pensaria que eu me importava com o que ele pensava de mim. Até parece.

O olhar de Logan se moveu para meus lábios e um leve sorriso curvou o canto de sua boca. A memória do nosso beijo aparentemente o divertia muito. Quando nossos olhos se encontraram, os dele se arregalaram um pouco. Não havia dúvida de que o homem estava pensando no beijo que tínhamos compartilhado.

Certo. Então era *disso* que se tratava. Logan obviamente pensava que eu queria dormir com ele por causa de um beijinho. Tá, talvez eu quisesse, só um pouco, porém, o nascido-anjo não precisava saber. E eu também não era *tão* fácil assim. Eu não rasgava minhas roupas ao ver um rosto bonito. Depois de cinco taças de vinho... talvez.

Macho arrogante. Se ele pensava que eu ia cair em cima dele por causa de um beijo ou por causa do seu físico de babar, não me conhecia.

Minha raiva disparou, substituindo minha febre e minha burrice por um momento.

— Não preciso da sua ajuda. Eu estava indo bem sozinha.

*Só precisava fazer a cela parar de girar.*

Logan sorriu.

— Certo.

Continue respirando.

— A polícia humana estava prestes a me soltar — menti em um tom um pouco mais irritado do que eu pretendia.

— Com certeza.

— Eles não têm nenhuma prova contra mim.

Logan ergueu as sobrancelhas.

— Ah, sério? — Ele se virou para a mesa do guarda. — Então, todas aquelas fotos de você ajoelhada ao lado da bruxa morta no computador dele são falsas? Uau. Com certeza é uma ótima edição de Photoshop.

Meu familiar segurou uma risada e eu lancei um olhar para ele.

Merda. Por que não tinha tirado o telefone daquela mulher humana?

Ouvi um bater de asas e Poe pousou no meu ombro. Eu me virei e olhei para o pássaro.

Vendo a pergunta no meu rosto, ele disse:

— Não mate o corvo mensageiro — sussurrou, sua voz fora do alcance de Logan. — Estou aqui. Não estou?

— E por que é que *ele* está aqui? — murmurei.

A sala começou a girar novamente à medida que um pouco da minha raiva passava.

O corvo soltou um suspiro exagerado.

— Procurei seu avô pelo *Mystic Quarter* inteiro. Ninguém sabe onde ele está. E sua tia foi para Louisiana para alguma convenção de bruxas das Trevas. Ele era o único disponível.

Excelente. Meu familiar procurara ajuda de um nascido-anjo antes de recorrer a outra bruxa. O que isso significava? E o que significava o fato de Logan ter aceitado ajudar?

Poe fez um barulho.

— Você sabia que ele é um dos melhores nascidos-anjos aqui de Nova York?

Meus olhos foram para Logan.

— Sim. Ele é um agente. Eu sei.

— Não — disse o pássaro, recostando-se no meu rosto. Sua respiração estava quente. — Quer dizer, sim, ele é um agente dos nascidos-anjos, mas também é o novo chefe da Casa de Miguel.

Mudei de posição para ver melhor Logan. Lembrei-me de ter visto a marca de nascença em forma de P em seu pescoço, o sigilo do arcanjo Miguel, que o marcava não apenas como um nascido-anjo, mas também como alguém daquela casa específica. Eu não podia vê-la agora sob sua jaqueta, mas sabia que estava lá. Estudando-o com atenção, notei que o homem parecia muito jovem para ocupar um posto tão importante dentro da hierarquia dos nascidos-anjos.

Bem. Parece que, no final das contas, Logan não era apenas um rostinho bonito com um belo e firme traseiro. Interessante. Infelizmente, isso também o tornava ainda mais perigoso.

Por sinal, o fato de que eu estava prestes a desmaiar se não recebesse a magia de cura logo era algo ainda mais perigoso e preocupante.

Dei um passo à frente, e foi tudo o que pude fazer para não vomitar os restos da refeição de ontem pelo chão da cela. Não era assim que eu queria que o chefe da Casa de Miguel me visse: fraca, doente e toda bagunçada.

— Pode ser que eu vomite no seu carro — acrescentei, sem olhar para o nascido-anjo enquanto dava pequenos passos em direção à porta.

— Não é meu carro — respondeu Logan com um sorriso na voz.

Está bem então.

Andando como uma bruxa de cem anos curvada pela artrite, deixei a prisão e rezei para nunca mais ter que ver o interior dela. Minha mente estava correndo e pulando com perguntas.

Por que o nascido-anjo veio me resgatar?

— Você já está terminando? — minha voz soou impaciente.

Eu estava com fome e o cheiro delicioso de queijo grelhado com tomate e cebola na frigideira me fazia salivar. A fadiga desceu como uma onda lenta sobre mim. Eu estava de braços na ilha da cozinha com o granito frio contra a minha pele.

— Estaria, se você parasse de se mexer — disse meu avô, parado ao meu lado. — Este é um feitiço complicado. Não se remove o veneno da lâmina da morte como se faria com uma verruga na bunda. É preciso concentração, técnica e perícia. Um movimento errado e o corte pode piorar. Há algumas camadas para descascar antes de se chegar ao veneno.

— Como uma cebola — veio a voz de Poe no momento em que pousou no banco, ao lado do balcão, com um grande relógio pendurado em seu pé esquerdo. — Basicamente, ele está dizendo que você é igual a um vegetal.

Eu fiz uma careta.

— Onde conseguiu esse relógio? — perguntei, sem me lembrar de tê-lo visto antes.

Devia ser a febre.

— Do nosso simpático carcereiro — disse o pássaro, estufando o peito com orgulho e parecendo um pombo inchado. — Peguei como pagamento pela prisão injusta. Eu poderia ter arrancado seus olhos, mas afanar o relógio causa bem menos confusão.

Em qualquer outra noite, eu teria repreendido meu amigo emplumado por roubar de um humano, e policial ainda por cima, mas estava cansada demais para me importar. Tudo o que eu sabia era que Logan, de alguma

forma, tinha conseguido nocautear o carcereiro e dois outros policiais que trabalhavam no turno da noite. Eu nem tinha visto o corvo pegando o relógio do homem inconsciente, provavelmente porque estava muito ocupada tentando não vomitar em cima de mim mesma.

*Logan.* Era no mínimo estranho. Ele poderia ter se recusado a ajudar, ou melhor ainda, ter enviado alguém em seu lugar. Porém, o nascido-anjo, o novo chefe da Casa de Miguel, tinha vindo por conta própria para me tirar da prisão.

Soltei um suspiro. Estava no maldito balcão há mais de duas horas e, embora a magia do meu avô tivesse conseguido remover a maior parte da febre e suprimido um pouco da dor na minha lombar, eu estava ficando sem paciência. Ele prometera que ficariam apenas cicatrizes mínimas no local, não que isso fizesse diferença. O que era mais uma na coleção de cicatrizes que eu já carregava?

— Você disse que levaria cinco minutos.

Sim, eu parecia ingrata, mas estava morrendo de fome e isto sempre me transformava em Godzilla: a Bruxa, só que sem a pele de lagarto.

Meu avô fez um grunhido de desaprovação.

— Se eu não remover *todo* o veneno, ele vai se espalhar ainda mais no seu sangue e acabar a matando. Você está disposta a arriscar?

— Não precisa ser tão rabugento. Eu sou a única com dor aqui. Além do mais, eu nunca tinha sido esfaqueada antes.

Girei meu quadril para poder olhar para ele e gemi de dor. Cerrei os dentes, sentindo-me tonta e mais cansada do que com raiva.

— Pare de se mexer! — gritou Gordon, com o dedo apontado para meu olho enquanto se movia e aparecia na minha linha de visão. — Se não parar de se mexer — avisou —, vou lançar um feitiço para dormir em você.

Minha boca se abriu.

— Você não ousaria.

Um sorriso perverso se espalhou no rosto do velho bruxo, como o de um louco contemplando um plano maligno.

— Experimente, minha querida. Posso ser idoso, mas ainda consigo chutar sua bunda com minha magia. Não me provoque.

Um sorriso apareceu em meus lábios.

— Tudo bem. — Voltei a me acomodar com o queixo apoiado no balcão duro. — Vou *tentar* não me mexer.

Poe bufou de uma forma que só os pássaros bufavam. O corvo realmente parecia feliz em me ver nessas circunstâncias. Graças ao caldeirão Logan não estava aqui. Era ridículo notar que eu ainda me importava, principalmente depois de ele já ter me visto no meu pior estado.

Meu avô franziu os olhos.

— Você deveria estar agradecida por eu não estar lhe espetando com uma agulha — afirmou enquanto apertava seu roupão azul e se movia até o balcão ao lado da ilha.

*Se você me espetar com uma agulha, talvez eu tenha que matá-lo, vovô.*

O homem enxugou a testa, e as finas linhas e rugas ao redor de seu rosto se aprofundaram, fazendo-o parecer velho e frágil à luz da cozinha.

— Nunca entendi muito bem a lógica dos médicos humanos e suas agulhas — disse ele. — Por que injetar uma solução estranha no corpo quando você deveria, na verdade, estar tirando o que está deixando a pessoa doente? Eles estão apenas bombeando coquetéis perigosos para dentro do corpo em vez de remover a doença. São remédios bem estranhos.

Tive que concordar. Eu mesma nunca consegui entender a medicina humana. Como se poderia curar qualquer coisa sem magia? Parecia loucura. Feitiços faziam sentido. Agulhas não.

Fiz um gesto apontando para a frigideira.

— Acha que vou conseguir provar esse queijo grelhado ainda neste século?

— Isso que é gratidão. — Meu avô suspirou. — Na minha época, respeitávamos os bruxos mais velhos. Desrespeito e insolência? Se falássemos fora de hora, perdíamos um dedo. Às vezes, dois ou mesmo um ouvido ou um olho. Meu melhor amigo, Ludwig, perdeu as sobrancelhas. Nunca mais foi o mesmo depois disso.

— Fico feliz que as coisas tenham mudado, evoluído e que tenhamos deixado esses tratamentos bárbaros para trás — resmunguei, feliz por não ter nascido naquela geração. Caso contrário, conhecendo minha atitude, eu teria perdido mais do que alguns dedos.

O bruxo idoso bufou.

— Não acho que mudaram. Por sinal, não desrespeitávamos alguém que estivesse *tentando* nos ajudar depois de passar *horas* curando nosso corpo.

— Está bem, está bem — suspirei. — Você provou seu ponto. Agora, por favor, prossiga com a cura, ó sábio senhor.

Meu avô fez uma careta antes de se virar e vasculhar os frascos e potes no balcão ao lado da ilha. Ele pegou uma jarra de vidro, abrindo um singelo sorriso ao se voltar para mim. Eu conhecia aquela expressão. Era um semblante que se assemelhava a frase: “você vai ver só”. O que ele estava aprontando?

Meu pulso acelerou.

— O que é isso? — Sua mão grande cobria a maior parte do frasco e, pelo ângulo em que eu estava, não conseguia ver muito.

— Sanguessugas — informou Poe.

*Sanguessugas?* Eu pulei.

— Sanguessugas!

Levantei-me e girei, pendurando minhas pernas no balcão enquanto me posicionava estrategicamente, caso precisasse sair correndo. A dor foi esquecida com a ideia de sanguessugas viscosas e nojentas chegando perto de mim.

Ah. Inferno. De jeito nenhum.

Sorrindo, o bruxo ergueu a jarra de vidro para eu ver. No fundo, havia uma colônia de vermes pretos, viscosos e achatados. Sanguessugas.

O queijo grelhado foi apagado da minha mente. Eu quase vomitei ali mesmo, as sanguessugas em movimento faziam meu estômago revirar. Tinha visto minha cota de tripas e entranhas de demônios nojentas e escorregadias, mas isso? Este era outro nível de nojento; um que fazia meu medidor de repulsa bater lá no teto.

Agarrei as laterais da mesa.

— Você não pode estar falando sério — reclamei, odiando o fato da minha voz estar tão assustada e fraca.

Eu era uma bruxa das Trevas. E sim, tinha um sério problema com pequenas sanguessugas nojentas. Julgue-me se quiser.

— Como você acha que removemos o veneno? — perguntou Gordon, colocando a mão livre no quadril. — Pedindo com jeitinho? Não seja burra, Sam. As sanguessugas são usadas há séculos para fins medicinais. Até médicos humanos as usam.

Ele avançou...

Eu levantei uma mão.

— Você não vai chegar perto de mim com essas coisas — falei com firmeza. — De jeito nenhum.

— Sam. — As rugas no rosto do bruxo se aprofundaram. — Se não deixar as sanguessugas fazerem o trabalho delas, você vai morrer. Acho que não entende como isso é sério.

— Eu entendo.

— Aparentemente não. O veneno em sua ferida se espalhará caso não o tiremos agora. — Ele hesitou. — Se removermos a substância de seu sangue, vai ser tarde demais.

O mais velho parecia um cientista maluco com seu cabelo branco que parava logo abaixo das orelhas, suas grossas sobrancelhas brancas, o brilho maníaco em seus olhos, e não vamos esquecer, seu roupão de banho.

— Deve haver outra maneira — retorqui, tentando manter o pânico longe da minha voz, mas falhando miseravelmente.

— Não há. — A expressão do meu avô se transformou em uma carranca. — Agora, seja uma bruxa boazinha e tome seu remédio.

Ele deu um passo à frente.

— Se você chegar perto de mim com esse pote — avisei —, não me responsabilizo pelas minhas atitudes.

O bruxo soltou um suspiro exasperado.

— Pelo caldeirão. Você é uma bruxa *Beaumont*, Samantha. Não saímos correndo com medo de sanguessugas. Agora, apenas aceite e deixe-me fazer o meu trabalho.

— Fácil para você dizer. — Meus olhos foram para a jarra de vidro. Não era o suficiente que eu tivesse quase sido morta e depois presa em uma noite? Ele também queria brincar com sanguessugas? — Vou aceitar o feitiço do sono agora.

— Não dá — disse o velho maluco, segurando o pote. — Você precisa estar acordada.

Franzi a testa.

— Mas você acabou de dizer que...

— Eu menti. Supera. — Gordon torceu a tampa e a jogou no balcão.

*É impressão minha ou elas estão ainda maiores?*

— Você consegue, Sam — encorajou Poe. — Não é tão ruim assim. São apenas vermes.

— Exatamente.

— Ficam excelentes com um pouco de sal — informou o pássaro. — E refogados no alho. Não podemos esquecer o alho.

O chão sumiu sob meus pés.

— Acho que estou ficando doente.

— Você já está doente, Samantha — observou meu avô. — Vai morrer se não deixar as sanguessugas fazerem o trabalho delas. — Vendo o pânico no meu rosto, ele acrescentou com uma voz mais suave — Elas são pequenas milagreiras. Prometo que será rápido.

Eu sabia que ele estava mentindo. Porém, qual escolha eu tinha? Apesar de tudo, eu sabia que o homem estava dizendo a verdade sobre o veneno da lâmina da morte. Se eu não o tirasse de mim, ele acabaria me matando.

— Se eu aceitar fazer isso, — comentei, apontando o dedo primeiro para o bruxo e depois para o corvo — nunca, jamais, falaremos sobre isso novamente. Entendido?

*Não acredito que estou realmente pensando em ir em frente. Eu devo estar ficando louca.*

Poe ergueu a asa direita.

— Pela minha honra de demônio.

Apertei meus lábios.

— Demônios não acreditam em honra.

O familiar deu de ombros.

— Eu sei.

Olhei para meu avô, ergui as sobrancelhas e esperei.

— Ah, pelo amor do caldeirão — reclamou o mais velho, antes de lançar um olhar para mim e acrescentar — Tudo bem. Nunca vou mencionar você e esses vermes na mesma frase. Agora, cale a boca e se vire de costas para mim.

Engoli a bile que subiu pela minha garganta e fiz o que me foi dito. Mal senti o balcão frio quando me deitei, preparando-me para ter pequenas bocas parecidas com ventosas na minha pele.

Você já pulou em um lago e saiu cheio de sanguessugas? Nem eu. Então, imagino que entenderá que, quando senti uma criatura fria se contorcendo contra a pele da parte inferior das minhas costas pela primeira vez, eu me encolhi, agitando as pernas de agonia.

*Vou desmaiar. Eu vou desmaiar. Por favor, preciso desmaiar!*

Plop. Plop. Plop. Mais três larvas se moveram ao redor do meu ferimento até que suas bocas minúsculas se prenderam na minha carne, sugando o veneno como aspiradores de pó em miniatura. Senti ânsia de vômito. Era a coisa mais repugnante que eu já tinha sentido.

*Ah, Deus, eu vou vomitar.*

— Respire, Sam — veio a voz do meu avô atrás de mim. — Vai acabar logo.

Apertei minha mandíbula até doer, não confiando na minha voz, especialmente por causa de todos os palavrões que queria usar para xingar o bruxo.

*Eu vou vomitar. E daí vou dar um soco na cara do vovô.*

— Preciso ver isso — disse meu corvo enquanto pulava no ar, com suas asas esvoaçando, e aterrissava na ilha da cozinha em algum lugar atrás de mim.

Fiz uma careta.

— Que bom que está se divertindo com o *show* de horrores, Poe.

— Isso é nojento — disse o familiar, após um momento de hesitação.

— Poe, vou fazer um ensopado com você — ameacei com os dentes cerrados.

O pássaro ficou quieto depois disso.

Engoli em seco, inquietando-me com as sucções rítmicas. Aquelas asquerosas estavam sugando meu sangue em harmonia, iguais a vermes vampiros. Com minhas mãos fechadas, senti minha respiração desacelerar e se estabilizar ao passo que lutava para controlar o terror.

— Então, Logan a soltou da prisão, hein? — disse meu avô.

Eu sabia que ele estava apenas tentando me distrair para que eu não pulasse do balcão, gritando como uma sirene.

— Foi mais, tipo, sequestrou-me de lá — respondi em um tom tenso e trêmulo.

Os pelos da minha nuca se eriçaram, parecia que cada centímetro da minha pele estava arrepiado.

— Por que você estava lá, para começo de conversa? — perguntou o mais velho com a voz tingida de preocupação.

Respirei fundo e contei os eventos que levaram à minha prisão, incluindo o que acontecera na Corte das Bruxas Sombrias.

— Bem, você não vai gostar do que tenho a dizer — declarou meu avô em um tom sombrio, como se estivesse prestes a me dar más notícias.

Minha respiração saiu em um sibilo.

— Provavelmente vou gostar mais do que das sanguessugas.

— Houve outra morte — informou ele. — Outra bruxa morreu esta noite enquanto você estava... *indisposta*. E pelo que acabou de me dizer,

parece ser vítima do mesmo vampiro. A descrição de Vera foi bastante vívida, para dizer o mínimo. O corpo estava... bem... seco, por assim dizer.

Vera Wardwell era uma bruxa e minha vizinha mais próxima. Ela era mais intrometida do que um cão de caça seguindo uma trilha, sempre enfiando o nariz onde não era chamada. Se havia informações sobre os assassinatos, Vera com certeza estava por dentro.

Desta vez, o enjoo que subiu na minha garganta não teve nada a ver com os vermes.

— Nesse ritmo, se não o impedirmos, não haverá mais bruxas em *Mystic Quarter* até o final do mês.

Poe xingou.

— Então é melhor nós o encontrarmos.

— Eu só queria não ter esses demônios maiores na minha cola. Seria mais fácil fazer meu trabalho sem ter que olhar por cima do ombro o tempo todo.

Uma sanguessuga deu um puxão na minha pele, e eu estremei.

— Malditos demônios maiores — disse o velho bruxo, sua voz retumbando atrás de mim. — Eu não gosto disso. Não gosto nem um pouco disso. Por que acha que eles vieram atrás de você?

— Tem algo a ver com um tal demônio chamado Vorkol.

Eu odiava o que esses desgraçados tinham feito comigo. E agora ainda tinha que sofrer com as sanguessugas por causa deles.

— Vorkol — repetiu meu avô em um tom pensativo. Seus pés se mexeram no chão ao meu lado. — Nunca ouvi falar dele.

Balancei minha cabeça.

— Nem eu, mas se o demônio quer me pegar, eu quero saber por quê.

Não ia passar o resto da minha vida com medo e desconfiada. Eu ia descobrir quem era esse Vorkol e sabia exatamente como fazer isso.

— Pronto — veio a voz de Gordon. — Tudo prontinho.

Meu humor melhorou quando virei a cabeça e olhei para meu avô.

— Sério? Os vermes sumiram? E o veneno? Foi eliminado?

O velho bruxo deu de ombros, olhando para o chão.

— Infelizmente, estaria mentindo se dissesse que *toda* a toxina saiu do seu organismo. O veneno da lâmina da morte nunca pode ser realmente removido — ele disse. Ao ver a carranca no meu rosto, rapidamente acrescentou —, mas removemos o suficiente para você nem notar que está lá.

Pressionei os lábios. Não tinha certeza de como me sentia por ainda ter aquela peçonha demoníaca em mim, porém, ele estava certo. Eu estava me sentindo bem, mais do que bem, e não tinha mais dor. Conseguia viver com isso.

O idoso me deu um sorriso nervoso.

— Como está se sentindo? — Sua voz tinha um leve traço de preocupação.

Puxei minha camiseta para baixo, balancei minhas pernas para fora do balcão, peguei o queijo grelhado ainda quente do fogão e dei uma mordida.

— Morrendo de fome — falei entre mastigadas. Soltei um gemido. — Deus, isso é bom.

Fiquei surpresa por ainda estar faminta depois daquela provação com os vermes. Olhei para o pote na mão do meu avô, vendo as sanguessugas escuras se mexendo lá dentro, inchadas e com o dobro do tamanho.

Dei outra mordida.

— Você tirou todas elas. Certo?

O mais velho fez uma careta como se eu tivesse insultado seu novo lote de gin e ergueu a jarra para eu ver.

— Claro que sim. Quem acha que eu sou?

— Que bom.

Enfiei o último pedaço do sanduíche na boca, fazendo Poe rir, e corri para as escadas.

— Samantha Beaumont! Espere só um minuto. Você não me disse como se sente! — gritou meu avô.

— Com vontade de enfeitiçar a bunda de algum demônio — gritei de volta e subi as escadas de dois em dois degraus.

Até parece que eu ia deixar que demônios maiores me ferissem novamente. Não. Desta vez, eu estaria preparada. Desta vez, ia lutar de volta.

Um sorriso surgiu em meu rosto.

*Hora do show.*

**A** Joelhei-me no chão, com meu coração batendo forte contra minhas costelas, quando terminei de desenhar o triângulo da Goética com o giz. Desenhei o sigilo específico do demônio que desejava invocar e escrevi seu verdadeiro nome em latim no centro. Respirando com calma, levantei-me e entrei no Círculo de Salomão.

Poe, sentado na cadeira ao lado do meu caldeirão, resmungou ao ver o nome que escrevi.

— Ele vai achar que você gosta da companhia dele — lamentou o corvo.

Soltei um suspiro e guardei meu giz.

— Tem uma ideia melhor? — retruquei.

— Sim — disse o pássaro. — Logan. Acho que deveríamos ligar para ele.

Fiz uma careta.

— Que obsessão é essa pelo nascido-anjo? Ele nem deveria estar envolvido nisso, mas infelizmente está.

— O cara salvou você da prisão. Merece um pouco de crédito.

Ai.

— Uma vez — eu disse. — Ainda, ele não pode me ajudar agora. Além disso, os demônios maiores estavam atrás de mim, não dele.

— Estou com o pássaro nessa. Isso é incrivelmente estúpido, Sam — retrucou meu avô com uma voz desdenhosa, o que fez com que ganhasse um grasnido de aprovação de Poe. Com os braços cruzados sobre o roupão, o mais velho se encostou na mesa de trabalho. — Quanto mais vezes se

invoca o mesmo demônio, menos poder permanece no círculo que o mantém em submissão, até que, por fim, ele não o segura mais. Você nem notará a faca em sua garganta até que seja tarde demais.

— Ele não vai fazer isso comigo.

Deus, eu esperava estar certa.

O velho bruxo soltou um suspiro frustrado.

— Você acabou de se recuperar da aventura com os demônios maiores. Isso não pode esperar até amanhã?

Balancei minha cabeça.

— Não dá. Se não fosse o sol nascente, você não teria mais uma neta. Eles vão voltar. Vão tentar terminar o que começaram. Só que, desta vez, estarei pronta.

Eu precisava de munição. Precisava saber por que Vorkol estava atrás de mim e como matar os demônios maiores. E eu ia descobrir.

— Além disso, tenho trabalho a fazer. — Como encontrar o vampiro antigo que estava matando bruxas na cidade de Nova York e, em seguida, matá-lo. — Não consigo exatamente pagar as contas se estiver morta. Consigo?! Estou ficando sem tempo.

Todo o fiasco da revelação na Corte das Bruxas Sombrias sobre porque tinham me contratado fez meu estômago revirar. Droga, isso dóia. Quaisquer planos que eu tivesse teriam que esperar. O nascer do sol estava a apenas três horas de distância, um período de tempo muito curto para fazer qualquer outra coisa caso meu plano inicial falhasse.

Minha vida tinha ido rapidamente de mal a pior em questão de semanas. Como se não bastasse quase ter sido morta nas mãos do demônio Superior Vargal, enquanto ele sacrificava videntes para tentar acordar o deus pagão Nergal, agora eu sabia que a Corte das Bruxas Sombrias estivera mentindo para mim por todos esses anos. Eu me sentia uma idiota.

Meu sonho de uma vida de bruxa simples, solucionando alguns casos paranormais e recebendo contracheques regulares, havia desaparecido.

Tudo era diferente agora. Não havia como voltar atrás.

Interpretei o silêncio deles como minha deixa para iniciar a invocação. Puxei a energia do círculo e do triângulo, canalizando a magia.

— Eu o conjuro, Farissael, demônio do Submundo, para se submeter à vontade de minha alma — entoei, concentrando-me em minha energia, no círculo e no triângulo. Sim, eu estava correndo um grande risco, não só por invocá-lo novamente, mas também pelo que estava prestes a perguntar ao

demônio. Todavia, não tinha outra escolha. — Amarro-o com inquebráveis grilhões de adamantina e o entrego ao caos negro da perdição. Eu o invoco, Farissael. Apareça no espaço à minha frente!

Houve um estalo advindo do deslocamento do ar, então, as luzes piscaram e se apagaram. O vento se intensificou, esvoaçando meu cabelo ao redor do meu rosto e dos meus ombros. Quando as luzes voltaram a se acender, um homem estava no triângulo diante de mim. Alto e em forma, ele tinha um rosto agradável e impressionantes olhos escuros emoldurados por cílios grossos sobre uma pele oliva.

E não usava nada além de uma cueca vermelha apertada.

Inferno.

Faris, o demônio intermediário, sorriu como se tivesse acabado de receber o prêmio do século.

Seus olhos escuros encontraram os meus e ele disse:

— O que tá rolando?

Revirei os olhos. *Aqui vamos nós.*

— Faris — falei em forma de cumprimento. — Onde estão suas roupas? O sorriso do demônio se alargou.

— Minha querida, doce e comestível, Sammy. Você sabe que eu tenho uma vida fora desse — ele olhou para o chão — confinamento. Contudo, se insiste que eu diga, confesso que estava no meio do processo de dar prazer a duas Barbies gêmeas com o meu...

— Pode parar! — gritei, fazendo o possível para não imaginar a cena em minha mente. — Não quero saber.

— Por que não, querida? — Faris mexeu os quadris de maneira sexual, deixando-me corada. — Com ciúmes? Não se preocupe, Sammy *baby*. Há o suficiente de mim para todas. — Ele exibiu seu peito esculpido, bronzeado e sem pelos, terminando com uma piscadela.

O caldeirão que me ajude. O pior era que eu já tinha visto o que aquela cuequinha minúscula estava tentando cobrir e fazendo um péssimo trabalho, devo acrescentar. Era difícil não olhar.

Como um demônio intermediário, o sujeito estava mais acima na classificação do que um inferior, mas não alto o suficiente na escala para ser comparável a um Superior.

— É melhor tomar cuidado, demônio — disse o velho bruxo em um tom de voz que sugeria que o comportamento era inapropriado, ou melhor, completamente indelicado.

Gordon empurrou sua mesa de trabalho e avançou. Seus dedos se moviam em um feitiço. Ele teria parecido ameaçador se não estivesse usando um roupão de banho; com aquela roupa, vovô parecia apenas um maluco.

— É com minha neta que você está falando — ele rosnou.

— O quê? Você vai me enforcar com seu vestido de hospital? — repreendeu o demônio, fingindo surpresa.

— Roupão de banho — corrigiu meu avô.

O demônio torceu o rosto em uma expressão azeda.

— Sim, bem... pelo bem de todos nós... Por favor, mantenha-o controlado.

— Vovô, está tudo bem — afirmei.

Eu estava acostumada com as palhaçadas de Faris. Poe, bem, ele estava quieto. Muito quieto enquanto observava a cena se desenrolar. Seus olhos estavam fixos no demônio intermediário.

— Vamos focar no problema real aqui, tá?

— Sim, vamos. — O demônio desviou o olhar do velho bruxo. — Sammy *baby* — declarou antes de abaixar os olhos e continuar — você está uma merda.

— Obrigada.

— O que aconteceu?

Respirei fundo, fitando-o.

— Faris, você tem algo que eu preciso.

Droga. Pelo jeito que ele olhou para mim, percebi imediatamente que tinha dito a coisa errada. Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso e eu podia jurar que vi uma estrelinha cintilando em seus dentes.

— Ora, sua bruxa safadinha. Já era hora.

— Informações — soltei, embora o estrago já estivesse feito. Merda. Meus olhos se desviaram para sua virilha novamente. — Uma coisa aconteceu comigo ontem à noite.

— Isso é um eufemismo — resmungou Poe, fazendo a atenção de Faris se voltar para ele.

O olhar do demônio intermediário disparou de volta para o meu.

— Sam, querida. Se vai me dizer que transou com outra pessoa e não me convidou — ele disse com as mãos nos quadris —, vou ficar um pouco desapontado. Adquiri alguns brinquedos novos e acho que você vai gostar do toque macio do...

— Fui atacada por demônios maiores — exclamei. A impaciência fez minha voz subir. Era isso ou o resultado da falta de sono combinado com um punhado de ventosas nojentas sugando minhas costas.

O sorriso do demônio desapareceu ligeiramente.

— Do que está falando? — Ele mal reagiu, parando para fitar meu avô antes de olhar de volta para mim.

— Estou falando daqueles clones desgraçados de olhos negros — retruquei. — Eles.

Faris ergueu uma sobrancelha.

— Conheço o tipo. Quantos?

— Três.

O demônio ainda me observava com atenção.

— Você está viva. Por que estaria viva se, como disse, três demônios maiores lhe atacaram?

Estremeci com a memória, lembrando-me de como estivera perto da morte.

— O sol. A luz da manhã apareceu e eles tiveram que dar no pé.

Faris soltou um assobio suave.

— Sim, isso faz sentido — respondeu, parecendo levemente incomodado ao examinar minha aparência desgrenhada novamente. Ele suspirou e disse — Bem, é tudo muito emocionante e estou feliz que não esteja morta, contudo, não posso deixar de perguntar: o que isso tem a ver comigo? Tenho as Barbies gêmeas esperando por mim no meu apartamento, lembra? — acrescentou, presunçoso. — Elas ficam bem desagradáveis se não conseguem sua... *liberação* semanal.

— Entendo — respondi.

Nunca o imaginei tendo um apartamento no Submundo. Jamais pensei que aquele lugar tivesse qualquer tipo de estrutura. Sempre imaginava o local como uma versão qualquer do inferno: fogueiras sem fim, escombros queimados, milhões de demônios torturando almas humanas e todos os clichês. Talvez eu estivesse errada.

Droga. Sua virilha estava na minha linha de visão novamente. Droga. Droga. Droga. Fingi estar interessada em seus pés. O curioso é que eles estavam com as unhas meticulosamente feitas.

— Barbies gêmeas — repetiu Faris, lançando-me um olhar exasperado. — A menos que você tenha *outra* coisa em mente — falou e seu sorriso se alargou —, eu realmente tenho que ir.

— Os demônios maiores foram enviados para me matar por um demônio chamado Vorkol — informei, vendo o reconhecimento brilhar nos olhos dele. — Você sabe quem ele é, não sabe? — eu me remexi, quase saindo do meu círculo. — Quem é o cara? Diga-me, droga.

O demônio deslizou as mãos pelos cabelos pretos curtos e perfeitamente penteados.

— Você sabe como isso funciona, Sammy, querida. Você pode perguntar, mas eu não dou informações de graça.

Merda. Isso de novo. Soltei um longo suspiro.

— Eu sei.

— O que ganho em troca?

— Então, você o conhece? — perguntei. Quando ele não respondeu, pressionei — Preciso ter certeza.

O demônio assentiu.

— Sim. O nome me traz algumas lembranças do Submundo.

Encontrei o olhar chocado do meu avô, sua expressão revelava um pouco de preocupação, de raiva e de descrença.

— Ele pode estar mentindo — acusou o mais velho. — Não pode confiar nele.

Sim. Tudo verdade. Entretanto, eu não tinha a quem recorrer.

— Relaxe, seu saco velho de ossos de bruxo — disse Faris. Seus olhos encontraram os meus. — É simples. — Ele sorriu como um homem que sabia que me tinha nas mãos. — Sei quem é Vorkol, mas a questão é... o que você vai *me dar* em troca?

O caldeirão que se dane. Eu sabia que o demônio ia pedir isso de novo.

— Não vou dormir com você.

— Não custa tentar — Faris ronronou, suspirando dramaticamente. Com as mãos nos quadris, acrescentou — Quero outra noite fora deste confinamento triangular. Se houver demônios maiores atrás de você, vai precisar da minha ajuda.

Observei-o, vendo os planos subjacentes por trás de seus olhos.

— E as Barbies gêmeas?

Faris me deu um sorriso.

— Elas podem esperar.

Minha mandíbula se contraiu, percebendo que eu nunca poderia realmente confiar nele.

— Por que quer me ajudar? — perguntei, sabendo muito bem que ele não estava fazendo nada por mim, mas por si mesmo. Sempre havia alguma vantagem para o sujeito. Sempre.

— Não é óbvio? — disse o demônio intermediário com um sorriso presunçoso no rosto. — Acontece que gosto das noites que passo fora do confinamento. E se você morrer, quem vai me dar meus passes gratuitos para o mundo mortal? Eu gosto daqui — acrescentou, olhando ao redor. — Além disso, as mulheres mortais gostam da minha companhia. Prefiro não perder isso.

Eu sabia que ele estava mentindo. Essa não poderia ser a única razão, mas eu também sabia que havia um pouco de verdade em suas palavras. Ademais, eu precisava de toda a ajuda que conseguisse. Se ele estava disposto a ajudar, eu aceitaria.

— Combinado.

Sabia que não deveria confiar no demônio, contudo, até agora, Faris não tinha me decepcionado. Ainda assim, meu peito se apertou em uma dúvida repentina. Afinal, ele era um demônio e poderia me matar com facilidade.

Ah, Deus. O que eu estava pensando?

Meu avô soltou um grito de indignação, mas rapidamente o reprimiu quando viu a expressão no meu rosto.

— Então? Quem é ele? — Inclinei-me para frente em antecipação, com a respiração presa.

Faris sorriu para mim com um prazer sedutor.

— Vorkol, minha querida Samantha... não é *ele* e, sim, *ela*. Ela é a esposa do demônio Superior Vargal.

**C**omo você pega um vampiro antigo e habilidoso com magia? Com uma isca. Quer adivinhar quem é a isca? Aqui estou eu.

Tá, então isso estava no topo da minha lista de planos mais idiotas de todos os tempos, mas eu não tinha muitas outras opções. Eu estava desesperada, a culpa corroía minhas entranhas.

Bruxas estavam sendo assassinadas por minha causa.

Conforme eu ligava os pontos, tudo começava a fazer sentido: os recentes assassinatos de bruxas, os demônios maiores tentando me matar. As duas coisas estavam interligadas. Eu tinha certeza disso. Só não sabia exatamente como.

Tudo tinha a ver com Vorkol. De alguma forma, ela contratara um vampiro para me matar também.

Eu tinha matado o demônio superior Vargal e, agora, sua esposa demônio estava atrás de mim. Fantástico. Poderia adicionar isso à minha lista de realizações. Eu tinha irritado uma criatura do Submundo enquanto tentava salvar vidas humanas. Nada de mais.

Se a Corte das Bruxas Sombrias descobrisse que os assassinatos eram minha culpa, não tinha dúvidas de que eles me entregariam a ela. Afinal, para eles, eu era uma criatura lamentável, fraca e digna de pena. Contudo, eu não ia facilitar para eles. Ou para qualquer um.

De acordo com Faris, Vorkol era uma espécie de governante com muitos exércitos de demônios sob seu comando. E claro, ela também era um demônio Superior. Se ele estava dizendo a verdade, a criatura tinha uma posição ainda mais alta na hierarquia demoníaca do que seu falecido

marido. Eu era a favor do empoderamento feminino — só não para demônios que queriam me matar.

Primeiro, eu tinha que impedir o vampiro de matar mais bruxas — inclusive eu. Depois, dar um jeito nos demônios maiores e em Vorkol.

Calcei minhas botas, fechei o zíper da minha jaqueta de couro e me virei para Faris, que felizmente havia usado sua magia demoníaca para criar um par de calças pretas, camisa e sapatos engraxados. Ele parecia pronto para uma noite na cidade, não vestido para decapitar um vampiro.

— Está pronto? — perguntei, de pé no *hall* de entrada enquanto ajustava a alça da minha bolsa-mensageiro.

Ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente.

— Para você, Sammy *baby*, sempre.

Poe, pousado no cabideiro na parede, fez um som descontente e revirou os olhos.

— Esta vai ser uma longa noite.

Tive um vislumbre do cabelo branco do meu avô no corredor antes que ele desaparecesse na cozinha.

— Volto logo, vovô — falei e esperei alguns segundos. — Dar o tratamento do silêncio à sua neta é muito infantil — protestei.

— Sair para caçar com um demônio intermediário também é muito infantil — ele rebateu, e ouvi o tilintar de um copo batendo no balcão de mármore.

Sorri. Sim, nós dois éramos muito imaturos, mas era assim que gostávamos que as coisas fossem.

Flexionei meus dedos, ouvindo as luvas de couro rangerem com o movimento. Meus anéis de sigilo brilharam na luz suave. Eu tinha feito alguns pré-feitiços antes de me preparar para sair. Precisava ter certeza de que ainda poderia fazer magia mesmo com vestígios do veneno da lâmina da morte ainda em mim. E sim, eu descobri que podia.

Sorrindo, a entidade demoníaca se aproximou de mim, ficando perto demais. Eu estava esperando sentir o cheiro de enxofre, o aroma normal de um demônio. Em vez disso, camomila e mel encheram meu nariz. O glamour que ele estava usando era muito bom. Safado esperto.

Eu não queria dá-lo a satisfação de saber que sua proximidade estava me deixando desconfortável ao me afastar, mas precisava abrir a porta.

— Acha que estou certa, não é? — perguntei ao demônio intermediário.  
— Sobre o vampiro?

Faris inclinou a cabeça.

— Ela sabe que demônios maiores são inúteis sob o sol. Então, colocou um vampiro atrás de você. Não me surpreenderia. Quando Vorkol quer algo, vai com tudo e não corre riscos. Ela deve realmente querer você morta.

— Talvez — respondi, sentindo uma inquietação me invadir.

— Ainda assim, por que o vampiro está matando aquelas bruxas? Se ele quer a mim, por que matar as outras?

O demônio deu de ombros.

— Não tenho certeza. Acho que, talvez, agora que ele provou sangue de bruxa, não consegue se conter. Ou, quem sabe, Vorkol tenha dito a ele para matar todas as bruxas que combinavam com a sua descrição. Isso é mais a cara dela. Como eu disse, ir com tudo.

Eu me senti mal, porém, algo ainda não se encaixava.

Inspirei fundo pelo nariz para tentar me livrar de um pouco da tensão, agarrei a maçaneta e abri a porta. Repentinamente, as batidas do meu coração se aceleraram.

Logan estava na sacada.

Por que ele sempre fazia isso? Um calor subiu para o meu rosto antes que eu pudesse controlá-lo. O caldeirão que se dane. Por que o nascido-anjo tinha esse efeito em mim? E aqueles jeans apertados estavam tornando tudo mais difícil. Era isso o que acontecia quando uma garota não tinha um encontro há meses: hormônios fora de controle.

— Logan? — indaguei, tentando formular frases completas com o coração na garganta. — O que está fazendo aqui?

O belo nascido-anjo estava de frente para mim. Seus olhos castanhos observavam meu rosto. Ele usava uma jaqueta preta de motoqueiro sobre uma camiseta cinza apertada. Seu rosto escureceu e sua mandíbula se fechou quando Faris apareceu ao meu lado.

— Não tenha medo, o escoteiro chegou — brincou o demônio com uma ameaça óbvia e subjacente em sua voz. — Um bebê nascido-anjo. Que legal. Esqueceu a chupeta?

— Vim ver como você estava — respondeu Logan. Seus olhos estavam de volta em mim, embora a irritação fosse clara no tom de sua voz ao ver o morador do Submundo comigo.

Por alguma razão, acreditei nele. Claro, isso só tornava as coisas muito mais complicadas.

— Ela está bem — interrompeu o demônio intermediário, aproximando-se do batente da porta. — Não consegue ver? Agora, corre. Acho que consigo ouvir sua mãe chamando.

Excelente. Eu não tinha tempo para isso. Um formigamento de preocupação me deixou rígida.

— Já está tarde, Logan. Você não deveria estar aqui.

— Isso mesmo, escoteiro — retrucou a entidade demoníaca com os olhos arregalados de preocupação fingida. — Isso é... É papinha no canto da sua boca? — acrescentou, como se estivesse falando com uma criança pequena.

Logan não se moveu.

— Vou embora — disse com o olhar afiado em mim — se é isso que você quer.

Droga. Por que ele tinha que dizer isso?

— Sim — respondeu Faris antes que eu tivesse a chance. — Por favor, vá embora — continuou com um tom definitivo.

— Sua ajuda seria útil — declarou Poe de repente, fazendo-me virar para lhe lançar um olhar.

— Ajuda com o quê? — A postura de Logan endureceu. — O que está acontecendo?

— Nada que diga respeito a um nascido-anjo — respondeu Farissael enquanto se endireitava.

Eu soltei um suspiro.

— Achamos que os ataques dos vampiros às bruxas e os demônios maiores que tentaram me matar estão conectados — expliquei rapidamente. — A demônio superior Vorkol...

— Esposa de Vargal — interveio o corvo.

— ...está tentando me matar — terminei. — Vingança por matar o marido dela e tudo mais.

Os olhos de Logan se estreitaram. Por um momento, ele apenas me fitou.

— Que ataques de vampiros?

Certo. Ele não sabia.

— Houve uma série de ataques de vampiros a bruxas — informei, vendo o demônio intermediário cruzar os braços sobre o peito. — Seis mortes até agora. Todas do sexo feminino. Achamos que ele está sob o controle de Vorkol.

— Tudo se encaixa — o pássaro disse.

Os olhos do nascido-anjo foram da ave até mim.

— E vocês estão indo atrás dele esta noite? — perguntou com certa incredulidade.

— Estamos — respondi.

Poe saltou do cabideiro e voou para o meu ombro.

— Sam é a isca.

Eu me encolhi, vendo como nosso plano parecia idiota quando dito em voz alta. Porém, eu não tinha outra escolha. Já tinha lutado com uma vampira descontrolada uma vez. Ela estava no *Queens*, matando crianças humanas, o que é totalmente inaceitável. Fiz a única coisa que pude: eu a queimei até que ficasse esturricada. Infelizmente, desta vez, não seria tão fácil.

Os olhos de Logan estavam intensos quando disse:

— Eu vou com vocês. Você vai precisar de mim se quiser matar esse vampiro. Posso ajudar.

Faris ficou cara a cara com o nascido-anjo.

— Escuta aqui, escoteiro. Nós não precisamos de você. Sammy e eu somos perfeitamente capazes de derrotar um pequeno vampiro por conta própria. Não queremos que suas preciosas mãos de anjo fiquem sujas.

— Como as suas, demônio — retrucou Logan, recebendo um rosnado do morador do Submundo.

Eu empurrei a entidade demoníaca para fora do caminho antes que ele fizesse algo estúpido, como começar uma briga na minha porta.

— Está bem. Ele pode vir se quiser — afirmei, tirando os olhos do sorriso satisfeito de Logan e pisando na sacada da frente. — Na verdade, não preciso de nenhum de vocês. Então, se não calarem a boca e fingirem que se dão bem, podem ficar aqui. Não tenho tempo para essa competiçãozinha de merda. E se vocês estragarem tudo — avisei, apontando o dedo para eles —, vou transformá-los em garotas de doze anos cheias de espinhas. Entendido? Ótimo. Vamos.

Fechei a porta com um estrondo. Sem esperar que me seguissem, desci os degraus da frente e pulei para a calçada com Poe se equilibrando no meu ombro. A cortina da janela de Vera se moveu, e vi um vislumbre de cabelo ruivo antes que desaparecesse novamente.

Droga. Minha tensão aumentou. Quanto da conversa a bruxa ouvira? Tudo? Eu não tinha tempo para me preocupar com isso agora. Tinha

problemas muito maiores para resolver — tipo um vampiro.  
Afastei os pensamentos e corri pela rua.

Nós caminhamos em silêncio por um tempo, com Faris e Logan em lado diferentes, tentando superar um ao outro como se isso fosse algum tipo de competição. Com posturas eretas, suas pernas se moviam desajeitadamente. Era como se ambos estivessem tentando andar rápido e devagar ao mesmo tempo.

Eu nunca tinha notado como eles eram parecidos e, ao mesmo tempo, diferentes. Ambos eram altos, embora Faris fosse uns dois centímetros mais alto que Logan. O demônio estava vestido com uma camisa e calças caras, enquanto o nascido-anjo se vestia mais casualmente. Os dois tinham olhos e cabelos escuros. Porém, enquanto Logan tinha uma aparência mais suave, Faris era cheio de ângulos. Havia também uma intensidade antiga nos olhos da entidade demoníaca que o nascido-anjo não possuía, sem dúvida resultado de ter sido um demônio por milhares de anos.

Tinha ficado surpresa por Faris ter decidido me acompanhar na minha caçada ao vampiro, e mais ainda quando Logan também se oferecera. Devido à maneira infinitamente mais desconfiada e preocupada com que o nascido-anjo observava o morador do Submundo, tive a sensação de que ele veio me ajudar com o objetivo de vigiar o demônio. Logan não confiava nele. E eu não confiava em nenhum deles.

Nós éramos um quarteto estranho.

Minhas botas tamborilavam na calçada. Suspirei, tentando me livrar da tensão. Esta ia ser uma longa, longa noite.

Juntos, saímos pelas ruas escuras do *Mystic Quarter*. O ar da noite estava quente e saturado com os aromas de humanos, mestiços, álcool,

sangue, café e fumaça, tudo misturado com o cheiro de enxofre. Era sexta-feira à noite, o dia que o bairro ganhava vida. Havia muito barulho, incluindo gritos ocasionais de lobisomem e fadinhas esvoaçantes. Quatro vampiros passaram por nós, fixando seus olhos em Logan. Nenhuma surpresa. A maioria dos mestiços desprezava os nascidos-anjos. Tinha algo a ver com o quão superiores eles se sentiam em relação ao resto das criaturas, como se sua essência de anjo lhes desse esse direito.

Eu não pensava assim.

Um céu negro sem nuvens pairava sobre nós com uma coleção de estrelas brilhantes. Era uma noite gloriosa, mas a beleza não ajudava a aplacar a culpa que corroía as paredes do meu estômago. Em algum lugar da minha cidade, um vampiro estava matando bruxas por minha causa. Quantas outras inocentes teriam sua essência drenada por um ser enlouquecido? Quantas bruxas mais iriam morrer antes que ele fosse detido?

Senti um arrepio de ansiedade ao longo da espinha e a batida do meu sangue ecoar em meus ouvidos. O zumbido fraco dos carros parecia muito distante enquanto nossos passos retumbavam na calçada.

Caminhamos em silêncio por vários minutos até que Poe finalmente disse:

— Você sabe onde encontrar esse vampiro?

— Eu tenho uma ideia.

— Quer compartilhar?

Dei de ombros.

— O quê? E estragar a surpresa? — respondi, fazendo meu familiar grunhir em desaprovação.

— Você é uma bruxa estranha, Samantha Beaumont — disse o pássaro, fazendo-me sorrir. Eu também achava que era.

Chegamos à *Odin Boulevard*. Um pequeno parque apareceu, decorado com quatro bancos de pedra e duas macieiras. Uma fonte, do tamanho de uma piscina de dez por dez, estava silenciosamente desligada no centro. Era a mesma fonte que Kyllian tinha usado para viajar de volta para o Horizonte, utilizando a água como sua transição para o outro mundo. Senti um puxão no peito. Eu sentia falta do grande anjo. Esperava que a Legião fosse boa com ele desta vez. Se não, eles teriam que lidar comigo.

— Ali — falei. Tanto Logan quanto Faris se viraram para olhar para mim enquanto eu apontava para a frente. — O parque.

Se eu queria me colocar à disposição, então que lugar melhor do que no meio de um parque aberto e tranquilo, onde todos pudessem me ver?

O nascido-anjo levantou uma sobrancelha, duvidando.

— Acha que o vampiro vai vir procurá-la aqui? Neste parque?

— Sim — afirmei, atravessando o lugar até o banco que ficava de frente para a fonte.

A água se derramava em uma poça escura no centro, parecendo óleo. Eu me virei e me sentei no encosto, sentindo a frieza do metal penetrar no meu jeans.

— Ele está caçando bruxas que combinam com minha descrição no *Mystic Quarter*. A maioria delas está dormindo confortavelmente em suas camas agora. Eu estou bem aqui.

Um sorriso perverso apareceu no rosto de Faris quando ele se sentou ao meu lado e cruzou a perna na altura do joelho.

— Posso aconchegá-la na cama mais tarde se quiser. Eu sou um especialista no assunto.

Poe soltou um grunhido, voou até a fonte e começou a beber um pouco de água.

A expressão de Logan escureceu ao observar a proximidade do demônio comigo.

— Acho que não vai funcionar.

Meu humor azedou.

— Vai sim — retorqui, não apreciando seu tom, sua falta de fé em mim e o som do meu familiar gargarejando água, que fazia parecer que ele estava recitando o alfabeto. — Veja. Estou facilitando para ele. Estou me disponibilizando.

— Sammy — ronronou Faris ao passo que se aproximava até nossas coxas se tocarem. Ele colocou o braço direito em volta do banco atrás de mim. — Eu estou aqui.

Meus lábios se separaram. O calor subiu para o meu rosto quando me movi e me virei para encarar o demônio intermediário.

— Olha. Fico feliz que estejam aqui e tudo mais, mas se eu quiser pegar esse vampiro... vocês precisam se espalhar por aí, do contrário, ele não virá.

— Ouçam ela — Poe concordou.

Uma irritação cintilou atrás dos olhos escuros do demônio, e um calafrio passou por mim. Por um momento, pensei que tinha ido longe demais. Sua magia demoníaca era muito superior à minha. Se quisesse, ele

provavelmente poderia me transformar em cinzas com apenas um estalar de dedos. Comecei a duvidar da minha decisão de deixá-lo vir comigo.

Minha atenção se alternou entre Logan e Faris. A tensão cresceu em mim ao notar o morador do Submundo murmurar e uma névoa negra envolver suas mãos.

— Como quiser — declarou Faris no momento em que forçou a irritação a deixar seu rosto. Ele se levantou e a neblina se foi. Puxando as mangas de sua camisa, disse — Eu estarei bem ali, onde fica a diversão.

Seus olhos se moveram para o *Dusk & Dawn Vampire Pub* em frente ao parque, demorando-se nas três vampiras sentadas no terraço bebendo líquidos vermelhos. Elas estavam praticamente despindo o demônio com os olhos. Logo vi.

O humor de Faris mudou, aparentemente satisfeito.

— Parece que ainda levo jeito — acrescentou, mostrando os dentes e erguendo as sobrancelhas sugestivamente.

O caldeirão que me ajude.

— E isso vale para você também — falei com um suspiro, e o sorriso de Logan desapareceu. — Se o vampiro sentir o seu cheiro de nascido-anjo, nunca vai aparecer.

Uma carranca vincou o seu rosto bonito. Ele parecia horrorizado.

— Eu cheiro a algo?

Revirei os olhos, soltando um suspiro exasperado.

— Não tenho tempo para isso — respondi, irritada —, mas, sim, todos os nascidos-anjos cheiram. Todo mundo sabe.

Faris bufou, parecendo presunçoso.

— Não se preocupe, escoteiro. Samantha também um cheiro próprio, sabe?

Eu fiz uma careta.

— Sim, mas outubro é meu mês de tomar banho.

A expressão do demônio intermediário mudou para uma apreciação satisfeita enquanto passava os olhos por mim.

— Eu sabia que você era uma bruxinha suja.

— Olha — falei, sentindo uma enxaqueca gigante se aproximando, e belisquei a ponta do nariz. — Apenas fiquem fora de vista, tá?

Os lábios de Logan se separaram. Por um momento, pensei que ele estava prestes a retrucar.

— E se ele a dominar com sua magia? — o nascido-anjo perguntou em vez disso. — Você disse que ele era muito poderoso. Um de nós deveria ficar por perto.

— O que eu sou? Uma estatueta? — disse Poe enquanto pulava ao redor da fonte. — É por isso que estou aqui. Eu cuido dela. Você pode ir.

Eu me remexi.

— Olha. Ele me quer, portanto, é a mim que vai ter. — Levantei minhas mãos enluvadas. — Posso lidar com um vampiro velho sozinha. — Eu estava pronta para ele. Contraí a mandíbula. — Isso termina essa noite. Vou fritar esse dentuço desgraçado.

Os ombros do nascido-anjo enrijeceram com a tensão ao passo que as bordas de seus olhos castanhos se ampliavam em frustração.

— E os demônios maiores? — ele disse, fazendo a atenção de Faris se voltar para mim. — Você quase morreu da última vez. Eles vão matá-la.

— Não vão.

Logan me deu um olhar afiado.

— Você precisa de mim.

Contraí minha mandíbula. Cara, ele estava me irritando esta noite.

— Falta apenas cerca de uma hora e meia antes do nascer do sol.

— Mais uma razão para eu ficar.

O demônio intermediário tossiu e murmurou:

— Escoteiro.

— Ainda não estou morta, então deixe-me fazer o meu trabalho.

Agora eu tinha ficado furiosa. Eu não era uma mulher fraca que precisava ser resgatada por um homem. Era uma bruxa das Trevas, droga. Minha magia era poderosa. Eu controlava os demônios e os dobrava à minha vontade.

A mandíbula de Logan apertou, beligerante até o fim. Eu me forcei a relaxar. Sabia que não devia irritá-lo. Eu poderia nunca mais vê-lo. Tá, isso foi egoísta, e a vinda dele aqui esta noite me deixava confusa para cacete, mas não havia tempo para pensar a respeito. Caso eu sobrevivesse à provação desta noite, seria outra história.

Um suspiro escapou dele:

— Você é louca.

— É o que me disseram. — Eu sorri. — Vivendo a vida no limite e toda essa merda.

Na verdade, eu prefiro ficar em casa com um copo de vinho enquanto assisto a algo na Netflix, de preferência com um nascido-anjo quente de olhos escuros e sensuais... e de preferência nu.

— Venha, escoteiro — disse Faris. — Tenho certeza de que podemos encontrar uma mulher desesperada o suficiente para lhe fazer companhia.

Observei o demônio e o nascido-anjo caminharem lado a lado e atravessarem a rua em direção ao *pub*, ambos aqui para me proteger. Isso não era algo que se via todos os dias.

— Vou explorar a área — declarou Poe, fazendo-me desviar minha atenção do traseiro perfeito de Logan. O corvo eriçou suas penas. — Já volto.

Com um forte bater de asas, ele voou para o céu escuro como tinta, desaparecendo.

Agora, eu estava realmente sozinha. Bom. Exalei longa e ruidosamente, focando minha energia em meus anéis de sigilo e acessando o poder. O metal esquentou quando eles responderam. Estavam totalmente carregados, então só estava faltando um alvo.

*Cadê você, seu vampiro desgraçado?*

Meu coração batia loucamente, cada batida aumentando minha tensão. Sim, eu estava ansiosa para o vampiro aparecer. Contudo, não era por isso que estava encostada na beirada do banco, com as mãos cerradas, pronta para lançar um feitiço.

Lembrei-me dos demônios maiores e o quão impotente eu tinha sido perto deles. Eu tinha ficado cara a cara com a morte. Além disso, conseguira irritar a demônio Superior Vorkol matando seu marido. Eu também ficaria chateada se alguém tivesse matado meu marido. Na minha defesa, foi ele que começou.

A adrenalina percorria meu corpo, alimentando-se de meu medo. Soltei um suspiro e cerrei os punhos, tentando impedi-los de tremer, mas falhando. A percepção do que eu acabara de concordar em fazer me ocorreu, fazendo meu joelho balançar para cima e para baixo. Eu estava sentada sozinha no parque à noite, de propósito, esperando que um vampiro antigo e assassino de bruxas me encontrasse. Sim. Eu tinha perdido a sanidade.

Inclinei-me para trás, apreciando os aromas e os ruídos familiares. Nada estava fora do lugar, isto é, se bizarro e incomum fosse o tipo de coisa que você curtia. Definitivamente era o que eu gostava.

À minha frente, vi Logan encostado na parede de tijolos do *pub* com os braços cruzados sobre o peito e o rosto em uma careta, parecendo furioso. Ele estava olhando para o chão. Era isso ou o nascido-anjo gostava do jeito que suas botas ficavam na luz bruxuleante do *pub*.

Faris, bem, ele estava sentado à mesa da frente com uma vampira em seu colo enquanto outra estava atrás dele, massageando seus ombros. A terceira criatura se encontrava inclinada sobre a bancada diante do demônio. Mesmo à distância, eu podia ver a fome em seus olhos. Ela parecia estar prestes a pular nele ali mesmo. Porra, o cara era bom.

Ele me pegou olhando, piscou e ergueu o copo em um brinde. Dei-lhe um sorriso. Não pude evitar. Faris provavelmente tinha lançado um feitiço demoníaco nelas.

Olhei para trás, inspirando profundamente e tentando sentir o cheiro distinto de vampiro, mas não sentindo nada, exceto pelo aroma de árvores e de asfalto. O som de asas me atingiu quando meu familiar pousou na fonte.

Ele deu de ombros e disse:

— Tudo limpo. Nenhum demônio maior e nenhum vampiro ancestral e sinistro também.

— Obrigada, Poe — respondi, não gostando do alívio que ouvi em minha própria voz.

Minutos se passaram sem nenhum sinal da criatura ancestral. Nada. Nadinha. Logo, os minutos se transformaram em uma hora. Enquanto isso, nada do vampiro. E nenhum sinal dos demônios maiores. A única coisa que eu tinha era uma bunda dormente de ficar sentada naquele banco duro.

— O nascer do sol é em menos de dois minutos — disse Poe.

Peguei meu telefone e verifiquei a hora.

— Sim. Bem, é melhor eu avisar a Faris antes que as coisas comecem a ficar quentes demais para ele.

— Nada nunca é quente demais para mim.

Ergui os olhos do telefone, vendo Faris andando em minha direção com Logan ao lado dele. Eu me levantei e me espreguicei, notando que suas garotas vampiras tinham ido embora.

— Parece que os demônios maiores não apareceram. — Lancei meu olhar ao redor da rua. — Acho que o vampiro também não vem.

— Tem certeza? — perguntou Logan.

— Os assassinatos foram todos cometidos à noite — informei, sentindo-me uma idiota por tê-los como testemunhas da minha humilhação. Eu tinha

certeza de que ele viria. — Mas ele não vem.

A entidade apertou as mãos.

— Bem, realmente preciso ir. Vamos fazer isso de novo um dia desses. Brincadeira. — Ele gesticulou grandiosamente. — Todavia, mantenha-me atualizado sobre você e esse vampiro.

Uma névoa de escuridão subiu ao redor do demônio intermediário.

— Até mais tarde, querida — disse ele.

Faris desapareceu assim que uma fileira de tons de rosa pintou o horizonte.

Logan bocejou, e eu tive que apertar minha mandíbula para não me juntar a ele. Só então percebi como eu também estava exausta.

— Se não precisa que eu fique por aqui — disse o nascido-anjo —, acho que vou indo também.

— Claro, você precisa descansar um pouco — respondi, sabendo que parte dele tinha ficado por perto só para ficar de olho em Faris.

— Passo mais tarde para ver como você está — declarou o nascido-anjo enquanto se virava e descia a rua até o meio-fio, onde havia estacionado o carro.

— Ele acabou de se convidar? — perguntou Poe.

Droga. Observei seus ombros balançarem no momento em que Logan se afastava e virava na *Odin Boulevard*.

— Sim. Ele se convidou.

— Bem — disse o corvo enquanto sacudia as penas. — Estou morrendo de fome. Você se importa se eu for tomar meu café da manhã em *Blood Drive*? Ouvi dizer que os ratos lá são grandes como gatos.

Fiz uma careta, tentando não imaginá-lo comendo um rato.

— Vá em frente. Vou para casa dormir — falei, cansada demais para me importar. Além disso, ele precisava comer, e eu não tinha nada embalado para nós na minha bolsa.

— Até mais tarde. — Com a despedida, meu familiar voou, inclinou-se para a direita e desapareceu atrás de um prédio de três andares.

Suspirei. Isso tinha sido uma enorme perda de tempo.

Sentindo-me uma idiota, enrosquei a alça da minha bolsa no ombro e segui para a rua.

O sol estava se arqueando em direção ao horizonte, pintando os telhados do *Mystic Quarter* de rosa e amarelo enquanto eu me dirigia para *Witches Row*, o meu bairro. O céu era uma mistura de rosas profundos e violetas. Ia

ser um dia lindo. Infelizmente, mesmo a ideia de um dia glorioso pela frente não ajudou a levantar meu ânimo.

Um vampiro estava caçando bruxas, e eu não consegui pegá-lo.

Precisava elaborar um plano melhor. Este tinha sido um fracasso total. Minha única outra opção era ir à Corte dos Vampiros e ver se conseguia arrancar um nome deles. Provavelmente não. Se uma criatura de sua corte estivesse matando bruxas, eles não me diriam nada. Em vez disso, sairiam e lidariam com ele por conta própria. Além disso, a corte das bruxas me proibira de contar a qualquer um.

Andei de ombros curvados, ouvindo minhas botas baterem no chão como se fossem blocos de cimento. Eu bocejei. Deus, estava tão cansada que mal conseguia levantar meus pés. Sombras surgiram. Parecia que a luz suave do sol ainda não estava alta o suficiente para passar pelos prédios altos e os carvalhos majestosos, deixando-me na escuridão.

A temperatura do ar ao meu redor de repente caiu uns dez graus de uma vez, o que me fez parar.

Um lampejo de algo frio e escuro ondulou no ar ao passo que um arrepio gelado percorreu meu corpo.

Uma névoa negra subiu e se embrenhou entre a fileira de carros estacionados, em direção ao sul da *Grim Avenue*. E lá, movendo-se com ela, estava a silhueta curvada de um homem que andava com passos curtos e calculados.

O vampiro.

*Peguei você, seu filho da puta.*

Fui atrás dele. Eu não permitiria que matasse mais ninguém. Ele era meu.

Corri pela *Grim Avenue* assim que vi o vampiro desaparecer na esquina. Cheguei ao final do quarteirão e virei a rua.

Quando notei o movimento com os cantos de meus olhos, já era tarde demais.

Meus instintos entraram em ação, e eu me lancei para o lado o mais rápido e o mais longe que pude, mas mal tive tempo de registrar o golpe.

Um demônio maior veio até mim em um borrão de sussurros guturais e farfalhantes, carregando o cheiro de frutas podres, sangue e carniça. Pisquei, tentando compreender o buraco negro ondulado que se agigantava atrás dele, movendo-se como água negra. Uma Fenda. Um portal demoníaco, uma entrada para o Submundo.

Meu coração pulou e eu ofeguei, incapaz de gritar.

No instante seguinte, o demônio maior me agarrou pela garganta e me puxou para a Fenda junto com ele.

**V**ocê já se perguntou como é o inferno? Já tirou um tempo para imaginar como é realmente o reino dos demônios e de outras criaturas do mal? De verdade?

Bem, pode jogar fora tudo o que imaginou até hoje. Pegue seu pior pesadelo e o filme mais assustador que você já viu, multiplique por mil e, então, poderá chegar perto de imaginar o Submundo.

E eu estava lá.

Eu, Samantha Beaumont, Bruxa das Trevas Extraordinária estava no Submundo. Na *merda* do Submundo!

Não havia dúvida de que estava no reino demoníaco. Sentia isso em meus pensamentos, em meus ossos, bem como na parte primitiva do meu cérebro. Eu estava em um mundo diferente do meu.

Entretanto, por que estava lá? E como isso era possível?

Sentei-me no chão da gaiola. O metal era de um preto fosco e cheirava a enxofre. Através das barras, espalhado ao redor da minha linha de visão, havia um mundo de fumaça, sangue, cinzas... e jaulas. Para onde quer que eu olhasse, havia outra gaiola, do mesmo tamanho que a minha, ocupada por criaturas retorcidas, demônios ou o que eu acreditava algum dia terem sido humanos. Era impossível contar todos. Dez mil? Cem mil?

Assim como eles, eu era uma prisioneira.

As celas pendiam acima do chão de terra, presas por correntes grossas feitas do mesmo metal preto, a centenas de metros no ar. Elas estavam fixas em um teto distante, fora de vista na escuridão acima, perdidas nas sombras.

Tudo era mal iluminado, a única fonte de luz era as chamas brilhantes de algumas tochas na parede. Talvez fosse uma caverna?

Estava frio. Coloquei os braços ao redor do meu corpo, enquanto um vento ácido esvoaçava o cabelo no meu rosto. Minha bolsa não estava comigo. Ou eu a deixara cair quando fui agarrada ou os demônios maiores a tinham levado. Tudo o que restava eram meus anéis.

Assim que eu abri os olhos e percebera onde estava, tinha tentado acessar o poder dos anéis para sair daquela gaiola, porém, eles estavam frios e mortos. A magia deles não veio. Então, eu descobri o porquê. Gravadas ao longo das barras da minha gaiola, estavam espirais sinuosas de símbolos demoníacos e runas: proteções para impedir que quem estivesse ali dentro usasse magia. Excelente.

Lambi meus lábios secos e puxei o ar, estremecendo com a queimação em meus pulmões como se estivesse respirando a fumaça de uma mistura de alvejante e amônia. Era tóxico. O Submundo era tóxico para os mortais. Portanto, como era possível que eu estivesse respirando o ar deles? Não deveria ser possível, mas aqui estava eu, sentada em uma maldita gaiola.

Eu sabia que não estava morta. Se estivesse, não sentiria dor. A dor era a única indicação de que eu estava, de fato, ainda muito viva. Não tinha ideia de quanto tempo fazia desde que fora colocada na gaiola. Em um minuto, eu estava sendo estrangulada pelo demônio maior, e no outro, tudo ficara preto. Quando recobrei a consciência, acordei dentro da cela do Submundo.

Eu podia ouvir gritos preenchendo o interior do lugar. Tinha ouvido rumores de que o Submundo era semelhante ao nosso mundo, como se fosse uma versão espelhada, só que distorcida e perversa. Imaginei que estivesse em alguma masmorra ou prisão. A constante cacofonia de gritos e gemidos deixou isso muito claro. Este era um lugar *ruim*.

Os gritos ficaram mais altos, então, o som de uma porta pesada abrindo e fechando me alcançou. Ouvi os sons de passos pesados e o barulho de terra e cascalho. Lutando contra a tontura, enxuguei as lágrimas dos meus olhos e espiei o chão abaixo através das barras. Com o vento constante e o ar ácido, era difícil enxergar, mas consegui distinguir uma forma. Grande. Grande tipo um urso pardo. Minha visão clareou e vi pelos cinza-escuro e chifres, um peito inchado com uma grande espada amarrada às costas e fortes pernas humanas. Um demônio minotauro.

Meu ar escapou de mim. Eu conhecia aquele demônio. Que inferno, eu já tinha invocado ele. Era um dos setenta e dois demônios da *Ars Goetia*.

Andromalius.

Ele era um grande conde poderoso do Submundo e tão mal quanto o mal podia ser. Que droga. O minotauro tinha sido uma das minhas primeiras conjurações demoníacas bem-sucedidas. E por bem-sucedida, quero dizer apenas que eu o conjurei e ele não escapou do triângulo para me matar. Embora ele tenha tentado. Muitas, muitas vezes. Tinha me deixado assustada para cacete.

Andromalius caminhou por uma plataforma elevada até uma enghoca de metal. Ele puxou uma alavanca e depois a empurrou de volta. O guincho de metal contra metal perfurou os uivos e os gritos altos, seguido pelo chocalho de uma corrente. Uma gaiola de metal a apenas uns seis metros de mim caiu no chão como uma pedra em um lago.

A cela chacoalhou com o impacto. Houve um grito instantâneo de dor quando um corpo verde foi arremessado para a beirada da gaiola, seguido por um gemido.

De uma série de chaves em volta da cintura, Andromalius pegou uma e destrancou a porta da gaiola, tirando de lá uma pequena criatura verde de aparência humanoide com grandes orelhas de morcego. Ela caiu no chão, suas costelas aparecendo através de sua pele fina, em seguida, ajoelhou-se com suas mãos com garras para cima em rendição, implorando em alguma língua demoníaca. Eu não tinha ideia do que estava dizendo, mas era óbvio que implorava por sua vida.

Andromalius focou seus olhos no demônio magro. Então, puxou sua espada e, com um poderoso golpe, decapitou-o. Pedacos de osso, uma cabeça e uma névoa de sangue negro espirraram em jatos.

Uma mistura de gritos e berros irrompeu na caverna. Eu não saberia dizer se estavam gritando de medo ou animação. Talvez um pouco dos dois.

Um calafrio que não tinha nada a ver com o ar gelado percorreu minha espinha. Isso não era uma prisão. Este era o corredor da morte.

O som da porta abrindo e fechando novamente me alcançou, seguido pelo barulho de muitos pés. Observei enquanto uma multidão de criaturas atarracadas, de nariz achatado e pele amarelada com bocas largas e olhos vermelhos brilhantes empurravam um carrinho de mão do tamanho de um carro pequeno. A pele grossa e cinzenta como couro cobria seus corpos repulsivos e sem pelos. Diabretes. Desgraçados horrorosos.

Eles correram em direção ao corpo do demônio morto. Seus olhos vermelhos e malignos se enrugaram com diversão. No momento seguinte, o som de suas risadas molhadas reverberou pelo local. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. O menor do grupo cambaleou até a cabeça e a chutou como uma bola de futebol, fazendo-a acertar a lateral do carrinho de mão. Os diabretes soltaram outra gargalhada.

Eu odiava essas pequenas aberrações.

Um rosnado profundo escapou da garganta do monstro, fazendo com que eles pulassem em pânico e corressem ao redor do corpo do demônio morto. Eles pegaram a cabeça e os restos mortais, jogaram-nos no carrinho de mão e partiram novamente.

Tudo acabou em menos de dois minutos.

Eu assisti, horrorizada, enquanto a criatura voltava para a plataforma e envolvia uma das alavancas com a mão, puxando e empurrando para trás. Mal tive tempo de registrar o fato de que minha própria gaiola começou a chacoalhar. Ela despencou em direção ao chão como um elevador do décimo andar cujos cabos tinham se partido.

*Que o caldeirão me ajude.*

Eu gritei o caminho todo, que durou apenas dois segundos, e atingi o chão.

Ai.

Meu braço direito, ombro e quadril gritaram de dor quando meu corpo colidiu com a superfície sólida, alguns segundos atrasados em relação à gaiola de metal. Minha cabeça estava dobrada contra meu peito. Meu instinto de me encolher provavelmente tinha salvado minha vida.

O barulho das chaves me alcançou, e eu levantei a cabeça. Quando uma mão grossa me agarrou pela garganta e me puxou para fora da gaiola, fechei os olhos. A entidade me soltou e eu caí com força no chão de terra. Eu sabia que tinha segundos antes que ele brandisse aquela espada em mim. Rolando e ficando em pé, respirei fundo e tossi. Não foi uma boa ideia. O ar estava imundo, como se eu estivesse inalando o conteúdo do cinzeiro de Satanás.

Agora que estava fora da minha cela, acessei a magia dos meus anéis. Um pequeno puxão respondeu, mas, no mesmo momento, uma sensação avassaladora de náusea me atingiu, fazendo-me cair de joelhos e perder o foco.

Se eu não podia usar minha magia, teria que usar minha próxima melhor habilidade; teria que encontrar meu caminho para a sobrevivência na base

da conversa.

Passos se aproximaram enquanto eu piscava em meio às lágrimas.

— Andromalius! Espera! — gritei, minha voz rouca e baixa, parecendo que tinha acabado de engolir um ácido.

O minotauro parou ao ouvir o seu nome.

Eu sabia que uma de duas coisas estava prestes a acontecer: ou o demônio me reconheceria e decidiria não me matar porque eu era bonita; ou me reconheceria e, imediatamente, cortaria minha cabeça. Eu esperava que fosse a primeira.

O minotauro ficou de frente para mim, ajeitando a chave na cintura. Velhas e fracas cicatrizes marcavam seu rosto, acrescentando uma camada a mais de ferocidade à sua aparência. Ele estava nu, exceto por uma tanga de couro marrom que mal escondia sua masculinidade peluda. Sua espada ainda estava embainhada.

Até agora tudo bem. Talvez eu vivesse para ver meu mundo novamente. Um cheiro fétido de decomposição, esterco e coisas piores emanava dele. O demônio já cheirava mal quando eu o invocara, mas agora estava muito pior. Como estávamos no Submundo, seu cheiro adorável era ampliado umas cem vezes.

Com um esforço hercúleo, fiquei de pé. A dor no meu ombro e no meu quadril ainda estava incandescente, ameaçando me fazer desmaiar. Dei-lhe um pequeno aceno com a minha mão enluvada, sabendo que eu era provavelmente a única bruxa que já o havia invocado.

— Ei, lembra de mim?

Droga, ele era um filho da puta bem grande. Devia ter pelo menos uns dois metros de altura. Como eu poderia ter esquecido?

Os olhos de Andromalius se estreitaram. Seus caninos dignos de um pesadelo se alongaram enquanto seus lábios se separavam em um rosnado.

Entendi isso como um sim.

— Eu era uma bruxa aprendiz quando nos conhecemos. Então, sabe... eu não posso ser responsabilizada por nenhum... contratempo que tenha acontecido. Quer dizer, você retornou ao seu mundo inteiro, certo?

Os olhos amarelos do minotauro piscaram.

Abri um sorriso forçado.

— Sem ressentimentos, hein?

As narinas de Andromalius se dilataram e um rosnado profundo escapou de sua garganta.

— Tá, tá. Entendi. Foi bom conversar com você.

*Por favor, não me mate. Pense, Sam, pense!*

Se ao menos eu pudesse jogar um feitiço para dormir nele. Minha magia funcionaria neste mundo? Eu não tinha a menor ideia. Havia me preparado para algo horrível, mas...

— Agora, venha comigo, bruxa — disse o demônio com um forte sotaque. Felizmente, sua voz era clara e profunda.

Eu quase desmaiei.

— Você sabe falar inglês! — Olhei com cara de tonta para o rosto do minotauro, estudando as horrendas assimetrias da cabeça de touro, seus grandes olhos amarelos e esbugalhados, seu focinho úmido e repulsivo e a curva de seus chifres afiados e mortais. — Você nunca falou comigo antes. Pelo menos, não quando eu o invoquei. — As narinas dele dilataram, e eu o vi fazer um esforço para permanecer calmo. Dei um passo cuidadoso para trás. — Por favor, não me coma — pedi, engolindo a bile que subia no fundo da minha garganta. — As vacas não são herbívoras?

Andromalius respirou pelo nariz e disse novamente:

— Venha comigo, bruxa.

Ele não ia me matar. Interessante. Por incrível que parece, a percepção me deixou com muito mais medo. Havia coisas piores do que sofrer uma morte limpa e instantânea. Tipo tortura. Ser torturada por horas. Ser torturada por anos.

Ainda assim, estar fora deste lugar era uma vantagem. Talvez o ar estivesse mais limpo onde quer que ele estivesse me levando.

— Mostre o caminho, *cowboy* — falei, sentindo meu humor melhorar um pouco.

Talvez ainda houvesse uma maneira de sair do inferno.

Gritos de protesto ecoavam lá de cima, e coisas que eu não queria admitir que vi atingiam o chão aos meus pés em bombas fedorentas. Então, o que uma bruxa deveria fazer em uma situação assim? Mostrar o dedo para eles, é claro. Foi o que eu fiz.

Prendendo a respiração, aproximei-me do demônio e caminhei ao lado dele, esforçando-me para acompanhar sua velocidade, embora cada passo enviasse uma dor lancinante pela minha coluna. Qualquer lugar era melhor que essa merda, literalmente.

Caminhamos em silêncio pelo que agora eu podia ver que era uma caverna gigantesca, similar a um campo de futebol, exceto pelas gaiolas.

Luzes brincavam em cores suaves nas paredes, alternando-se principalmente entre tons de vermelho e de amarelo. O ambiente era feito de rocha negra. As paredes eram irregulares e afiadas como lâminas de barbear. Fiz uma nota mental para não tocar na estrutura se não quisesse perder um dedo.

— Para onde está me levando?

Eu era uma criatura curiosa. Não conseguia evitar. Todas as bruxas eram. Como era mesmo o ditado? A curiosidade matou a bruxa... e seu gato? Sim, estávamos sempre nos intrometendo em coisas que não nos diziam respeito.

O focinho do minotauro se apertou, mas ele não disse nada.

— Como é possível que eu ainda esteja viva e respirando? — Esperei um pouco mais. — Eu sou mortal, não deveria estar viva. Como é que ainda estou viva?

Andromalius olhou para mim e, por um momento, pensei que ele fosse responder. Seus olhos amarelos brilharam, mas, então, ele desviou o olhar e continuou andando.

— Você não gosta muito de falar.

Fazendo uma careta, eu me arrastei para frente e senti meu quadril e ombro latejarem quando outra onda de náusea me atingiu, fazendo-me tropeçar. Equilibrei-me antes de cair de cara no chão. Recusava-me a mostrar a esse demônio quanta dor eu estava sentindo enquanto o seguia.

O chão se inclinava ligeiramente para cima. No final, surgiu uma enorme porta de aço.

O minotauro abriu a porta e fez sinal para que eu o seguisse.

Foi isso o que fiz.

Com um movimento lateral, dei uma espiada no que estava à frente do demônio gigante, contudo, vi apenas escuridão e sombra. Assim que cruzei o limiar, senti. Por um breve momento, perdi o fôlego e senti como se toda a minha alma vibrasse ao som de uma risada sombria. Magia demoníaca. O ar brilhava diante de mim como ondas de calor. A atração da magia era forte, e estava me deixando ainda mais nauseada.

Quando o mundo se estabilizou ao meu redor, eu estava em um salão de baile.

*O que é isso?*

Entrei no lugar enorme que era facilmente do tamanho de uma grande catedral. Candelabros de ferro pendiam de tetos de seis metros de altura,

sustentados por pilares decorados com pinturas que representavam vários demônios lutando contra anjos alados. Uma luz laranja banhava a sala de cima, iluminando o piso preto polido em uma miríade de cores. Mesas de ferro se alinhavam às paredes, lotadas de garrafas, decantadores, chocolates, bolos e centenas de tipos diferentes de balas, tanto duras quanto mastigáveis.

Do outro lado do salão de baile, um grupo de músicos demoníacos com vários braços tocava instrumentos vindos da idade das trevas em um pequeno palco. A música era sombria e medieval, soando como uma versão próxima de Carmina Burana de Carl Orff.

O ar não estava melhor aqui. Tentei não respirar fundo, apesar de saber que meus pulmões precisavam. A música ficou mais rápida e mais alta. Embora eu tivesse me acostumado com o cheiro da magia demoníaca, meu nariz ardia e queimava com o odor crescente de enxofre, mais forte do que eu jamais havia sentido.

Os dançarinos eram um espetáculo à parte. Poe adoraria ver isso.

Centenas de entidades dançavam pela sala. Pela aparência deles, eu diria que eram demônios intermediários em suas formas humanoides. Não havia diabretes ou *ghouls* aqui, ainda que eu não conseguisse distinguir nenhuma de suas características por trás das várias máscaras que usavam.

Casais se moviam pelo salão de baile em borrões de rendas extravagantes, seda e sombras de cores rodopiantes. Eles dançavam habilidosamente, movendo-se ao ritmo da orquestra sombria.

Demônios tinham bailes de máscaras? Isso era muito bizarro. Mais estranho ainda era que o fato de que nenhum dos demônios dançantes parecia prestar atenção em mim, muito encantados com a música e a dança, como se estivessem em algum tipo de transe.

Eu não me importava com o quão bonito e luxuoso tudo era. Só queria ir para casa e respirar ar puro. Queria voltar para a minha vida, para o meu mundo.

Olhei para Andromalius. O demônio minotauro estava imóvel, parecendo uma estátua esculpida da mitologia grega.

— Se eu soubesse que era um sarau — eu consegui dizer —, teria usado meus sapatos de dança.

Naquele momento, a música parou. Assim como a dança.

Merda.

Meu coração criou sua própria batida quando os dançarinos se separaram ao mesmo tempo, como uma grande cortina se abrindo.

No meio do salão de baile, estava uma única demônio.

Ela usava um vestido de baile formal azul-claro com uma saia larga que deslizava pelo chão e que poderia comportar cinco demônios por baixo, um manto *à la française*. A vestimenta era aberta na frente e terminava em uma cauda. Um decote longo e uma quantidade generosa de seios se espalhavam no topo do corpete justo e adornado com joias. Sua peruca branca estava estilizada em um coque, empilhado meio metro acima de sua cabeça em tranças arrumadas, e decorada com laços e joias brilhantes. Sua pele era branca como papel e impecável, como se ela nunca tivesse visto o sol em mil anos. Muito vampírica. Ao contrário dos outros dançarinos, a demônio não estava usando máscara, revelando um rosto fino com ângulos severos. Ela não era exatamente bonita, mas também não era feia.

Se eu tivesse que adivinhar, diria que a criatura optara por um visual de Maria Antonieta, embora eu duvidasse que a falecida rainha francesa tivesse olhos vermelhos para combinar com aquela roupa.

Suas íris vermelho-sangue se estreitaram. Sua expressão estava cheia de uma autoconfiança severa, quase régia. Um sorriso divertido curvou seus lábios vermelhos perfeitos.

A única coisa que eu sabia ou podia ter certeza neste lugar esquecido por Deus era que, neste exato momento, eu estava olhando para Vorkol, a esposa do falecido demônio Superior Vargal.

— **A**ndando! — Com um poderoso impulso, Andromalius me acertou nas costas, e eu fui jogada para frente.

Incapaz de parar minha queda, bati no chão frio e duro em uma confusão de membros. Meu queixo atingiu a pedra fria e senti gosto de sangue na boca. Meus ossos gemeram de dor. O fogo ardia em meu rosto e em meus membros. Meu corpo todo doía.

Risadas ásperas e guturais se ergueram ao meu redor. O som ricocheteou nas paredes e ecoou em meus ouvidos como um pesadelo interminável. Desgraçados. Ódio puro me encheu e, por um momento, consumiu minha dor. Se eu pudesse usar minha magia, colocaria fogo em todos eles.

— Levanta — rosnou o Minotauro. Uma mão grossa me agarrou pelo braço e me pôs de pé, fazendo faíscas dançarem em meus olhos enquanto eu me equilibrava. — Andando — ele disse novamente e me empurrou para frente.

Foi um milagre eu ter permanecido de pé. Estremecendo, forcei minhas pernas para frente, movendo-me o mais rápido que pude sem cair em lágrimas. Deus, como doía. Eu não queria aumentar o sorriso já satisfeito no rosto de Vorkol. Ela estava gostando da minha dor um pouco demais e com razão. Eu tinha matado o marido dela. Todavia, como já falei, foi ele que começou.

O ritmo pesado e a respiração de Andromalius soaram bem atrás de mim. Ele estava pronto para cortar minha cabeça ao primeiro sinal de problema, sem dúvida nenhuma. Uma bruxa esperta e sã teria ficado

morrendo de medo, mas eu não era nenhum dos dois. Eu não estava com medo. Estava com raiva. Furiosa. Vorkol me levava para longe de meus entes queridos, de minha família, de meus amigos e me prendera em uma gaiola como um animal.

Cerrando os dentes, levantei o queixo e a encarei nos olhos ao passo em que caminhava em sua direção. O leve estreitamento de seus olhos à minha afronta quase me fez sorrir. Até parece que eu demonstraria medo. Sim, ela podia me matar aqui mesmo em seu glorioso salão de baile, ainda assim, eu não morreria como uma bruxinha assustada. Morreria lutando como uma bruxa das Trevas, com tudo que tinha em mim. Eu tinha mais coragem do que a maioria dos bruxos das Trevas.

*Pode vir, demônio vadia.*

As entidades reunidas me ladeavam como soldados do inferno. Os moradores do Submundo eram um grupo silencioso, atentos à sua senhora. Esse tipo de controle e poder era aterrorizante. Honestamente, eu estava com um pouco de inveja dela. Vorkol não era a rainha da França, mas era óbvio que pensava que era a rainha de alguma coisa. Excelente. Eu tinha irritado alguma versão de rainha do Submundo ou algo parecido.

Ela não se moveu, exceto pelo pequeno e horrível sorriso que me deu. A demônio apenas ficou parada, esperando enquanto eu me arrastava para frente e sua magia demoníaca chiava no ar fétido entre nós. Vorkol tinha muita magia. Tive inveja disso também.

Finalmente, parei em frente a ela sem cair de cara no chão novamente. Parabéns para mim. Agora que estávamos a apenas um metro de distância, a demônio parecia ainda mais magra e suja. Sua pele branca, compensada por seus olhos e lábios cor de rubi, a deixava ainda mais aterrorizante. Ela era assustadora, contudo, eu nunca deixaria meu medo transparecer. Vorkol não era devastadoramente linda como algumas das vampiras que eu tinha visto no meu mundo, mas seus olhos tinham um poder de escuridão e de maldade. Eu conseguia ver que ninguém mexia com ela. Ficou claro que a demônio não era a rainha de sua legião por causa de sua aparência. Não, ela conseguira seu poder lutando por ele.

Vorkol abriu a boca e disse:

— O que é isso? O passarinho está fora de sua gaiola? — falou com um leve sotaque impossível de identificar.

De seu pescoço, pendia uma corrente longa e fina em que havia uma única joia preta do tamanho de uma bola de golfe. Assim como acontecia

com meus anéis, eu podia sentir a magia pulsando dela. Era um artefato mágico, uma ferramenta que a ajudava a canalizar sua magia.

Fiquei feliz por ela estar falando inglês e não as antigas línguas demoníacas. Meu enoquiano estava enferrujado. Todavia, por que se incomodar? Por que não tinha me matado ainda?

O rosto da demônio se contorceu em um rosnado feio.

— Como é que uma bruxa mortal, pequena e sem valor como você matou Vargal? Um demônio Superior, o mais alto comandante do Exército da Maldição?

Merda. Direto ao ponto. Ao tentar evitar uma pergunta, faça outra.

— Como é possível que eu esteja aqui — retruquei, entre uma tosse e outra —, em pé, diante de você, neste lugar? Andromalius não é muito de falar. Mas algo me diz que... você é.

Seus olhos se arregalaram e um sorriso de escárnio marcou suas feições, fazendo-a parecer falsa e fria. Eu me preparei.

*Estou morta.*

— Assegurei-me de que meus demônios maiores a cortassem — disse Vorkol, surpreendendo-me e apreciando o choque que viu em meu rosto. — O veneno da lâmina da morte é suficiente para que passe pela porta de entrada para o nosso reino. — Ela deu de ombros. — Eventualmente, você vai morrer, mas não hoje. Eu queria ver com meus próprios olhos essa *grande* bruxa com poder imensurável. — A demônio arqueou uma sobranceira. — Porém, tudo o que vejo é um passarinho fora da gaiola. Pequeno. Insignificante. Mortal.

Mais uma vez, sua comitiva de demônios jogou a cabeça para trás e riu. Já estava perdendo a graça.

Subconscientemente, movi minhas mãos para minhas costas, tocando onde tinha sido esfaqueada.

— Então, você me queria aqui? — questionei em um tom amargo.

Estava ficando mais difícil falar por causa da queimação na minha garganta, que, aos poucos, se fechava cada vez mais. A demônio queria me matar com suas próprias mãos ou se divertir me vendo morrer. Estava óbvio.

Vorkol deu um passo para perto de mim e o cheiro de cebola podre encheu meu nariz, fazendo meus olhos lacrimejarem.

— Não vou perguntar de novo — ordenou, inclinando a cabeça como se a peruca fosse pesada demais para o seu pescoço fino. — Como você fez?

Como matou Vargal?

Bem, eu estava em um dilema. Se contasse como o destruía, ela me mataria ou pior, drenaria meu poder para si mesma. Eu não podia deixar isso acontecer, pois minha habilidade permitiria que Vorkol emprestasse magia de outros demônios e deuses, dobrando-a à sua vontade, o que faria dela uma das criaturas mais poderosas do Submundo.

Algo me ocorreu. É por isso que eu estava aqui. É por isso que ela fizera com que seus demônios maiores me arrastassem até aqui. Vorkol queria saber como eu fizera aquele feito. Como uma bruxinha como eu tinha matado seu precioso Vargal.

De jeito nenhum eu diria a ela. O único problema com essa resolução era que, se eu não dissesse nada, a demônio ia me matar. Foi por isso que decidi fazer a única coisa que eu podia: lutar. Eu não era idiota. Sabia que não poderia vencer a luta, não contra centenas de demônios. Entretanto, se eu caísse, cairia lutando.

Ainda respirando o ar ácido, puxei o poder dos meus anéis. Um leve puxão respondeu. Havia poder ali, mas pouco. A esperança me encheu. Eu poderia fazer isso. Botaria fogo naquela peruca horrorosa, pelo menos.

Os lábios de Vorkol se separaram e seu olhar se moveu para minhas mãos.

Chamei o poder dos meus anéis, sentindo seu calor e a luz puxando minha alma quando estendi a mão para eles. Levantando minhas mãos, gritei:

— *Fulgur...*

Fitas de escuridão me atingiram. A última coisa que vi foi Vorkol sacudindo seu pulso antes que meu fôlego sumisse e eu caísse no chão. Uma dor incandescente explodiu em mim enquanto o calor da magia da demônio queimava através do meu corpo. Gritei, sentindo como se minha alma estivesse tentando escapar pelos meus poros. Era como se Vorkol a estivesse puxando para fora.

— É isso? Esta é a extensão do seu poder? — disse ela, rindo.

Respirei fundo e me arrependi imediatamente quando o ar ácido queimou meus pulmões.

Vorkol soltou uma risada curta e áspera.

— Acha que pode me matar? Acha que pode me superar com essa sua magia de bruxa? Vamos, então, passarinho. Dê o seu melhor.

O som de risada explodiu ao meu redor, ecoando em meus ouvidos como o rufar de tambores sombrios. Uma raiva febril tomou conta de mim. Eu odiava demônios. Odiava de verdade.

Levantei minha cabeça, fitando-a através dos meus cílios.

— Talvez não. Porém, valeu a pena tentar, especialmente depois de ver o seu olhar de percepção de que talvez... eu *possa* matá-la.

Sim. Muito bom, Sam.

Seda e renda farfalharam quando Vorkol saltou em minha direção, suas saias se movendo enquanto roçavam o chão preto polido. Ela mostrou os dentes a centímetros de mim. Sua respiração veio em um rosnado. Seu olhar vermelho, enlouquecido e febril tinha uma intenção selvagem.

Ela achava que ia me assustar com aquele vestido? De jeito nenhum.

Adrenalina disparou pelo meu corpo quando puxei minha magia novamente, sabendo o que estava por vir, mas não me importando. A energia zumbiu através de mim enquanto eu a chamava. Ela ia ter o que merecia.

— *Feurantis!* — uivei e bolas gêmeas de fogo brotaram em minhas mãos. Eu as atirei contra a demônio.

Vorkol gritou quando labaredas de chamas amarelas e vermelhas se ergueram de seu vestido e chegaram bem acima de sua peruca. Seu uivo, gutural e não humano, ecoou contra as paredes e reverberou através de mim.

A vadia estava queimando. Ótimo. Eu ainda conseguia lutar e sair dessa.

O cheiro de carne queimada encheu o ar ao meu redor. Eu me preparei para o ataque dos demônios ao redor, mas eles não se moveram. Seus olhos estavam em Vorkol. Até Andromalius estava imóvel. As chamas vermelhas e alaranjadas em sua senhora refletiam em seus olhos amarelos.

Isso *não* era bom.

Vorkol gritou uma última vez. Então, através das chamas, seus olhos se abriram e outro som saiu de seus lábios. Um riso. Com um estalo, o ar se deslocou e as chamas que a estavam queimando um segundo atrás desapareceram, revelando o vestido de seda e renda azul perfeitamente elaborado. Não havia uma marca de queimadura nele ou nela.

Agora, eu estava na merda.

O salão explodiu em altos aplausos e louvores, e a demônio fez uma reverência como se tivesse acabado de terminar sua apresentação em um

palco.

Contraí minha mandíbula. Ela tinha acabado de brincar comigo.

Vorkol fixou seu olhar de volta no meu. Vi a raiva fervendo ali e sua pele pálida escurecer.

O sorriso que ela me deu foi verdadeiramente cruel, aterrorizando-me.

— Minha vez — a demônio afirmou.

Ah. Merda. Agora eu estava com medo.

Fiquei em dúvida por um segundo. Eu poderia tentar me proteger, mas de que adiantaria?

Ela atacou.

Garras de escuridão dispararam de suas mãos estendidas e entraram em mim, rasgando-me. O mundo girou, e a dor percorreu meu corpo quando a magia crua da entidade perfurou meu corpo até minha alma e começou a consumi-la. Era difícil de explicar, mas eu sabia que era isso que ela estava fazendo; estava devorando minha alma.

O pânico surgiu e eu estremeci, movendo-me por instinto enquanto tentava acessar o poder dos meus anéis. Infelizmente, a dor era intensa demais, motivo pelo qual perdi o foco. Caí no chão ao mesmo tempo em que sua magia demoníaca fluía em mim. A dor era tão poderosa que pontos pretos manchavam minha visão.

Eu estava morrendo. Ou estava prestes a desmaiar.

O riso me alcançou. Quando olhei para cima, encontrei Vorkol de pé sobre mim com os olhos arregalados de excitação e famintos por minha alma. Pisquei em meio às lágrimas, vendo um fino véu branco como uma névoa se afastando do meu corpo e entrando naquela joia negra em volta do pescoço dela. Mesmo em meio a dor, podia ver uma parte da minha alma deslizando para ela e minha força indo junto.

De alguma forma, eu sabia que não era toda a minha alma, apenas parte dela. Contudo, algo estava diferente. Eu me sentia fraca e febril, como se estivesse gripada. Se continuasse assim, logo seria uma bruxa bem morta.

— Conte-me como matou Vargal — veio a voz de Vorkol — e eu farei a dor passar.

— Não me enche, princesa — ofeguei.

Sim, essa não era a coisa mais inteligente a se dizer, mas ela tinha acabado de roubar uma parte da minha alma.

A última coisa que vi foi o rosto de Vorkol se contorcendo em uma máscara antes que ela me atingisse novamente com sua escuridão. Tentei

sair do caminho, mas era tarde demais. Os fios de escuridão me atingiram e me levantaram do chão, arremessando-me pelo salão de baile como se eu fosse uma boneca de pano. Bati em um pilar (ou pelo menos acho que era um pilar, mas poderia ter sido uma parede) e caí no chão. Eu não conseguia respirar. Deslizei para o chão em uma pilha de membros emaranhados. Por fim, minha bochecha atingiu o ladrilho de pedra frio.

Não era assim que eu planejava passar minha noite.

Rolei de bruços, encolhendo-me de dor. Minha visão ficou turva e eu quase desmaiei. Esfreguei o rosto no chão duro enquanto tossia por causa do ar ácido.

As saias de Vorkol balançaram ao passo que ela caminhava em minha direção. O tecido farfalhava, carregando o cheiro de enxofre e cebola podre consigo.

— Diga! — a demônio uivou. Sua peruca escorregou sobre sua testa e ela a empurrou para trás. Seus olhos vermelhos escureceram, e meu medo deslizou mais fundo, torcendo em minhas entranhas. — Diga, ou eu vou despedaçá-la. Você pode passar a eternidade aqui em sua gaiola, sem braços, sem pernas e sem alma — gritou, cheia de uma fome insatisfeita.

Vorkol era uma predadora. Ela matava para pegar o que queria, mas não me levaria. Eu sabia que a demônio brincaria comigo até que me despedaçasse e levasse a minha alma inteira. Ainda assim, um leve sussurro de autopreservação me forçou a virar a cabeça e encará-la, ou talvez eu fosse apenas louca e burra. Quem sabe um pouco de ambos.

Meus lábios se partiram, mas nada saiu. Meu corpo tremeu de dor. Minha cabeça pendeu para o lado, porque eu não tinha forças para mantê-la em linha reta. Esforçando-me, tentei concentrar a magia dos meus anéis, mas eu era apenas uma concha vazia. O poder que sentira antes se fora e eu não tinha energia para trazê-lo de volta.

Antes que soubesse o que estava acontecendo, ouvi o som agudo de carne contra carne. Quando a dor me atingiu, percebi que tinha sido minha carne. *Meu* rosto. O mundo deu uma guinada. Bati no chão frio e polido novamente. Um soluço de dor escapou de mim enquanto estava deitada no chão, toda contorcida. Minha respiração era um sussurro e meus pulmões queimavam com cada inspiração.

— Duvali. Tire esses anéis dela — ouvi Vorkol dizer, e meus olhos se abriram.

Um homem demônio sem máscara apareceu sobre mim. Embora ele também compartilhasse características humanoides, seu rosto era magro e repulsivo, como se os traços não se encaixassem. Era quase como se ele estivesse usando uma máscara feita de carne. Sua pele era cinza pálida. Seu nariz grande e torto parecia ter sido quebrado algumas vezes. O demônio era alto e magro, com cabelo castanho-claro. Para mim, ele parecia ter sido um espantalho em alguma vida passada. Não havia beleza em suas feições, apenas uma malícia distorcida, como se infligir dor aos outros fosse sua coisa favorita.

Duvali se abaixou, puxou minha mão com força e tirou meus anéis. Então, colocou-os na palma da mão de Vorkol.

Eu a fitei. Quando ela teve certeza de que eu estava prestando atenção, fechou o punho e seus lábios se moveram em alguma maldição demoníaca. Ao voltar a abrir a palma, tudo o que restava dos meus anéis de sigilo era uma pilha de pó dourado.

Vorkol riu e limpou as mãos, fazendo as cinzas de meus anéis caírem sobre suas saias como pó de fada.

— Vou gostar de destruir você, passarinho.

Bem, agora eu estava com merda até o pescoço.

A multidão de entidades se separou, em seguida, um rosto familiar apareceu entre eles; um que eu tinha visto apenas algumas horas atrás, parecendo pálido e aterrorizado. Eu nunca vira tais emoções no rosto do demônio intermediário antes. Os lábios de Faris se moveram, mas não consegui entender o que estava dizendo. Ele ficou ali, com a mandíbula contraída. Sua expressão mudou de choque e de medo para algo que eu não entendia.

Ele não veio até mim. Não me ajudou. Apenas ficou lá, observando meu desamparo e minha dor.

Foi surpreendentemente doloroso perceber que ele me deixaria aqui para morrer. Porém, o que eu esperava? Faris era um demônio.

Afastei meus olhos, mas, antes que pudesse detê-las, as lágrimas caíram. Eu estava exausta, contudo, ver Farissael lá, assistindo enquanto eu levava um chute na bunda sem fazer nada para impedir, foi pior do que a dor que Vorkol tinha me infligido. Eu não era um robô. A realidade me atingiu com força. Realmente acreditei que ele era meu amigo. Achei que um morador do Submundo estivesse do meu lado. Parecia absurdo. Eu era uma idiota.

— Você vai me contar como o destruiu antes de morrer — disse Vorkol. Sua voz soou como um silvo triunfante, e sua peruca escorregou para o lado de sua cabeça novamente. — Isso é uma promessa. — Ela se endireitou como se tivesse conquistado a vitória antes de ordenar — Coloque o pássaro de volta na gaiola que é o seu lugar.

Virei-me ao escutar o som de algo pesado se aproximando. Andromalius entrou na minha linha de visão, ainda fedendo a enxofre e a estrume.

— Levante — ordenou o minotauro.

Eu tinha esquecido que ele estava lá.

Tentei me mover, mas não conseguia mais sentir minhas pernas ou meus braços. O mundo girou e eu me esforcei para manter minha cabeça erguida. Pisquei, contudo, não consegui impedir a escuridão que penetrou na minha visão.

No momento em que Andromalius agarrou meu braço, a inconsciência me levou.

O vampiro se inclinou sobre a jovem bruxa com seus dentes à mostra e brilhando à luz da rua.

— Pare! — uivei, correndo pelo trânsito para chegar ao outro lado da estrada. Meus braços se moviam para frente e para trás enquanto eu ganhava velocidade, sem nunca deixar de puxar a energia dos meus anéis de sigilo.

O vampiro se virou quando me ouviu. Um capuz mantinha seu rosto na sombra, mas eu podia ver seu sorriso bem o suficiente.

Eu o alcancei e gritei:

— *Vento!* — Ergui minhas mãos, atingindo-o com uma rajada de ar.

O golpe foi direto no peito da criatura, que voou para trás, para longe da bruxa. Infelizmente, o vampiro de dentes pontudos conseguiu pousar de pé, sorrindo. O desgraçado era ágil como um gato. Ele soltou uma risada aveludada que me fez querer socá-lo.

— Acha engraçado, seu desgraçado sanguessuga?!

*Ainda não terminei com você.*

Eu realmente queria matar esse vampiro. Primeiro, bem, porque ele era mau, e segundo, porque, depois disso, eu não queria ter mais nada a ver com a Corte das Bruxas Sombrias novamente. Depois dele, cortaria todos os laços com eles. Com todos eles.

Caminhei até a bruxa, vi que seu peito estava se movendo e que nenhum ferimento ou sangue a manchava. Era um bom sinal.

Eu me movi em direção a criatura.

— Isso termina hoje à noite — falei. — Você não vai machucar mais nenhuma bruxa. Você já era.

Ergui as mãos, reuni minha raiva e meu desgosto como fontes de combustível e gritei:

— *Involuta!*

Poder e fúria saíram de mim, atirando em uma chama de fogo branco e azul que girou ao redor do vampiro. Línguas de fogo azul e branco o cercaram, queimando mais e mais. O feitiço o envolveu em chamas. Com uma expressão entediada, ele levantou a mão direita, e minhas línguas de fogo se desintegraram em nuvens de fumaça.

Droga. Eu esqueci que a criatura tinha magia própria. Falando em poder, uma névoa escura e negra se ergueu ao redor do vampiro, derramando-se atrás de seu corpo como uma capa ondulante.

— Tá. — Dei de ombros, diminuindo a distância entre nós. — Isso foi muito legal, mas eu ainda vou matá-lo.

Ele abriu a boca, mostrando suas presas, e riu.

— Eu vou atrás de você, Samantha.

Apertei os lábios, ainda apegada à minha magia.

— Olha só. Já temos algo em comum. — Sorri. — Também vou atrás de você. *Hasta Feuro!* — Movi a mão e um fogo amarelo-alaranjado como uma lança explodiu em direção ao vampiro.

Em uma explosão impossível de velocidade, ele se moveu e, em um borrão de movimento, apareceu ao meu lado.

Eu vacilei.

— Que filho da puta.

Sim, eu tinha que admitir que aquilo também tinha sido superlegal.

Puxei minha magia e a mantive. Ele estava perto o suficiente para eu atingi-lo novamente. Desta vez, eu não iria errar. Desta vez, a criatura iria queimar.

— Diga à sua senhora demônio que ela pode beijar minha bunda — afirmei, sentindo meus anéis pulsando com magia e implorando para serem liberados.

O sorriso do vampiro cresceu.

— Sam — disse ele em um sussurro áspero antes de dar um passo à frente e entrar na penumbra.

A adrenalina me preencheu, meus lábios se separaram para iniciar meu feitiço. Naquele momento, o capuz caiu do rosto do vampiro, e Logan olhou

para mim...

— Sam!

Meus olhos se abriram. Por um segundo, pensei que estava na minha cama, em *Mystic Quarter*. Porém, quando respirei, o ar ácido me fez estremecer e eu soube que ainda estava no Submundo, na minha gaiola. Eu não tinha ideia de que horas eram ou quanto tempo tinha dormido. Anos, talvez. Quem sabia? Fiquei deitada no chão da gaiola por algum tempo, cansada e um pouco tonta. Eu não tinha comido nada desde aquele queijo grelhado e estava morrendo de vontade de usar o banheiro. Será que eles tinham banheiros aqui? Não, o incidente que eu presenciara ao deixar a caverna era um sinal de que o banheiro ficava bem ali, na gaiola. Bem, isso ia ser interessante.

— Sam! — sibilou a mesma voz que eu tinha ouvido no meu sonho.

Lentamente, sentei-me e espiei por entre as barras. Faris estava no chão, olhando para mim. Ele usava sua roupa de sempre: camisa preta justa ao corpo e calças combinando. Com seu cabelo escuro penteado com perfeição, o demônio parecia limpo e fresco, pronto para sair em um encontro. A visão me deixou doente de raiva.

A gaiola ao meu lado tremeu.

— Sam! — gritou meu vizinho enjaulado. — Sam. Sam. Sam. Sam — repetiu, pulando para cima e para baixo.

O demônio era humanoide, talvez tivesse um e vinte de altura — alguns centímetros a mais ou a menos —, possuía uma juba prateada e cabelos desgrehados que se grudavam no rosto em mechas sujas, misturando-se com sua longa e fina barba prateada. Uma túnica cinza e gasta pelo tempo, que eu suspeitava ter sido branca algum dia, pendia frouxamente em seu corpo magro. Seus membros magros estavam manchados e sujos, assim como seu rosto. Os ossos de seu rosto fino eram afiados. Ele estava sorrindo. Seus olhos azuis, iluminados com febre e loucura, estavam fixos em mim.

— Bem, devo dizer — expressou Faris, com um sorriso no rosto enquanto observava o pequeno demônio dançar em volta de sua gaiola repetindo meu nome. — Seu amigo parece animado. O que você fez com ele?

Frustrada, deixei meu corpo cair para trás.

— Vá embora — sibilei e me virei.

Desgraçado. O que ele queria?

Os prisioneiros demônios ao redor gritaram e assobiaram, o som subindo como um suspiro de animação.

— Sammy, querida — implorou o demônio intermediário. — Não faça isso. Você sabe que eu a amo, sua bruxinha boba. Tive que subornar muitas pessoas para chegar aqui. Tem ideia de quantas almas eu tive que trocar para ter alguns minutos com você?

— Não me importo — gritei de volta. Minha voz tremeu. Eu odiava que ele estivesse me vendo assim, derrotada, abusada e furiosa. — Eu nunca deveria ter confiado em você.

— Confiar! — gritou o pequeno demônio em deleite enquanto batia palmas. — Confiar. Confiar. Confiar...

Faris deu um suspiro alto e exagerado.

— Aqui. Pega.

Eu me virei assim que a entidade jogou um pacote embrulhado em um pano preto na minha direção. Imaginando que não tinha nada a perder, deslizei meu braço pelas barras e o peguei facilmente. Puxei o braço e removi o pano da trouxinha. Um gemido me escapou. Uma maçã, fatias de queijo e frios me encararam. Frescos, pelo cheiro. Minha boca salivou, mas, no minuto seguinte um pensamento surgiu...

— Você colocou veneno aqui? — perguntei, sentindo-me tola, apesar de saber que tinha que perguntar.

Eu estava no Submundo. Talvez a comida fosse diferente aqui. Quem sabe fosse tóxica para os mortais.

O rosto de Faris se contorceu em aborrecimento.

— Não seja burra. Aqui. Água.

Peguei a garrafa. Antes mesmo de colocar a fatia gloriosa de queijo na boca, abri a garrafa e bebi em um gole só o máximo de água que pude sem passar mal. Porra, que delícia de água, era a melhor que eu já tomara na vida. Em seguida, peguei um pedaço do queijo.

— Obrigada — respondi de boca cheia. — Eu estava faminta.

Ele balançou a cabeça.

— Demônios maiores, certo? — questionou. — Quando foi?

Dei outra mordida no queijo, engolindo-a com um pouco de água.

— A caminho de casa. Logo depois que vocês foram embora.

Senti olhos em mim. Quando ergui o olhar, encontrei meu vizinho ainda me encarando. Suas mãos estavam em volta das barras. Sua testa estava pressionada contra o metal e seus olhos azuis seguiam o queijo em minhas

mãos. Parecia que ele não comia há anos. Meu peito se apertou. Eu senti pena dele.

— Mas o sol estava nascendo — retrucou Faris.

A surpresa em sua voz suavizou um pouco da minha raiva, embora não o suficiente.

A irritação enrijeceu meus músculos.

— Sim, bem, eles pularam em mim onde o sol ainda não tinha chegado. À sombra de um edifício. Eu não sabia que podiam fazer isso. Os malditos tinham uma Fenda aberta esperando por mim.

Eu deveria saber que eles tentariam algo assim. Deveria ter me preparado melhor. Dei uma mordida no queijo, observando o pequeno demônio olhar para minha boca. Baba agora escorria pelos cantos de seus lábios.

— Sim. Uma sombra seria suficiente — comentou Faris, chamando minha atenção com o tom indiferente de sua voz. Ele puxava fiapos das mangas de sua roupa.

Eu perdi o controle.

— Como você pôde? Como pôde ficar lá parado e deixar ela me machucar! — gritei. — Você permitiu que ela tomasse parte da minha alma! Da minha alma! E não fez nada.

O demônio colocou as mãos nos quadris, o que só me enfureceu mais.

— Sammy, amor. Se eu tivesse interrompido Vorkol em sua própria festa, se eu... intervisse... ela teria feito sua comitiva me rasgar em pedaços — explicou em uma voz baixa e controlada. — Você precisa entender duas coisas: primeiro, eu gosto muito de mim; e segundo, como poderia ajudá-la a escapar se estivesse morto?

Bufei.

— Por que eu deveria acreditar no que diz? Você é um demônio.

Eu estava furiosa, magoada, cansada e sentindo o início de um ataque de claustrofobia. Se não saísse logo daquela gaiola, simplesmente ficaria louca. Me tornaria uma idiota tagarela como meu vizinho.

— Eu não teria arriscado minha reputação se não me importasse — disse ele com uma pitada de raiva em sua voz.

— Reputação? — Eu ri, sentindo-me doente. — Estou em uma maldita gaiola e você só se importa com sua reputação.

Fiz uma careta. Parte de mim queria jogar a comida na cara dele, mas a outra parte, a mais inteligente, venceu. Deixei a comida exatamente onde

estava.

— Você é mortal. Não entende.

— Por que não tenta me explicar? — rosnei, sentindo meu estômago doer devido ao estresse e à comida insuficiente.

Faris suspirou, mudando o peso para o pé esquerdo.

— É tudo o que tenho. Aqui no Submundo, sua reputação o faz ou o quebra. Ao contrário do mundo mortal, não é sobre dinheiro ou quantos carros chiques você tem na garagem. Aqui, o que importa é o que consegue fazer com o pouco de poder que tem.

— Você quer dizer almas?

Eu estava começando a odiá-lo.

— Sim. — Ele deu de ombros como se isso não devesse me perturbar.

— Eu sou um demônio. Almas são o meu negócio.

— É um negócio doentio.

Engoli o resto do meu queijo, saboreando o gosto na minha língua e sabendo que esta poderia ser a última vez que provaria queijo novamente. Era muito triste.

Faris ficou em silêncio, passando os olhos pela minha gaiola.

— E a sua magia? Quanto você consegue usar? Obviamente, a maior parte está ligada ao seu mundo de origem, mas como uma bruxa — ele falava como se estivesse conversando consigo mesmo —, você tem sangue demoníaco, o que significa que ainda está operacional. Só não cem por cento. Enferrujada como um carro velho.

Meu estômago se apertou. Eu senti como se estivesse prestes a vomitar.

— Você estava lá, Faris. Você viu o que ela fez com meus anéis. Sem eles... eu não tenho nada.

Exceto pelo meu dom, mas eu não ia anunciá-lo ao mundo agora. Além disso, nem sabia se isso me faria bem. Se Poe estivesse aqui, talvez ele pudesse ter me ajudado. Todavia, como alguém sai do Submundo? As Fendas eram usadas para entrar no meu mundo, então talvez fosse a mesma coisa a partir daqui. Fazia sentido para mim. Se eu quisesse sair, precisava encontrar uma Fenda que levasse ao meu mundo.

— Os anéis não podem ser a única fonte de seu poder. Você é uma bruxa das Trevas, pelo amor do demônio. Eu vi o que pode fazer. Há mais magia em você do que pensa.

— Insuficiente. — Minha voz foi definitiva. Ele não precisava saber o resto.

— Humm — resmungou Faris, aparentemente insatisfeito. — Isso representa um problema significativo. Sem qualquer meio de magia, não será suficiente.

Voltei minha atenção para ele, esquecendo-me do resto da minha refeição .

— Do que você está falando? — exigi, não gostando da pitada de medo em sua voz. — Faris?

O olhar distante em sua expressão e o jeito como o demônio estava olhando para mim me deixaram mais nervosa. A expressão de Faris se contorceu e ele desviou o olhar.

— Vorkol gosta de se divertir, como você testemunhou esta noite. Ela tem um apetite saudável por festas de esfolagem e tortura.

Dei de ombros.

— A típica vilã estereotipada. E daí?

O demônio intermediário balançou a cabeça.

— Ela é pior — disse. Seus olhos encontraram os meus. Eles pareciam completamente negros na penumbra. — Muito pior.

— Imagino.

— Como é mesmo aquela expressão dos mortais? — acrescentou pensativo enquanto inclinava a cabeça. — Faça amor, não faça guerra? Se você me perguntar, prefiro sexo à tortura. A menos, é claro, que seja um pouco de tortura *com* sexo. Aí tudo bem. — Ele sorriu.

Revirei os olhos.

— Que legal estar pensando em sexo quando estou prestes a ser morta.

— Sammy, querida — retrucou Faris, com um sorriso malicioso no rosto. — Não se pode parar de pensar em sexo. É insalubre.

— Não tão insalubre quanto *não* transar — resmunguei. O rosto de Logan brilhou em minha mente antes de eu rapidamente reprimi-lo.

— Vorkol é antiga e poderosa — disse o outro. — Ela estava aqui muito antes de mim e muito antes de muitos dos demônios inferiores. Sua coisa favorita é ver sofrimento. A mulher tem planos para você.

— Que beleza.

— Ela gosta de brincar com os mortais. — Ele enrijeceu e um músculo se contraiu ao longo de sua mandíbula. — Se você acha que hoje foi ruim, vai querer cortar os próprios pulsos quando vir o que ela planejou a seguir.

— Você é um poço de positividade, não é?

Faris ergueu as mãos dramaticamente.

— Por que você tinha que irritá-la matando seu companheiro? Não poderia simplesmente... ignorá-lo? Quer dizer, ia mesmo ser tão ruim assim?

Meu queixo caiu.

— Ele estava tentando me *matar* — retruquei, incrédula. — Vargal também estava matando mortais inocentes para acordar um deus pagão, lembra?

Ele fez uma careta, erguendo as sobrancelhas.

— Ninguém é perfeito.

Um estrondo alto sacudiu as paredes da caverna, então, minha gaiola estremeceu. Meu coração deu uma batida antes de se estabelecer em um ritmo normal. Ao longe, o som do triturar das rochas cresceu e morreu, lembrando um terremoto. Ou, quem sabe, fossem dois demônios gigantescos lutando entre si.

Faris se virou em direção ao som, depois, olhou para mim.

— Sammy, querida. Não me resta muito tempo. Vou fazer o que eu puder para tirá-la daqui.

— O que *puder*?

Ele estava falando sério? Eu queria sair desta gaiola só para poder chutar sua bunda estúpida e condescendente de demônio.

— Quer dizer — seu sorriso vacilou e ele pigarreou — Vou tirá-la daqui. Não há necessidade de ficar toda irritadinha e emotiva. Não vai ser nada fácil para mim.

— Então não precisa se incomodar. — Ele estava realmente começando a me irritar. Se bem que o cara tinha me trazido um pouco de comida e água. Ah, tá bom. Deixei meus ombros caírem. — Você está se iludindo. Nunca vou conseguir sair.

O pensamento de passar o resto dos meus dias trancada nesta gaiola fazia minhas entranhas se revirarem.

O demônio intermediário fez uma careta para mim.

— Você sabe que a vejo uma mulher de sangue quente, mas agora, realmente está agindo como uma criança.

Soltei uma risada cansada.

— Estou exausta, Faris. Estou cansada, machucada e acho que perdi uma parte da minha alma. Então, perdoe-me por estar um pouco *irritadinha e emotiva*.

A memória de Vorkol alcançando meu peito e puxando um pedaço da minha alma fez o queijo que eu tinha acabado de comer ameaçar voltar por onde tinha entrado.

Eu só queria ir para casa...

O som de um estômago roncando me alcançou. Olhei para a minha barriga e percebi que não era o meu. Quando ergui o olhar, vi o demônio abatido ainda com o rosto preso às barras de sua gaiola. Seus grandes olhos azuis estavam suplicantes e lacrimejantes.

Deus, ele estava patético, embora ainda *fosse* um demônio. Eu nem sabia por que me importava. A criatura provavelmente estava aqui porque não trouxera almas suficientes ou porque fizera algo *muito* ruim, em termos demoníacos, é claro. Ou, quem sabe, ele fosse outra vítima da injustiça de Vorkol. O demônio me lembrava de um cachorro velho e desgredado que eu vira certa vez no canil local. Eu nunca conseguira superar seus olhos tristes. Me arrependia até hoje de não tê-lo levado para casa comigo. Ainda doía pensar no que poderia ter acontecido com o cão.

Soltei um suspiro trêmulo e olhei para os frios, que pelo cheiro, pareciam ser peito de peru. Ainda estava faminta, mas por algum motivo, não parecia certo comer. Resoluta, embrulhei o resto da comida no pano junto com o que restara na minha garrafa de água. Segurando o embrulho, enfiei o braço pelas grades em direção ao meu vizinho.

— Aqui — falei, balançando o embrulho diante dele. — Pegue.

O demônio esquelético recuou. A surpresa brilhou em seu rosto e seu lábio inferior tremeu.

— Sam? O que está fazendo? — sibilou Faris. — Não lhe dê comida. Ele vai morrer de qualquer jeito. Você vai desperdiçar isso em um demônio morto?

— Vou.

— Sabe quantas almas eu tive que trocar por isso? — acrescentou ele, claramente furioso.

— Não me importo. — Encontrei os olhos azuis do demônio magricela. — Pegue — insisti, ignorando o grito de indignação de Faris. — Tudo bem. Pode ficar.

Em um borrão, meu vizinho pegou o pacote mais rápido do que eu teria pensado possível em seu estado miserável, sentou-se no canto de sua gaiola e começou a comer.

Suspirei. Pobre coitado.

— Você percebe que ele provavelmente a teria matado pela comida se tivesse a chance? — retrucou Faris com um tom seco e acusador. — Você não tem ideia do que acabou de fazer.

— Acabei de dar um pouco de comida para alguém que realmente precisava. — Talvez a entidade estivesse certa, mas eu estava cansada demais para me importar. Sentei-me e me remexi, procurando uma posição confortável, o que era impossível quando se tinha barras de metal pressionadas contra sua bunda e suas costas. — Você deveria ir, Faris. O minotauro estará de volta logo. Você não quer acabar como nós.

— Eu me mataria — afirmou Faris com o rosto espremido de desgosto enquanto observava os corpos esfarrapados e as gaiolas sujas dos outros inquilinos. Seus olhos encontraram os meus. — Vou tirá-la daqui, Sam — disse. — Eu prometo.

— Achei que demônios não fizessem promessas — falei, observando meu vizinho esquelético comer sua refeição com as mãos trêmulas e nodosas. — A não ser que fosse uma promessa de matar alguém.

— Eu vou tirá-la daqui.

Olhei de volta ao ouvir a determinação em sua voz. Quase acreditei nele. Infelizmente, se o que Faris dissera sobre Vorkol era verdade, ele estava desperdiçando saliva. Eu nunca ia sair dali.

Após proferir aquelas palavras, o demônio intermediário, vestido com suas melhores roupas, deu meia-volta e foi embora.

Eu o vi partir com o coração pesado. Faris era o único demônio que eu conhecia no Submundo.

Agora, eu me sentia verdadeiramente sozinha e totalmente sem esperança.

**A**cordei com o som das barras da minha gaiola chacoalhando. Então, percebi que estava caindo. Caindo junto com a minha cela, dentro dela.

*Que ótimo. Aqui vamos nós de novo.*

Juntas, batemos no chão. Mal tive tempo de registrar a dor do impacto quando o minotauro abriu a porta e me puxou para fora. Andromalius me jogou na terra como se eu fosse um pedaço de pano usado. Eu cuspi a sujeira da minha boca ao passo que um caos de gritos e lamentos irrompia acima de mim. A algazarra retumbava pela caverna toda enquanto os outros prisioneiro externavam sua indignação por eu estar fora do meu confinamento novamente. Contudo, eu não era burra o suficiente para pensar que isso era uma coisa boa. Sabia que estar fora da gaiola era ruim. Realmente ruim.

Vorkol ia me questionar de novo e, quando eu não respondesse, tiraria mais um pouco da minha alma. Foi difícil não estremecer. Senti um repentino e insano impulso de fugir. Porém, para onde eu iria? Uma Fenda. Eu precisava encontrar uma Fenda.

— Levanta — rugiu o minotauro.

Fazendo uma careta de dor, fiz o que me foi dito e cambaleei até ficar em pé. Se Faris não tivesse me dado comida e água, acho que não teria resistido, não com o ardor constante do ar ácido.

— Andando — ordenou Andromalius, seus olhos amarelos brilhavam de desprezo e suas narinas estavam dilatadas.

Ele não precisava falar duas vezes. Caminhei em direção à porta de aço, a única saída que pude ver na caverna gigante. Disfarçadamente, dei uma olhada para o demônio gigante, mas seu pelo escuro, focinho retraído e carranca permanente não me deram nenhuma indicação do que estava prestes a acontecer comigo. Exceto, talvez, por mais dor.

O minotauro abriu a porta. Atrás dela, havia mais névoa escura; eu não via nada além de escuridão. Segui-o e passei para o outro lado. Escuridão e magia demoníaca eram um manto pesado ao meu redor. Senti o poder demoníaco dentro de mim; uma sensação escura e fria permeada por uma intenção maligna que dizia que eu não pertencia ali. Prendi a respiração e caminhei para frente nas sombras espessas.

Assim que a escuridão se dissipou, ofeguei e pisquei. Então eu pisquei novamente, esperando meu cérebro reconhecer o que eu estava vendo. Dessa vez, eu não estava em um salão de baile. Estava em uma arena do tamanho de um ringue de hóquei de formato oval com fileiras circulares de assentos nos andares superiores. Portas duplas de aço estavam à minha frente, no nível do solo. Um vento quente que cheirava a carne podre fluía pela areia dourada. Bandeiras negras montadas em postes altos ondulavam, exibindo uma serpente negra dentro de um círculo vermelho. Pude ver uma linha branca, como se tivesse sido feita com farinha, desenhada na areia. Um passo fora daquela linha e eu seria desqualificada ou morta.

Fantástico.

Tá. Então, Vorkol tinha magia das boas. Eu pensava que apenas deuses e deusas poderiam alterar a realidade, mas estava claramente errada.

As fileiras de assentos estavam se enchendo. Diante de mim, nos andares superiores, havia uma pequena sacada. Em uma cadeira parecida com um trono estava a esposa de Vargal. Ela tinha trocado seu disfarce de Maria Antonieta por um terninho vermelho justo, completo por uma camisa vermelha e uma gravata, que mostrava seu corpo esguio. Agora, sem a peruca, eu podia ver que seu cabelo era loiro e que estava penteado para trás em um coque baixo apertado. Ela terminou seu visual com um batom vermelho rubi que combinava com seus saltos de quinze centímetros. A mulher parecia mais uma advogada colorida do que uma demônio.

Travesseiros, almofadas, tapetes de tecido grosso e mesas baixas e estreitas estavam posicionados na sacada. Uma mistura de seis entidades masculinas e femininas descansava no chão entre as almofadas. Todos eles

tinham algo em comum: sorrisos falsos marcavam seus rostos e seus olhos estavam fixos em mim, afirmando a minha crença de que *eu* era o entretenimento.

Duvali estava atrás de Vorkol. Seu terno branco só deixava sua pele pálida e pastosa mais branca, em vez de remover aquela aparência de espantalho desengonçado e esquelético. Porra, como ele era estranho.

Os olhos vermelhos da demônio encararam os meus. Seus lábios se curvaram no tipo de sorriso que um psicopata daria antes de cortar a garganta de alguém.

Meu coração deu um salto.

Esta não era uma arena comum. Era um ringue de luta. Eu tinha visto minha cota de lutas na comunidade de lobisomens. A única diferença era que este era enorme e no Submundo. Quando Faris me dissera que Vorkol gostava de jogar, eu não fazia ideia de que ele estava sendo literal.

Corri os olhos ao redor das fileiras de assentos. A multidão se agitou com animação, o riso agudo das fêmeas e os gritos roucos dos demônios machos chamando uns aos outros com o que pareciam ser apostas. Excelente. Eles estavam apostando em mim, ou contra mim.

O peso reconfortante dos meus anéis de sigilo não estava ali, portanto, eu não tinha nada.

Uma figura solitária estava na primeira fila da arquibancada. Faris. Nossos olhos se encontraram e, só então, ele se sentou; seus olhos nunca deixando os meus. O demônio se acomodou entre duas belas fêmeas demoníacas. Ambas eram loiras, de pernas compridas e com peitos grandes o suficiente para deixar um universitário comum babando. A única coisa fora do lugar era seu rosto. Faris não estava sorrindo, apesar das mulheres voluptuosas que estavam praticamente sentadas em seu colo. Os lábios pressionados e o cenho franzido do demônio fizeram minha pulsação acelerar. Sua expressão dizia tudo. Isso ia ser feio.

Ele afirmara que me tiraria daqui, mas será que faria alguma diferença se eu não sobrevivesse a isso? O que quer que isso fosse?

A náusea tomou conta de mim, mas Andromalius me pegou pelo cotovelo e me escoltou até a extremidade do ringue.

Ele me soltou, e eu me virei, fitando-o.

— Nada de descanso para os ímpios, hein?

As narinas do grande minotauro se dilataram quando ele me encarou antes de ir embora.

— Foi um prazer falar com você — resmunguei ao vê-lo desaparecer por outro conjunto de portas.

Com o coração martelando, fitei a arena e me encolhi. Eu odiava ser o centro das atenções, contudo, agora tinha centenas, possivelmente milhares de olhos demoníacos em mim. Para piorar a situação, reconheci dois demônios que já tinha invocado antes. Vi a dupla se sentar em seus assentos. Paimon e Barbatos, ambos em suas formas humanas. Suas expressões de raiva me diziam que eles estavam aguardando ansiosamente que eu recebesse o que merecia.

Eu não tinha ideia do que seria, porém, quando as portas de aço se abriram e saltaram para fora de suas dobradiças, descobri. Um berro grave e alto irrompeu de dentro do nível mais baixo da arena, então, uma aranha do tamanho de um tigre correu para fora.

— Ah, merda — suspirei. Eu odiava aranhas. Especialmente as realmente grandes e peludas que pareciam que poderiam arrancar minha cabeça.

Cerdas e pelos pretos e espessos cobriam seu corpo, exceto por suas oito patas. Elas eram cobertas por pelos ruivos e cada uma terminava em uma garra afiada. Presas do tamanho do meu braço pingavam veneno amarelo. Dois grandes olhos amarelos estavam no meio de sua cabeça emoldurados por três menores de cada lado. A aranha parou dentro do contorno branco à minha frente. Sua cabeça balançou de um lado para o outro, parecendo verdadeiramente furiosa e faminta. A criatura devia pesar pelo menos uns duzentos quilos ou talvez mais.

Embora a entidade não fizesse parte dos setenta e dois demônios listados no *Ars Goetia*, eu sabia o que ela era: uma *igumo*. Uma das espécies de demônios menores mais mortais e indomáveis. Ninguém podia realmente controlar uma *igumo*. Elas eram burras demais para isso. Tudo o que ocupava sua mente era o instinto de matar e depois comer.

Cada parte do meu corpo e cérebro me disse para correr, fugir e me esconder. Eu não poderia lutar contra o demônio, não com minhas próprias mãos. Minhas pernas tremiam com a adrenalina, mas meus pés não se moviam. Meus olhos encontraram Faris. Ele se inclinou para frente em seu assento parecendo pálido e quase tão lívido quanto eu me sentia.

Meu estômago virou do avesso. Como eu ia lutar contra essa coisa sem meus anéis mágicos?

Ver Vorkol sorrindo na minha direção me deu vontade de gritar.

— Posso pelo menos pegar uma varinha? — gritei para a demônio Superior. — Harry Potter recebeu uma varinha quando estava duelando.

Ela olhou para mim como se eu estivesse louca. Ei, eu tinha que tentar.

Nenhuma varinha. Nenhuma arma. Sem anéis. E agora?

Fiquei apavorada quando um sorriso malicioso e engenhoso se espalhou pelo rosto de Vorkol.

— Qual o problema? Você não é uma bruxa poderosa, Samantha Beaumont? — disse, cruzando as pernas. — Se matou um demônio Superior, uma *igumo* não deve ser nada para você.

Olhei para as presas afiadas como navalhas da criatura. O medo se instalou em mim de maneira debilitante. Em pânico, vasculhei minha mente em busca de pistas sobre como poderia matá-la, mas não encontrei nada. Minha cabeça estava vazia como uma folha de papel em branco. Eu estava completamente ferrada.

Passei a língua pelos lábios.

— Que tal uma arma? — Duvidava que ela fosse me dar alguma coisa, ainda assim, valia a pena tentar.

Vorkol nunca perdeu o sorriso.

— Você pode usar qualquer coisa que encontrar *na* arena.

*Que tal sua cabeça?*

Com a mandíbula cerrada, olhei ao redor do ambiente. A primeira fila de assentos era muito alta para eu alcançar, então pegar emprestado qualquer tipo de magia estava fora de questão.

Um movimento chamou minha atenção. Virei-me a tempo de ver algo plano e cinza-escuro girando em minha direção no ar. O objeto aterrissou na areia com um baque leve. Piscando, olhei para uma pequena adaga, meio enterrada na areia, a um metro e meio de distância de mim.

Ergui o olhar a tempo de ver Faris se abaixando em seu assento. Pela expressão sombria de Vorkol, ela o vira jogar a arma. Esperei para ver se a demônio se oporia. Depois de mais cinco segundos, abaixei-me e peguei a adaga. Era óbvio que ela estava brava, mas não podia voltar atrás após dizer que eu poderia usar qualquer coisa que encontrasse na arena.

Olhei para o pequeno objeto. Por que ele me dera algo tão diminuto? O que uma arma assim faria contra uma aranha gigantesca? O coro de risos e assobios que se seguiu deixou meu rosto em chamas.

Olhei para Faris.

— Uma espada teria sido melhor.

O demônio intermediário não disse nada, recostando-se em seu assento, com uma expressão satisfeita, embora preocupada, seu rosto. Ele quase parecia aliviado por eu ter essa faca insignificante enquanto enfrentava um oponente gigante. Será que Faris enlouquecera? Talvez o morador do Submundo quisesse que eu morresse.

Ele continuou a me observar com a mesma feição satisfeita, como se aquela reduzida lâmina fosse minha salvação e a resposta para meu problema. Como se eu soubesse o que fazer com a faca. Agarrei a ferramenta firmemente na minha mão. Era melhor do que nada. Talvez eu pudesse arrancar um dos olhos da aranha, não que isso fosse mudar alguma coisa.

— Quais são as regras? — gritei, odiando que minha voz estivesse falhando, mas não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso agora. Cada demônio neste ambiente esquecido por Deus podia ver e provavelmente sentir o cheiro do meu medo. Eu era a bruxa que havia exorcizado alguns deles, agora, eles estavam se vingando.

A demônio Superior deu um sorriso sem mostrar os dentes.

— Sem regras. Exceto que só pode haver um vencedor. Quem sobreviver ao duelo ganha.

— E se eu ganhar — eu disse roucamente. — O que acontece depois? Vai me deixar ir para casa? De volta ao meu mundo?

Era um tiro no escuro, mas valia a pena tentar, especialmente com todas as testemunhas demoníacas.

O sorriso de Vorkol era surreal, duro e frio como um manequim.

— Se você vencer o duelo, pode retornar ao seu lugar de origem — respondeu com sua expressão em branco, exceto pelo sorriso estranho que permaneceu.

Tá, isso serve.

— Então, vale tudo? Sem regras, certo?

Vorkol ergueu os braços em um gesto de consentimento.

— Este é o Submundo. Vale tudo.

Está bem então. Engoli em seco, sentindo minha cabeça latejar por causa de todo o ar ácido que envenenava meus pulmões e meu corpo.

Eu sabia que Faris estava me observando, mas eu não podia olhar para ele agora. O medo que apareceria em seu rosto provavelmente arruinaria qualquer esperança que eu tivesse de ganhar a luta. Talvez eu não estivesse destinada a sobreviver. Talvez fosse assim que eu morreria.

O silêncio ao redor da arena era denso e assustadoramente profundo, motivo pelo qual minha respiração acelerou.

A demônio bateu palmas uma vez.

Então, a *igumo* atacou.

**A**lguma vez uma aranha gigante já o perseguiu? A mim também não. E qual é a primeira coisa que você faz quando algo assim acontece? Você corre. Bem, você grita primeiro, depois, corre para cacete.

Com minhas pernas se movendo com pura adrenalina, corri o mais rápido que pude. Considerando a falta de comida e água, não foi rápido. Era mais o equivalente a um fumante crônico tentando correr um quarteirão enquanto tosse até seus pulmões saírem pela boca. Sim. Eu era um espetáculo.

*Por que Faris me dera uma faquinha?*

Fiquei superfeliz em ter uma audiência para me ver nessa situação. O ruído dos risos me alcançou, sendo logo abafado pelo bater do meu coração no meu peito. Havia apenas eu, aquela aranha assassina gigantesca e uma faca insignificante.

*Por que Faris me fitara como se tivesse acabado de resolver todos os meus problemas? Como se eu devesse saber o que fazer com aquela adaga tão pequena?*

Graças ao caldeirão, a *igumo* não era uma grande velocista. Eu já tinha dado uma volta na arena, e a aranha demoníaca ainda estava atrás de mim, mas eu não era idiota, sabia que não poderia correr assim por muito mais tempo. Se a criatura fosse esperta, tudo o que precisava fazer era esperar que minha energia acabasse. Então, eu seria sua refeição. Apesar disso, eu não podia parar agora. Parar significava a morte. Eu não queria imaginar como seria ter suas pernas peludas e nojentas me tocando ou suas presas afundando na minha pele. Só imaginar me dava vontade de vomitar.

Se me era permitido qualquer coisa, por que Faris me jogaria algo tão irrelevante?

*Facas pequenas eram boas para cortar e fatiar.*

Então, entendi.

A faca não era para a aranha. Era para mim. Ele pretendia que eu a usasse *em* mim mesma.

Eu me virei. Vendo que a *igumo* estava a meio caminho de mim, tirei a luva esquerda, guardei-a no bolso e segurei a faca com a mão direita. Eu cortei a palma da mão esquerda, e sangue vermelho escuro se acumulou sobre o lugar, muito sangue; o que era bom, já que eu precisava de muito.

Suspiros e gritos de indignação irromperam no silêncio, mas não ousei olhar para nenhum deles. Especialmente não para Vorkol.

Eu tinha poder no meu sangue. Sangue era poder. Todas as bruxas tinham, algumas mais que outras. A magia de sangue era complicada, e eu nunca tinha realmente me envolvido com ela. Todo aquele sangue era nojento. Além disso, nunca tinha realmente aceitado a ideia da matança e sacrifício de pequenos animais, e, às vezes, até de humanos, mesmo que estes fossem pessoas *do mal*. Eu não queria seguir esse caminho com minha magia. Ter demônios obedecendo minhas ordens era mais fácil e eu não precisava matar uma galinha ou um rato para isso.

Contudo, eu estava no Submundo. O equilíbrio da magia e de todas as coisas sobrenaturais era diferente aqui. E, mesmo assim, Faris tinha me jogado uma adaga; o que só podia significar que ele sabia que minha magia de sangue funcionaria. Eu tinha que acreditar. Tinha que confiar nele. Afinal, o demônio acabara de se arriscar e de se expor por mim. A entidade superior o tinha visto. Agora, as coisas seriam diferentes para ele.

Caí de joelhos, focada, o que era surpreendente considerando as circunstâncias do demônio aranha-gigante-assassino. A *igumo* parou a cerca de trinta metros de mim e inclinou a cabeça, aparentemente sentindo o cheiro do meu sangue. Ela ficou parada por um momento, então, seu corpo tremeu. Um horrível som de lamento irrompeu dela; um som que uma aranha normal não deveria fazer. Porém, esta não era uma criatura comum.

No momento seguinte, seu pelo mudou de preto para vermelho, vermelho-sangue, como se estivesse imitando o líquido que corre em minhas veias e antecipando o gosto. Uau.

Eu sabia que tinha segundos antes que ela atacasse.

*Vamos lá, não tenho nada a perder mesmo.*

Apertando minha mão esquerda, desenhei um sigilo em forma de triângulo usando meu próprio sangue na areia diante de mim. Movendo-me rapidamente, tirei mais da minha mão e adicionei um círculo ao lado do triângulo. Por fim, escrevi o nome Sabnock em latim no centro.

Eu olhei para cima e encontrei os olhos escuros de Faris fixos nos meus. Ele deu um pequeno aceno de encorajamento. O demônio sabia exatamente o que eu estava fazendo. Tinha que funcionar. Por favor.

Então, veio a parte que não estava tão confiante sobre.

*Pelo caldeirão, que eu esteja certa.*

Respirando fundo o ar ácido, em vez de entrar no círculo, entrei no triângulo.

O líquido escorria pela minha mão esquerda. Tinha sido um corte muito profundo, mas esse era o menor dos meus problemas.

A *igumo* guinchou e logo se pôs em movimento novamente.

Merda. Merda. Merda.

Reunindo minha coragem, levantei-me com as mãos fechadas em punho e forcei minha mente a se concentrar enquanto canalizava a magia do círculo e do triângulo de invocação de sangue.

Um vento se ergueu ao meu redor, levantando meu cabelo e trazendo o cheiro de enxofre e carne podre. Minha pele se arrepiou no momento em que a energia fluiu de dentro de mim e ao meu redor. O ar mudou, e uma onda gelada de energia caiu em cascata sobre meu corpo.

Estava funcionando.

A *igumo* estava a apenas quinze metros de mim e se aproximando rápido.

A energia era desconhecida, ainda assim, não parei. Canalizando a magia que percorria o meu corpo, recitei o encantamento tão rápido quanto meus lábios podiam se mover, tudo sem pausa, gritando:

— Eu o conjuro, Sabnock, demônio do Submundo, para se submeter à vontade de minha alma. Amarro-o com inquebráveis grilhões de adamantina e o entrego ao caos negro da perdição. Eu o invoco, Sabnock. Apareça no espaço à minha frente!

O poder correu através de mim, frio, escuro e poderoso. Eu quase caí para trás. Estabilizei-me enquanto a energia me atravessava, queimando por dentro como se meu sangue fosse fogo líquido.

Porra.

Engoli em seco quando o círculo de sangue e o triângulo aos meus pés brilharam e ganharam vida com chamas amarelas e alaranjadas. O ar chiava, repleto de magia. Eu assisti, espantada, quando a energia se agitou, ardendo e fluindo ao redor dele.

A *igumo* parou ao ver o fogo, aparentemente com medo ou talvez até curiosa.

Então, a verdadeira dor me atingiu. Recuei à medida que uma agonia lancinante incendiava meu corpo. O efeito da magia do sangue me atingiu por completo, ardendo violentamente e sem fim. Meu corpo tremeu em tormento. Eu não conseguia respirar.

Magia de sangue doía como o inferno. Não era de se admirar que a maioria das bruxas se mantinha bem longe dela. Apesar do tormento, eu aceitaria a dor, toda ela, se isso significasse uma chance de voltar para casa.

Calor saiu de mim, deixando uma sensação de frio e enjoo no meu estômago. Conjurar entidades era sempre assim. E lá, dentro do meu círculo, estava um demônio lagarto do tamanho de um rinoceronte.

— Puta merda — murmurei. — Funcionou.

**Q**uem você chama quando uma aranha gigante está atrás de você? Um dragão-de-komodo viciado em anabolizantes, é claro.

Sabnock era enorme, feio e, pela redondeza de seus olhos amarelos, estava furioso para cacete. Sua pele era azul como o céu à meia-noite. Ele tinha listras prateadas ao longo de suas costas até a cauda, que acabava em três pontas afiadas. Seu corpo era rígido e ondulado com músculos. Membros anteriores grossos e posteriores ligeiramente mais altos terminavam em pés com garras que poderiam rasgar sua cabeça com um único golpe. O demônio abriu a boca e sibilou, revelando fileiras de dentes perversamente afiados do tamanho de facas de cozinha. Perfeito.

Ele era magnífico, mortal e meu, por enquanto. Parte de mim desejava que os demônios viessem em um tamanho menor. Será que ele ficava bem de coleira?

Tremi de animação, orgulho, medo e satisfação. Mesmo estando no Submundo, eu conseguia convocar seus próprios monstros. Eu era uma verdadeira bruxa das Trevas. Agora, sentia-me muito bem comigo mesma, embora ainda estivesse nesse lugar terrível e prestes a ser devorada por uma aranha gigante como entretenimento da noite.

Sorri. Eu ainda não estava morta.

Houve um alvoroço imediato das criaturas, um coro repentino de gritos e protestos enquanto a indignação e a raiva preenchiam a arena. Era música para meus ouvidos e enchia-me de coragem. Eles não estavam mais rindo de mim. Eu não era mais só uma bruxinha insignificante.

Encontrei o olhar de Faris. O demônio estava sorrindo orgulhosamente para mim. Ele piscou e deu um aceno de cabeça. Eu não tinha ideia de como ele sabia que minha magia de sangue funcionaria, mas agora eu o devia muito. Logo, algo me ocorreu. Se Faris tinha esse conhecimento, talvez realmente pudesse me tirar daqui. O demônio intermediário era cheio de surpresas.

A melhor parte era a expressão de Vorkol. Seus olhos vermelhos focaram em mim e seu rosto se contorceu de raiva. Ela estava com os lábios apertados com força. O ódio que fervia atrás de seus olhos era quase palpável. Ooh. Ela realmente me odiava agora. Isso me deixava toda boba por dentro. Quase dei uma cambalhota ali mesmo.

Aguardei por um momento, esperando que a entidade Superior me desse uma bronca, mas ela permaneceu sentada. Seu rosto era uma máscara de puro rancor e um pouco de surpresa. A demônio não esperava por isso. Eu ia vencê-la em seu próprio jogo.

*Um para mim, e zero para a rainha vadia.*

Sentindo-me um pouco rebelde, dei-lhe um sorriso, depois, um pequeno aceno. Sim, foi um exagero, mas se eu ia morrer esta noite, poderia pelo menos me divertir um pouco. E não havia melhor momento do que o presente.

— Sabnock — chamei, e as enormes mandíbulas do demônio lagarto estalaram de raiva. — Mate a aranha! — ordenei, tomando cuidado para não sair do meu triângulo. Se as regras se aplicavam aqui também, o triângulo era minha única proteção contra a criatura que acabara de invocar até que estivesse tudo terminado. — E me proteja! — acrescentei rapidamente, só para ter certeza de que ele não deixaria a *igumo* me dilacerar.

Sabnock sibilou novamente e uma língua preta bifurcada saiu de sua boca. Ele sacudiu o corpo, como um cachorro sacudindo a água de seu pelo, mas não se mexeu.

Merda. Não funcionou. O medo me congelou. Ele ia me comer.

No momento seguinte, o monstro se virou e pulou para cima da aranha.

O par de olhos amarelos da *igumo* cintilaram com uma luminosidade repentina. Ela também se lançou contra o lagarto. Com três saltos gigantes, eles se chocaram. O chão tremeu com o impacto. Um estrondo como se fossem dois touros furiosos batendo um contra o outro, seguido pelos movimentos bruscos de um tigre arrancando a carne de sua presa, foi

ouvido. O som de carne contra carne e ossos se quebrando encheu o ar, abafando os gritos de protesto da plateia demoníaca.

Ia funcionar!

As mandíbulas de Sabnock encontraram o peito da *igumo* com um impacto esmagador. Pedacos de carapaça quebrada e carne vermelha e preta caíram de sua boca. O demônio aranha se contorceu e guinchou enquanto tentava se libertar dos dentes do lagarto gigante. Então, uma perna da aranha deu a volta, atingindo Sabnock no olho.

Ele uivou, um som perturbadoramente canino. A entidade abriu a boca e a *igumo* se soltou, pulando para o lado. Um líquido preto e verde escorria do olho ferido de Sabnock. Eu preendi a respiração. A maldita aranha cegara um de seus olhos.

De boca aberta, ela soltou um grito estridente e atacou o lagarto. Com um poderoso impulso, afundou suas presas nos músculos das costas de Sabnock.

Tive um momento de pânico. Eu sabia que o veneno da *igumo* era tóxico para os mortais, mas não tinha ideia de qual seria o efeito com outro demônio. Infelizmente, agora, era tarde demais para fazer qualquer coisa sobre isso. Tudo o que eu podia fazer era assistir e esperar.

Droga. As coisas não estavam indo de acordo com o plano.

Ele rugiu de dor, em seguida, agarrou a *igumo* pela perna e a arrancou de suas costas com um poderoso movimento, jogando-a pela arena e destruindo um de seus membros no processo. Sangue preto borrifou a areia. O cheiro tóxico fez meus olhos lacrimejarem. Deus, aqueles animais eram desagradáveis.

Para meu azar, as *igumos* eram seres resistentes e a desgraçada ainda tinha mais sete pernas.

Sabnock sacudiu o corpo em uma violenta demonstração de raiva, atirando-se na aranha gigante com um rugido alto ao passo que se erguia nas patas traseiras.

O medo me atingiu. Quanto tempo levaria até os efeitos do veneno começarem a aparecer? Quanto tempo eu teria até que o demônio ficasse paralisado e me deixasse desprotegida e visível, como um pedaço de carne pendurado diante dos oito olhos da *igumo*? Assisti, hipnotizada, enquanto os dois monstros enormes lutavam. Era horrível e emocionante. Eu não conseguia desviar o olhar.

Sabnock se mexeu, em seguida, torceu a mandíbula para um lado, abocanhando uma das patas traseiras da aranha e a arrancando com outro jato de sangue preto e pedaços de carne. A *igumo* gritou de dor e se afastou da entidade. Uma perna com garras veio em direção ao outro olho do demônio lagarto, mas ele foi mais rápido. Com uma explosão de velocidade, as mandíbulas de Sabnock se fecharam sobre o pescoço da *igumo*. Seu exoesqueleto quebrou com estalos audíveis. O demônio aranha gritou de dor, seus braços e pernas estremecendo em espasmos. Houve um estalo final, então, a cabeça da *igumo* caiu de seu corpo com um baque suave.

Sabnock arremessou o corpo da aranha. Em seguida, como se não fosse suficiente, saltou sobre as patas traseiras e desceu no peito da aranha com tanta força que simplesmente perfurou o corpo do demônio.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Você é muito precavido — elogiei. — Bom menino.

Pensei em soltá-lo naquele momento, mas, depois, refleti melhor. Ele podia se virar contra mim. Afinal, tinha perdido um olho por minha culpa. Ele ficaria furioso comigo, e todo mundo sabia que os demônios guardavam rancor. Fiz uma nota mental para nunca mais convocá-lo se eu saísse deste lugar viva. Infelizmente, eu sabia que quanto mais tempo o tivesse sob meu controle, mais irritado ele ficaria.

Resoluta, arrastei meu pé pelo círculo de sangue, dizendo:

— Eu o libero, quebrando o contrato e a ligação.

Um *flash* de energia se derramou através de mim, do círculo e do triângulo de sangue. Ela girou dentro do meu corpo por um momento, então, soltei-a. Ao mesmo tempo, o demônio lagarto olhou para cima, observou-me por um segundo e, em seguida, voltou a pisar na *igumo* morta.

*Bem, é isso.*

Afastando-me dele, verifiquei minha palma esquerda. Porcaria. A ferida era profunda e estava vermelha e feia. Pior, minha mão inteira já estava inchada e infeccionada. Excelente. Isso era o que eu precisava agora: gangrena ou necrose. Eu gostava das minhas mãos, não queria amputar uma delas, porém, se permanecesse aqui, seria exatamente o que aconteceria. Eu teria que fazer um curativo mais tarde. Encolhendo-me, puxei minha luva esquerda sobre minha mão. Precisaria de, ao menos, alguns pontos. Enfiei a faca de Faris no bolso da frente.

Quando olhei para cima, de volta para a sacada, não pude evitar o sorriso que se espalhou por todo o meu rosto. Eu consegui. Ganhei. Eu iria para casa. Meu coração deu um pequeno pulso de emoção ao encontrar a expressão vazia no rosto de Vorkol, que, por algum motivo, pareceu-me mais aterrorizante do que se ela estivesse me olhando com raiva.

— Eu venci. Justa e honestamente — falei firmemente, embora não tão alto quanto queria, pois não conseguia colocar ar suficiente em meus pulmões. — Estou pronta para sair desse buraco de merda — acrescentei, sentindo meu sorriso se alargar ao notar do cenho franzido de Duvali.

Sua mandíbula se apertou com mais força, os músculos de seu rosto estavam salientes. Era uma visão adorável.

— Ah, sério? — Vorkol disse, inclinando-se para frente. Seus olhos vermelhos estavam focados em mim.

Tonta, mudei meu peso para esconder o fato de que meus joelhos vacilavam. Eu estava cansada e uma febre estava se iniciando.

— Sim. Sério. Acordo é acordo. A menos que vocês, demônios, não honrem suas palavras.

Um suspiro percorreu a plateia reunida. Meu pulso disparou, mais rápido e mais forte. Por um momento, pensei que tinha ido longe demais e que a demônio Superior me queimaria viva. Em vez disso, Vorkol simplesmente inclinou a cabeça para trás e riu. Era uma risada aguda e terrível, como o lamento de centenas de mulheres moribundas. Sinistro.

A mulher se endireitou com seus lábios vermelhos bulbosos puxados para trás em um sorriso perverso.

— Bom. Certamente foi *muito* divertido.

— Eu tento agradar.

O som de algo sendo triturado me alcançou. Quando me virei, vi o demônio lagarto mastigando. Uma das pernas da aranha estava espetada para fora de sua boca. Que agradável.

— Você disse que eu poderia ir para casa — afirmei. — Agora seria um ótimo momento para honrar sua promessa.

Eu tive um vislumbre de Faris. Ele estava balançando a cabeça para mim, dizendo *não*.

Vorkol estalou a língua.

— Você teria morrido sem aquela laminazinha miserável — retorquiu ela, virando a cabeça na direção do demônio intermediário, que agora

olhava para seus sapatos. — Minha *igumo* teria feito uma refeição completa com sua carne de bruxa.

— Provavelmente — respondi. — Todavia, agora nunca saberemos, não é? — Soltei um suspiro. Droga. Tudo estava girando novamente. — Ainda assim, eu ganhei. Quero sair daqui agora. O jogo acabou.

Os olhos de Vorkol brilharam.

— Você não ganhou, passarinho.

Fiz uma careta para ela.

— Como é que é?

Ela estava falando sério? Meu sangue pulsou forte em minhas veias, mas mantive meu queixo erguido enquanto dizia:

— Eu ganhei. — Olhei ao redor da arena e falei em uma voz alta o suficiente para todos me ouvirem. — Todos os demônios aqui viram. Você viu.

Uma rodada de sussurros raivosos e comentários abafados atravessou a multidão. Uma série de risos de escárnio acompanhou alguns dos murmúrios silenciosos.

— Ninguém ganha até que eu declare sua vitória — a entidade Superior disse.

Minhas entranhas se contorceram. Eu precisei me esforçar para não gritar.

— E o que é que isso significa?

*Sua vadia mentirosa.*

Faris tinha ficado imóvel.

— Significa exatamente o que eu quero que signifique. — Vorkol sorriu sem mostrar os dentes. — Vocês, bruxas mortais, costumam ser tão sem criatividade, tão previsíveis. Mas você... não. Você é diferente. Especial. — Ela hesitou. — Você me surpreendeu.

— De nada.

A criatura superior ergueu as sobrancelhas perfeitas, embora sorriso assombrasse sua boca.

— As coisas andam muito chatas ultimamente. Matar você agora, passarinho, seria chato.

Os olhos de Duvali brilharam com impaciência, e ele começou a ranger os dentes, como se quisesse provar minha carne.

Vorkol soltou um suspiro longo e exagerado.

— Este não é o fim do entretenimento. Não terminei de brincar com você, passarinho. Isso é bom demais para largar fácil assim, é muito divertido. — A demônio acenou com a mão na minha direção. — Você vai ser muito... útil.

Um murmúrio de risadas dos assentos ecoou ao meu redor, acertando-me como um soco no estômago. Eu contraí minha mandíbula.

— Vai se foder.

Ódio queimou dentro de mim. Estava furiosa com ela, mas ainda mais comigo mesma por ter me permitido acreditar que a demônio me soltaria. Eu era uma idiota. A entidade nunca me deixaria ir, não até conseguisse o que queria, ou seja, até que não houvesse mais de mim com que se brincar.

Vorkol se recostou na cadeira e cruzou as pernas.

— Tudo isso poderia ter sido evitado se você simplesmente tivesse me contado como o destruiu.

*Lá vem.*

Sua expressão escureceu quando ela inclinou a cabeça.

— Conte-me como fez. Diga-me como matou o Vargal e poderá ir para casa.

Certo. Como se eu fosse acreditar nela agora. Ainda assim, eu queria viver.

— Lutamos. Eu venci. É isso. Não há nada para contar.

Naquele momento, desejei nunca ter cruzado o caminho do demônio Superior Vargal.

Ela soltou outra risada.

— Passarinho, essa mentira não chega nem perto de ser convincente.

— Foi o que aconteceu. — Engoli uma onda de náusea. — Você viu o que consigo fazer. Eu não tenho nada de especial. Talvez, tenha tido sorte.

Eu nunca poderia dizer a verdade. Alguém como ela nunca deveria ter acesso a um poder como o meu. Do contrário, a demônio massacraria os humanos aos montes, junto com todos os mestiços que pudesse encontrar. Eu não podia deixar isso acontecer, mesmo que tal decisão significasse minha morte. Eu não seria responsável por todo aquele caos e destruição. Não poderia viver comigo mesma se permitisse que meu dom caísse nas mãos dela.

Olhei para trás, por cima do ombro, mas o demônio lagarto havia sumido, assim como qualquer vestígio das entranhas da aranha.

Duvali se abaixou e sussurrou no ouvido de Vorkol. A demônio Superior sorriu quando se endireitou e disse:

— Vou perguntar mais uma vez. Diga-me como matou Vargal, e tudo acabará. Você estará de volta ao seu mundo fazendo o que quer que seja que as bruxas fazem. Por sinal, o que é que vocês fazem?

— Trabalham em seus caldeirões — respondeu Duvali. — Isso é tudo que conseguem fazer. Elas não têm poder de verdade.

Outra onda de risadas rolou pelo lugar, e minha raiva ferveu, interrompendo minha febre. Deus, como eu odiava demônios.

*Se não tenho poder, como foi que matei seu companheiro, hein?*

Vorkol sorriu, mas pude ver através de seus olhos que ela sabia que eu estava guardando segredos. A mulher não iria parar até descobrir o que eu escondia.

— Você selou seu destino, passarinho — disse a demônio, inclinando-se para frente em sua cadeira. — Até que me diga o que eu quero saber, nunca sairá deste lugar. O *show* tem que continuar.

Sirenes de alerta ressoaram em minha mente.

Vorkol recostou-se na cadeira e gritou:

— Tragam aquele imbecil.

*Imbecil?*

Horror percorreu minhas entranhas.

As portas de aço se abriram novamente e Andromalius entrou na arena. No começo, eu não conseguia ver além dos ombros e do corpo volumoso do grande minotauro. Uma grossa corrente de metal estava pendurada em sua mão. Ele deu um puxão em algo atrás de si.

Meus olhos foram para a multidão e encontraram Faris. Sua pele normalmente cor de oliva estava pálida. Sua expressão estava assustada e sua boca estava aberta em choque.

Quando Andromalius se aproximou de mim, soltei um pequeno gemido.

Sendo arrastado atrás dele, com uma corrente em volta do pescoço, estava Logan.

**L**ogan.  
Não. Isso não podia estar acontecendo. Não era o lindo nascido-anjo que tinha me beijado e que raramente usava roupas nas minhas fantasias estar aqui. Contudo, ele se arrastava atrás do Minotauro, vindo em minha direção.

Não era assim que eu imaginava nosso próximo encontro. Pensava mais em algo tipo: eu nua, ele nu e, de preferência, em cima de mim. Um calafrio serpenteou pela minha espinha. Isso estava errado de todos os jeitos possíveis. Eu não queria estar aqui. E, acima de tudo, não queria que Logan estivesse aqui.

Ele estava usando jeans azul e uma camiseta cinza. Reconheci que eram as mesmas roupas com as quais aparecera na minha casa ontem. Agora, elas estavam manchadas de suor e de sangue e seu cabelo se encontrava escorrido e sujo. Hematomas roxos e avermelhados marcavam seu rosto, além disso, havia sangue seco em volta de seu nariz e nos cantos de sua boca. Ele parecia ter dado trabalho.

Sua camiseta estava rasgada logo acima do lado direito do quadril. Consegui ver um corte perfeito, reto, de cerca de sete centímetros, com veias escuras como pernas de aranha se destacando ao redor do ferimento: a marca de uma lâmina da morte. Então, os demônios superiores o tinham cortado para poder arrastá-lo para cá também.

Senti uma onda de tontura e cambaleei. Droga. Eu ia acabar vomitando.

Logan estava no Submundo por minha causa. Eles tinham-no torturado por minha culpa. E, agora, ele morreria por conta de minhas ações.

Tentei fazer contato visual, mas o nascido-anjo olhou para o chão. Sua expressão parecia petrificada.

*Muito bom, Sam. Não tem nem chance de ele convidá-la para sair depois disso.*

Andromalius parou quando me alcançou, soltando a algema em volta do pescoço de Logan. O demônio agarrou a corrente com uma mão; com a outra, empurrou o nascido-anjo no chão arenoso, aos meus pés. Aparentemente satisfeito, o minotauro se virou, parando a alguns metros de distância.

Que situação estranha. O que você diz para o cara por quem tem tesão após descobrir que ele foi espancado e arrastado para o inferno por sua causa? Eu não sabia. Minha mente estava totalmente vazia.

O nascido-anjo se levantou. Suas feições estavam marcadas pela ira.

Engoli em seco.

— Logan, eu sinto...

A expressão de puro ódio que ele me deu foi como um tapa na cara. Instintivamente, dei um passo para trás. Meu estômago afundou enquanto tentava encontrar minha voz novamente.

— Vou tirá-lo daqui. Eu juro. Vou consertar isso.

Ele balançou a cabeça repetidamente. Sua mandíbula estava contraída, os músculos de seu rosto salientes, e sua expressão parecia prometer assassinar alguém. Nada bom.

— Logan?

Observei seu rosto. Olheiras escuras manchavam a pele sob seus olhos. O nascido-anjo parecia doente. Provavelmente estava, de fato, doente, assim como eu. Os mortais não podiam viver no Submundo indefinidamente, assim como os demônios não podiam viver no nosso mundo.

Ele não olhou para mim. Seu olhar estava fixo na areia a seus pés.

— Logan? — tentei novamente.

Nada.

Sua recusa em responder era pior do que se ele tivesse me dado um tapa no rosto. Eu preferia que tivesse me batido. Qualquer coisa era melhor do que o tratamento do silêncio. Quando o nascido-anjo se afastou de mim, bem, isso quase me fez cair de joelhos. Meu coração caiu no chão. Vergonha. Arrependimento. Estupidez. Todos corriam pela minha mente e corpo. Era quase demais para suportar.

Em meio à dor, lembrei-me que era *ela* quem tinha feito isso. Não eu. Vorkol queria me machucar de qualquer maneira que pudesse para conseguir o que queria. Eu não tinha ideia de como a demônio ficara sabendo sobre Logan, mas a maldita era competente.

Lágrimas de raiva ameaçaram escorrer pelo meu rosto quando olhei para cima e encontrei a expressão feliz de Vorkol.

— Que merda é essa? — rosnei. Minha voz tremia de raiva e de tristeza.

Ela levantou uma sobrancelha perfeita, seu sorriso crescendo e revelando seus dentes brancos.

— Considere um favor — a entidade ronronou, mas eu mal pude ouvi-la acima do som do sangue pulsando em meus ouvidos.

— Um favor? — Soltei uma risada curta. — Você deveria parar com as drogas. — O sangue latejou em minhas têmporas. — De que forma isso pode ser um favor?

*Por que não vem mais perto para que eu possa cortar sua garganta?*, eu disse com meus olhos.

— Para ajudá-la a soltar a língua, passarinho — retrucou Vorkol, aparentemente satisfeita. Duvali deu uma risadinha. — Posso continuar torturando-a até você ceder, ou posso torturá-lo até que decida me contar o que desejo saber. A escolha é sua. Olhe só, estou até lhe dando a oportunidade de tomar decisões, passarinho. Em algum momento, terá que tomar uma atitude.

— Sua puta psicótica — gritei, sentindo meu corpo tremer e minhas unhas cravarem no couro das minhas luvas. — Solte-o. Logan não tem nada a ver com isso.

— Claro que tem — disse ela, arregalando os olhos vermelhos. — Estou lhe entregando uma saída. Ele não é um bruxo, mas ouvi dizer que os nascidos-anjos são guerreiros. Estou dando-o a você.

Meus lábios tremeram.

— Você não pode oferecer pessoas como se fossem animais de estimação.

Vorkol ergueu a mão e apontou.

— O nascido-anjo lutará, sangrará e morrerá ao seu lado. Contudo, se for esperta o suficiente — ela continuou —, vai me dar o que eu quero, então, os dois serão libertados.

Com isso, a cabeça de Logan se ergueu e pude sentir seus olhos em mim. Eu não conseguia encará-lo. Se o fizesse, perderia o controle e não

seria capaz de pensar logicamente. Eu precisava me concentrar. Tinha que ser inteligente. Ser burra e emotiva me mataria. Mataria nós *dois*.

— Como eu sei que não está mentindo? — indaguei, respirando com dificuldade. Minha garganta queimava com cada inspiração daquele ar fétido. — Você me disse antes que se eu ganhasse o duelo, poderia ir para casa. Matei sua maldita aranha, mas ainda estou aqui.

A irritação piscou no rosto de Vorkol.

— Você trapaceou. Interferência não conta. Usar ajuda não é ganhar.

Eu pressionei os lábios.

— Se isso é verdade, por que me deixou terminar? Por que você não parou a luta?

A demônio estalou a língua, sorrindo.

— Eu estava entretida. Você me diverte. Além disso, o entretenimento só acaba quando eu digo que acabou. — Ela deu de ombros e acrescentou — E não terminou ainda.

Logan apareceu ao meu lado um segundo depois.

— Samantha — disse ele. O tom de urgência em sua voz fez com que eu me virasse. — Se souber de algo que possa nos ajudar a sair daqui... diga a ela.

Porra, ele era lindo. Seu estado desganhado e a raiva ondulando em seu rosto o tornavam ainda mais sensual. Minha boca se abriu, mas eu a fechei novamente. Como eu poderia explicar minha situação para o nascido-anjo?

— Você não faz ideia do que está pedindo — falei.

Seus olhos castanhos estavam selvagens.

— Estou pedindo que nos ajude a chegar em casa. Diga o que ela quer saber. Não quero nem pensar na nossa outra opção. — Quando não respondi, ele se inclinou mais perto até que sua respiração estava quente no meu pescoço. — Vamos morrer se ficarmos aqui.

Fiz uma careta. Como se eu não soubesse disso.

— Sam? — Logan pressionou, sua respiração enviando deliciosos arrepios por toda a minha pele. — Conte a ela. O que quer que seja. Apenas conte.

Ele realmente adorava me dar ordens. Eu me afastei. Sua proximidade estava fazendo minha mente ficar nublada. Meus olhos encontraram os de Vorkol e eu disse:

— E se eu disser o que você quer, vai nos deixar ir? — perguntei. Meus olhos se moveram para Faris. Seu rosto estava tenso e torcido de

preocupação. Engoli em seco. — Nós dois? — Meus olhos retornaram para a demônio Superior.

Vorkol me deu um pequeno e horrível sorriso.

— Sim. Vocês dois.

— Vivos?

— Sim, vivos — concordou a entidade. — Temos um acordo, passarinho?

A postura de Logan se aliviou um pouco. Ele pensava que eu ia dizer o que ela queria. O nascido-anjo não entendia. Fechei os olhos e inspirei superficialmente. Tentei controlar minha raiva e me concentrar. Não adiantaria nada perder o controle.

Repassando suas palavras, procurei brechas no que a criatura dissera, ainda assim, sabia que estava apenas me enganando. Eu já estava nesse ramo há muito tempo. Os demônios eram mestres trapaceiros, mentirosos, planejadores e atores premiados. E Vorkol era a mais talentosa de todos.

Se eu lhe contasse como consegui matar Vargal, sobre meu dom, estaríamos mortos. Ela nunca nos deixaria sair vivos. Em vez disso, tomaria todo o meu sangue e meu poder. A demônio poderia até matar a todos nesta arena inteira apenas para manter meu dom em segredo; para mantê-lo apenas para si. Ela provavelmente ia fazer isso. Se eu estivesse em sua posição, era exatamente o que eu faria.

De qualquer maneira, íamos morrer, porém, se Vorkol nos deixasse viver por mais uma noite, eu teria mais algum tempo para descobrir como escapar. Escapar era minha única opção.

Abri os olhos e me preparei para o que estava prestes a dizer e para a reação de Logan.

— Sem acordo — respondi.

Minha voz carregou o silêncio por um mero segundo antes que a arena explodisse em um coro sanguinário. Os idiotas queriam mais luta, mas sua senhora não.

A expressão de Vorkol se tornou quase grotesca. Ela esfregou os dedos no braço da cadeira.

— Se falhar no próximo desafio, não sobrá nada de você para me divertir.

— Vou correr esse risco — afirmei, vendo os olhos dela se estreitarem com a minha resposta.

Não era isso que a demônio pensava que eu diria.

— Está louca? — gritou Logan enquanto se virava para mim. — Diga o que ela quer ou eu a forçarei a dizer.

Fiz uma careta, sentindo minha raiva borbulhar para a superfície novamente.

— Sério? Quero ver você tentar.

Logan contraiu a mandíbula, controlando sua raiva.

— Você quer morrer aqui? É isso o que quer?

— Não.

— Então, conte a ela como o matou — ele disse em um tom decidido, embora também houvesse um pouco de arrependimento ali.

Balancei a cabeça.

— Não há nada para contar. Nós lutamos e eu derrotei Vargal.

Atrevi-me a olhar para Faris. Seus olhos estavam mais redondos do que eu me lembrava.

Logan riu amargamente.

— Sabe o que acabou de fazer? — sibilou o nascido-anjo. — Acabou de matar nós dois. Você nos matou.

— Sei que é o que parece, mas confie em mim.

— Confiar em você?

O rosto de Logan estava torcido em desgosto. Eu afastei meus olhos dele antes de desmoronar.

*Se controla, Sam.*

A expressão de Vorkol escureceu.

— Você fez sua escolha. Leve o passarinho de volta para sua gaiola. E leve o outro com ela — disse ela bruscamente. — Vamos ver por quanto tempo consegue guardar seus segredos.

O minotauro puxou sua espada.

— Andando — ele ordenou enquanto me contornava e, com o punho de sua espada, me golpeava com força nas costas.

Tropecei para frente e quase perdi o equilíbrio. Uma dor incandescente atravessou minha espinha, mas me recusei a gritar. Eu não demonstraria dor e nem que ela estava ganhando.

Logan estava em silêncio. Sua expressão sombria e nada amigável só aumentava enquanto caminhávamos em direção à saída.

A última coisa que vi antes de passar pela porta foi a carranca profunda de Vorkol. Seu olhar estava fixo em Faris.

**C**ompartilhar uma pequena gaiola de metal de dois por dois não era minha ideia de um super primeiro encontro ou de uma primeira vez sozinha com Logan. Sim, o nascido-anjo estava deliciosamente suado e extremamente perto, porém, não era o suor e o brilho pós-sexo. Era mais o rubor do ar ácido e tóxico em suas bochechas e o brilho febril do veneno da lâmina da morte. Pois é. Nada legal.

Eu teria preferido estar em casa no sofá, assistindo a um filme ou uma série enquanto ele me servia um pouco de vinho. Bem, nem sempre conseguimos o que queremos. Mesmo que o nascido-anjo estivesse sentado bem na minha frente, mesmo que eu pudesse apenas estender a mão e agarrá-lo, uma parte de mim se sentia mal enquanto a outra se sentia raiva. Eu não tinha certeza de qual estava ganhando.

— A culpa é sua — disse Logan.

Era a primeira vez que ele falava comigo desde que tínhamos sido jogados na cela, três horas atrás. Sua voz estava diferente: fria, terrível e firme. Eu nunca o tinha ouvido falar daquele jeito antes.

*Ai.*

— Eu sei — respondi.

O que mais eu poderia dizer?

O nascido-anjo esfregou o queixo.

— Você deveria ter contado a ela. Por que não contou? Gosta daqui ou algo assim?

Fiz uma careta ao notar tom exasperado em sua voz.

— Não é tão simples assim.

— Sério? — Seus olhos brilharam com incredulidade. — Qual o seu problema?

— Por onde eu começo?

— Isso não é engraçado — ele rosnou e seu rosto escureceu. — Acha que isso é uma piada? Minha vida é uma brincadeira para você?

Suspirei.

— Claro que não. Relaxa, certo? Você está me dando dor de cabeça.

A expressão de Logan endureceu.

— Tudo bem. Vamos apenas chamar o minotauro e dizer a ele que você quer falar com Vorkol. Diga a ela que mudou de ideia. Apenas revele como você matou o desgraçado para que possamos ir para casa.

— Ir para casa? — resmunguei, irritada. — Não percebe que essa nunca foi a intenção dela? A maldita nunca vai nos deixar ir para casa. Se não conseguirmos fugir, não vamos sair daqui nunca.

O seu rosto ficou tenso.

— Eu vou. — Ele cruzou os braços sobre o peito e um olhar determinado apareceu em seu rosto. — Se você tivesse contado a ela, eu nem estaria aqui. Não compreendo. Não consigo entender por que está fazendo isso. Por que você não pode simplesmente contar?

— Porque não.

— Por que não? — o nascido-anjo gritou, fazendo meu sangue ferver.

Naquele momento, imaginei-me dando um tapa em seu lindo rosto. E, então, outro tapa. Sufoquei meu temperamento antes de começar uma briga de gritos. A última coisa que eu precisava era que o minotauro voltasse com sua espada gigante.

— Porque se eu contasse — falei —, milhares morreriam. Estou salvando vidas ao não revelar a verdade. Você não entende?

Logan franziu a testa e esfregou os olhos.

— Não a entendo — ele disse, rindo com impaciência.

— Não, não compreende.

Com as sobrancelhas erguidas, o nascido-anjo soltou um grunhido. Sua mandíbula se apertou antes que dissesse:

— Então, me explique. Tenho tempo. Não é como se eu tivesse um compromisso aqui.

Encontrei seu olhar. Seus olhos castanhos piscaram e um olhar atento, calculista e cético surgiu.

— E então? — Logan questionou. — Sou todo ouvidos.

Eu o observei, perguntando-me se poderia confiar nele. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, minha boca se abriu e as palavras saíram. Contei-lhe que meu pai tentara me matar por causa do que eu era e que meu avô me salvara das chamas. Falei sobre como descobri o que conseguia fazer, sobre meu dom especial e por que o mantive em segredo todo esse tempo. Finalmente, detalhei os eventos que haviam levado à minha briga com Vargal e como eu usara meu dom com o auxílio de Poe para matar o demônio. Como Logan estava inconsciente no momento em que tudo acontecera, eu nunca tive certeza se ele tinha me visto usar a habilidade e todas aquelas versões de mim.

Meu coração estava acelerado quando terminei. A expressão preocupada de Longa se derreteu em um de seus famosos sorrisos. Eu me perguntei se tinha feito a escolha certa ao lhe dizer a verdade ou se acabara de condenar a mim mesma. Imaginei que só o tempo diria.

— Se as bruxas descobrissem que consigo pegar magia emprestada sem ter que barganhar com demônios — falei —, elas me matariam, assim como meu pai tentou fazer. Elas fariam o que pudessem para tomar o poder para si mesmas, ou simplesmente me matariam para não permitir que eu o tivesse. — Soltei um suspiro. — Conseguir imaginar o que Vorkol faria com um dom assim? Eu não posso permitir que ela o tenha.

Logan apenas ficou ali, sentado de frente para mim. Ele apertou os olhos, seu olhar se tornando distante. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo por trás daqueles olhos castanhos. Afinal, mal conhecia o cara. Nervosa, senti o início do arrependimento me atingir. Minha adrenalina disparou. Merda. O que foi que eu fiz?

— Passei algum tempo pensando a respeito — o nascido-anjo disse com um brilho curioso no olhar. — Então, todas aquelas réplicas suas... eram reais? Eu achei que tinha batido a cabeça um pouco forte demais.

Minha garganta se contraiu quando engoli.

— Lamento que isso tenha acontecido com você, Logan, mas não pode contar a ela. Você não pode revelar a ninguém. Prometa que não o fará. — Esperei, sentindo meu medo redobrar. — Prometa — repeti com um misto de arrependimento e de medo.

Ele olhou para cima, fitando-me por alguns instantes, e eu preendi a respiração.

— Eu prometo.

Por algum motivo estranho, acreditei nele. Soltei um suspiro trêmulo, não gostando do fato do nascido-anjo ter me visto daquela maneira.

— Seu pai é um babaca — ele disse após um longo silêncio.

— Entre outras coisas — concordei.

Minhas entranhas se contorceram. Em minha mente, pude ver o sorriso malicioso refletido no rosto de meu pai e o brilho maligno em seus olhos pouco antes de ter me jogado no fogo. Algumas crianças bloqueiam eventos traumáticos para se protegerem. No meu caso, bem, a memória era completamente cristalina, como se tivesse acontecido ontem. Aquele homem era um verdadeiro monstro.

As belas feições de Logan se contraíram de preocupação.

— Deve ter sido difícil crescer com isso. Quer dizer, o fato de seu próprio pai culpá-la pela morte de sua mãe e depois tentar lhe matar. Parece coisa demais para uma criança suportar.

Balancei a cabeça.

— Na verdade, não. — Reposicionei-me, tentando encontrar um ponto que não fosse tão duro na gaiola para encaixar minha bunda. — Eu tive meu avô e minha tia-avó cuidando de mim. Foi o suficiente.

— Você sabe o que aconteceu com ele?

— Quem?

O olhar de Logan se fixou em mim.

— Seu pai.

Desviei o olhar.

— Ele desapareceu na noite do incêndio. Nunca mais ouvi falar dele.

E isso era uma coisa boa.

— E se ele aparecer?

— Eu o matarei.

Fiquei chocada com a facilidade com que as palavras saíram e como eram verdadeiras. Se eu sobrevivesse a este lugar e o sujeito desse as caras, eu o *mataria*. Na verdade, estava esperando por esse dia, por essa chance. Nenhum bruxo capaz de queimar criancinhas vivas deveria continuar vivendo.

— É por isso que você usa luvas? — o nascido-anjo arriscou, lançando um olhar para minhas mãos. — Por causa das cicatrizes?

Assenti, sentindo-me um pouco envergonhada agora que ele sabia o meu segredo. Era isso ou suportar a interminável importunação dele.

Silêncio. Não silêncio absoluto, se você contar os gemidos e guinchos implacáveis das outras centenas de gaiolas e o som constante de arranhar vindo do meu vizinho esquelético. Ele tinha permanecido calado depois que eu lhe dera um pouco de comida. Desde então, passava o tempo esfregando as barras de metal de sua gaiola com a tampa da garrafa de água.

— Por sinal, ouvi dizer que você é um figurão da comunidade dos nascido-anjo — falei, querendo mudar de assunto. Além disso, seu silêncio estava começando a me assustar um pouco. — Não estou tão familiarizada com a hierarquia da sua espécie, mas tenho certeza de que “chefe da casa de Miguel” é coisa grande.

Um sorriso curvou os cantos da boca de Logan, mudando seu rosto de bonito para espetacular.

— É, um pouco.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Eu sabia que ele estava sendo modesto.

— Você gosta? — perguntei, sem saber se o sujeito queria o título ou se fora forçado sobre ele. Não consegui evitar a curiosidade. Era sempre bom ter mais informações.

— É uma honra ser escolhido — disse ele, com as mãos bronzeadas no colo. — Eu tento fazer o certo pelo meu povo, mas nem sempre consigo. Nem sempre é tão fácil. Não dá para agradar a todos.

— Muito drama, hein?

— Do tipo familiar — acrescentou. Seus olhos encontraram os meus e seu sorriso se abriu, mostrando dentes brancos. — Faz parte da minha vida agora; de quem sou, como nascido-anjo. Não tenho folga.

— Você pode pensar nisso como férias, então — falei, gesticulando com as mãos. — A vista é espetacular, mas a comida é uma porcaria.

Ele riu. O cara achava que eu era engraçada. Droga, isso era muito perigoso. O último homem que me achara engraçada acabara nu na minha cama.

— Pais? — perguntei rapidamente, sentindo meu rosto corar enquanto meu olhar rolava sobre sua barba por fazer, que dava às suas feições perfeitas uma aparência mais robusta e automaticamente fazia o meu medidor de sensualidade alcançar o topo.

— Ainda casados — disse ele. — Ainda felizes.

Eu não conseguia imaginar minha vida com pais felizes, mas não é como se estivesse com inveja. Minha vida familiar parecia completa com

meu avô, minha tia e Poe. Eu não mudaria nada mesmo se pudesse.

Ao pensar no meu corvo, a preocupação tomou conta de mim. Na última vez que o vi, ele tinha ido fazer uma refeição. Tudo o que eu podia fazer era rezar para que os demônios superiores não o tivessem machucado. Ele provavelmente estava doente de apreensão agora. E se meu familiar estava preocupado, significava que meu avô e minha tia também estavam. Eles provavelmente estavam tentando descobrir o que tinha acontecido comigo. Parecia que eu estava ali no Submundo há apenas alguns dias, mas vai saber como esse lugar funciona. Poderia muito bem estar presa naquela gaiola há anos.

— Você está sangrando — ele disse em um tom mais suave do que antes.

Olhei para cima e percebi que o nascido-anjo estava olhando para minha mão esquerda. Eu a levantei. Sim. Meu sangue tinha encharcado minha luva e escorrido pelos meus dedos.

— Droga.

Com cuidado, tirei minha luva. O sangue escorria do corte e a ferida ainda nem tinha começado a cicatrizar.

A gaiola chacoalhou e balançou quando Logan se virou e veio se sentar ao meu lado. Ceeeerto.

— Posso dar uma olhada? — perguntou, surpreendendo-me, embora tenha ficado mais abalada quando sua coxa roçou na minha.

Gentilmente, ele ergueu minha mão.

— Você vai precisar de pontos — o nascido-anjo disse, soltando-me.

— Ah, fala sério.

Com as mãos, ele rasgou a parte inferior de sua camiseta em uma longa tira e enrolou em volta da minha palma com a precisão de especialista.

— Vejo que já fez isso antes — pontuei, maravilhada com a forma como suas mãos grandes podiam ser tão gentis.

Logan me deu um sorriso tenso.

— Já. — Ele fez um nó ao lado do meu pulso. — Deve ser suficiente até sairmos daqui.

— Sairmos daqui — repeti, ouvindo a certeza em minha própria voz.

Tínhamos que sair. Não havia outra maneira. Não se quiséssemos viver.

— Então — disse Logan enquanto se inclinava para o meu lado, nossos ombros se roçando. Eu consegui sentir seu cheiro almiscarado sobre o

enxofre no ar. Era agradável. — Alguma ideia brilhante sobre como fugir deste lugar?

Puxei a luva sobre minha mão esquerda.

— A única saída que vejo é por onde entramos.

— Quer dizer através de uma Fenda?

— Exatamente.

— E você sabe onde encontrar uma?

Olhei em volta, na direção das barras de metal.

— Se eu conseguisse sair desta gaiola, talvez soubesse.

Logan fez um barulho.

— Mesmo se encontrarmos uma, acha que vai funcionar?

— Se eu estiver certa — comentei com um pouco de animação vibrando no meu estômago. — Nós dois fomos esfaqueados por lâminas da morte, o que nos permitiu vir ao Submundo, certo? Então, faz sentido pensar que podemos usar essa mesma lógica para passar pelas Fendas e retornar para casa.

Os ombros de Logan ficaram tensos.

— Pode ser. Só espero que possamos sobreviver à viagem. Não foi exatamente um passeio no parque.

Tinha isso também. Nossa saúde estava diminuindo rapidamente, o que significava que atravessar uma Fenda era um risco. Ele estava certo. Poderíamos nem sair vivos.

— E onde você acha que encontramos uma dessas? — o nascido-anjo perguntou.

Um pensamento me ocorreu.

— Faris vai ajudar. — Eu me animei. — Ele disse que ia. O demônio vai nos auxiliar a encontrar um caminho para casa.

Saber que eu tinha pelo menos um amigo neste inferno me deu uma nova sensação de esperança.

— Talvez. — Logan moveu seu corpo e seu ombro roçou contra o meu, enviando pequenos arrepios sobre minha pele. Ele estava tão perto que eu podia sentir seu hálito quente no meu rosto. O nascido-anjo não se afastou. Nem eu. — Mas talvez Vorkol tenha o matado — acrescentou.

Surpresa, inclinei-me para trás e acabei batendo minha cabeça nas barras.

— Por que você diria isso? — perguntei, esfregando a cabeça.

Logan ergueu as sobrancelhas.

— Ele a ajudou ao lhe dar aquela adaga. Não acho que ela vai deixar isso passar. Ele se ferrou.

— Ajudando-me. — Minha garganta se apertou. Eu me inclinei para frente para ver seu rosto melhor. — Então, eu também o matei.

— Não necessariamente — disse o nascido-anjo. — Ele é muito engenhoso. Se algum demônio consegue sair dessa situação complicada, é Faris. Não se preocupe, ele vai ficar bem.

Fitei-o, curiosa.

— Achei que não gostasse dele.

O homem deu de ombros.

— Eu não gosto. Só não acho que ele mereça morrer. Não depois de ter lhe ajudado.

Encostei-me nas barras, percebendo, naquele momento, o quanto eu gostava de conversar com Logan. Ele era um nascido-anjo e eu era uma bruxa, no entanto, parecia tão natural, tão certo. Eu não queria que acabasse.

Encontrei seus olhos novamente e fiquei chocada ao vê-lo sorrindo para mim. Havia mais do que uma pitada de atração em seu olhar escuro. Meu coração deu cinco cambalhotas, fez dois polichinelos e terminou com um salto mortal. Droga, aqueles olhos eram lindos... e aqueles lábios...

Logan exalou.

— Você é a bruxa mais louca que já conheci.

— Que gentileza sua.

— Também acho você incrível.

Minha boca se abriu.

— Você acabou de me elogiar. Percebeu que me valorizou? Um nascido-anjo elogiando uma bruxa das Trevas, o que está acontecendo?

Logan riu, e o som fez meu coração pular no meu peito.

— Acho que sim.

— Elogiou sim. — Um sorriso surgiu em meu rosto.

— Podemos morrer esta noite — disse Logan, deslocando o corpo e fazendo com que sua coxa se esfregasse contra a minha novamente.

Aquelas eram coxas bonitas, firmes e musculosas. Não pude deixar de imaginá-lo nu novamente. Eu era uma bruxa seriamente perturbada.

— Podemos — concordei, sentindo a verdade de suas palavras me atingir com força.

Seu rosto estava tão perto do meu...

Então, o que se faz quando se encara a morte de frente? Algo idiota, é claro.

Agarrei seu rosto entre minhas mãos e pressionei meus lábios contra os dele. Logan se encolheu de surpresa, seus olhos se arregalando em uma expressão chocada, mas, então, agarrou a parte de trás da minha cabeça e me puxou para mais perto, beijando-me de volta. Sua boca se moveu devagar no início, em seguida, com mais intensidade. Uma rápida sugestão de sua língua enviou um pico de desejo profundo pelo meu corpo.

Porra, ele beijava bem. Ainda melhor do que eu me lembrava.

Minha respiração saiu em um gemido quando me apoiei contra o nascido-anjo, colocando um braço em volta de seu pescoço e o outro em seu cabelo ao passo que sentia seus músculos se retesarem. Seu aperto em meus ombros era firme de desejo. Eu estava fazendo tudo que podia fazer para não arrancar as roupas dele.

Com a pulsação acelerada, afastei-me, sugando seu lábio inferior uma última vez.

— O que foi isso? — perguntou Logan. Seu olhar brilhou. Seus lábios estavam vermelhos por minha causa.

Dei de ombros.

— Você disse que pode ser que a gente morra.

*E eu queria beijá-lo uma última vez, seu bobinho. Só para ver se eu ainda estava a fim de você. Por sinal, estou.*

Um sorriso perverso se espalhou pelo seu rosto. Desejo apareceu em seus olhos, o que fez minha pulsação disparar novamente.

— Pode ser que a gente morra — repetiu ele com as sobrancelhas erguidas em expectativa.

Eu sorri. Safado.

Não consegui desviar o olhar de seus olhos quando agarrei seu rosto novamente e pressionei meus lábios contra os dele. Sim, eu era uma bruxinha travessa.

Seus lábios se apertaram agressivamente contra os meus. Sua boca tinha gosto de sal. Logan mudou seu peso, pressionando-me contra ele enquanto me puxava para seu colo. Suas mãos se moveram sob minha camisa, e a aspereza de seus calos fez minha pele formigar. Sentindo meu desejo, seu toque se tornou agressivo e ondas quentes de antecipação surgiram dentro de mim.

Nós não podíamos fazer isso. Era demais. Eu não estava pensando claramente. Era muito bom.

Eu me afastei novamente antes que as coisas saíssem do controle, nós dois tirássemos a roupa e nossos corpos se chocassem contra a gaiola. Sim, eu queria que isso acontecesse, mas não aqui. Não queria transar com Logan em uma maldita gaiola no Submundo.

— Não podemos fazer isso agora — ofeguei, ainda sentada em seu colo, de frente para ele.

— Eu sei — respondeu o nascido-anjo com as mãos em volta da minha cintura. — Porém, foi legal...

O som de metal rasgando perfurou o ar, e nossa gaiola começou a estremecer. Eu me virei e meu coração afundou. Andromalius estava na plataforma com sua mão grossa em uma alavanca.

Droga. Eu nem tinha ouvido o minotauro entrar na caverna.

No minuto seguinte, nossa gaiola se moveu e caiu.

— **C**omo matou Vargal? — A voz de Vorkol ecoou pela arena. Seu tom era exigente e expectante, era a voz de uma rainha. — Diga-me agora e você e seu... amigo poderão ir para casa. — Havia um deleite maligno em sua voz que aumentava minha raiva. Ela estava gostando da situação.

A demônio tinha trocado seu terninho vermelho por um prateado-claro. Cabelo preto liso escorria da sua cabeça aos seus ombros. Sua franja estava cortada em um estilo Cleópatra. Provavelmente era outra peruca.

— O que vai ser, passarinho? — ela disse, testando as palavras em sua língua. — Você me prometeu uma resposta.

— Não prometi não — retruquei, certificando-me de que minha voz soasse alta e equilibrada para que todos ouvissem.

Minha febre aumentava a cada minuto. Eu não sabia quanto tempo mais poderia suportar o ar venenoso. Precisávamos sair daqui, e logo.

Vorkol suspirou e passou a mão pelo braço da cadeira.

— Achava que, a esse ponto, já teria aprendido a lição.

— A escola nunca foi minha praia.

Logan bufou ao meu lado, baixo demais para qualquer outra pessoa além de mim ouvir. Tê-lo comigo, lutando lado a lado, deu-me mais coragem, mas também dobrou meu senso de urgência. Eu era responsável por ele. O nascido-anjo estava aqui por minha causa. Eu precisava libertá-lo.

O plano era lutar contra o que quer que ela jogasse em nós, mantê-la entretida, permanecer vivos mais um dia na esperança de que Faris pudesse

nos ajudar a encontrar uma Fenda e, então, dar o fora deste lugar. Sim. Não era o melhor plano, mas era o único que tínhamos. Precisávamos permanecer vivos pelo máximo de tempo que pudéssemos.

— O que aconteceu com seus anéis? — perguntou Logan, fitando as minhas mãos. A pergunta intensificou sua expressão, só agora ele tinha notado a falta deles.

Meu olhar se voltou para a demônio Superior. Duvali estava sussurrando algo em seu ouvido.

— Ela os destruiu. — Minha mandíbula enrijeceu em um ódio repentino. Eu sempre poderia fazer anéis novos, mas acontece que eu realmente gostava daqueles dois.

Logan hesitou.

— Consegue fazer sua magia de sangue novamente?

Encarei minha mão esquerda.

— Acho bom que eu consiga — respondi, tirando minha luva esquerda —, porque é tudo o que tenho.

Agora que eu sabia que conseguia usar magia de sangue, poderia tentar alguns de meus feitiços, mas eu não sabia se eles seriam eficazes, já que nunca os havia feito daquela forma.

— Dá aqui — disse Logan. Ele pegou minha luva e a colocou no bolso da calça jeans.

Eu rapidamente desfiz o curativo improvisado do nascido-anjo e apertei minha palma. Sangue escuro se acumulou livremente. Em seguida, mergulhei meu dedo indicador direito no líquido e desenhei o sigilo do fogo no meu braço esquerdo. Logo abaixo dele, desenhei outro para o vento.

Eu nem tinha certeza de que eles funcionariam no Submundo, mas estava prestes a descobrir.

Tirei a adaga de Faris do bolso.

— Aqui, pegue — falei. — Você provavelmente sabe como usá-la melhor do que eu.

O fato de o minotauro ter nos deixado ficar com ela não era um bom sinal.

Logan agarrou o pequeno instrumento com sua mão direita.

— Obrigado.

A adrenalina me atravessou enquanto meu olhar varria a arena e a multidão de demônios reunidos, perguntando-me se essas eram as mesmas entidades de antes. Era impossível dizer. Todos estavam vestidos com

roupas ricas e coloridas, feitas de seda fina e bordadas em dourado, prateado e vermelho. Dispersos entre eles, estavam demônios inferiores, mas não muitos. Ouvi suas vozes repentinas, como se todos tivessem resolvido conversar ao mesmo tempo. Duas criaturas masculinas sentadas na sacada de Vorkol discutiam veementemente.

Meus olhos percorreram a multidão em busca de Faris, contudo, não o encontrei. Meu peito se apertou, obrigando-me a engolir o nó na minha garganta.

— Você está péssima, passarinho — disse a moradora do Submundo. — Posso continuar fazendo isso, dia após dia, noite após noite — ela ronronou. — Contudo, em breve, seus corpos vão minguar. Rapidamente, você não será nada além de cinzas.

Eu acreditava nela, mas não estava planejando ficar por aqui muito mais tempo.

Vorkol se inclinou para frente.

— Ainda, não precisa ser assim. Diga o que eu quero e tudo isso acaba.

Eu me mantive firme.

— Já lhe disse. Lutamos e eu venci.

Seus olhos pousaram em Logan e eu não gostei do que vi lá.

— Você sabe. — Vorkol meditou, apoiando-se em um braço de sua cadeira-trono. — Talvez eu a deixe lutar no ringue e fique com ele em seu lugar. — Ela correu um olhar demorado pelo corpo do nascido-anjo. Seu sorriso se alargou ao ver minha expressão. — Sim. Talvez eu tenha planos diferentes para ele. O sujeito é... muito interessante de se ver, não acha? Consigo notar só de olhar em seus olhos. Sei que é um amante apaixonado, não é?

Ah, que inferno. Isso não estava acontecendo.

— Não estou à venda — rosnou Logan, tirando as palavras da minha boca.

O sorriso dela era felino e com muitos dentes.

— Tudo está à venda.

Já chega.

— Dói, não é?

A demônio Superior ergueu as sobrancelhas.

— O quê?

— Ser rejeitada. — Agora foi minha vez de sorrir. — Você não pode ter tudo e isto a está matando.

O rosto de Vorkol se contorceu de orgulho e de raiva.

— Está enganada. Eu tenho tudo que eu quero. Tudo o que desejo.

— Não tem não — afirmei categoricamente. — Você não sabe como matei Vargal. — Observei o rosto da mulher se contrair e suas delicadas sobrancelhas se franzirem. — E isso a está matando, não está? Porque você sabia que ele tinha segredos. Sabia que algo estava acontecendo, mas não conseguiu descobrir o quê. Seu marido não queria que você soubesse, não é?

Ela forçou uma risada, lançando-me uma expressão de advertência.

— Você está claramente delirando.

— Sam, o que está fazendo? — advertiu Logan.

Infelizmente, uma vez que as palavras começaram a fluir, eu não conseguia parar.

— Sabia que ele estava tentando acordar um deus? Ah. Olha só o seu rosto. Que droga. Você não sabia, né? Bem, ele estava. Tudo para que aquele deus lhe desse poder.

O seu semblante se contorceu em descrença quando ela mostrou os dentes e disse:

— Você diz qualquer coisa para tentar salvar sua alma, sua bruxinha patética.

— É a verdade — retruquei, aumentando meu tom com o desconforto visível dela. — E você não tinha ideia do que ele estava fazendo pelas suas costas. Isso não tem preço. Se eu tivesse que dar um palpite, diria que seu marido estava cansado de viver na sua sombra. Vargal queria poder próprio. Ele queria *mais* do que você tinha a oferecer. E pelo pouco que o conheci, já que compartilhamos algumas batalhas, também diria que, se o demônio tivesse conseguido, teria lhe *matado*.

— Que ótimo, Sam — resmungou o nascido-anjo, mas eu mal o ouvi.

As feições de Vorkol se transformaram em puro ódio. O impacto das minhas palavras era claro na rigidez de sua postura e na tensão de sua expressão. Ela acreditava em mim.

Foi uma pequena vitória, ainda assim, aproveitei cada momento.

*Chupa essa, Cleópatra.*

Vorkol recostou-se na cadeira, cruzando as pernas na altura do joelho.

— Se você gosta de jogar, passarinho, suponho que devo fazer sua vontade.

Ela estalou os dedos. As portas de aço à nossa frente se abriram e, por elas, veio uma horda de humanos se arrastando e se contorcendo de todas as formas e tamanhos. Pelo menos uma dúzia deles. Quando eles se aproximaram, contudo, pude ver olhos vazios em rostos vazios e mortos. Zumbis.

— Fodeu — resmunguei.

— Concordo — ecoou Logan.

Excelente. Eu tinha tanto amor por zumbis quanto por um carrapato. E se você imaginou os zumbis como nas versões de Hollywood, acertou. Eles eram iguaizinhos. As criaturas não eram nada mais do que carne humana sem alma, ressuscitadas dos mortos por uma poderosa magia demoníaca ou necromancia e forçados a obedecer a seu mestre ou quem os criara. Eu apostaria que essa pessoa era Vorkol. Eles existiam para matar e comer carne, qualquer carne, para manter seus corpos em decomposição funcionando.

Eu os odiava.

Uma comemoração coletiva veio dos demônios reunidos na plateia. Eles começaram a aplaudir com entusiasmo. Parecia que as entidades os amavam. Nenhuma surpresa.

Os zumbis avançaram, grunhindo e gemendo coisas sem sentido, pois muito poucos deles tinham bocas funcionais. Suas pernas decompostas avançavam em um ritmo constante e lento que fez a bile subir no fundo da minha garganta. O som medonho de osso contra osso e o farfalhar de carne em decomposição substituíram as conversas vindas das arquibancadas.

— Aqui vamos nós — disse Logan com a pequena adaga de Faris firme em sua mão.

Eu puxei a energia dos meus sigilos de sangue.

— Você já matou um zumbi?

Ele me deu um sorriso que me deixaria com problemas se não estivéssemos no Submundo prestes a lutar contra uma horda de horrendas criaturas.

— Videogame conta?

O homem se agachou em posição de ataque com a adaga brandida diante de si.

— Foca no cérebro — disse a ele.

Sim. Hollywood também tinha acertado essa parte. Você também poderia queimá-los, mas um tiro no cérebro geralmente era eficaz. No entanto, o vírus zumbi era só coisa de cinema. Você não se transformava naquelas criaturas se fosse mordido, mas eles tinham uma dentição nojenta, equipada com uma força extrema, o que significava que poderiam rasgá-lo em pedaços e começar a mastigar sua carne enquanto ainda estivesse vivo. Sim. Eu odiava zumbis.

O frenético gemido gorgolejante ficou mais alto. O fedor de carniça se seguiu, tão intenso que meus olhos lacrimejaram e eu mal consegui respirar. Afastei o sentimento e me concentrei.

Estremeci quando a primeira onda chegou. Porra, eles eram muito desagradáveis. O zumbi mais próximo, uma mulher negra, com sua mandíbula inferior e partes de sua testa faltando, me viu e atacou. Com os pés plantados, canalizei minha magia, mas Logan chegou primeiro. Em uma explosão de velocidade, ele girou em torno da criatura, ficou atrás dela e enfiou sua faca bem no topo de sua cabeça. O nascido-anjo empurrou o instrumento para baixo em seu cérebro com um baque suave. Ela se contorceu uma vez, mas depois ficou parada. Fazendo uma careta, o Logan arrancou a lâmina de sua cabeça, enviando um respingo de sangue escuro em seu rosto. A criatura caiu no chão em uma pilha de pele e carne podre.

Eu tinha que admitir, o ele era habilidoso, contudo, eu não estava aqui para ficar assistindo sua bela dança da morte. Tinha minha própria dança com que me ocupar.

Um lampejo de movimento apareceu na minha linha de visão.

*Minha vez.*

Um monstro veio até mim, seus braços se batendo descontroladamente e atacando cegamente com movimentos fortes à sua frente. Seus olhos vorazes brilhavam.

Canalizando os sigilos de sangue e rezando para que funcionassem, deixei a energia despertar em mim e gritei:

— *Feurantis!*

Um impulso de energia acendeu através de mim, queimando, enquanto o sigilo de fogo em meu braço brilhou com uma luz alaranjada. Meu sangue acionou o encantamento e meus dentes cerraram com a dor escaldante conforme a magia disparava em minhas veias.

Uma bola de fogo surgiu minha palma, então, eu a arremessei no zumbi que se aproximava, acertando-o bem no peito. O zumbi gritou e caiu de

joelhos, contorcendo-se loucamente. Com um guincho final, ele parou de se debater e ficou imóvel.

Meus ouvidos zumbiram e eu cambaleei, sentindo-me esgotada. Minha visão turvou e eu pisquei enquanto me esforçava para ver claramente. A dor de usar minha magia de sangue batia forte. Meus membros estavam rígidos e eu me sentia como se tivesse sido atropelada por um ônibus. Isso não era bom.

Funcionou, mas também doeu para cacete, além de ter custado um preço alto.

Minha visão clareou assim que outro zumbi cambaleou em minha direção. A criatura era uma figura magricela que se debatia em tiras de carne podre. Estava nu e tinha uma aparência raivosa. Sua boca estava aberta, exibindo duas fileiras de dentes irregulares e revestidos de uma substância marrom.

*Por que eu sempre fico com os inimigos sem roupa?*

Desejei que meu poder de sangue viesse, levantei meu braço esquerdo e gritei:

— *Feurantis!*

Quando sufoquei a angústia, outra bola de fogo subiu no ar e o atingiu na cabeça. Ela explodiu com o impacto, cobrindo o morto-vivo em chamas amareladas e alaranjadas. Ele caiu.

— Filho da puta! — gritei, sentindo meu ombro direito queimando de dor.

O cheiro avassalador de carniça me atingiu assim que o peso de outro corpo me puxou para baixo por trás. Mãos fortes prenderam meus braços ao meu lado. Quase vomitei ao sentir seus dentes afundando em minha carne e sua língua podre provando meu sangue. O pânico dominou minha concentração. Libertando meu membro esquerdo, estendi a mão e acertei o zumbi no olho com o polegar. A tensão no meu ombro foi liberada. Eu girei e agarrei seu braço, tirando-o de mim.

O problema foi que o braço saiu imediatamente com um som nojento de sucção.

Quase vomitei.

Esse era um dos problemas dos zumbis. Eles nunca ficavam inteiros.

Olhei para aquilo, que era praticamente um osso com fios de carne podre pendendo da minha mão.

— Ai. Isso é tão errado.

O zumbi de um braço só uivou, provavelmente irritado por eu ter pegado seu braço sem pedir, e veio em minha direção novamente em um emaranhado de pele descascada e roupas esfarrapadas.

O que fazer com um braço de zumbi? Usar como arma, é claro.

O morto-vivo se aproximou, e eu o acertei na cabeça com o membro. A força arrancou sua cabeça, como se eu tivesse acertado uma bola com um taco de beisebol. Ele caiu como uma árvore morta.

Fiquei parada por um momento, chocada e um pouco impressionada com minhas habilidades de luta. Contudo, a quantidade de sangue que escorria do meu ombro para o meu peito me deixou sóbria.

— Cuidado! — veio o grito de Logan.

Movendo-me por instinto, eu me virei, agarrando o braço do zumbi e o girei o mais forte que pude. Senti um choque repentino quando ele atingiu algo sólido, seguido por um baque. Logo veio o som de carne rasgando quando o braço-arma decapitou a cabeça de outra criatura, enviando chuvas de sangue e carne podre por toda parte. E um antebraço. Ops.

Olhei para o que restava da minha arma de braço de zumbi. O osso estava quebrado e danificado no cotovelo. Eu o joguei e me virei a tempo de ver Logan se movendo em torno de um grupo de zumbis com uma graça irreal, cortando e rasgando enquanto girava. Monstros caíam a seus pés. Mesmo com uma pequena faca, ele estava dando conta deles. Eu odiava que o nascido-anjo parecesse tão melhor do que eu nisso, até mesmo banhado em sangue e tripas de zumbi. Algumas pessoas tinham tudo.

Atrás de mim, o som de um rosnado profundo se aproximou. Virei minha cabeça a tempo de ver um lobo enorme correndo em minha direção. Não, não um lobo, um lobo-zumbi. O monstro gigante tinha presas do tamanho da adaga de Faris e olhos brancos e ferozes. Totalmente bizarro. Totalmente injusto. Demônios nunca respeitavam as regras.

Minhas entranhas se contorceram. Merda. *Por que eu sempre fico presa com os grandões?*

Ossos brancos se projetavam da carne podre. Eu podia ver parte de sua caixa torácica e a carne que balançava do lado de dentro. Uma orelha tinha sido arrancada e metade do nariz estava faltando. O lobo estava praticamente sem pelos, exceto por alguns tufo cinzentos. Seus lábios estavam repuxados para trás, e ele parecia furioso. Eu também estaria se fosse trazida de volta dos mortos.

Senti olhos em mim e olhei para a sacada, encontrando um sorriso triunfante no rosto pálido de Vorkol, apesar seu olhar estar cheios de raiva e ódio por mim. Tive a sensação de que o lobo-zumbi era sua vingança pelo que eu dissera sobre Vargal. O vira-lata era um exagero, ainda assim, era a prova de que eu estava certa.

Eu deveria ter mantido minha boca fechada.

O lobo-zumbi bateu em dois dos outros mortos-vivos, seu olhar nunca desviando de mim enquanto galopava em grandes saltos. Ossos estalaram quando os zumbis foram esmagados na areia pelo peso do animal, suas cabeças esmagadas como tortas de morango.

— Que cachorrinho bonzinho — falei, puxando a energia dos meus sigilos de sangue e ignorando a sensação de mal-estar em meu estômago.

A criatura rosou e saltou.

Com a boca seca, canalizei o poder dos meus sigilos de sangue, estendi a mão e gritei:

— *Feurantis!*

Uma bola de fogo disparou da minha mão estendida e atingiu o lobo-zumbi no peito. Uivando, ele caiu para o lado e rolou na areia repetidamente, fazendo o fogo se extinguir.

— Cachorrinho malvado — expressei, espantada e assustada ao mesmo tempo. — Cachorrinho muito malvado.

Um lobo-zumbi inteligente? Vorkol estava jogando sério.

Estremeci quando ondas de angústia passaram por mim novamente. A magia de sangue estava se instalando e cobrando seu preço. Respirei fundo e me equilibrei, franzindo o nariz com o fedor de cachorro molhado e de pelo queimado.

Movi meus olhos para os zumbis humanos restantes. Eles estavam afastados. Apesar de estar grata por isso, sabia que também significava que Logan logo teria que enfrentar todos eles. Meus olhos o encontraram através da parede de zumbis que estava entre nós. Ele ainda estava lutando bem, contudo, agora brigava contra dois monstros ao mesmo tempo. Senti um arrepio gelado. Os outros quatro zumbis restantes estavam indo em sua direção. O nascido-anjo nunca seria capaz de combatê-los sozinho. Eles iam matá-lo ou comê-lo vivo.

Droga. Eu precisava chegar até ele!

— Foda-se.

Fiz menção de me mover em direção a Logan. Infelizmente, o lobo-zumbi se meteu no meu caminho. Sua pele ainda chiava e estalava como um frango cozido demais. Fumaça preta saía de seu cadáver podre.

— E você precisa de uma coleira — declarei.

A criatura rosnou, seus dentes afiados se decompondo com as tiras de carne de sua última vítima ainda presas entre eles. Agradável.

O lobo apodrecido cuspiu um rosnado violento, então, saltou.

Com o coração acelerado, desejei que minha magia de sangue viesse, mas ela apenas engasgou como um carro velho, a energia não subindo totalmente à superfície. O poder vinha, mas depois caía.

Ah. Merda.

O lobo-zumbi parecia voar em minha direção.

Eu me joguei no chão, deslizando e rolando na terra com areia invadindo minha boca e meus olhos. Empurrei meu corpo para cima e fiquei em pé.

O monstro contraiu sua mandíbula ao redor de minha perna. Eu gritei quando seus dentes afundaram em minha carne, arrastando-me para si. Quase desmaiei conforme oscilações de angústia subiam através de mim, percorrendo todo o meu corpo até meu crânio. Ainda assim, respirei, afastando o sofrimento antes de sucumbir a ele.

Um som gutural me escapou, uma mistura de dor e determinação. Eu não morreria assim. Não deixaria essa coisa morta-viva me rasgar na frente de todos aqueles demônios, porque eu tinha certeza de que eles iriam gostar de assistir. Vorkol principalmente.

A adrenalina aumentou em mim dolorosamente e eu chutei o mais forte que pude.

Minha bota acertou sua cabeça. Houve um estalo, e o lobo me soltou.

Minha respiração veio em um suspiro irregular quando me virei e forcei meu corpo para cima, rangendo os dentes ao passo que a agonia me dominava. Minha perna esquerda latejava onde ele havia mordido e cada terminação nervosa pulsava e queimava. O lobo-zumbi lambeu os lábios com sangue fresco os manchando enquanto se abaixava em posição de ataque.

Manquei até ficar em pé, sentindo uma sensação crescente de medo e de desespero transformar minhas pernas em gelatina. Risadas atravessaram a arena. Eu olhei para trás para ver os demônios. Suas cabeças estavam jogadas para trás, rindo da minha dor, de mim. A boca da entidade Superior

se espalhou em um sorriso lento e perverso, que, por sua vez, se tornou um riso alto. Em seguida, Duvali juntou-se a ela.

Senti meu rosto queimar. Não com vergonha, mas com fúria, inebriante, pura e quente.

Consequentemente, perdi o controle.

O lobo-zumbi correu em minha direção. Contudo, eu estava pronta.

Mostrando os dentes, acessei minha energia interior, puxando a magia dos sigilos de sangue em meu braço e moldando-a à minha vontade. O impulso do encantamento me atingiu, fazendo-me cambalear.

O animal soltou um uivo horrível e profundo, o grito de uma fera prestes a matar, e atacou.

A magia de sangue pulsava através de mim como adrenalina, só que mil vezes mais forte. Eu plantei meus pés e a liberei enquanto gritava com toda a força dos meus pulmões:

— *Vento!*

Soltei tudo o que eu tinha nele. Uma explosão de energia passou por mim, e eu cambaleei.

Uma força invisível atingiu o lobo-zumbi, levantou-o de seus pés e o mandou para trás com uma violenta rajada de vento. Ele voou pela arena em um borrão de membros e carne morta. Suas patas se debateram no momento em que seu corpo desceu rapidamente. Então, a criatura caiu, ficando empalada na haste de metal de uma bandeira. A coisa morta deslizou para o fundo ao passo que o poste perfurava sua boca como um porco espetado, deixando um rastro de sangue escuro no metal.

O meu coração pulava e meu corpo tremia com o poder gasto enquanto deixava a agonia da magia de sangue rolar através de mim. Fiquei de pé, olhando para o lobo por um momento; perguntando-me se ele estava realmente morto ou se simplesmente tossiria o poste de metal e saltaria de volta. Coisas estranhas aconteciam.

Felizmente, a criatura não se moveu.

Só então percebi que o som de riso havia morrido. A arena estava quieta. Muito quieta.

Foi quando ouvi o grito de Logan atrás de mim, um grito de terror e de dor absoluta.

**M**eu coração parou. Em seguida, um medo novo se instalou em minhas entranhas. Em pânico, girei e vi o nascido-anjo no chão com dois zumbis em cima dele. Os outros quatro jaziam em pilhas amassadas de ossos mortos e carne no chão. Sangue escuro escorria de seus crânios.

— Logan!

Esquecendo-me de minha própria dor, corri o mais rápido que pude com minha perna ferida. A areia sugava minhas botas a cada passo, tornando o processo mais difícil e lento. Era como correr na areia movediça.

O som áspero do homem gritando continuou, então, simplesmente parou.

*Não!*

Meus olhos focaram nele. De onde eu estava, os dois zumbis obscureciam minha visão. Eu não podia ver seu rosto, apenas um pedaço de seu jeans aparecendo debaixo da pilha de mortos-vivos. Sequer conseguia ver se ele ainda estava vivo.

Desgraçados.

Rosnei de raiva, girando a magia de sangue em mim até que me senti queimar e tudo que vi foi vermelho, morte e destruição.

Os dois zumbis olharam para cima quando me aproximei. Suas mandíbulas estavam abertas com gotas de sangue derramando de suas bocas. Sangue do Logan. A sensação de fúria incendiou, alimentando e impulsionando a magia de sangue com o poder adicional das minhas emoções. A dor me puxou, fazendo-me sentir como se estivesse sendo

dividida em duas. Magia de sangue era uma merda, mas era tudo que eu tinha.

A adrenalina correu através do meu corpo, selvagem e irracional. Eu queria matá-los.

Meu poder subiu à superfície e a energia saiu de minhas mãos.

— *Vento!* — gritei, estendendo as palmas.

Uma onda de força invisível pegou os zumbis e os impulsionou para trás. Seus membros se debateram descontrolada e freneticamente enquanto voavam no ar.

Tremendo de raiva e com a necessidade de destruí-los, gritei:

— *Feurantis!*

Bolas de fogo gêmeas saíram das minhas mãos e atingiram os dois mortos-vivos no ar. Uma explosão de luz amarelada e alaranjada foi seguida por uivos de agonia ao passo que as criaturas se incendiavam como se tivessem sido encharcadas por gasolina. Eu assisti os dois zumbis fumegantes voarem como balas de canhão flamejantes e atingirem a parede mais distante da arena com um estrondo horrível. Eles deslizaram para o chão em pilhas de membros confusos e carne carbonizada.

Então, eu me movi novamente. Meus joelhos tremeram ao me deixar cair ao lado de Logan. Meus lábios se separaram e um gemido me escapou.

Ele estava todo ensanguentado.

Seu jeans estava rasgado e encharcado de sangue do tornozelo à coxa. Marcas de dentes tingiam sua clavícula direita, onde os zumbis o haviam mordido. Felizmente, eles não tinham conseguido tirar pedaços de carne. Sua camisa estava rasgada, revelando uma série de feridas longas que percorriam ao longo do seu estômago, logo acima de seu umbigo, como se as garras de um lobisomem o tivessem cortado. Meu estômago revirou e eu desviei o olhar. A areia abaixo dele estava escarlate.

Droga. Seu rosto estava pálido e pastoso com um grande hematoma vermelho logo acima da sobrancelha esquerda. Sua mandíbula tremeu quando ele tentou esconder a dor de seu rosto. O nascido-anjo estava vivo, porém, ia sangrar até a morte se eu não conseguisse levá-lo logo para um hospital de sua espécie ou qualquer clínica humana.

Seus olhos encontraram os meus e um sorriso se contraiu em seus lábios.

— Você deveria ver o outro cara — Logan disse com uma voz forçada e cheia de agonia. Sua mão direita ainda estava agarrada à pequena faca.

Engoli em seco. Tentando mantê-lo acordado, falei:

— Droga, Logan. Você deveria ter pedido ajuda.

Suas feições se contorceram, e ele me mostrou um sorriso cansado.

— Enquanto você estava lutando com aquele cachorro zumbi? De jeito nenhum — retorqui em um tom baixo e áspero.

— Você precisa de um médico.

Logan piscou para mim.

— Está tão ruim assim?

— Péssimo.

Soltei um suspiro e levantei minha mão em direção ao seu rosto. No último momento, pensei melhor e, em vez disso, deixei-a cair em meu colo.

— Vamos para casa. Nós ganhamos. Vamos consertar isso.

Era melhor Vorkol nos deixar ir ou eu a mataria em seguida.

É claro que, quando olhei para cima, a demônio Superior estava me observando. Seus olhos vermelhos exibiam um rancor puro que combinava com o meu. Finalmente, tínhamos algo em comum. Bom.

— Fim do jogo — falei alto sobre os murmúrios enfurecidos dos demônios reunidos. — Nós ganhamos. Matamos seus zumbis. É hora de honrar sua parte do acordo.

Eu sabia que era um tiro no escuro, porque parte de mim sempre soube que ela estava mentindo, mas eu tinha que tentar. Por Logan. Tinha que tirá-lo daqui. Ele não ia sobreviver se ficasse.

— Acordo? — ela zombou e suas delicadas sobrancelhas se ergueram em dúvida. — Não faço acordos com passarinhos — disse, e Duvali riu atrás dela como um bom cachorrinho.

Um calor subiu do meu pescoço para o meu rosto.

— Você me deu sua palavra! — gritei, sentindo meu corpo tremer com a adrenalina gasta e a magia do sangue.

Vorkol mostrou uma expressão condescendente.

— Eu menti — disse ela, e o eco das risadas das entidades percorreu a arena, amplificando suas palavras. — Nenhum demônio ou mortal jamais é solto, passarinho bobo. — A mulher mostrou os dentes antes de falar — Coloque o pássaro de volta na gaiola. Deixe-a apodrecer até o fim de seus dias. Não tenho mais utilidade para ela.

Com uma expressão entediada, a demônio se virou para Duvali e para as outras criaturas que se reuniam na sacada. E, assim, fui esquecida. Ela

conseguiu toda a diversão que queria de mim. Agora, eu tinha sido descartada como uma de suas roupas antigas.

Logo, a compreensão me atingiu. Vorkol aparentemente tinha abandonado todos os assuntos relativos ao seu falecido marido. Ela não queria mais ninguém falando sobre isso, já que, agora, sabia a verdade. Talvez a demônio estivesse um pouco envergonhada ou não se importasse. O nome Vargal não significava mais nada para ela, assim como eu não mais lhe interessava.

O som de pés arrastando chamou minha atenção. Olhei para cima quando alguns demônios começaram a se levantar e sair.

O *show* acabara.

Meu coração caiu aos meus pés. Não. Não podia ser. Não era assim que deveria ser. Eu tinha que sair daqui. Tinha que levar Logan para um hospital.

— Ele precisa de um médico — gritei, sentindo minha raiva arder. — Ei! Ele precisa de um hospital, droga! Estou falando com você!

Esperei chamar a atenção de Vorkol, mas ela estava conversando com uma demônio de cabeça raspada que usava vestido branco parecido com um quimono. Eu sabia que a entidade tinha me ouvido. Mesmo assim, ela não se incomodava mais comigo. Restava apenas uma coisa para eu fazer; apenas o que eu jurara nunca fazer, nunca contar. Era a única coisa que capaz de salvar Logan.

Então, ela me ouviria.

Meus lábios se separaram...

— Não faça isso — ofegou o nascido-anjo, e meus olhos o encontraram. — Não conte a ela.

Franzi a testa com a sua percepção.

— Droga, Logan — sibilei. Sentindo náuseas, acrescentei — Não me importo mais. Se eu não contar, você vai morrer. Eu preciso levá-lo para um hospital. É a única maneira.

Seu rosto se contorceu de dor e ele tentou sorrir.

— Eu morreria de qualquer maneira. — O nascido-anjo engoliu em seco e acrescentou — Você estava certa. Vorkol nunca iria nos deixar sair, portanto, não pode contar a ela.

— Cala a boca. — Suas palavras eram verdadeiras, mas eu me recusava a aceitá-las. — Vamos, vou nos tirar daqui.

Com a força que me restava, consegui puxá-lo para cima e envolvi seu braço esquerdo em volta do meu ombro. Sustentando a maior parte de seu peso, eu me levantei e o arrastei comigo. Minhas pernas tremeram sob o fardo, mas com sua ajuda, conseguimos ficar na posição vertical. Peguei a faca de sua mão e a coloquei no bolso de trás.

— Vamos simplesmente sair andando? — Logan indagou próximo ao meu ouvido.

A risada em sua voz quase me fez sorrir.

— Tipo isso.

Por que não? Ninguém estava prestando atenção.

Meu plano funcionou por cerca de três segundos, então, o minotauro apareceu na minha linha de visão. Andromalius se aproximou de nós com seus ombros musculosos balançando.

— E quanto ao macho? — gritou ele quando nos alcançou, apontando sua espada para Logan. O demônio olhou por cima do ombro para sua senhora.

Eu fiz uma careta.

— O nome dele é Logan — retruquei sombriamente. Não que isso importasse.

Ele dilatou as narinas para mim e um rosnado gutural retumbou de sua garganta, um som de pura hostilidade e morte que teria me aterrorizado alguns dias atrás. Agora, eu estava cansada demais para ter medo.

Andromalius ficou parado com calma e firmeza. A ponta de suas espada foi colocada na areia e suas mãos se cruzaram sobre o pomo pesado, aguardando instruções.

— Não tenho mais utilidade para o mortal se ele não pode lutar — Vorkol disse finalmente, lançando um rápido olhar em nossa direção antes de voltar sua atenção para a demônio de quimono branco. Ela estalou os dedos novamente. — Entregue-o aos cães. A carne mortal é melhor quando ainda está quente.

Meus lábios se separaram e o medo bateu forte. O pior era que eu nem conseguia respirar aquela merda de ar ácido. Meus joelhos vacilaram e eu gritei, sentindo o peso de Logan me pressionar. Tive que me esforçar para não cair.

Os pés do demônio gigante se moveram em nossa direção.

Merda. Merda. Merda.

Meu terror aumentou, repentino e completo, e eu me preparei enquanto meu corpo tremia em pânico.

Era isso. Eu falhei. Nós dois íamos morrer...

— Espere! — veio um grito da multidão.

Com o coração acelerado, virei minha cabeça em direção à voz.

Vestido todo de preto, Faris estava perto da fileira mais baixa de assentos, logo acima da parede de concreto que nos separava da areia. Seus olhos encontraram os meus por um momento antes de olhar para Vorkol.

— Você foi banido dos jogos, Farissael — disse Duvali ao sair da sacada e seguir em sua direção com um olhar assassino.

Ele mostrou seus dentes brancos perfeitos.

— E quando foi que *banimento* já me impediu de fazer alguma coisa? — retorquiu o demônio intermediário com uma voz alta e clara.

As entidades ao seu redor riram.

— O que ele está fazendo? — perguntou Logan, fazendo sua respiração roçar na minha bochecha. Sua voz estava baixa devido à dor.

Mantendo meus olhos em Faris, respondi com a voz trêmula:

— Não faço ideia, mas eu não tenho um bom pressentimento.

Ele estava sendo imprudente. *Faris, o que você está fazendo?*

— Duvali — ordenou Vorkol, e seu servo parou alguns assentos diante do demônio intermediário, parecendo que não havia nada que quisesse mais do que rasgá-lo em pedaços. — O que você quer, Farissael? — perguntou a mulher. A ameaça em sua voz era palpável. Não era o tom habitual que se esperaria de uma vilã; era um calmo, quase entediado, como se estivesse comentando sobre as roupas dele.

O demônio se virou e nossos olhares se encontraram. Eu podia ver os músculos de sua mandíbula tensos, mesmo à distância, mas seu rosto estava sem expressão. Apenas seus olhos guardavam traços de algum significado escondido ao se focarem em mim. Ele estava tentando me dizer algo, mas o quê?

Faris me deu um sorriso tenso e disse:

— Ele. — O demônio intermediário apontou para Logan. — Permita que eu fique com o mortal — disse o morador do Submundo.

Meu coração parou. Então, rebobinou.

Os demônios na arena riram, pensando que esta era mais uma das muitas brincadeiras de Faris, porém o rosto de Vorkol estava rígido, o que significava que ela não estava acreditando.

— E *por que* quer esse mortal? — perguntou a entidade Superior, olhando-o com uma desconfiança casual enquanto se recostava em sua cadeira-trono.

Ele deu de ombros como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Digno de um Oscar.

— Você obviamente não tem mais uso para ele. — Farissael gesticulou com as mãos. — Olhe só para ele, o mortal está destruído. Por que não dá-lo para mim? Eu lido com ele de agora em diante. O cara não é nada para você. Isso a poupará do aborrecimento, para não mencionar da meleca que os cães deixam depois de uma refeição. Pense nisso como um favor — acrescentou, e eu quase pude ver um brilho em seus olhos.

— Por quê, Farissael? — pressionou a demônio Superior e suas mãos agarraram os braços da cadeira. — Chega de mentiras. Minta para mim de novo, e eu vou fazer você se juntar a ele.

— Porque — disse Faris em um tom alto. Ele se endireitou, olhou Vorkol diretamente nos olhos e disse — Ele é meu amante.

Eu me engasguei com minha saliva.

Então, houve um silêncio brusco e profundo na arena. Os demônios ficaram imóveis, fitando o demônio intermediário.

Exalei lentamente e observei o seu rosto, espantada em perceber como ele tinha soado tão genuinamente franco. Inferno, se eu não o conhecesse, teria acreditado nele. Até seus olhos carregavam aquela emoção dedicada que você esperaria de um amante.

O demônio era bom. Entretanto, será que Vorkol acreditaria?

A demônio Superior lhe deu um sorriso pensativo.

— Tudo bem — falou, descartando o assunto como se não fosse nada, como se discutir a vida de Logan fosse tão sem importância quanto a de uma pulga em um de seus cães. Ela cutucou a unha antes de concluir — Pode ficar com ele.

Dando à mulher um sorriso brilhante, Faris se curvou.

— Você é muito gentil, Vorkol.

— Sam — começou Logan, o pânico crescendo em sua voz. Seu corpo tremeu.

Eu desloquei seu peso no meu ombro.

— Shhh. Está tudo bem. Faris vai cuidar de você.

Meu coração se aqueceu. Meus olhos ardiavam de gratidão. Foi difícil evitar que as lágrimas escorressem pelo meu rosto e arruinassem a

performance digna de um Oscar do outro.

O demônio intermediário já estava caminhando pela areia em nossa direção quando olhei de volta. Seu rosto estava sombrio e preocupado, o que só aumentava o efeito geral. Se eu sáísse disso viva, eu lhe daria carta branca no mundo mortal sempre que a entidade desejasse.

— Eu assumo daqui, bruxa — disse alto o suficiente para o minotauro ouvir. Sua voz estava cheia de desprezo. — Acho que já fez o suficiente. — Ele se moveu para o lado direito de Logan, passando o braço do nascido-anjo sobre seu ombro.

— Você pode tirá-lo daqui? — sussurrei enquanto trocávamos o peso de Logan.

A entidade manteve o rosto inexpressivo.

— Sim — respondeu. — Volto para buscá-la.

Eu engoli em seco.

— Apenas tire-o daqui. E depressa. Ele perdeu muito sangue.

Com um pequeno aceno de cabeça, Faris levantou Logan.

— Vamos, querido. Vamos — ele ronronou, conduzindo-o pela arena de areia.

Eu os observei se afastarem em silêncio até que os dois saíram pelas portas de aço e se mesclaram com a escuridão.

O nível de ruído na arena havia subido novamente. Vorkol e Duvali não estavam mais ali, assim como todos os demônios que tinham lhes feito companhia na sacada.

Eu estava na arena, cansada e tremendo de febre devido ao uso excessivo de magia de sangue que sabia que me teria um custo alto.

*O que vai acontecer comigo agora?*

Quando ouvi algo grande e pesado vindo em minha direção, já era tarde demais.

O golpe me atingiu. Eu sufoquei um grito ao cair, vendo o punho carnudo de Andromalius diante dos meus olhos.

Um segundo depois, a escuridão me envolveu.

**M**eu estômago soltou um ronco alto que deve ter durado uns cinco segundos. Se eu não soubesse que era fome, pensaria que tinha um *gremlin* vivendo dentro da minha caixa torácica. Aparentemente, ele queria sair e eu também.

Tinha me acostumado com os sons do meu estômago, as lamentações dos demônios ao meu redor e as barras de metal da minha gaiola.

*Passarinho...*

Se eu tivesse asas, poderia voar para longe deste inferno.

Uma dor solitária brotou dentro de mim. Eu sentia muita falta da minha família, do meu avô, da minha tia excêntrica e especialmente de Poe. Ele provavelmente estava fora de si de preocupação. Agora, talvez nunca mais os visse.

Minha vida não saíra como eu havia planejado. Eu não tinha considerado passar o resto dos meus dias apodrecendo em uma gaiola nas profundezas do reino demoníaco.

Logan estava seguro, o que era o único ponto positivo. Eu tinha que acreditar que Faris conseguira tirá-lo do Submundo. Se meus cálculos estivessem corretos, vira-os pela última vez há dois dias. O demônio intermediário ainda não tinha voltado para me buscar, mas eu sabia que ele voltaria. Faris não me deixaria morrer aqui sozinha, não depois do que sacrificara para tirar Logan de lá. Não. Ele viria. Eu só tinha que me sentar e esperar. Infelizmente, não pude evitar a sensação gelada que se instalou no fundo das minhas entranhas, fazendo-me tremer.

As portas de aço se abriram e o minotauro marchou para dentro da caverna.

Houve um coro de rosnados e assobios raivosos vindos das celas vizinhas, misturados com gemidos e gritos de socorro.

Fiquei sentada, observando-o fazer o seu caminho até a minha gaiola. Eu deveria ter sentido medo como qualquer pessoa racional, mas só sentia raiva. Um ódio quente e inebriante enchia meu corpo. Eu estava ficando louca. Odiava esses demônios, mas odiava acima de tudo o que eles tinham feito comigo.

Andromalius diminuiu a distância entre nós e ficou abaixo da minha gaiola, olhando para cima.

— A senhora Vorkol deseja que eu lhe transmita uma mensagem.

Fiz uma careta, não gostando nada daquilo.

— Deseja, é?

Andromalius cruzou os braços musculosos sobre o peito grande.

— Sim.

Eu olhei para a criatura.

— Sei que você não é o demônio mais tagarela de todos. Então, vai ficar aí parado, batendo os cílios para mim ou vai me contar?

O minotauro dilatou as narinas, parecendo furioso.

— Ela deseja lhe dizer que Farissael não virá resgatá-la.

Ah. Merda.

Dei uma pequena risada.

— E quem disse que ele viria?

Droga. Droga. Droga.

— Ele disse — respondeu o demônio com um sorriso de escárnio na voz.

Merda. Engoli em seco, tentando manter meu tremor sob controle.

— O sujeito lhe disse isso? — perguntei alto e em pânico.

Faris realmente me traíra? Eu me senti como se estivesse doente. E Logan? Ah, meu Deus, Logan!

O minotauro soltou um suspiro.

— Ele não me disse, mas foi pego tentando fazer um acordo com Krampus, um de nossos especialistas em Fendas, para o seu retorno ao seu mundo — a entidade respondeu em um rosnado. — Imbecil desgraçado. Ele está aguardando julgamento.

— Julgamento? — Minhas entranhas se torceram em um nó apertado. Faris não me traíra, mas não parecia uma vitória. — O que acontece se ele for considerado culpado?

— Morte.

Ansiosa, envolvi minhas mãos ao redor das barras, tentando evitar que elas tremessem. A sensação fria e familiar de pavor se instalou em mim e meu estômago se contraiu.

Abri a boca e fiz a pergunta que mais temia:

— O que aconteceu com Logan?

Eu mal conhecia o cara, contudo, era culpada por ele ter ficado preso no Submundo. O pensamento dele escapando me dava uma pequena sensação de alívio. Agora, eu sentia apenas pavor e vazio.

Andromalius se inclinou para trás.

— Quem?

Revirei os olhos.

— O amante dele. O nascido-anjo?

O maldito não estava prestando atenção? É, com certeza o minotauro não era o cara mais inteligente dali.

A entidade acenou com a mão. Sua expressão estava irada.

— Não sei nada sobre ele.

Ah, Deus. Era pior do que eu pensava.

— Não é a primeira vez que Farissael se envolve com uma bruxa — disse o monstro gigante, ficando tagarela de repente. — Parece que ele desenvolveu um gosto pelos mortais ao longo dos anos.

— Do que está falando?

Achei que o grande touro-demônio não responderia, mas valia a pena tentar.

— Não conheço todos os detalhes — retrucou Andromalius. — Porém, sei que o idiota havia se casado com alguma bruxa muito antes do seu tempo; muito antes de existirem automóveis e rádios.

Faris foi casado com uma bruxa? Aquele demônio era cheio de surpresas. Por que ele não me dissera aquilo? Ser casado com uma bruxa devia ter sido uma coisa importante para ele.

Olhei para o brilho satisfeito nos olhos amarelos do demônio abaixo de mim.

— O que aconteceu com ela?

O minotauro sorriu, revelando fileiras gêmeas de dentes afiados.

— Foi torturada, morta e sua alma devorada, obviamente. Como se deve ser.

— Seus desgraçados doentios — cuspi, desejando poder fritar aquela bunda de boi dele. Eu estava morrendo de vontade de comer um *cheeseburger*.

— Os mortais se reproduzem como um câncer. E temos lidado com as relações entre humanos e demônios há séculos. Nossas leis são muito claras sobre esse assunto. Nenhum demônio tem permissão para acasalar com mortais. — Ele me deu um olhar de puro desgosto. — Veja o que aconteceu no passado quando o fizemos. Uma raça fraca de mestiços surgiu. É proibido.

Essa notícia não era nenhuma novidade. Cresci ouvindo as histórias de como os demônios puros nos desprezavam. Não é que fôssemos fracos. Na verdade, era porque éramos fortes e podíamos andar ao sol e viver em nosso mundo quando eles não podiam. Todos nos odiavam por esse motivo.

Pensado a respeito, isso explicava por que Vorkol não parecera muito preocupada com a declaração de amor de Faris por Logan. Dois machos não podiam procriar. Fora por isso que ele escolhera Logan e não eu.

Eu soltei as barras e caí para trás. A ideia de ter havido um filho fruto do casamento de Faris veio à minha mente, mas eu não arriscaria dar voz à possibilidade. E se *tivesse* havido uma criança? Se eu dissesse alguma coisa agora, Vorkol poderia decidir ir atrás de todos os descendentes vivos do demônio e matá-los um por um. A vadia era fria como aço.

— Mais uma coisa — disse Andromalius.

— Você está só alegria hoje — resmunguei.

Os olhos amarelos do minotauro brilharam.

— A senhora Vorkol deseja-lhe uma boa, feliz e longa vida.

A raiva explodiu.

— Você pode dar um recado a ela também? Diga para a maldita beijar minha bunda de bruxa. Aposto que ela vai adorar. Obrigada — acrescentei alegremente.

Infelizmente, o efeito das minhas palavras foi desperdiçado quando o minotauro riu. Pelo menos, foi isso que pareceu o gargarejo estranho e gutural que ouvi saindo de sua garganta enquanto ele marchava para longe e desaparecia pela porta de aço.

A porta se fechou com um estrondo que reverberou na grande caverna. De alguma forma, pareceu algo definitivo, como se fosse a última vez que

ela seria aberta e fechada.

O medo era uma ferida purulenta nas minhas entranhas. Nas situações certas, um temor pequeno e insignificante podia crescer de repente, adquirindo proporções monstruosas. Era isso que aconteceria agora se eu não o impedisse.

Sem a ajuda de Faris, eu estava condenada.

Envolvei minha cintura com meus braços, sentindo uma sensação doentia de pavor correndo pelo meu corpo. Fiquei ali sentada por um momento, reunindo meu juízo e meus pensamentos.

Droga. Esta não era eu. Não ia deixar isso ser o meu fim. De jeito nenhum. Eu ia sair daqui.

— Sou uma bruxa das Trevas — disse a mim mesma. — Tenho magia. Poder de sangue. E vou me levar para casa — acrescentei em uma voz alta e cheia de determinação — mesmo que eu tenha que quebrar as grades dessa maldita gaiola com minhas próprias mãos.

— Casa! — exclamou meu vizinho magricela, fazendo-me virar para olhá-lo.

Após inspeção mais próxima, notei que ele quase parecia mais saudável. Seus olhos azuis estavam claros e não saltavam tanto. Seu rosto estava mais cheio e havia mais carne em seus ossos, mais músculos. Eu podia até ver um tom rosado em sua pele. Era quase como se aqueles frios e a água que eu lhe dera o tivessem presenteado com um novo corpo, um corpo saudável.

O demônio não dissera uma única palavra para mim por dois dias, pois estava muito ocupado raspando as barras em sua gaiola. Olhando para elas agora, percebi que não havia um único ponto nas barras que não tivesse sido arranhado. Esquisito.

— Isso mesmo — eu disse, soltando um suspiro enquanto olhava ao redor da minha própria gaiola. — Tem que haver uma saída — falei, espiando pelas grades. — Se ao menos eu pudesse alcançar a alavanca de alguma forma...

Porém, como poderia? Eu era grande demais para passar pelas grades.

Um pensamento me ocorreu.

— Ei, amigão — chamei e caminhei até o outro lado, de modo que ficasse olhando diretamente para ele. — Você quer ir para casa? — perguntei.

Vendo como o demônio era pequeno, havia uma chance real de funcionar.

— Casa! — exclamou meu vizinho com os olhos arregalados. Ele bateu palmas.

— Sim, casa — repeti, esperando que ele se acalmasse. — Ouça com atenção. Preciso que você se esprema pelas barras da sua gaiola e pule para baixo. Pode fazer isso?

Era uma queda de cerca de três metros. Poderia ser muito alto para ele pular. Seu corpo poderia quebrar com o impacto.

O rosto do demônio se enrugou de preocupação. Ele olhou para mim como se fosse a primeira vez que me via. Em seguida, encarou, boquiaberto e com os olhos arregalado, as barras de sua gaiola.

— Casa — disse o pequeno demônio, formulando a palavra como se tentasse lembrar a língua.

Tomei isso como um sim.

— Bom. Isso é bom. Muito bom. — Pelo caldeirão, o plano podia dar certo! A animação bateu no meu peito. — Certo. Quando chegar ao chão, você precisa ir até a plataforma com todas aquelas alavancas e puxar a minha para baixo. É a da terceira fila, a última à esquerda. Consegue fazer isso?

O demônio me olhou com suas feições franzidas em uma pequena carranca.

— Veja só. Se fizer isso — encorajei —, então nós dois podemos ir para casa. Você quer ir para casa, não é?

Meu vizinho encontrou meus olhos e se moveu para a frente de sua gaiola, de frente para mim. Ele pressionou seu corpo contra as barras e deslizou seu braço direito facilmente através delas.

Olhei para sua mão estendida.

— Ah, talvez você não tenha me entendido. — Apontei para ele. — Você inteiro. — Então, aponte para baixo. — Descer ao chão. Entende?

O demônio acenou com a mão.

— Mão — disse ele novamente, balançando os dedos.

Meus ombros caíram.

— Droga. Você não me entende, não é? E eu aqui pensando que estávamos fazendo progresso.

Relutantemente, olhei para seus dedos finos, desengonçados e sujos, sabendo que ele queria que eu pegasse sua palma, mas por quê? Talvez o demônio só quisesse me agradecer pela comida.

— Você não precisa me agradecer pela comida — falei e um sorriso verdadeiro se formou em meu rosto. — Não foi muito. Apenas um lanche, na verdade.

— Mão — insistiu meu vizinho com seus longos dedos balançando enquanto acenava impacientemente.

Dei de ombros.

— O quê? Quer que demos as mãos e cantemos *Kumbaya*? Não tenho certeza se isso vai nos ajudar a escapar.

Ele gesticulou novamente.

— Ah... que diabos. Se isso vai fazê-lo feliz. — Qual é o pior que poderia acontecer? — Está bem. Eu vou apertar sua mão.

Sentindo-me uma tola, passei meu braço pelas barras, estiquei-o o máximo que pude e apertei a mão do demônio. Eu me encolhi com seu toque. Sua pele estava fria, mas surpreendentemente macia.

— Certo, isso é realmente estranho — comentei, segurando sua mão. — De nada.

Eu não sabia mais o que dizer. Quando tentei puxar meu braço, sua mão se prendeu à minha com a força de um urso.

— Ei. O que está fazendo? — indaguei, sentindo o pânico me preencher.

Merda. Faris estava certo. Ele queria me matar. Possivelmente me comer.

Eu puxei o mais forte que pude, mas era como tentar deslocar um carro com o meu dedo mindinho. Minhas forças estavam acabadas. O medo deslizou através de mim, paralisante e frio.

— Solte-me — gritei. — Solta!

O que foi que eu fiz?

— Amigo — disse o pequeno demônio.

Ao olhar para cima, vi que ele abria um sorriso. Seus três dentes estavam lascados e manchados, e grandes lágrimas escorriam por seu rosto.

Meus lábios se separaram.

— O quê? — perguntei, sem entender nada.

Meus olhos se arregalaram quando senti o zumbido do poder, da magia correndo de sua mão para a minha, como eletricidade estática. Um arrepio tomou conta de mim. Não era a energia demoníaca fria normal. Era quente. Minhas pontas dos dedos pulsaram com poder, que se espalhou pelo meu

braço, pelo meu peito, até pelos dedos dos pés. Eu estava tinindo com a magia.

Outro impulso forte de energia me atingiu e minha respiração foi empurrada para fora dos pulmões. Olhei, boquiaberta, para o pequeno demônio. Seus olhos cintilavam com um brilho dourado. Uma carga de poder correu da minha mão para o fundo da minha alma. Calor explodiu em meu peito e, então, uma luz branca apareceu, crescendo até que inundou meus olhos e fui forçada a fechá-los.

O ar foi expulso dos meus pulmões novamente. Eu me senti caindo, caindo rápido.

*Porra!*

Outro formigamento passou por mim e meus pulmões se recuperaram, enchendo-se de ar fresco e doce. Engoli em seco quando minhas botas bateram no chão duro. Minha mandíbula se fechou, e eu mordeu a língua.

Tonta, fiquei parada por um momento, confusa. Abri os olhos.

Eu estava no meio de uma rua escura, ouvindo os sons de carros ao longe. Olhei em volta e percebi que conhecia este lugar. Era *Mystic Quarter*. Eu estava em casa.

Só então percebi que ainda estava segurando a mão do pequeno demônio.

Olhei para ele.

— Você me trouxe para casa? Como? Como isso é possível?

*E por que você não me trouxe para casa antes?!*, eu quis gritar, embora isso fosse soar um pouco ingrato demais. *Seja boazinha com o pequeno demônio*, eu disse a mim mesma, *porque ele a mandou de volta para casa*.

Eu o encarei com a boca aberta. Nunca tinha ouvido falar de um demônio capaz de pular de uma realidade para a outra e atravessar mundos como se pudesse criar suas próprias Fendas. Ele criara seu próprio portal de alguma forma com sua magia e me levara para casa. Isso, senhoras e senhores, é magia das *boas*.

— Isso foi realmente impressionante — comentei com um sorriso enorme no rosto, perguntando-me se a comida que eu tinha lido era o motivo de seu poder ter ressurgido. Eu o inspecionei do jeito que eu inspecionaria um novo feitiço. — Você não é um demônio, é?

Os olhos azuis do homenzinho brilharam intensamente enquanto seu rosto se enrugava em um sorriso.

— Vou entender isso como um não — afirmei. — Nem sei seu nome, mas eu agradeço. Obrigada por me trazer para casa.

*As proteções*, finalmente me dei conta. Ele arranhara todas elas com a tampa da garrafa.

O homenzinho tirou a mão da minha e disse:

— De nada.

Com um estalo, ele desapareceu.

**N**ão há nada mais glorioso no mundo do que acordar na própria cama, exceto, talvez, dormir na própria cama, especialmente depois de ter passado dias dormindo em uma gaiola fria de metal em um mundo onde o ar era tóxico. Eu me senti como se estivesse em nuvens fofas de algodão. Não queria ter que me levantar nunca mais, mas, infelizmente, precisava.

A primeira coisa que eu fizera ao chegar em casa fora abraçar meu avô, cujo rosto estava marcado de preocupação. Dei um beijo bem grande na cabeça de Poe, agradecida por ele estar seguro e, então, pulei em um banho fumegante. Meia hora depois, assim que minha cabeça encostou no travesseiro, fui para a terra dos sonhos.

Eu me espreguicei, sentindo-me melhor, mas não completamente curada e revigorada. O Submundo havia tirado muito de mim, incluindo minha saúde e uma parte da minha alma. Não que eu me sentisse diferente, ainda assim, isso não significava que estava inteira. Eu não tinha ideia de qual seria o efeito a longo prazo do que tinha vivido.

Ontem à noite, antes do meu banho, Poe me informara que Logan tinha feito uma visita mais cedo. Ele ficara em um hospital para nascidos-anjos se recuperando e contara tudo ao meu avô e ao pássaro. Logan lhes dissera que estava trabalhando em um plano para me trazer de volta, que estava em contato com Kyllian e que eles estavam tentando fazer um acordo com a Legião dos Anjos.

Faris tinha sido fiel à sua palavra. Minhas entranhas se contorceram. Não parecia certo ou justo que eu estivesse de volta em casa em segurança

quando o demônio ainda aguardava julgamento. Era como se eu tivesse falhado com ele.

Eu não o deixaria apodrecer no Submundo.

Rolei e peguei meu despertador da minha mesa de cabeceira. Sete da noite. Merda. Eu tinha dormido o dia inteiro e ainda havia muito a ser feito. Joguei minhas pernas para fora da cama e fui para minha cômoda. Depois de vestir uma calça jeans, uma camiseta preta e um par de botas rasteiras, meus olhos foram para minha mesa de cabeceira. A pequena adaga de Faris estava ao lado do meu despertador. Eu a peguei.

Agora que não estava enfrentando uma morte iminente, levei um tempo inspecionando-a. O objeto era pesado para uma lâmina tão pequena. A arma fora forjada com algum metal cinza escuro, era afiada como um caco de vidro, e possuía símbolos e runas demoníacas ao longo da lâmina. O punho era moldado com o rosto de um demônio com chifres, que trazia uma expressão de dor.

— Bizarro.

Enfiei a lâmina no bolso de trás e entrei no corredor. A casa estava estranhamente escura e silenciosa. Parei na escada, escutando. Apenas o zumbido constante da geladeira respondeu.

— Poe? — chamei. — Vovô?

Nada.

Então, animei-me ao ouvir o som de vozes abafadas. Eu me virei. Vinha do quarto do meu avô.

Soltei um suspiro.

— O que você está fazendo, velho?

Com um pequeno sorriso atravessei o corredor até o quarto e abri a porta.

— Ei, Vovô. Posso pegar seu telefone emprestado...

Lá, em sua cama, estava Gordon e uma bruxa; o que não teria sido um problema se ambos estivessem vestidos. Infelizmente, os dois estavam por cima dos lençóis e completamente nus.

— Ah. Meu. Deus.

Cobri os olhos com as mãos. Contudo, era tarde demais. A imagem dos dois corpos flácidos, enrugados e com muita pele exposta já estava impressa na minha mente.

— Ah, oi, Samantha — disse meu avô, sua voz brilhante e alegre como se estivesse comentando sobre um novo lote de gin. — Eu gostaria que

— Você conhecesse, Charlotte. Charlotte, esta é minha neta, Samantha.

— Olá — veio a voz feliz de Charlotte. — Seu avô me falou tanto sobre você. Sinto que já somos amigas.

— Esperem um pouco enquanto eu vou lavar meus olhos com água sanitária — retruquei, mantendo minhas mãos sobre minha visão, mas as imagens de seus corpos nus continuavam piscando em minha mente. — Você percebe que acabou de me traumatizar para o resto da vida? Não há como voltar atrás depois de ver isso.

— Bobagem — gorjeou meu avô. — Isso tudo é muito natural. Não há vergonha nenhuma em estar despido. Por que as pessoas ficam tão tensas só por estarem nuas? Devemos aceitar nossos corpos e não ter vergonha deles.

— Por que você está nu? — eu reclamei.

Meu avô riu.

— Bem, seria muito difícil transar com nossas roupas...

— Pode parar! — gritei. Eu que fui idiota por perguntar. Engoli em seco e disse — Por que não me disse que tinha companhia?

— Minha querida menina — respondeu o bruxo em um tom divertido. — Não preciso da sua permissão para transar...

— Pare de dizer essa palavra! — gritei, sentindo minhas mãos escorregarem dos olhos. Merda. Acabei vendo tudo de novo. Gemendo, cobri minha visão novamente. — Eu nunca mais serei a mesma.

— Você está exagerando, Samantha — replicou o meu avô. — Além disso, já tínhamos terminado. A menos que... Charlotte... você gostaria de outra rodada?

A cama rangeu, então, ouvi o som de corpos se movendo. Houve um som de tapa.

— Ora, seu bruxinho malvado — guinchou Charlotte.

Por favor, alguém atire em mim.

— Eu deveria ter ficado no Submundo.

Um bater de asas apareceu atrás de mim.

— Que gritaria é ess... Ah, não.

— Eu tenho que sair daqui.

Virei-me e corri para a escada, ouvindo o som da risada de Charlotte atrás de mim. Subi os degraus até o terceiro andar e corri para minha mesa de trabalho.

Poe pousou em um local limpo na mesa.

— O que planeja fazer?

Vasculhei a pilha de papéis, livros e velas, encontrando um giz branco debaixo do meu livro *Wicca para Bruxas Modernas*. Eu o peguei.

— Vou tirar Faris do Submundo — respondi enquanto me dirigia para o local no piso de madeira onde podia distinguir os tênues traços do triângulo e do círculo de invocação que eu tinha usado antes.

— Certo — disse o corvo. — Sobre isso, ouça, durante o seu cochilo, houve outro assassinato.

Eu parei, sentindo a tensão me enrijecer. Eu sabia exatamente o que ele queria dizer com assassinato.

— Tem certeza?

O corvo assentiu.

— Outra jovem bruxa que se encaixa na sua descrição. O problema é que, se o que me disse era verdade, por que Vorkol ainda mantém esse vampiro atrás de você? Ela não tinha se cansado?

Com o coração batendo forte, caí de joelhos e comecei a traçar o círculo de Salomão.

— Talvez ele não saiba. Não acho que ela se importa o suficiente para avisá-lo.

Poe caminhou até a beirada da mesa.

— Então, o que vamos fazer sobre isso?

Suspirei, tentando me concentrar.

— Primeiro, trazemos Faris de volta. Então, vamos atrás do sanguessuga.

— Como? Ele pode estar em qualquer lugar.

— É só procurarmos em todos os lugares — retruquei, arrependendo-me imediatamente. Respirei calmamente e disse — Eu não me importo, mas isso tem que parar. Não quero nem pensar em todas aquelas bruxas mortas.

Rapidamente terminei de traçar o triângulo da Goética, escrevi Farissael no centro, seguido por seu sigilo único, e me levantei. Meu coração batia com entusiasmo e medo. Eu esperava que não fosse tarde demais. Talvez eu devesse tê-lo chamado ontem à noite.

— Onde estão suas luvas? — questionou o corvo. — Você nunca vai a lugar nenhum sem elas.

Olhei para minhas mãos e para as cicatrizes que as marcavam. Virei-as, voltando as palmas para cima, e pude ver uma linha tênue e escura de tecido cicatricial ao longo do membro esquerdo, onde eu havia me cortado. Achei

que precisaria de pontos, mas meu avô havia selado a ferida habilmente com um feitiço de cura na noite passada.

— Esqueci de colocar — respondi, surpresa que isso tivesse me escapado totalmente. Era algo inédito.

Agora, eu só tinha uma luva. Logan ficara com a outra.

— E seus anéis?

Contraí a mandíbula.

— Vorkol os destruiu. Não há tempo para fazer novos, mas como minha tia-avó diria: “uma sábia bruxa das Trevas deve sempre ter reforços”. Eu tenho um anel extra em algum lugar por aqui. Não é tão poderoso, mas deve servir para fritar um vampiro velhote.

Sacudi meu corpo, tentando livrá-lo da tensão repentina e concentrei-me enquanto extraía a energia do círculo e do triângulo.

*Por favor, esteja vivo...*

— Eu o conjuro, Farissael, demônio do Submundo, para se submeter à vontade de minha alma. Amarro-o com inquebráveis grilhões de adamantina — continuei, canalizando a magia e deixando o poder se derramar em mim — e o entrego ao caos negro da perdição. Eu o invoco, Farissael. Apareça no espaço à minha frente!

Segurei minha respiração. A magia pulsava através de mim em ondas, misturada com minha adrenalina.

*Por favor, esteja vivo...*

Houve uma súbita explosão de ar. Então, Faris se materializou no triângulo.

Meus joelhos tremeram de alívio. Ele estava vivo. Minha felicidade diminuiu um pouco quando meus olhos rolaram sobre ele. Eu me encolhi com o que vi. Seu lábio estava partido e inchado, e hematomas e sangue seco manchavam seu rosto. Sua camisa aberta revelava uma faixa desagradável de pele machucada que ia do ombro esquerdo até o peito. Eu nunca o tinha visto tão desgredado. Ele parecia ter sido espancado por um demônio pesado.

— Você demorou — disse o demônio intermediário, tentando reunir o pouco de dignidade que lhe restava e afastando o cabelo dos olhos. — Eu estava começando a achar que não me amava mais, Sammy — acrescentou com a voz um pouco mais alta que o normal.

Eu soltei um suspiro.

— Vejo que eles o machucaram.

— Sim, bem. — Faris me deu um sorriso tenso. — Nada que eu não faria com eles.

Demônios eram um bando estranho.

— Está bem então. — Arrastei meu pé sobre o triângulo desenhado a giz. — Eu o liberto — eu disse, liberando a energia do círculo e do triângulo.

Houve um súbito fluxo de poder, que se esvaiu em seguida.

— Estará seguro aqui até eu descobrir um feitiço que o mantenha desse lado do mundo por mais tempo — afirmei, saindo do meu círculo.

Se houvesse um encantamento assim, eu o encontraria. Devia isso a ele.

— Preciso de um banho — disse o demônio intermediário. — Vocês têm uma pressão de água decente nesse estabelecimento primitivo? Não posso ficar com resíduos de sabão no meu cabelo. Vou parecer um camponês.

Senti uma pontada de culpa quando ele passou uma mão trêmula pelos fios em um sinal de estresse. Se eu me sentisse confortável com abraços, poderia ter dado um nele agora.

— Andar de baixo, à esquerda. — Larguei o giz na mesa ao lado de Poe. — Tem toalhas e pode procurar por lá qualquer outra coisa que precise.

— Obrigado. — Faris saiu.

Eu não pude deixar de me perguntar sobre seu passado, sua esposa e como isso deveria ter sido difícil para ele. Eu nunca entenderia demônios, mas eles não eram tão diferentes de nós assim.

— Onde encontraram a última bruxa assassinada? — perguntei a Poe, pensando que, talvez, se fôssemos procurar pela área onde o vampiro fizera sua última vítima, poderíamos ter um pouco de sorte.

— No *Queens* — respondeu o corvo.

— *Queens*? — Lancei um olhar para ele. — Tem certeza?

— Sim.

O que o vampiro estava fazendo naquele bairro? Minha frustração aumentou. Eu tinha que fazer alguma coisa, estando ele fora da sua área de caça ou não. Senti como se uma mão tivesse envolvido meu coração e o apertado.

— Isso tem que parar. Temos que encontrá-lo esta noite.

Agora que os demônios maiores não estavam mais na minha cola, eu tinha mais espaço de manobra, porém, ainda não sabia *onde* o vampiro

estava ou *quando* atacaria em seguida.

— O que aquele *demônio* está fazendo no meu banheiro? — Meu avô entrou com tudo. Seu roupão azul balançou. Ele trazia um copo do que imaginei ser gin na mão. — Não vou *compartilhar* o banheiro com um *demônio*.

Levantei uma sobrancelha.

— Acho que Faris também não gostaria que você entrasse lá com ele — acrescentei com um sorriso.

O rosto de Gordon resplandeceu com raiva.

— Você está fora de si, bruxa! Por que diabos eu iria querer fazer isso?

Suspirei pelo nariz. Esta ia ser uma longa noite.

— Vovô. Faris vai ficar conosco por um tempo e eu preciso que você seja legal com ele. — O bruxo abriu a boca para protestar, mas acrescentei rapidamente — Ele salvou a vida de Logan e a minha na arena de luta. Eu não estaria aqui se não fosse por ele. Demônio ou não, Faris é meu amigo.

Fiquei surpresa com a naturalidade com que a palavra “amigo” saiu de mim, especialmente por estar me referindo a uma entidade. Ainda assim, eu sabia que era verdade.

Meu avô engoliu em seco e murmurou algo baixinho. Ele tomou um gole de sua bebida.

— Amiga de um demônio. É como pedir a um gato para fazer amizade com um rato. — Ele fez uma careta. — O que está acontecendo com esse mundo?

— Está mudando para melhor.

A tensão me atingiu. Eu tinha menos de nove horas para encontrar o vampiro e descobrir um feitiço que pudesse manter Faris neste lado do mundo antes que o sol nascesse.

Olhei para meu avô.

— Você conhece um feitiço que poderia manter um demônio no nosso mundo? — perguntei, vendo e ignorando o súbito alarme em seus olhos. — Por um tempinho. — Quando ele não disse nada, acrescentei — Lembre-se: ele salvou minha vida. Se voltar antes do nascer do sol, eles o matarão.

O idoso tomou outro gole de seu gin e estalou os lábios.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Certo. Vou perguntar à tia Evanora...

— Talvez eu saiba de um feitiço — respondeu o mais velho rapidamente.

Eu sabia muito bem o quanto ele ficaria magoado se eu fosse até ela em vez dele. Esses dois eram rivais desde que eu conseguia me lembrar. Era épico e pior do que duas crianças brigando por um brinquedo no parquinho.

Poe riu, e eu cruzei os braços sobre o peito.

— Prossiga.

Gordon ergueu os olhos de seu gin.

— É um feitiço muito complexo. Pouquíssimos bruxos conseguem fazê-lo. Eu sou um deles. Levará dias de preparação.

— Você tem nove horas.

Meu avô fez uma careta.

— Deve ser o suficiente.

Senti uma pitada de alívio por ele estar me ajudando com Faris, mesmo que de má vontade. Eu sabia que podia contar com vovô.

— Como o encantamento funciona exatamente?

Achei curioso que eu nunca tivesse ouvido falar a respeito.

— É tipo um feitiço de vinculação — respondeu o mais velho. — O encantamento prende o demônio a este mundo para protegê-lo e quebrar o domínio do Submundo sobre ele. Foi assim que as bruxas começaram a ter familiares. Dava muito trabalho, mas ao longo dos anos, o vínculo entre os dois acabou se tornando mais forte, pois se alimentava da própria energia da bruxa. Isso ajudava a perpetuar a resistência do demônio a este mundo, permitindo que permanecesse indefinidamente. Este encantamento funcionará da mesma maneira.

— Ótimo — respondi com entusiasmo. — O que for preciso para manter Faris aqui conosco.

Agora que vovô ia me ajudar com o demônio, eu poderia me concentrar em encontrar o vampiro.

Observei o idoso levar o copo aos lábios e beber o resto do gin e percebi que estava faltando algo.

— O que aconteceu com sua amiga Charlotte?

— A coisa mais estranha — disse meu avô, olhando para o copo vazio como se não soubesse explicar para onde fora todo o álcool que estava ali. — A filha dela ligou. Aparentemente, sua neta está desaparecida. Ela saiu para buscar creme na venda — disse, fazendo um gesto com a mão livre — e não voltou.

Um calafrio profundo sacudiu o núcleo do meu ser. Compartilhei um olhar de soslaio com meu corvo, sentindo uma onda gelada subir e descer

pela minha espinha, fazendo-me estremecer.

— A neta dela é uma bruxa? — Tive que perguntar.

Nem todos os bruxos acasalavam com outros bruxos. Era raro, mas alguns se casavam fora da comunidade bruxa, com humanos.

Meu avô franziu a testa.

— Claro que ela é uma bruxa.

Fiquei alarmada.

— Há quanto tempo foi isso?

Ele deu de ombros.

— Alguns minutos antes de eu subir. Por quê? Charlotte foi ver se podia ajudar a encontrar a neta e acalmar a filha. Tenho certeza de que não é nada.

— Ah, pode ser algo sim — respondi com meu pulso acelerado. Se tinha acabado de acontecer, eu ainda tinha tempo. — Onde mora a neta dela?

— No *Queens*, com a mãe.

— Você sabe o endereço?

— *195th Street*, esquina com a *73rd Avenue*. — Ele me observou por um momento, deslocando os pés. Seu olhar estava duro. — Conheço essa cara. O que você não está me dizendo, Sam?

Meu coração bateu no meu peito.

— O vampiro a pegou.

— O quê? — gritou o bruxo, incrédulo, abaixando as grossas sobrelhas brancas. — Não seja ridícula. Ela provavelmente só saiu para encontrar os amigos.

— Claro — eu disse. — É por isso que a mãe dela está tendo um ataque. Não. O vampiro a pegou. — Meus lábios se curvaram em um sorriso malicioso. — E agora *eu* o peguei.

**E**ra isso. Era assim que eu pegaria o vampiro assassino e o mataria.  
*Agora você é meu, seu desgraçado.*

Minha animação, esperança e expectativa aumentaram. O monstro teria uma surpresa desagradável.

— É... Samantha... — disse Poe enquanto batia o bico em uma pequena aranha que estava se movendo ao longo da minha mesa de trabalho. — Detesto lhe dizer isso, mas — ele fez uma pausa enquanto engolia o inseto — você nunca chegará lá a tempo. Mesmo com o carro mais rápido, o trânsito de Nova York é uma merda. Ir daqui até o *Queens* provavelmente levará mais de uma hora. Ela estará morta até lá.

— Certo — respondi enquanto minha mente girava com possibilidades. — Então, preciso me apressar, não é?

Com o coração batendo forte, corri para minha estante na parede oposta e peguei um velho livro verde com encadernação em couro, em seguida, corri de volta para minha mesa. Com uma mão, abri o exemplar ao meio, soltando-o sobre o tampo. O título havia se desgastado ao longo dos anos, mas eu não precisava dele para saber o que era.

O cheiro almiscarado do objeto antigo me atingiu, fazendo-me espirrar por conta da poeira. Meus dedos, trêmulos de animação e adrenalina, não paravam de se mexer pelas páginas grossas e amareladas.

— Eu sei que livro é esse — resmungou meu avô, aparecendo por cima do meu ombro. Ele suspirou fundo. — O que está fazendo, Sam? Este é um livro *muito* perigoso.

— Eu sei.

— Isso *não é Ars Goetia* — o mais velho proclamou em um tom alto, e eu o senti inquieto ao meu lado. — Os demônios desse livro não podem ser controlados.

Eu o fitei.

— Eu posso controlá-los.

Deus, eu esperava que sim. Caso contrário, eu seria uma bruxa muito morta.

Seus olhos se estreitaram e ele fez uma careta.

— Isso é coisa da sua tia, não é? Ela que lhe deu essa maldita obra.

Pressionei os lábios. Eu não ia colocar minha tia em apuros, não depois de ter implorado para que ela me emprestasse o livro.

Meu avô franziu a testa.

— Pare com isso.

— O quê?

— Esse seu cérebro aí, funcionando de novo — acrescentou secamente.

— Pare com isso. Você acabou de voltar, deveria estar descansando.

— Não posso — respondi enquanto virava outra página.

— O que você está procurando? — questionou meu familiar enquanto se aproximava para dar uma olhada melhor na obra.

— Aqui — eu disse, apontando o dedo para o canto superior direito da página, ao lado de uma ilustração em preto e branco desbotada. — *Ele* vai me levar para o *Queens*.

Poe assobiou, olhou para a página e depois para mim.

— Pégaso? O cavalo-demônio?

— O cavalo demônio *voador* — acrescentei orgulhosamente, vendo o aceno de concordância do pássaro. — Basta observá-lo. Não é glorioso? Olha essas asas. Ele é muito foda. E aqui diz que pode voar até cento e cinquenta quilômetros por hora. Ele é tipo o Concorde dos cavalos voadores.

Meu avô bateu seu copo vazio na minha mesa, fazendo-me estremecer.

— Ele é selvagem. Uma besta feroz. Há uma razão pela qual a criatura não faz parte dos demônios da Goética. Ele é imprudente como um canhão descontrolado. Só um tolo arriscaria sua vida assim.

Eu me inclinei para trás e pressionei minhas mãos contra meus quadris.

— Se Harry Potter pode montar um testrálio, *eu* posso montar um Pégaso — acrescentei presunçosamente.

O bruxo deu um tapa na testa em descrença.

— Você não pode voar pela cidade montando um cavalo-demônio voador — argumentou ele. — É um cavalo-demônio!

— Sim, eu ouvi da primeira vez.

— Os humanos vão vê-los.

— Não vão não. Tenho o glamour perfeito para isso — acrescentei orgulhosamente. — Não se preocupe. Os mortais nunca nos verão.

— É isso — disse o idoso sombriamente. — Ela perdeu totalmente o juízo de bruxa.

Alguém pigarreou atrás de mim. Quando me virei, vi Faris com uma bebida na mão. Seu rosto estava livre de qualquer sangue, completamente limpo. Eu podia até sentir o cheiro do sabonete de manteiga de karité vindo do demônio.

— Você já andou a cavalo antes?

— Não.

Merda. Isso era importante?

O demônio sorriu, acomodando-se em uma cadeira vazia.

— Isso vai ser muito interessante. Acho que vai querer levar um paraquedas para, sabe... caso caia.

Fiz uma careta.

— Eu não vou cair.

— Como quiser, Sammy — disse ele, cruzando as pernas na altura do joelho e olhando para sua bebida.

Meu avô cruzou os braços sobre o peito, claramente irritado.

— Bem, você não vai invocar essa coisa aqui. É muito grande. Vai destruir minha casa.

— *Nossa casa* — corrigi, já que agora estava pagando as contas, sem falar em colocar a comida na mesa.

— Você já viu o tamanho do cocô de um cavalo? — acrescentou Gordon, a irritação cruzando seu rosto.

Dei-lhe um olhar de soslaio.

— Vou fazer isso lá nos fundos. — Meus olhos se moveram para o demônio intermediário. — Faris, meu avô vai ficar aqui com você.

— Não preciso de babá — ele disse enquanto levantava os olhos de sua bebida.

— Precisa sim. Ele vai nos ajudar com o feitiço para que você possa ficar aqui por um tempo. Certo, Gordon? — falei, voltando minha atenção para meu avô.

O bruxo fez uma careta, foi até sua mesa de trabalho, pegou um livro marrom encadernado em couro e começou a vasculhá-lo.

— Por favor, tentem ser civilizados um com o outro durante o tempo em que eu estiver fora — resmunguei para eles. — Não quero encontrar os dois mortos quando voltar.

Faris soltou um suspiro.

— Para isso, vou precisar de muito mais álcool.

Minhas sobrancelhas se ergueram e eu balancei minha cabeça. Eu não tinha tempo para ficar aqui e tomar conta deles. Tinha que ir. Voltei minha atenção para o livro. Depois de memorizar o nome do Pégaso em latim e seu sigilo único, abri a gaveta de cima da minha mesa de trabalho, peguei meu anel dourado e o coloquei no meu dedo. Estendi a mão e apanhei o giz.

— Vamos lá, Poe — chamei, atravessando a sala.

— Sim, senhora.

Ouvi o bater de asas, então, o corvo passou por mim e voou escada abaixo.

O entusiasmo percorreu pelo meu corpo enquanto corria atrás dele. Cheguei aos fundos da casa, avancei pela cozinha e saí para o pequeno pátio pavimentado. Segurei a porta aberta para o pássaro, e ele passou voando por mim.

Nosso quintal era do tamanho de uma grande sala de estar, mas era grande o suficiente para caber um cavalo. Luz amarela saía das janelas de Vera, contudo, se a bruxa tivesse me ouvido, ela já estaria aqui. Eu tinha que me apressar.

Rapidamente, ajoelhei-me na pedra cinza e desenhei meu círculo de invocação e o triângulo com o nome do Pégaso no centro junto com seu sigilo.

— E se ele devorá-la? — disse meu familiar enquanto se acomodava no quintal ao meu lado.

Eu me levantei.

— Cavalos não comem carne.

— Cavalos demoníacos comem.

Caramba. Tentei não pensar nisso durante o momento em que puxava a energia do círculo e do triângulo, canalizava a magia e recitava o feitiço de invocação de uma só vez.

— Eu o conjuro, Pégaso, demônio do Submundo, para se submeter à vontade de minha alma. Amarro-o com inquebráveis grilhões de

adamantina e o entrego ao caos negro da perdição. Eu o invoco, Pégaso. Apareça no espaço à minha frente!

Foi muito mais rápido do que eu esperava.

Lá, de pé no pátio do meu quintal, o demônio apareceu.

Meu queixo caiu. Este não era o cavalo branco bonitinho com asas angelicais. Era a versão do inferno. Ele tinha o peito largo e cascos pesados, além de ser coberto por uma pelagem preta brilhante e lisa como seda. Grandes asas de penas negras estavam dobradas do lado. Uma crina generosa caía sobre seu pescoço e uma cauda longa e preta se estendia pelo chão. Ele era enorme. Mais alto do que eu, e isso sem contar a cabeça. Era um cavalo gigante e majestoso, mais como um *Clydesdale* do que um elegante puro-sangue.

O demônio ergueu as orelhas para frente enquanto seus olhos amarelos e inteligentes me observavam. Pégaso era ao mesmo tempo aterrorizante e glorioso. Cacete. Eu estava toda tonta por dentro. Reprimi a vontade de aplaudi-lo.

A criatura relinchou e seus lábios se retraíram, revelando duas fileiras de dentes afiados. Agora eu entendia o que Poe tinha dito sobre comer carne. Se eu fosse humana, teria fugido gritando. Porém, como eu era uma bruxa das Trevas, estava sorrindo para a fera bizarra. Ele era espetacular. Um corcel do inferno. Infelizmente, eu não tinha tempo de ficar ali babando naquela criatura magnífica. Eu precisava de uma carona.

— Pégaso — falei em forma de saudação, encontrando seus olhos. — Preciso que me leve até a *195th Street*, esquina com a *73rd Avenue*, no *Queens* — ordenei com o coração batendo na garganta. Em seguida, acrescentei — Por favor.

O demônio levantou a perna direita e bateu a pata no chão. Depois, ergueu a cabeça com suas orelhas se movimentando.

Olhei para Poe.

— O que ele está dizendo?

— Como vou saber? — retrucou o corvo. — Eu não falo cavalês.

Cerrei os dentes. Tinha feito a convocação corretamente. Pégaso não podia me machucar. Se pudesse, já o teria feito.

— Vou subir nas suas costas agora, certo? — avisei, mexendo-me de maneira nervosa. — Então, por favor, não me coma.

Minha respiração acelerou e dei um passo cuidadoso em direção ao cavalo. Minha cabeça parava no meio do seu abdome.

— Acho que vou precisar de uma escada.

Meu familiar soltou uma gargalhada.

— Também não há sela. Faris estava certo, você deveria ter trazido um paraquedas.

— Não começa — retorqui, irritada.

Felizmente, Pégaso se mexeu e se ajoelhou, ficando baixo o suficiente para eu subir em suas costas.

— Isto vai ser divertido.

Ou eu morreria. Sempre havia essa possibilidade.

Com minhas mãos agarradas firmemente em sua crina, passei minha perna direita sobre suas costas e puxei meu corpo para cima. O cheiro de enxofre era forte, mas também havia um aroma forte de terra e óleo.

O cavalo moveu seu corpo, então, se levantou.

— Não me deixe cair — pedi, agarrando-me em sua crina e torcendo meus dedos ao longo das mechas de seu cabelo preto enquanto apertava minhas coxas em torno de seus músculos.

O cavalo relinchou e sacudiu sua poderosa cabeça para frente e para trás. Ele abriu suas asas gigantes, que tinham uma envergadura de cerca de seis metros. Então, com um poderoso impulso de asas, saltou no ar, levando-me consigo.

Minha cabeça foi para trás com o impulso e eu gritei a plenos pulmões como uma sirene. Se Vera não tivesse me ouvido antes, com certeza me escutara agora.

— Puta merda! — berrei enquanto me agarrava para não morrer.

Pégaso subiu cada vez mais alto. O bater de suas asas era como tambores gigantes, fazendo meu cabelo esvoaçar sobre meus olhos e minha boca. Senti-me em uma montanha-russa, subindo até o ponto mais alto sem a proteção do cinto de segurança. Vivenciei medo e animação ao mesmo tempo. A adrenalina pulsava através de mim.

Isso tinha que ser a coisa mais estúpida que eu já tinha feito.

— É... Samantha? — veio a voz de Poe enquanto voava ao meu lado. — Você não deveria fazer o feitiço de glamour? A menos, é claro, que queira ver sua foto espalhada por todas as redes sociais amanhã de manhã.

Certo. Eu tinha esquecido.

— *Ut occultatum!* — murmurei enquanto puxava a magia do meu anel de sigilo.

Uma onda de energia atravessou meu corpo em direção ao Pégaso. Eu senti o poder sair e depois se acalmar, percebendo que o glamour estava ativo. A única indicação de que estava funcionando era o formigamento constante na minha pele.

Se o cavalo-demônio sentiu alguma coisa, não demonstrou. Ele bateu as asas e se inclinou, fazendo o mundo se inclinar junto à medida que pegava impulso. O demônio navegou habilmente no céu noturno, forte e rápido, soltando um grito feroz e exuberante que reverberou por todos os ossos do meu corpo. Eu sorri. A criatura estava se divertindo.

Voar em um cavalo alado me fez sentir um pouco imprudente, um pouco selvagem. Deu-me vontade de fazer coisas bobas como uivar e rir histericamente, o que eu fiz de bom grado. A única coisa que faltava era olhar para baixo.

As luzes da cidade de Nova York estavam borradas, brilhantes e vivas. Uau, Pégaso era rápido. Eu não conseguia reconhecer nada mesmo apertando os olhos, que lacrimejavam com o vento. O ar frio roçava meu rosto, fazendo meu nariz ficar obstruído.

— Você pode dizer à fera para diminuir a velocidade? — gritou Poe, batendo as asas freneticamente ao nosso lado. — Sou apenas um passarinho!

Soltei uma risada histérica.

— Talvez você devesse pegar uma carona se não consegue acompanhar.

Eu ri ainda mais ao ver a careta que o familiar fez.

Pégaso dobrou suas asas, e nós descemos. Meu coração saltou quando caímos. Fechei os olhos para não vomitar porque o risco era grande. O cavalo recuou, e meu estômago deu um salto quando nos estabelecemos na posição horizontal. Abri meus olhos. Agora, estávamos baixos o suficiente para que eu pudesse distinguir claramente prédios e ruas enquanto voávamos a cerca de uns sessenta metros acima do solo.

A placa para a *195th Street* apareceu. Estávamos chegando. Casas e lojas se alinhavam nas ruas. Meus olhos se fixaram na venda mais próxima. Examinei os becos escuros ao lado dela com olhos semicerrados por conta do vento. Eu deveria ter trazido meus óculos.

Então, eu o vi.

— Lá! — gritei, apontando para a forma quase invisível de uma pessoa pairando sobre outra em um beco escuro. — Vamos para aquele beco atrás daquele prédio, mas não pare muito perto. Não quero estragar a surpresa.

*Eu peguei você agora, seu filho da puta.*

Pégaso fez o que ordenei, dobrando suas asas e mergulhando em direção ao beco. Ele pousou em um galope experiente, dobrou as asas e se ajoelhou. Eu deslizei de suas costas e caí no chão. Sim, não era exatamente a aterrissagem graciosa que imaginei, mas, para falar a verdade, depois de contrair minhas coxas por tanto tempo, mal conseguia sentir minhas pernas.

Ignorando a risada de Poe, levantei-me.

— Você tem até o nascer do sol para retornar ao Submundo — disse ao cavalo, esfregando as coxas para tentar recuperar a circulação. — A menos que queira que eu o mande de volta agora?

Pégaso balançou a cabeça, deu um relincho que soou muito como um obrigado e, então, com um grande bater de asas, voou como uma águia negra gigante, desaparecendo no céu noturno.

*Cavalo bonito.* Eu definitivamente iria usá-lo novamente.

Eu me virei e comecei a correr, puxando meu anel de sigilo enquanto disparava em direção à viela.

— Peguei você, seu sanguessuga imundo — gritei, virando a esquina e entrando no beco.

O vampiro estava inclinado sobre o que presumi ser o corpo da neta de Charlotte. A atração de sua magia negra era forte. O ar ficava mais frio à medida que eu me aproximava dele.

Reduzi minha corrida para uma caminhada.

— Acabou, seu filho da puta — ofeguei.

O vampiro se virou.

Eu congelei.

Tínhamos um problema inesperado: ele não era um vampiro, era um bruxo.

— **V**ocê! — berrei, chocada e furiosa ao mesmo tempo. — Não. Não pode ser. — Minha boca se abriu, dividida entre a fúria e o choque. Meu rosto ficou frio.

Darius se levantou muito lentamente, virando-se para mim.

— Sim, sou eu — disse o bruxo idoso ao passo que se endireitava. Seu manto preto balançava ao redor dele. Sua careca estava coberta com um capuz.

Franzi o cenho. Seu rosto parecia diferente, mais suave e mais jovem de alguma forma. Sua barba era escura e tingida de prata. O sujeito parecia mais alto do que eu me lembrava. Não era mais o velho, aleijado, curvado pela idade. Em seu lugar, estava uma versão mais jovem e mais forte do superintendente da Corte das Bruxas Sombrias.

Só havia uma maneira de ele ter regenerado o corpo assim: consumindo a magia e a força vital das bruxas. De alguma forma, o homem descobrira como sugar a força vital dos outros como um demônio faria.

Meu corpo tremeu quando me dei conta.

— Seu velho desgraçado. O que foi que você fez? — Eu me enfureci.

O bater de asas soou quando Poe se acomodou em um poste próximo. Olhei para a bruxa, no chão. Seu rosto estava pálido, mas liso com bochechas carnudas. Ela ainda estava viva. Ele ainda não a havia drenado.

— Fiz o que precisei fazer — respondeu Darius, como se aquilo significasse algo para mim.

Um rosnado me escapou.

— Não sei como você descobriu essa habilidade, mas deve ter feito um acordo e tanto com um demônio poderoso. Isso é sórdido e provavelmente *estritamente* proibido.

Darius sorriu como se eu tivesse acabado de elogiá-lo.

— Nossos números estão caindo, mas os demônios estão em ascensão. Eles estão vindo. Você não entende? Em breve, eles se libertarão de seu mundo e destruirão a todos nós — disse o sujeito com um brilho febril em seus olhos. Um grunhido bestial saiu de sua garganta. — Eu não vou permitir. Eles vão controlar a *nossa* magia e eu não pretendo ficar preso às criaturas. Não serei um escravo. — Estendendo a mão e tocando a cicatriz em seu rosto, afirmou — Nunca mais. — Ele abaixou a mão. Seus olhos encontraram os meus. — Assim que consegui o feitiço, peguei o que era meu por direito.

— Não me importa o que aconteceu com você no passado — rosnei, sentindo minha cabeça latejar de raiva. — Não era seu direito tirar a vida delas. — Nojo e adrenalina passaram por mim. — Você as matou, seu filho da puta. E para quê? Só para não ter que invocar algum demônio para ter mais poder? Você é demente? Essas mulheres tinham famílias que se importavam com elas. Elas eram filhas. Mães. Esposas. Você não tinha o direito de tirar suas vidas.

Darius sorriu. Era estranho ver que o homem tinha um rosto mais jovem enquanto seus dentes continuavam manchados e gastos.

— Sim. Está certa. Eu tirei vidas. — Ele piscou antes de me encarar com olhos amarelos e brilhantes: os olhos de um demônio.

Bile subiu no fundo da minha garganta.

— Você é um bruxo doente e um covarde do caralho — afirmei, e Poe grasnou em aprovação. — É por isso que não queria a corte dos vampiros envolvida, não é? — acusei. — Porque eles o teriam descoberto e o matado.

Senti uma pulsação fria de magia ondulando no ar. Ela era sombria, poderosa e se tecia ao nosso redor. O homem estava tentando me intimidar com sua magia. Bem, não estava funcionando.

Dei um passo à frente, desafiando-o enquanto girava minha própria magia no meu anel.

— Já que estamos tendo essa conversa adorável, conte-me, por que não me matou quando teve a chance?

Ele me observou e seu sorriso se tornou mais largo, mais diabólico.

— E por que apenas bruxas? — pressionei. — Por que nenhum bruxo?

— Porque é tão fácil persuadir as jovens bruxas a ajudar o... — ele se abaixou, imitando seu eu mais velho — pobre e velho Darius. — O sujeito se endireitou e uma risada sombria retumbou em seu peito. — Ingênuas, mas é da sua natureza. As fêmeas sempre são.

Levantei uma sobancelha.

— É da minha natureza chutar sua bunda.

Darius me deu um sorriso perverso ao passo que sua magia negra pulsava ao nosso redor e vinha em minha direção.

Meus olhos dispararam para uma lata de lixo de metal à minha esquerda.

— *Rebis Tollunt!* — gritei e estendi a mão, mandando a pesada lata direto para o velho bruxo como um míssil.

Com um simples movimento de seu pulso, o outro jogou a lixeira contra a parede do prédio vizinho. Impressionante para um bruxo, porém eu estava apenas começando.

Com o coração batendo forte, puxei a magia do meu anel de sigilo e gritei:

— *Hasta Feuro!*

Um fogo amarelo-alaranjado, semelhante a uma lança, disparou da minha mão estendida.

Ele bateu palmas e minha lança explodiu em pequenas faíscas. Darius rosnou, o branco de seus olhos aparecendo ao passo que a magia negra escorria de suas mãos.

— Ah. Merda.

Ele estendeu as palmas.

— *Sphaeras!* — gritei, e um escudo em forma de esfera de energia dourada se expandiu sobre mim assim que seu tentáculo de escuridão me atingiu. Minha proteção tremeu, então, caiu. — Isso não está indo muito bem — eu disse à medida que o medo me invadia. O desgraçado era muito poderoso.

O corvo grasnou acima de mim. Poe mergulhou para Darius, virando uma flecha negra da morte. Tão rápido quanto uma bala, em um borrão preto, ele foi direto para o olho do bruxo.

O mais velho murmurou uma palavra e o pássaro foi arremessado para o lado por uma força invisível, como um mata-moscas gigante. Ele se bateu contra a lateral de um carro estacionado com um baque surdo, deslizou e caiu.

O pavor fechou minha garganta. Eu me virei.

— Seu desgraçado!

Darius se levantou, seus dedos dançando alegremente em um feitiço sombrio. O homem me deu um breve olhar. Crueldade e diversão brilhavam em seus olhos.

Com as pernas afastadas, acessei fundo em meu núcleo, tremendo de poder e de raiva ao passo que o deixava percorrer minha alma. Agarrando-me um pouco à magia, gritei:

— *Fulgur chordis!*

Cordões de eletricidade azul dispararam das minhas palmas e atingiram o bruxo. Ele nem se moveu quando a eletricidade azul se enrolou em seu corpo, lambendo sua pele e adentrando suas entranhas. O homem deveria estar gritando de dor, mas não estava. Na verdade, ele apenas sorriu.

Ah. Droga.

Com uma explosão de velocidade, vi um borrão negro. No momento seguinte, suas mãos estavam em volta do meu pescoço, cortando meu ar. Nós caímos no chão, seu peso aumentando a pressão de suas mãos em volta da minha garganta.

Ele sorriu para mim.

— E isso é só um gostinho — o bruxo zombou, cuspidando na minha cara. — Acha que pode me vencer com sua magiazinha de bruxa? — Ele riu e apertou com mais força até eu achar que ia quebrar meu pescoço. — Você não passa de uma égua reprodutora, uma fêmea inútil. Impotente. Como se sente sabendo que sua vida terminará esta noite?

Eu apertei minhas mãos ao redor das dele, tentando abri-las, mas meus dedos continuavam escorregando. Minha visão turvou ao passo que a escuridão se aproximava. Apesar de todos os meus preparativos, eu estava impotente. O sujeito era muito forte. Era como lutar contra uma dúzia de bruxas ao mesmo tempo. Eu não era forte o suficiente. Meu poder não se comparava ao dele. Eu não conseguiria vencê-lo.

— E você — ele sibilou, a expressão fria em seu rosto tornando-o ainda mais demoníaco. — Você me surpreende, Samantha. Nunca esperei que me descobrisse. Era para você manter a corte entretida com aquela ideia de vampiro assassino. Essa é a única razão pela qual não a matei naquele beco. Veja só, *eu* a escolhi porque *era* para você *falhar*. Uma bruxinha tão infeliz. Você nunca ia dar em nada.

A escuridão estava mais forte agora. Minha cabeça parecia estar explodindo. Eu estava morrendo.

— Você é uma bruxa intrometida e insuportável, Samantha Beaumont, mas eu vou levar a sua magia também.

*Era para você falhar..*

Contudo, eu não tinha falhado.

Ele apertou mais forte.

Soltei suas mãos e deslizei minha palma direita por baixo de mim até o bolso, agarrando a pequena adaga. Com toda a força que pude reunir, com o que restava de minha energia interior, eu a enfiei em sua orelha esquerda, perfurando seu cérebro.

A boca de Darius se abriu em um grito silencioso, o desgraçado soltou meu pescoço e rolou de cima de mim.

Tossindo, tomei grandes goles de ar, recuando o máximo que pude. Meu pescoço latejava. Assisti ao bruxo, ouvindo sons entrecortados horríveis saindo dele enquanto convulsionava no chão. Suas mãos rasgavam a pele de seu rosto, suas pernas se debatiam e se contorciam. Ele se agitou por um momento, com a cabeça entre as palmas escurecidas. A pele rachou e descascou, murchando, descamando e acrescentando o cheiro de cabelo queimado ao ar.

Então, ele explodiu em uma nuvem de cinzas, assim como um demônio.

**N**ão consegui dormir. Eu estava muito agitada depois de derrotar Darius e ter que explicar aos outros membros da Corte das Bruxas Sombrias o que era a pilha de cinzas e por que ela estava lá. Descansar era a última coisa em minha mente.

Com o relato de Ruby, a neta de Charlotte, como testemunha ocular, a corte se tornou um alvoroço, motivo pelo qual, quando cheguei em casa, já eram quase oito da manhã.

Então, o que fazer quando não se consegue dormir? Comer, é claro.

Virei minha panqueca de mirtilo na frigideira.

— Você pode tirar esses óculos escuros.

Olhei para o demônio intermediário, sentado à mesa da cozinha, de frente para a variedade de produtos para o café da manhã: geleia de framboesa, bananas, uma tigela de mirtilos, um pedaço de pão integral, suco de laranja, uma caixa de leite e um pote de açúcar orgânico. Eu ainda não tinha perguntado ao meu avô como tinha sido o feitiço, mas considerando que Faris estava aqui ainda ao nascer do sol, não achei necessário.

A entidade olhou para mim por baixo do aro dos óculos.

— Eles se chamam óculos de sol por um motivo. — Ele apontou para a janela. — Aí está o sol. Os óculos ficam.

— Tudo bem. — Tive a sensação de que os eles eram uma espécie de mecanismo de conforto. Eu não tinha ideia de quanto tempo o demônio já passara ao sol, se é que já tinha estado ao sol antes. Fui até ele e coloquei a panqueca quente em seu prato. — Sirva-se de xarope de bordo e de manteiga ali.

— Obrigado — Faris disse enquanto tomava um gole de seu café, que cheirava fortemente a uísque.

— Fique quieto, seu maldito pássaro! — gritou meu avô, sentado em frente a Faris, enquanto tentava passar uma pomada na asa de Poe. — Estou tentando lhe ajudar, seu gato doméstico voador ingrato!

O corvo recuou, encolhendo sua asa ferida contra seu corpo.

— Como posso saber se é verdade? — acusou o pássaro. — Há poucas horas, um bruxo tentou me matar. Um bruxo *velho* como você.

— Cala o bico — rosnou Gordon. Ele estendeu a mão e puxou a asa do meu familiar com um pouco de força demais. — Ou eu vou quebrar a outra.

— Vá em frente, sua vassoura velha — ameaçou Poe —, e vou contar a Charlotte sobre Terresa e Anne.

A mão do bruxo congelou no pote de pomada, o medo aprofundando suas rugas ao redor dos olhos.

Coloquei a frigideira no fogão, encarando o mais velho.

— Quem são Terresa e Anne? — Soltei um suspiro exasperado. — Meu avô é um mulherengo.

— E eu direi a Samantha — avisou vovô — porque você anda roubando todos aqueles relógios e anéis.

Os olhos de Poe se estreitaram. Por um segundo, pensei que ele ia pular na cara do bruxo.

— Poe? — questionei. — Do que ele está falando?

— Nada — retorquiu o pássaro secamente. — O bruxo está senil.

Faris segurou o riso. Eu me virei, vendo um sorriso se abrir em seu rosto. Foi a primeira vez que o vi sorrir durante toda a manhã. Ficava bem nele.

Quem sabe? Talvez esta nova vida pudesse realmente funcionar.

Eu me virei para pegar a mistura de panqueca.

A campainha tocou.

— Eu atendo — ordenei, apontando o dedo para meu avô e meu pássaro.

Limpando o excesso de farinha no meu jeans, atravessei o corredor e abri a porta da frente.

Logan estava na minha porta.

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: primeiro, meu coração explodiu contra minhas costelas e, segundo, dei um passo involuntário para frente. Não pude evitar. O maldito nascido-anjo havia me enfeitado.

Corri os olhos pelo seu lindo corpo. Alguns hematomas desbotados marcavam sua mandíbula e sobrelanceira superior, mas seus olhos cintilavam com um brilho saudável. Uma camisa apertada mostrava seu peito em forma sob uma jaqueta de couro preta de motociclista. Ele estava todo moldado com perfeição naqueles jeans desbotados.

Hum. Delícia.

Droga, o homem estava lindo. Provavelmente, ficaria ainda melhor sem roupa nenhuma. Sim, eu era uma bruxa safada.

— Você está péssimo — comentei, na esperança de mascarar o rubor no rosto e meus pensamentos perigosos.

O nascido-anjo sorriu.

— Achei que você poderia querer sua luva de volta.

Ele estendeu minha luva manchada de sangue e eu a peguei.

— Obrigada, mas acho que não vou precisar mais delas.

Enfiei o objeto no bolso e olhei para minhas mãos, para as cicatrizes que marcavam minha pele. Por alguma razão, não sentia mais vergonha delas. Em vez disso, sentia uma sensação de orgulho e alegria misturada com alívio.

Logan me deu outro de seus sorrisos, daqueles que me faziam começar a babar. Se ele não parasse, talvez eu tivesse que fazer algo sobre o assunto.

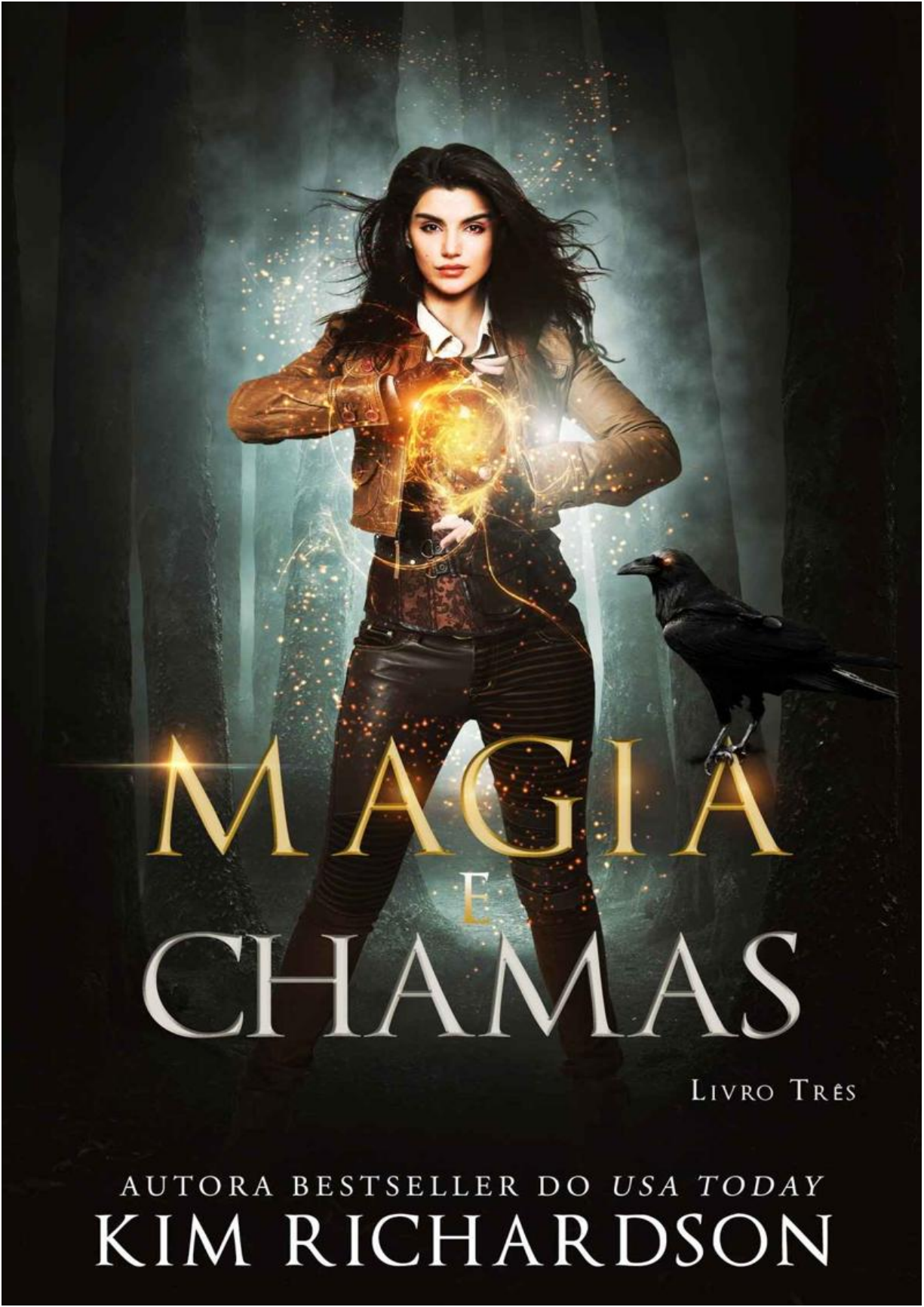
— Quer entrar? Estou fazendo panquecas.

O nascido-anjo sorriu, e uma parte perversa de mim desejou agarrar seu rosto e o beijar.

— Sim. Panqueca parece uma ótima ideia — Logan respondeu enquanto entrava e passava por mim.

Eu sorri. Lá estava ele, vivo. Nós dois estávamos vivos.

Satisfeita, fechei a porta atrás de mim.



MAGIA  
E  
CHAMAS

LIVRO TRÊS

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY  
KIM RICHARDSON



**Uma caçadora com um segredo. Uma série de mortes misteriosas. E um gato familiar siamês desbocado. O que mais poderia dar errado?**

Meu nome é Rowyn Sinclair e sou uma caçadora. Eu sou a melhor no que eu faço, e o que eu faço não é muito agradável. Eles me convocam se um demônio passa para o nosso lado do Véu, ou se um lobisomem se tornar selvagem e mata um inocente.

Nem tudo são flores, e o pagamento geralmente é uma porcaria. Mas eu faço o que for preciso para encher minha barriga e colocar um teto sobre minha cabeça. Quando o Conselho, o grupo de anjos que me rejeitou anos atrás, me oferece um emprego, não tenho escolha a não ser aceitar.

Tudo teria ido bem se o Conselho não tivesse me forçado a trabalhar no caso com Jax — o anjo guerreiro misterioso e diabolicamente atraente.

Mas algo não cheira bem. Literalmente. Quanto mais fundo eu cavo, pior fica. Afinal, esses assassinatos não são o que parecem. São muito, muito piores...

[Caçada Sombria](#)

## MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SOMBRA E LUZ

[Caçada Sombria](#)

ARQUIVOS SOMBRIOS

Feitiços e Cinzas

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

[Marcada, Livro # 1](#)

[Elemental, Livro # 2](#)

[Horizonte, Livro # 3](#)

[Submundo, Livro # 4](#)

[Seirs, Livro # 5](#)

[Mortal, Livro # 6](#)

[Cefeiros, Livro # 7](#)

[Selos, Livro # 8](#)

REINOS DIVIDIDOS

[Donzela de Aço, Livro # 1](#)

Rainha das Bruxas, Livro # 2

Magia de Sangue, Livro # 3

## SOBRE A AUTORA

Kim Richardson é uma autora *bestseller* do *USA Today* e vencedora de prêmios com seus livros de fantasia, fantasia urbana e literatura juvenil. Ela mora no leste do Canadá com seu marido, dois cachorros e um gato idoso. Os livros de Kim estão disponíveis em edições físicas e traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, por favor visite:

[www.kimrichardsonbooks.com](http://www.kimrichardsonbooks.com)